

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***OTILIA RODRIGUES AFFONSO MITIDIERI***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Gênero e ciência: carreira e institucionalização no IOC, Museu Nacional e Instituto de Biofísica

Entrevistado – Otilia Rodrigues Affonso Mitidieri (OM)

Entrevistadores – Nara Azevedo (NA) e Bianca Antunes Cortes (BC)

Data – 02 a 16/12/2003

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 8h03min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MITIDIERI, Otilia Rodrigues Affonso. *Otilia Mitidieri. Entrevista de história oral concedida ao projeto Gênero e ciência: carreira e profissionalização no IOC, Museu Nacional e Instituto de Biofísica*, 2003. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 233p.

Data: 02/12/2003

### **Fita 1 – Lado A**

NA: É... hoje é 02/12/2003, a gente tá... começando a fazer uma entrevista com a professora Otília Mitidieri e a gente tá aqui na.... no Prédio da Expansão, na sala dos alunos aqui da pós-graduação. É... Professora Otília a gente gostaria de começar essa entrevista lhe perguntando, quando a senhora nasceu? Em que ano a senhora nasceu? Falar um pouco da sua família, seu pai, o que ele fazia, mãe, seus irmãos.... essas coisas da sua infância, né? As memórias mais longínquas, né?

OM: Bem, eu... nasci no Rio de Janeiro no dia 29/03/1927. Portanto já estou na faixa dos 76 anos. Meu pai era oficial de marinha mercante e mamãe era... como dizia na ocasião na época era... como é que é...

NA: Do lar.

OM: Do lar, isso. Foram pessoas extraordinárias que marcaram fortemente minha vida... é claro sou filha deles, mas que foram exemplos pra nós filhas e também pra muitas pessoas.

NA: A senhora teve quantas irmãs?

OM: Tive mais duas irmãs. Uma mais velha do que eu... quase dez anos.... nove anos e meio mais velha, e a outra três anos mais nova. Essa minha irmã mais velha sempre foi... é assim...teve muito jeito pra arte, desenhos, pintava, o que ela fazia. Mas casou jovem e ... não... não se dedicou profissionalmente a isso, mas fazia em casa assim. Bem e a outra...

NA: Qual o nome dela?

OM: Odette, Odette com dois t, Odette.

NA: Affonso?

OM: Odette Affonso é.... o nome nosso era... o meu pai era Joaquim Affonso, com dois...

NA: Com dois f.

OM: Com dois f, e então, todos nós mantivemos o Affonso, Otília Rodrigues Affonso, casada Mitidieri. E ela Odette....

NA: Affonso....

OM: É ...eu acho que era Rodrigues Affonso (...) e o nome do marido...

NA: Do marido é.

OM: E a minha irmã mais nova é...estudou ... estuda até hoje na línguas neolatinas. É...Octacília, esse nomes estranhíssimos foi papai que escolheu, mamãe sempre disse, foi papai que escolheu. Otília, Odette, Octacília, foi ele que escolheu. Octacília Rodrigues Affonso Gonçalves Pereira, ela depois casou com um advogado Gonçalves Pereira, depois não sei se ela manteve o Rodrigues, ficava um nome muito grande...

NA: Essa é a mais nova?

OM: Essa é a mais nova, fez línguas neolatinas. Aí....

NA: A sua irmã mais velha fez faculdade?

OM: Não, é isso que eu estou dizendo...

NA: Ela ia fazer...

OM: Ela queria fazer Belas Artes, mas ela acabou noivando, casando e é a matriarca da família atualmente porque a mamãe já se foi, papai também, e ela é a chefona da ... da família, não é? O incentivo que ela é a mais velha e todo mundo tem aquela consideração por ela e .....

NA: A senhora falou que bairro a senhora nasceu?

OM: Botafogo, não, não eu nasci no Méier...

NA: Ah, no Méier..

OM: Eu nasci no Méier, mas morei a vida inteira em Botafogo...

NA: Sim...

OM: Em Botafogo.

NA: O seu pai já tinha mudado pra Botafogo...

OM: Já.. já .. já...

NA: Onde é que a senhora morava em Botafogo?

OM: Na Muniz Barreto...

NA: Na Muniz Barreto...

OM: Na Muniz Barreto, agora chama Rua São Clemente...

NA: Somos vizinhas, eu moro ali também....só que eu moro mas ali na frente no Humaitá.

OM: No Humaitá, né? Bem o que eu quero dizer é o seguinte: senti muita perda dos meus pais. Papai faleceu quando eu estava no Estados Unidos. Acabou... todos os meus planos

acabaram ali naquele momento. Eu era muito ligada a ele, voltei imediatamente, foi... foi um choque. Bom, quanto a eles o que eu queria dizer é isso.

NA: Quanto a eles?

OM: Quanto a eles.

NA: Mas eu vou lhe perguntar mais umas coisinhas.... é.... a senhora estudou aonde?

OM: Bom, eu estudei no Instituto Lafaiete....

NA: Não me diga...

OM: Por quê? Estudou também no Instituto Lafaiete?

NA: Não, o Instituto Lafaiete a gente tem uma curiosidade enorme sobre ele...

OM: É...

NA: Isso já é curso de... curso superior.

OM: Não... não, é curso primário, é curso primário...

NA: Meu Deus, que bom que a gente encontrou a senhora...

OM: Mas tem....eu vou lhe contar...

NA: O Instituto Lafaiete ficava aonde?

OM: O Instituto Lafaiete tinha quatro departamentos: três na Tijuca e um em Botafogo...

NA: O de Botafogo onde era?

OM: Na Praia de Botafogo.

NA: Na Praia de Botafogo.

OM: Esquina de... de Visconde de Ouro Preto....

NA: Sei...

OM: Era uma mansão... A Praia de Botafogo toda, era de Palacetes...

NA: Bairro chique...

OM: Palácios, toda a Praia de Botafogo era assim.

BC: Devia ser lindo, né?

OM: Então, os colégios foram se instalando nesses prédios, e outros prédios desses foram demolidos fizeram aqueles edifícios... horríveis, né? O Rajar... uma coisa horrível. Mas ali, toda a praia de prédio era assim, de mansões.

NA: O Oswaldo Cruz morava lá.

BC: É.

OM: O pai que vocês estão falando... Oswaldo Cruz, o filho...?

NA: Não o pai.

OM: Ah, o pai! E o filho morava numa ruazinha... que foi aberta na minha infância. Cortava da Praia de Botafogo até a Muniz Barreto, eu passei muitas vezes pelo... pelo azulejo da... da cozinha, daquelas casas (...) Palacetes, né? Abriram aquilo ali... da Praia até a Muniz Barreto. E aí ia pro colégio passando por ali e eu achava interessante... assoalho de... azulejo...

NA: Azulejo português...

OM: É. E do outro lado era um monte de entulho e tal... então, quando essa rua foi refeita, Oswaldinho... Oswaldo Cruz Filho construiu a casa dele, que era em frente à loja Sears. A casa que agora até foi demolida, custaram a demolir à beça...

NA: Fizeram um prédio.

OM: Estão fazendo um prédio. Mas... aí voltando ao Instituto Lafaiete...

NA: É, era em Botafogo eu queria saber onde era...

OM: Era esse, era enorme porque era um prédio a... construção principal era o tal o palacete, tinha um terreno enorme que era o recreio dos alunos... aí tinha recreio das meninas de um lado recreio dos meninos do outro. E nos fundos tinha casa dos motoristas de ônibus do colégio, garagem do ônibus do colégio e tal... porque a entrada era pela Rua Visconde de Ouro Preto, entende?

NA: Sim...

OM: Então, ali era um departamento misto do Instituto Lafaiete porque admitia alunos e alunas. Na Tijuca tinha o departamento feminino, tinha o departamento masculino e tinha o preliminar, que era o de crianças pequenas jardim.

NA: A senhora estudou em Botafogo.

OM: Em Botafogo, no departamento misto.

NA: No misto. Em que ano a senhora entrou?

OM: 1937, eu entrei pro terceiro ano primário.

NA: A senhora entrou pro terceiro ano, só estudou um ano?

OM: Direto.

NA: Ah, entrou direto?

OM: Direto.

NA: Ah, podia isso? Na época?

OM: Podia, é particular acho que até hoje pode.

BC: Não, hoje tem uma outra legislação. Naquele momento a alfabetização podia ter sido em casa...

OM: Eu... eu com quatro anos já sabia ler.

NA: Pois é...

OM: Mas eu acho que pode atualmente... há pouco tempo atrás... na verdade entrou na justiça... um casal entrou na justiça porque queria educar os filhos em casa. É verdade ... é isso. Mas tem que entrar no primeiro ano?

NA: É, tem.

BC: Na época não tinha nem a coisa da idade...

OM: Então, entrei. E aí quando terminei, o ginásio o Lafaiete ia fechar, esse da Praia de Botafogo ia fechar. Aí eu fui para o Andrews, fiz o meu científico no colégio Andrews.

NA: Que é do lado. Perto?

OM: Que é perto, é perto.....

NA: É...

OM: No quarteirão seguinte, que agora não é mais Andrews, agora é PH.

NA: Ah ,é? Foi vendido ali?

OM: É, o Andrews está todo na Rua Visconde e Silva...

BC: Na Visconde e Silva...

OM: E minha irmã mais nova ficou lá também no Andrews...

NA: No Andrews.

OM: Desde, desde sempre.

NA: Isso foi a sua passagem pelo Lafaiete? Foi até o ginásio. É isso?

OM: Até .. até ... até o final do ginásio.

NA: Sim.

OM: Quando eu estava no quarto, na quarta série do curso ginásial....

NA: Sim.

OM: Veio uma reforma de ensino... que o ginásio seria de cinco anos, seria de cinco anos. Aí veio uma reforma de ensino que fazia o ginásio ficar de quatro anos, como é até agora, e o científico de três anos...

NA: Sim.

OM: Aí, poderia ser o científico ou clássico, não é?

BC: A senhora foi em 42 então pro Andrews?

OM: Isso, isso. Aí o que é que aconteceu? Tudo o que nós íamos ter de matéria na quinta série, teve que ser transferida para a quarta. Tinha que ter aula de latim todos os dias... porque estava juntando o latim da quarta série com o latim que eu ia ter na quarta série...

NA: Na quinta série.

OM: Na quinta série, então foi isso, pegamos essa reforma. E aí depois no Andrews fomos.... o ensino era muito bom naquela época, o ensino... o ensino público também, como eu estava falando. O ensino público era muito bom. Tem colegas de faculdade que fizeram o curso todo em escola pública e.... Pedro II e por aí vai.... colégio muito bons, ensino muito bom e era diferente...

BC: E a senhora foi fazer o científico?

OM: Eu fui fazer o científico, fui fazer o científico no Andrews. E depois fiz o vestibular pra Escola de Química, né? Escola Nacional de Química.

NA: Eu sei que a senhora fez Escola de Química, eu vi nos depoimentos aqui. Deixa eu lhe perguntar uma coisa: o seu pai estimulou, o seu pai e sua mãe estimularam a senhora a estudar? A fazer faculdade?

OM: Claro, claro... não.

NA: Claro?

OM: (risos) É claro.... não eles nunca.... primeiro que eu sempre gostei muito de estudar, sempre gostei muito, era, era praticamente....

NA: A senhora tinha alguma preferência assim?



OM: Não, eu sempre...

NA: Garota...

OM: Ah, eu sempre...

BC: Seu pai era o que?

OM: Era, era Oficial da Marinha Mercante.

NA: Marinha Mercante, já falou.

OM: Eu viajava muito com ele porque...

BC: Ah, é?

OM: Nas férias, nas férias pequeninas....

NA: A senhora viajava pela Brasil?

OM: Mercante, só no Brasil...

NA: Só no Brasil? Só no Brasil.

OM: Viajava pequenina mesmo assim....

NA: Ele levava a família?

OM: Levava a família às vezes, nós passávamos .... às vezes passava as férias inteiras em Porto Alegre, outras vezes ele ia..... uma das minha última viagens foi de norte a sul. Aí eu já estava na Escola de Química fui... (interrupção)....

NA: Ah, tá obrigado Rachel....

OM: Eu já estava na Escola de Química, já indo pro segundo ano, quando fui fazer uma viagem desta assim de ir pro norte. E a Escola inteira ... minhas colegas foram todos pro cais do porto...

NA: Se despedir?

OM: Sim, uma maravilha.

NA: É...

OM: Então eu acabei estimulada assim, pelo seguinte: porque ele apreciava muito... tudo, tudo isso... estudo e conhecimento e... nunca foi necessário... impor a vontade dele, porque nós gostávamos muito de estudar. Eu até hoje gosto de estudar. Então vivo estudando, vivo aprendendo com os alunos...

NA: Digamos as suas, as suas colegas de científico...

OM: Hum...

NA: Eu sei que era uma turma era mista, né? O Andrews também era misto?

OM: É misto, o Andrews era misto.

NA: É... as suas colegas, elas fizeram faculdades a maioria ou não?

OM: A maioria fez, muitas fizeram. Nem todas, mas muitas fizeram. Eu tenho, eu tenho três amigas, colegas de faculdade que foram minhas colegas no Andrews. Tenho uma colega de faculdade que foi minha colega do... do Lafaiete, veja quanto tempo! Veja, então, não era tão incomum assim as moças...

NA: Fazerem faculdade. Eu estou fazendo as contas aqui, 46... a senhora fez vestibular?

OM: Fiz, fiz.

NA: Em 46?

OM: Em 46.

NA: É.

OM: Agora, realmente eu acho que aí já estava vindo um período um pouco diferente. Porque... era a química... não sei se todas as faculdades eram assim, talvez medicina tivesse... mas tinha... dizem que não tinha mulheres estudando, mas tinha sim.

BC: Na química particularmente tinha muita mulher...

OM: Tinha, mas... pois é. A nossa turma quando nós fizemos o vestibular só tinha trinta vagas para entrar e era a maior... seria a maior turma da Escola...

NA: Escola de Química?

OM: Escola de Química, porque a irmã de uma colega minha de Andrews... de (...) científico, de faculdade, ela é dez anos mais velha do que eu... e essa minha amiga e fez Escola de Química, então, ela entrou pra Escola de Química quando a Escola de Química era...

NA: Estava começando...

OM: Começando, entende? E já tinha... não só ela, tinha outras... outras duas ou três alunas de química, mas era raro.

BC: Mas quando a senhora entrou, eram trinta...

OM: Trinta vagas.

BC: Quantas meninas entram? Lembra?

OM: Bem... bom, na turma depois... deixa eu explicar: eram trinta vagas. Foram preenchidas essas trinta vagas e houve alunos excedente, quer dizer, ficaram no limiar e não conseguiram entrar porque não tinham vaga. Então eles entraram na justiça e conseguiram um (...) as vagas. As vagas passaram a 60, então a minha turma ficou a maior turma da escola, entendeu?

NA: Nossa!

OM: E desses 60 eram 13 moças...

NA: Treze.

OM: Treze, somos até hoje, treze moças da Escola de Química.

NA: Por que a senhora escolheu a química?

OM: Ah, eu sempre gostei de química, ciências e... área biológica mas ... química sempre gostei ...

NA: É?

OM: Desde pequenina, eu tenho uma irmã mais velha, né? Então, eu tenho uma memória de química mais antiga era quando eu pegava o livro de química de minha irmã, que já estava no ginásio, e eu ficava ali.... me lembro até da cor do livro...

NA: É mesmo?

OM: Eu achava aquilo...

NA: Aquelas fórmulas maravilhosas... (risos)

OM: Que me davam muito prazer de estudar e até hoje... eu sinto prazer é matemática.

NA: É mesmo?

OM: Eu estudava matemática com prazer, pra mim era distração...

NA: Desde pequenininha também?

OM: Desde pequenininha sempre fui... sempre.

NA: É um dado, né? Porque dizem que as meninas não gostam de matemática.

OM: Pois é. Eu nem sei por que fui fazer matemática. Acho que é porque eu achava que não era profissão, era distração, entendeu?

BC: Ai que engraçado...

OM: Talvez, eu não sei. Eu de vez em quando me pergunto por que que eu não fui estudar matemática, se eu gostava e gosto tanto de matemática, não é?

BC: É engraçado também alguém achar distração...

OM: Era distração, e... no primário da professora, não é... (interrupção)

NA: Como é que consegue gravar aqui? Eu não sei...

OM: Mas isso é pedantismo...

NA: Mas isso, não é pedantismo isso é uma... é um fato. A senhora se destacou como aluna, a senhora era dedicada ao estudo... não é isso que a senhora tá falando?

OM: (...)

NA: A sua irmã lhe ajudava a estudar?

OM: Não, não, eu estudava sozinha...

NA: A senhora pegava os livros e ficava lendo?

OM: É, claro... estudei sozinha.

NA: Seu pai a estimulou a estudar química?

OM: Eu disse pra ele que eu ia estudar química, ele disse: “ – Escolheu a profissão do futuro.”

NA: Ele falava isso?

OM: Escolheu a profissão do futuro.

NA: Por que será que ele disse isso?

OM: Porque ele sabia, ele conhecia...

NA: A química nessa época estava assim... vamos dizer, do ponto de vista profissional, era uma coisa muito valorizada?

BC: Pós- guerra?

OM: Pós- guerra. Por falar em pós-guerra, vamos interromper... você disse que pode mudar de área ...

NA: Pode, sem nenhum problema.

OM: Falar em pós-guerra. Em 1945, nós estávamos no Andrews, numa aula de filosofia, e o nosso professor era professor Raimundo Bittencourt.

NA: Sim.

OM: E estávamos... era de manhã. (...) Era no terceiro andar a minha sala. Terceiro andar e voltada para o pátio, onde era lá embaixo o recreio. De repente um burburinho, uma gritaria, uma confusão lá embaixo... e o professor chegou e .... ele usava luva de borracha para escrever no quadro, porque acho que ele era alérgico, não sei .... cabelo assim ... cabeleira comprida branca, ele chegou lá, olhou, aquela pose dele, de terno: “ – Acabou a guerra, e esta geração aí até hoje não sabe o que é viver num mundo em paz.” 1945. Então... por que estamos falando disso? Porque estávamos em pós-guerra quando eu estava fazendo o vestibular.

NA: Mas o seu pai lhe falou: “ – A química é a profissão do futuro.”

OM: Verdade. Porque ele disse isso eu não sei.

NA: Mas a senhora acha que ela era... a química foi uma profissão valorizada no Brasil?

OM: Eu acho que nos outros países foi mais, eu acho que foi mais.

NA: Tinha emprego?

OM: Eu acho que para nós, naquele tempo, teve mais facilmente do que agora para os novos, porque todos os meus colegas foram empregados imediatamente. Se formaram e conseguiram emprego. Mas... nas usinas de açúcar, muitos foram pras usinas de açúcar. Outros para companhias americanas que estavam aí, não é? A Gillette, a... me esqueci... Todos galgaram.....

NA: Postos...

OM: Posições, chegaram a cargos de direção...

NA: Das empresas.

OM: Na Gillette, uns dos meus colegas.... foi oferecido pro meu marido um emprego na Gillette e ele não quis, porque ele queria fazer pesquisa. E ele então encaminhou um amigo, colega de turma, e esse amigo foi diretor geral na época. Então, tinha chance.

BC: A família conhecia algum químico? Seu pai, a senhora tinha algum amigo que fosse químico?

OM: Tínhamos. Tínhamos em São Paulo uma família que um dos rapazes era químico, mas eu não tive nenhum....

BC: Nenhum contato.

OM: Nenhum contato.

NA: Quer dizer, na verdade a senhora...

OM: Desde pequena, desde pequena, eu sempre quis ser química. Eu me lembro que a primeira aula de química pra mim foi um deslumbramento. Aí sim! Eu pedi a minha irmã, eu tinha que saber, eu queria saber todos os símbolos, todas as valências. Aí pedi a minha irmã mais velha pra ver se eu sabia. Eu já tinha estudado, só queria que ela conferisse, né? Foi a única vez que eu pedi a alguém, nunca ninguém precisou me acompanhar no estudo não, nunca, nunca.

NA: E a sua mãe achava o que disso?

OM: Ah, mamãe todo apoio, né? Todo apoio, quanto a isso não há o que dizer. Todo apoio, o tempo todo.

NA: Mas ela não achava que isso poderia interferir na sua vida .... mesmo feminina, de casada...

OM: Não, absolutamente nada disso. Eles não interferiram em coisa nenhuma, cada um escolheu o que quis, no momento que quis. Eu só não escolhi o colégio, o colégio foi papai que escolheu, o Instituto Lafaiete e o colégio Andrews. Quanto ao mais, quanto ao mais foi opção nossa.

BC: Mas nessa época a senhora não conheceu nenhuma menina que quisesse estudar e os pais não... não achassem que fosse coisa pra menina?

OM: Pode ser até que existisse, mas não fazia parte do meu mundo. De jeito nenhum, de jeito nenhum.

BC: Do seu ciclo de amizade, né?

OM: Nós, na minha família, se vocês querem saber, pra papai e mamãe a coisa mais importante era estudar. Eles não precisavam impor isso, porque nós gostávamos de estudar. Em nenhum momento, em nenhum momento. Eu me lembro muito bem quando papai, viajando... eu tinha meus quatro anos e ele chegou de viagem e ao amanhecer eu pulei pra cama dele, ele tinha trazido uns prospectos de ..... de propaganda, de ... acho que era até de leite condensado, a Nestlé, qualquer coisa assim. Aí eu me deitei entre os dois... me lembro muito bem dessa... eu me vejo de perna pro ar, com aqueles prospectos, comecei a ler e ele: “ – Essa menina já sabe ler?” (risos) Entendeu? Quanto a isso eles em nenhum momento disseram que estudar ia atrapalhar. Ao contrário, se não estudasse é que ia atrapalhar....

NA: Acabaram estimulando, né?

OM: Com certeza, com certeza.

BC: Agora, quando a senhora fez química, a senhora imaginava trabalhar em que?

OM: Eu não tinha .....

BC: Imaginava trabalhar?

OM: Imaginava trabalhar, sempre, sempre imaginei trabalhar. Não tinha certeza do que poderia surgir pra mim, não é? Não tinha certeza, até que.... fui estagiar. Fiz vários

estágios. Estagiei na casa... era obrigatório do curso, não é? Estagiei na Casa da Moeda e era análises químicas de ligas metálicas, depois estagiei no Instituto de Química Agrícola, ainda era pesquisa, pesquisa de química vegetal, não é? Então, aí foi meu primeiro passo, o chefe era o Doutor Oscar Ribeiro. Nesse Instituto alguma das minhas amigas trabalhou também... aquela irmã mais velha da minha amiga que já tinha feito química antes, trabalhava lá....

BC: No Instituto de Química?

OM: No Instituto de Química, nessa mesma seção com o Doutor Oscar Ribeiro. E a irmã dela que é minha amiga, colega de turma, foi também na mesma ocasião fazer estágio. Então nós duas, Mariliza e eu, tínhamos recebemos do Doutor Oscar. Além de aprender aquelas... aquela estação dos alcalóides, todas aquelas reações dos produtos vegetais, aquilo tudo nós aprendemos ali, uma delícia, né? Uma maravilha! Além de fazermos aquilo, ele nos deu uma incumbência de fazer... compilamos todas as propriedades físicas e químicas, tudo o que fosse possível dos alcalóides já... já purificados e tal, tal. Então, era um levantamento que nós íamos fazer porque ele dependia de juntar aquilo tudo e publicar. Ia fazer um livro com as características químicas e físicas dos vários alcalóides, não é? Nós estávamos fazendo aquilo um belo dia, ainda pleno estágio, e ele chega e diz: “Podem parar! Já foi publicado um livro com esse material”. Nós já estávamos com o trabalho bem adiantado. (risos)

NA: A senhora foi fazer estágio no Instituto de Química?

OM: Fui, Instituto de Química Agrícola.

NA: Pois é ... pois é. Onde funcionava?

OM: Funcionava ao lado do Jardim Botânico.

NA: Onde é a Embrapa hoje?

OM: Onde é a Embrapa, onde é a Embrapa.

NA: Não é vinculada a EMBRAPA? Depois não ficou vinculada a EMBRAPA?

OM: Bom, uma pessoa... ali também tem uma história.

NA: Pra pesquisa ali...

OM: É pesquisa. Uma pessoa que trabalhava lá quando nós estávamos estagiando era o Walter (Morse).

NA: Sim, eu conheço.

OM: Ele trabalha lá. Era bem mais jovem que o Doutor Oscar Ribeiro, mas trabalhava lá. E essa minha amiga, quer dizer, a irmã dela .... eu me lembro de uma frase que ela disse, sempre que vejo o Walter lembro disso: “O Walter (Morse) é a cabeça mais pensante desse Instituto”. Ela dizia. É jovem, recém-chegado, não sei ... tinha estudado em São Paulo. Estava ali, mas sempre foi essa pessoa dinâmica, estudiosa, competente para a pesquisa. Já era naquele tempo. E o trágico disso tudo é que o Instituto.... eu só não sei se

antes, não sei exatamente em que momento aconteceu... o Doutor Oscar Ribeiro acabou se suicidando. Mas eu já não estava mais lá, eu já estava longe, já estava no Oswaldo Cruz e tal. Ele acabou se suicidando. Não sei se é porque ele estava percebendo o fim do próprio Instituto, ou se era um processo de depressão. Não sei, nunca soube.

BC: Particular, uma coisa dele né?

OM: Nunca soube, nunca soube.

NA: A senhora também depois se desligou dessa área de química vegetal?

OM: Não, eu saí de lá.

BC: Era um estágio da faculdade?

OM: Estágio da faculdade. Depois dali, aí ... eu fui pro Instituto Oswaldo Cruz.

NA: Mas antes de chegar lá a senhora...

OM: Ah, meu Deus do céu! Não consigo chegar no Instituto... (risos)

NA: Vamos falar um pouquinho da faculdade?

OM: Ah, bom isso é uma maravilha.

NA: Ah! Então vamos falar disso né. A senhora falou que teve 60 vagas todas preenchidas...

OM: Todas preenchidas.

NA: Treze moças, e o resto homem...

OM: Tudo homem.

NA: E como é que foi? Quantos professores...

OM: Eu vou lhe dizer, até porque eu fui buscar, mas isso aqui não diz tudo. É que quando vocês me disseram, é que eu não tive tempo essas duas semanas. Que eu podia ter mexido nos meus papéis, é que eu não tive tempo de colher o material que eu podia trazer pra cá. Mas ainda trouxe algumas coisinhas. Aí eu estava saindo de casa... gente, o meu filho viu no site na Academia de Ciências o (...).

NA: Mas a senhora está na Academia...

OM: Aí, eu imprimi e trouxe.

BC: Mas a senhora não sabia?

OM: Já tem tempo... sabia. Tanto é que fui eu que dei os dados pra ele, não é?



BC: Claro.

OM: Que eles iam colocar, pensei que fosse uma coisa interna, não é?

NA: Não, foi no site lá.

OM: Só que não está atualizado, né? Mais aí eu trouxe ....

NA: A senhora... a gente tem uma curiosidade. Depois a gente quer conversar mais com a senhora sobre essa documentação. Eu ainda não lhe contei qual é o objetivo desse projeto. Um dos objetivos dele, depois eu vou lhe contar, é uma coisa que a gente tem interesse nas suas publicações. Porque a gente quer organizar as referências bibliográficas suas, o que a senhora escreveu e, se possível, os trabalhos ordinais e as separatas dele...

OM: Tá, tá certo.

NA: Mas depois a gente conversa sobre isso. Então, a senhora chegou lá. Primeiro ano...

OM: Primeiro ano, bem... eu não estava isolada porque eu tinha três amigas que tinham...

NA: Feito com a senhora.

OM: Feito comigo o vestibular, já conhecia essas três amigas. Tinha outros colegas que eu conhecia do Andrews. Porque o Andrews era um excelente colégio, não sei se hoje ainda é como era...

NA: O diretor do Andrews nessa época quem era?

OM: Era o Doutor ... Oh, meu Deus .... Flecha Ribeiro. Depois foi o Edgar que substituiu. Nesse tempo era o Doutor Carlos Flecha Ribeiro, que era o professor de história e história da arte.

NA: História da arte.

OM: História da arte. Eu tenho até a tese dele que foi sobre Velásquez, ele me deu. Mas então, todos os alunos que fizeram vestibular, alunos da minha turma, todos passaram. Da engenharia, muitos foram pra química... todos passaram. Então tinha da química alguns que tinham sido meus colegas no Andrews. Ou da mesma turma ou de outras turmas...

NA: Sei, sei.

OM: O Eduardo Pena Franca que foi diretor do Instituto de Biofísica, foi meu colega de turma, entendeu? Então... e teve outros também...

NA: Colega de turma?

OM: No Andrews.

NA: No Andrews.

OM: E na Escola de Química também, na Escola de Química. Então, o que foi a Escola de Química? Foi... o que eu lamento que não são agora as turmas de faculdade. Porque era um entrosamento, uma amizade, uma alegria tão grande de estudar, de trabalhar, de conviver, uma coisa que... inimaginável, vocês não podem... por mais que eu fale, vocês não vão avaliar o que era o ambiente da Escola de Química. E principalmente (...) da minha turma. Porque era a maior da Escola, coesa, foi agregando as outras turmas e aonde nós estávamos as outras turmas chegavam também. E os professores também. Agora, um ensino completamente diferente do ensino de hoje, não é? Por que era aquele ensino seriado...

BC: Era horário integral, não?

OM: Horário integral. Nós chegávamos lá, às sete horas da manhã, e às vezes saíamos de lá às nove horas da noite.

BC: Nossa senhora!

OM: Porque, não é que tivesse aulas teóricas o tempo todo, mas tinha aulas teóricas e tinha aulas práticas. Nós tínhamos que ficar no laboratório trabalhando, trabalhando, trabalhando e depois...

NA: Era bem aparelhado, tinha equipamentos adequados?

OM: Tinha.

NA: Pras aulas práticas...

OM: Tinha, mas não na (eternidade) que existe hoje. Mesmo porque naquele tempo não havia.

NA: Pois é, o que seria técnicas de ponta da época na área de química? O que é?

OM: Bom... eu nem sei. Eu acho que haveria coisas que nós não dispúnhamos mas, na nossa visão de alunos, nós achávamos que estava muito bom. Lutávamos às vezes por algum equipamento que estava no arquivo lá, no depósito, como aconteceu quando estávamos no quarto ano, na quarta série, final de curso, né? Sabíamos que tinha um sacarímetro... tinha um tal de um sacarímetro, que estava guardado, embrulhado e o diretor não liberou, né. Aí...

NA: Por quê? Era uma coisa...

OM: Não sei, não sei... os alunos... não sei, não liberou. Aí nós fizemos uma pressão e tal... e liberou o tal sacarímetro. Então, para nós aquele sacarímetro tinha que vir pra nossas mãos.

NA: Sim.

OM: (...) é uma coisa ridícula atualmente, não é? Mais as cadeiras tecnologia, tinham...

### Fita 1 - Lado B

NA: Esse livro que eu tenho de entrevistas, da Fávero, fala-se muito dele Do tio não do... o daqui é médico, não é? Era médico?

OM: É, não sei se é médico ou se era...

NA: O daqui? Acho...

BC: Mas o diretor era Rocha Lagoa, era Rocha Lagoa...

OM: Mas por que... ela ouviu falar bem ou mal?

BC: Ela tá perguntando se você ouviu falar bem ou mal. Era um grupo de entrevistas que a gente tem, de uma pessoa que escreveu sobre a Faculdade Nacional de Filosofia. Apareceu um nome...

OM: Dele...

BC: De um Rocha Lagoa, provavelmente como alguém que era da Escola de Filosofia...

OM: De química...

NA: É exatamente, eu acho que ele dava aula no Instituto de Filosofia também.

OM: Talvez, é bem provável. Ele pra nós, ele pra nós não dava...

BC: Não dava aula.

OM: Não, chegou a dar aula na minha turma, não chegou a dar aula.

NA: Mas eu queria lhe perguntar sobre esse negócio desses grandes equipamentos, a senhora falou que tipo...

OM: Eu não lhe posso dizer com precisão não ....

NA: A senhora não lembra ....

OM: Mas eu posso até conversando com os meus colegas, fazer esse levantamento se vocês quiserem ...

NA: É só uma curiosidade, porque na verdade o Brasil nessa época em termos de tecnologia é muito...

OM: Pobre, pobre...

NA: Não tem, não tem .... a senhora falou ....

OM: Não tinha, e depois a Escola ....

NA: Quais são os cursos que a senhora fez .... (interrupção) os cursos ... quem era os professores dos cursos que a senhora fez?

OM: Bom ....

NA: Tá lembrando...

OM: No primeiro ano, nós tínhamos química ... química geral, professor era o Luiz... era Porto Carrero ...

NA: Hum ...

OM: Como é que era o nome dele? .... Porto Carrero Neto, é que me deu um branco aqui...

NA: Depois a senhora lembra, não tem importância não.

OM: Ele, ele era o terror do curso. Quer dizer, pra quem chegava, né? Aluno de primeiro ano assim ...

NA: Sim ...

OM: Então, ele era o assustador mesmo. Ele era pequeno assim ... magrinho, muito exigente, muito rigoroso e tal ... mas .. olha, nós conquistamos ele, porque nós fizemos uma apostila com o material de aula dele, ele corrigiu a apostila, por isso que nós trabalhávamos às vezes até às nove horas da noite, porque nós ficávamos rodando ... mimeógrafo (risos)... atualmente é computador, num instantinho tira cópia... era mimeógrafo .. (risos)

BC: Trabalhadora né?

OM: Nós é que movimentávamos aquele mimeógrafo, e dávamos pra ele corrigir .... então ... fizemos a apostila dele. Luiz Carlos ... ai, que coisa como é que posso ter esquecido.

NA: Não precisa, daqui a pouco vem, pode esperar ...

OM: Conclusão, então ...

NA: É química geral, ele?

OM: Química geral, acabou sendo o nosso paraninfo. Tinha também a física, física ... (...). O professor de física não sei porque razão era ausente... tinha matemática, matemática superior com o professor Miguel Ramalho Novo.

NA: Miguel?

OM: Miguel Ramalho Novo que ...

NA: Ramalho Novo.

OM: Que tinha sido, nosso professor no Colégio Andrews.....

NA: Sim ....

OM: E ... Bom, enfim nós temos .... posso até reconstituir, no segundo ano .....

NA: A senhora passou bem nesse primeiro ano?

OM: Passei bem, passei .... passei bem sempre em tudo, né?

NA: Primeira aluna?

OM: Não, aí entrei num outro ritmo ...

NA: Por quê? Entrou em um outro ritmo por quê?

OM: Não, porque tinha tantas atividades na escola que eu assumia também, entendeu? Quer dizer, trabalhei no diretório acadêmico ...

NA: Ah, trabalhou no movimento estudantil?

OM: Trabalhei na ... na organização de apostilas... no segundo ano o professor Saraiva, Mário Saraiva, estava publicando um livro, eu trabalhei na revisão do livro todo. Ele até na primeira página, fez um agradecimento não só a mim, mas a mais outros quatro ou cinco alunos... então eu me dividia muito né?

NA: A senhora tinha atividades na faculdade .....

OM: Muito, organizações assim de reuniões, de.... naquele tempo era assim, festas juninas ....

NA: Sim ....

OM: Entendeu? E eu e as outras colegas todas participavam então ....

BC: Os rapazes também participavam?

OM: Todos participavam, participavam de tudo, de toda forma. Participavam de tudo, na confecção da apostila, do livro ...

BC: Organização de festas ....

OM: Das festas .... nós fundamos a associação dos ex-alunos... foi nossa, na nossa época...

BC: O Emílio era seu colega de turma?

OM: Meu colega de turma.

BC: Já desde a primeira série? Era seu colega de turma?

OM: Na faculdade, na faculdade.

BC: Na faculdade ...

OM: Ele estudou ...

NA: A senhora conheceu ele na faculdade?

OM: Na faculdade.

NA: E já namorou logo que encontrou ele?

OM: Ele me namorou desde o primeiro dia em que me viu, ele diz isso... (se emociona)

NA: Ele dizia isso .... que ... tão bonitinha, tão lindo. Mas é uma história .... a senhora ficou casada com ele quantos anos?

OM: Outro dia me perguntaram e eu fiz as contas ....

NA: Que ano a senhora casou?

OM: Trinta anos.

NA: Então ....

OM: Gente! Trinta anos, incrível isso, trinta anos. Mas ele dizia pra todo mundo podia ter sido 45: “A Otília levou quinze anos pra resolver ....”

NA: Ele falava isso ....

OM: Falava ....

NA: A senhora não olhava pra ele não?

OM: Não, morria de vergonha .....

NA: Não dava bola pra ele.... vamos tocando ... ele desde o primeiro dia .... e a senhora não namorou ele?

OM: Não, nunca.

NA: Demorou quinze anos pra namorar ....

OM: Mas ele falava pra todo mundo, que ia casar comigo ....

NA: Ele falava?

OM: Falava que ia casar comigo, então ....

NA: E a senhora olhando? Ouvindo .....

OM: Eu, nós ficávamos todos, a turma toda muito amiga .....

BC: Ele participava dessas atividades também?

OM: Claro, claro ...

BC: Das apostilas ....

OM: Ele desenhava, ele desenhava muito bem. Então tudo o que era desenho da .... do material da ....

NA: Ele estudou no segundo grau aonde?

OM: No colégio Anglo Americano .....

NA: No Anglo.

OM: Anglo Americano.

NA: Ele era também carioca?

OM: Também, de Copacabana .....

NA: De Copacabana. E o pai e a mãe dele faziam o que ?

OM: O pai era industrial, a mãe... a mãe... naquela época as mulheres .....

NA: É ..... as mulheres não trabalhavam ...

OM: Era muito raro ... muito raro. Eu me lembro que quando eu estudava no terceiro ano primário, eu tinha uma colega que os pais eram separados e a mãe trabalhava fora e era uma novidade tão grande entre nós as meninas .....

NA: Primeiro por ser separados ....e a segunda porque a mãe trabalhava .....

OM: Ela dizia o pai teve dificuldade em colocá-las no colégio porque eles eram separados...

BC: Nossa...

OM: E ela colocou em colégio de freira.

BC: Os colégios censuravam os pais ....

OM: Então, era muito diferente .....

BC: Então, não era tão óbvio conforme a Nara perguntou ....

OM: O que?

BC: As meninas irem pra escola trabalhar ....

OM: Não, pois é ...

BC: Por perto tinha histórias ....

OM: Não .... das mães ....

BC: Sim ....

OM: Nós todos sabiam que íamos trabalhar, nosso objetivo era esse ....

NA: Na sua geração?

OM: Minha geração.

NA: Sua geração ?As mães de vocês não tinham essa história, não é?

OM: Não, é isso o que estou dizendo.

NA: Outra coisa que a senhora falou, que tá segredando, mas é uma coisa que ... todo mundo sabe hoje, mulheres separadas nesse período dos anos 30 até aí 40 era uma situação muito difícil ....

OM: Foi.

NA: Achavam que era mulher da vida, que não é .... isso não é uma coisa recente, separar, não é?

OM: Sim.

NA: Por conta disso.

OM: Por conta disso.

NA: Hoje que isso é uma coisa corriqueira, as mulheres se separarem dos maridos, não é? Na época era uma coisa terrível ....

OM: Terrível.

BC: E os filhos sofriam discriminação por conta disso.

OM: Dificuldade para colocar nos colégios ...

NA: Os colégios não aceitavam....

OM: Principalmente os religiosos. Os mais modernos, por exemplo, o Andrews, o Lafaiete não tinham isso não.

NA: Bom, mas ... enfim ..... aí... estou perguntando por ele, pelo Emílio, porque na verdade essa coisa química tinha haver com o pai? A indústria do pai ....

OM: Não, não.



NA: A indústria do pai era de que?

OM: Calçados.

NA: Não tinha haver com química exatamente...

OM: Não, mas ele gostava também ....

NA: Também, também.

OM: Porque a gente gosta assim ... às vezes de um, no meu caso foi ... eu nem tinha tido contato com os livros. Porque foi ... eu achava bonito, tinha curiosidade, né?

NA: Sim, sim.

OM: Então, os livros que eu ganhava dos professores ... ganhei muito foi ..... (...) de matemática.

NA: O neto dele trabalha aqui com a gente.

OM: Ah, é? Que nome?

NA: André, não tem ... André Pereira.

OM: Pereira.

NA: O nome dele eu não me lembro mais ...

OM: Era, era .... o da Tônia Carrero ..... era Cecil Thiré .... eu acho que era ....

NA: Não, não.

OM: Não era não?

NA: Não, não.

OM: Eu não sei, estou confundindo então.

NA: É, não tá fazendo confusão.

OM: Tô fazendo confusão, não tenho certeza. Bom .... e por exemplo, o livro “História da invenções”, essas coisas me encantavam. “ Marie Thiré....

NA: Sim.

OM: Tudo isso me deixava encantada...

BC: Marie Thiré era muito falada na época?

OM: Ah, era, era ... química ... química pensava logo nela. A minha irmã que estudou línguas, línguas neolatinas, não é? O que ela sempre diz, o que a levou a estudar línguas neolatinas foi um professor que ela teve, que era uma aula maravilhosa, uma aula que ... um deslumbramento, ela não tinha dúvida, era aquilo que ela queria mesmo. Então às vezes um detalhe ... eu não sei porque... eu nunca perguntei...

NA: Voltando de novo. Aí, no segundo ano agente a senhora estava falando das matérias, né?

OM: No segundo ano era química orgânica, física ....

NA: Professor? Lembra os professores?

OM: Mário Saraiva, Mário Saraiva Que tinha estudado na Alemanha, sabe? Era rigorosíssimo, ah, se você preparasse ...aula prática ... se você preparasse, se você preparasse um equipamento que não estivesse exatamente perpendicular, paralelo, aquela coisa, vertical a coluna ... que era em grupos, quatros trabalhando, ele reclamava ...

NA: Tinha equipamento pra todo mundo trabalhar?

OM: Tinha, tinha ... bancada pra todo mundo

NA: A escola era bem aparelhada, né? Era uma boa Escola ....

OM: A vidraria era vidraria alemã ...

NA: Que nem aqui... a vidraria no início aqui também era...

OM: Que aqui? Fiocruz?

NA: IOC..

OM: IOC, mas você não viu o que vi? No meu prédio, né? Jogavam pela janela aquela ... aquela corredeira de ... obra, né? Vão quebrando, vão jogando assim, pra cair do caminhão lá embaixo. Aquilo não era tijolo nem cimento que corria por ali para ir para o lixo não. Era vidraria alemã ...

NA: Quando foi isso?

OM: Quando eu estava ... em 77 ... 78 , nós estávamos saindo porque ... bom, saímos por muitas outras razões. Mas aquele prédio ia ser esvaziado porque ia ser reformado pra instalar naquela ocasião, aliás já estava lá uma firma de ... engenharia, uma firma de engenharia provavelmente pra fazer o projeto das obras, das reformas, não sei ..

NA: Em 77?

OM: Em 78, quando nós saímos de lá. Provavelmente não ficou a engenharia o tempo todo lá, ela estava só planejando e tinha lá aquele espaço, não era o nosso laboratório (...)

NA: Isso foi em que andar do Quinino?

OM: No terceiro andar.

NA: No último andar?

BC: Não.

NA: No terceiro ...

OM: O quarto que era o último. Nós praticamente éramos os últimos ali, nós da bioquímica, porque no andar de cima tinha funcionava a microbiologia, Doutor (Ari Leão) e outros ...

NA: A gente vai depois ... vê com a senhora isso direitinho, que eu queria que a senhora me desse essa... pra esse projeto lá que eu estou fazendo ...

OM: Pois é ...

NA: Que a senhora me desse e quem estava em que lugar...

OM: Se bem que eu não sou a pessoa mais indicada pra dizer isso com precisão. Eu chegava, ficava no meu cantinho, trabalhava e não me envolvia muito. Mas tenho ideia, era microbiologia em cima ...

NA: No quarto andar.

OM: No terceiro andar éramos nós.

NA: A bioquímica funcionava no terceiro ...

OM: No terceiro andar. E tinha o (Tecol), que era acho que era ....

NA: Farma.

OM: Naquele andar mesmo. No segundo andar era físico-química.

NA: Físico-química.

OM: No segundo andar.

NA: Isso tudo era divisão de química?

OM: Divisão de química. Era .. Humberto ....

NA: Cardoso.

OM: (Cosnélia) que era cunhada dele... depois de algum tempo foi pra lá a Noêmia Grimberg... enfim, era físico-química. E no térreo tinha um laboratório de química orgânica, que era do Perissé.

NA: Augusto Perissé, ele ta aqui também. Vocês todos .... a divisão de química toda funcionava ali então?

OM: Eu acho que era toda ali sim, eu acho que era....

NA: A bioquímica pertencia à divisão de química, não é??

OM: De química, que se chamava ... que era química e farmacologia.

NA: Isso.

OM: Divisão de química e farmacologia.

NA: O Gilberto Vilela trabalhava ...

OM: O Gilberto foi meu chefe.

NA: Depois a gente fala dele, vamos voltar pra trás ...

BC: Estava no segundo ano, química orgânica ....

OM: No segundo ano química orgânica ...

BC: Escola muito bem montada, vidrarias ....

OM: Vidrarias, nós estávamos dizendo, tinha bancada pra todos os alunos ....

NA: Sim. Qual era a outra matéria?

OM: Química orgânica, físico-química.... química analítica ...

NA: Quem dava?

OM: Bittencourt. Professor Aníbal Bittencourt e seus assistentes ... na física ou química era o Augusto ... Zanith.

NA: Zanith?

OM: Z-A-N-I-T-H, que tinha sido senão me engano aluno da Escola de Química .... quando foi logo, senão me engano tinha sido colega de turma, daquela irmã mais velha da minha colega. Então ele deve ser uns dez mais anos mais velhos que nós e ....

NA: Três matérias e ... só pro segundo ano?

OM: Eu acho que era três mesmo, estou com uma falha. Bom, no terceiro ano então entravam as tecnologias.

NA: Aí especializava o curso. Esse primeiro e o segundo eram mais gerais?

OM: Ah, bom no segundo ano eu também tinha microbiologia das fermentações, com o Doutor Raimundo Muniz Aragão, Muniz Aragão...

NA: Raimundo Muniz Aragão.

OM: Que foi ministro ...

NA: Foi.

OM: Da educação.

NA: É, foi mais tarde.

OM: Mais tarde, foi isso ...

NA: Acho que foi na ditadura militar.

OM: Foi isso mesmo, ele foi .... ele era ....

NA: Microbiologia das fermentações.

OM: Microbiologia.

NA: Sim, porque na verdade isso eram matérias gerais, não é?

OM: Matérias gerais.

NA: No terceiro ano vai especializar ....

OM: Com o terceiro ano ... o curso era todo assim. Porque agora que a gente vê como tem créditos, tem cursos opcionais, então o aluno escolhe às vezes uma coisa muito ... especial, mais dentro dos seus interesses, mais específica, é muito amplo ... eu acho.

BC: Eu vou pegar uma água pra senhora ....

OM: Pois não, tá bom obrigado. Eu acho assim ... muito mais rico para o aluno esse momento atual.

NA: Nesse ponto de vista que a senhora tá falando sim.

OM: Eu acho muito mais ... o aluno tem muito mais ....

NA: Está exposto a mais é ... mais conhecimento.

OM: Muito mais, muito mais variante.

NA: Multiplicidade.

OM: Multiplicidade em todos os aspectos. É conferência, palestras, simpósios, seminários, isso a toda hora, isso é uma riqueza, é uma riqueza. Eles não sabem o valor que isso tem. A única diferença em relação ao tempo antigo é a convivência.

NA: Sim.

OM: Porque nós estabelecemos tal laço de amizade, nós que somos amigos até hoje, todos nós ...

NA: Imagina quantos anos, né?.

OM: Nós nos encontramos todos os anos, pelo menos uma vez por ano, nós nos encontramos.

NA: Isso é uma maravilha, é uma beleza isso ...

OM: Os que estão no exterior vem ao nosso encontro ...

NA: O que vale na vida, não é?

OM: Isso é uma coisa preciosa e que eu vejo as turmas de hoje não tem muito. Eu vejo às vezes alunos que vão pra formatura ... não sei se acontece isso, houve um caso há dois anos atrás, um aluno dizia quando ia pra formatura: “Não conheço ninguém da minha turma”. Eu fiquei abismada quando ela disse isso.

NA: Não tem nenhuma relação.

OM: Eu ... disse isso, aí é que eu vi a diferença, mais em termos de riqueza de conhecimento, em termos de aprendizado, em termos de ... é muito superior, eu acho é ....

NA: O que a senhora diria que a senhora no seu curso de química .... digamos, que a senhora tenha saído com o básico de química, foi isso? Ou foi mais? Assim o básico, quer dizer, era o mínimo suficiente para a senhora se tornar uma profissional?

OM: Não, não, foi mais porque o curso foi muito bom.

NA: É, isso que eu queria que a senhora falasse.

OM: O curso foi muito bom.

NA: A Escola de Química é conhecida como uma excelente escola ...

OM: Foi, foi muito ....

NA: Nesse período para os padrões da época.

OM: Foi muito bom, o curso era .... completo nesses sentidos, os professores muito bons com uma pequena exceção ...

NA: Sim, como sempre tem.

OM: É, eu não sei se o professor estava ausente ou doente, ou que seja, foi a única exceção fora disso, e os professores ali o dia inteiro ...

NA: Dedicção integral.

OM: É, eles davam aula teórica e acompanhavam a prática e corrigiam e .... e a nossa disposição pra perguntas pra ... entendeu? Foi um curso muito bom. Para época eu acho que não podia ser melhor...

NA: E o diretor da Escola nesse período que a senhora esteve lá, quem era?

OM: Foi o Rocha Lagoa.

NA: Ah, a senhora já falou, foi o Rocha Lagoa.

OM: Foi o Rocha Lagoa.

NA: Como é que era o primeiro nome dele? O daqui era Francisco.

OM: O daqui era Francisco, o de lá ...

NA: O de lá ... como é que era? Porque também eu tô sem a referência do de lá. Eu tenho que ver se descubro isso. Bom, mais aí terceiro ano...

OM: Meu terceiro ano então, foi ... tecnologia inorgânica, economia e estatística.

NA: Quem é que dava economia?

OM: Era um outro professor Bittencourt, era irmão daquele que era da analítica. Um era (...) o outro era Floriano ...

NA: Floriano Bittencourt ...

OM: Floriano Bittencourt e a estatística era .... Browne. Eu me lembro que o nome dele era Browne ... era jovem, jovem ...

NA: Browne?

OM: Browne, B-R-O-W-N-E, eu tenho até a apostila dele ....

NA: Não, não.

OM: Eu posso reconstituir isso, de certa forma ....

NA: A senhora tem esse material guardado?

OM: Material tenho. Olha, eu tenho muita dificuldade de jogar coisa fora ...

NA: É mesmo? A senhora é perfeita para historiadores então, porque ...

OM: Eu tenho muita dificuldade e quando eu jogo .....

NA: Historiador adora um arquivo de papéis ...(risos)

OM: Quando eu jogo fora eu me arrependo....

NA: É....

OM: Sempre me arrependo ... sempre me arrependo ... e sou forçada, porque moro num apartamento pequeno e principalmente porque ... eu tinha todo o meu material na Fiocruz, né? Tínhamos salas, trouxe até uma fotografia, tínhamos sala, gabinete, aquilo tudo, cheio, cheio de tudo, relatório ....

NA: Imagino. O que a senhora fez com isso tudo?

OM: E quando levei .... muita coisa levei pro Inca, mas não podia levar tudo. Então, coloquei num quarto de empregada lá no alto e tal ....

NA: Mas tá lá?

OM: Mas muita coisa se perdeu, né? Muita coisa. Quando sai da Fiocruz pra ir pra lá, tinha um material ... que era dos anos... negros, né? Aquele material mais pesado, aquelas circulares, aquelas ameaças... aquilo tudo eu guardava, aquilo tudo eu guardava eu tinha uma pasta ....então, estávamos indo tudo, o Emílio disse: “Otilia se vai com tudo isso pra nossa casa? Joga fora”. Joguei fora ....

NA: Ah ....

OM: Joguei fora, me arrependo, me arrependo ... tinha .... (falando baixo) (interrupção)

NA: Nós estamos lá no terceiro ano ....

OM: Que era tecnologia inorgânica, economia e estatística.

NA: É, estatística .... no quarto ano?

OM: No quarto ano, tecnologia orgânica. Houve no terceiro ano, em vez de .... tinha física industrial ... física industrial, no terceiro ano, física industrial e uma dessas matérias é que foi para .. para acho que talvez tecnologia inorgânica ou tecnologia inorgânica ou economia, foi pro quarto ano, era o professor da tecnologia orgânica era Otto Rothe, R-O-T-H-E e o da tecnologia inorgânica era Raphael Crespa de Barros.

NA: Esse segundo nome que eu não entendi ....

OM: Crespa

NA: Crespa, isso é pras transcritoras, ficarem .... escreverem direitinho depois. É... isso já é terceiro ...

OM: Isso já é terceiro ano e o quarto ano, eu tenho que compor isso ....

NA: Quer dizer que é o seguinte: esses quatro anos de faculdade, é um time de professores homens .....

OM: Professores ....



NA: Nenhuma mulher?

OM: Não, tinha só a assistente. Tinha a assistente, na química analítica tinha a Dilza, Dilza era química analítica assistente do Doutor Aníbal Bittencourt, Dilza Miranda.

NA: Ela era professora assistente ...

OM: Professora assistente. Na microbiologia professora assistente do Doutor Muniz Aragão, tinha a doutora ... professora Hebe Labarte Marteli ...

NA: Labarte?

OM: É, e depois é recentemente ela foi indicada como professora emérita da escola de química ....

BC: Hebe Labarte?

OM: Hebe com h ...

NA: Labarte Marteli?

OM: Labarte Marteli. E eu acho que era só depois que nós saímos ...

NA: A senhora saiu em que ano?

OM: Eu sai em 1949. Depois que nós saímos a cadeira de química orgânica, aí entrou que até .... (Heloisa Biassouto Mano), que era titular da UFRJ e tem até um Instituto de macromoléculas com o nome dela.

NA: Dela.

OM: Ela foi professora da cadeira, depois que nós saímos.

NA: Depois que a senhora saiu.

OM: É, porque ela era mais velha do que nós, ela formou-se na nossa frente. Aí ela foi pro exterior e quando voltou fez concurso e aí assumiu a cadeira de ....

NA: A professora Aida foi sua colega?

OM: Não, não foi.

NA: Ela não foi desse período?

BC: Não, ela era mais velha.

OM: É.

NA: Ela já saiu antes.

OM: Quando eu fui pra Escola ...

NA: Já tinha saído.

OM: Eu fui conhecer a Aida... de nome eu conhecia, porque a gente sabe os alunos que se formaram... fulaninho foi da Escola e tal....

NA: É claro.

OM: Mas eu só fui conhecer a Aida mais proximamente na década de 70, quando fizemos parte, ela e nós, Emílio e eu, fizemos parte de uma comissão organizadora de um congresso internacional em homenagem ao professor Fritz Feigl.

NA: Ela falou pra gente, ela falou.

OM: Aí nesse momento, é que nós conhecemos mais proximamente a Aida ....

BC: Acho até que ela tinha uma foto, não é Nara?

NA: Ela tem uma foto tão bonita ....

OM: Pois é ...

BC: Acho que vocês estão ...

NA: Eu me lembro, ela mostra ela ... fala de vocês, ela mostra vocês ...

OM: Eu tenho também essa foto. Agora tenho que encontrar, todas as fotos até da ..da platéia ....

NA: A senhora vai procurar pra gente, né?

OM: Mas a Aida não procurou, não achou pra vocês?

NA: O problema da fotos dela sabe o que que é?

OM: O que?

NA: Aliás, a sala dela é linda, mas só que pra gente que quer ir lá fotografar aquilo, não ... é complicado, ela colocou tudo nuns quadros, né?

OM: Ah, sim ...

BC: Aí atrapalha ...

NA: O vidro atrapalha, eu não vou pedir pra tira aquilo dali, não é possível ...

OM: Não. Se eu encontrar eu trago pra vocês. O difícil é encontrar porque eu disse a você, que eu juntei num quarto de empregada depois quando sai domingo pior ainda juntei .. e

agora eu fui agora pra UFRJ... estou levando o material, separados, que eu tenho mania, né? E vou copiando, copiando e não cabe mais nada na minha casa e então ...

NA: Vou tentar convencer a senhora a doar esse material...

OM: Olha, eu posso até doar sim , eu posso até doar ...

NA: Mas primeiro antes de falar isso, eu vou levar a senhora antes pra vê os arquivos de todo mundo que ta aí, a senhora vai ver porque tem ...

BC: Tudo organizado...

NA: Tudo organizado, tem profissionais...

OM: É engraçado, o que vai acontecer, eu já disse pra minha família. Eu tenho que organizar isso, pelo menos saber o que é e o que não é, porque quando eu morrer ninguém vai entender nada.

NA: Vão colocar fora ..

OM: Vão jogar fora. Isso aí é uma coisa que eu encontrei hoje.

NA: “En passant”....

OM: “En passant”. Não sei se é coisa que interessa pra vocês ou não ...

NA: Olha só.

OM: Isso aqui é ... é que nós publicamos um livro, esse livro também tem história. Tem uma história interessante, se você quiser eu conto. Eu recebi (...) e eles pediram de cada autor uma foto.

BC: É a senhora é?

OM: É, sou eu.

NA: Mil?

OM: Pois é, 1961, foi quando o livro foi publicado.

NA: Como é que chama o livro?

OM: Em português... nós fizemos primeiro em português porque nós queríamos que o Instituto, que tinha uma série de publicações, monografias, né?

NA: Sim ...

OM: Nós queríamos que o Instituto publicasse ....

NA: Claro.

OM: Que nós estávamos trabalhando eletroforese, nós dominávamos o assunto eletroforese em papel naquele tempo ...

NA: Sim...

OM: Nós dominávamos o assunto tínhamos muito resultados, muitos trabalhos e tal. Nós escrevemos: o Emílio, o Luiz Paulo, Luiz Paulo Ribeiro e eu. Escrevemos aquele texto, estávamos com tudo pronto e entregamos a uma instituição pedindo, sugerindo que publicasse aquela monografia. Ficou com o diretor ...

NA: Era o Travasso da Rosa?

OM: Não, era o Travasso da Rosa não.

BC: Era quem?

OM: Era ... o nome fugiu, não importa. Eu vi bem o nome que você falou .... não tinha?????

BC: Não era o Milton não, né?

OM: Não, não era não.

NA: Se era nos anos 60, não pode ser...

OM: Não, em 61, já vou lembrar. Bom, e aí ele ficou com os originais ...

NA: Originais ...

OM: ( falando baixinho) O Luiz Paulo (...) “Não vou publicar isso, o Instituto não pode publicar isso”. Mas como não pode? “Não, porque vocês são simples bolsistas, não podemos publicar”. Então .... (falando baixinho)

NA: É estranho, hein? Não, tem importância isso não ... Luiz Paulo de?

OM: Ribeiro (falando baixinho)

## **Fita 2 – Lado A**

NA: Se a senhora tá falando dos anos 60, só pode ser 61, sabe quem é? 61, é o Travassos da Rosa ....

OM: Não, lembro o nome ...

NA: Porque é assim: Tito Cavalcanti, Travassos da Rosa... eu sei de tudo isso. Laranja... a senhora lembra dele?

OM: Lembro.

NA: Olímpio... Laranja .... Xavier ....

OM: Xavier .

NA: Mas então não é 61....

OM: 58, 59...

NA: Xavier foi diretor na época do Juscelino. Não, era o Presidente da República que nomeou ele... foi o Café Filho, logo depois do Getúlio. É, 55.

OM: 55. Então está certo, pode ser. Porque o livro estava escrito e ainda era um manuscrito ...

NA: Sim...

OM: 55, 56 ....

NA: É, pode ser por aí .... mas logo em seguida ....

OM: 61, já foi a edição ...

NA: Em inglês ...

OM: Que demorou um tempo. Então, deve ter sido isso: 56, 57, por aí ... Então... aí o Emílio ... o Luiz Paulo disse: “ Otília.. eu vou pegar esse manuscrito, a qualquer custo, nem que seja .. palavras do Luiz Paulo, nem que seja pra eu fazer uma fogueira aqui no pátio”....

NA: O Xavier trabalhava em que área? A senhora lembra?

OM: Não sei.

NA: Mas ele não era químico ...

OM: Não sei...

NA: Acho que não ....

OM: Eu era ... sabe o que é estagiária, bolsista, tímida? Eu fazia o meu trabalho e ... não tinha assim .... não entrava no laboratório dos outros. Eu fazia muita cerimônia, entendeu? Eu não sei, mas alguém aí já deve ter dado esse depoimento. Não sei se era ?

NA: O Xavier?

OM: É.

NA: Não, eu (...)

BC: O que o Luiz Paulo fez pra?

NA: Aí o que aconteceu?

OM: Não sei o que ele fez ...

BC: O Luiz Fernando me disse que esse é o primeiro livro em que ele é citado ...

OM: Luiz Fernando é quem?

BC: Luiz Fernando Pinheiro ...

OM: É? Esse livro nosso?

BC: É...

OM: Pois é. O Luiz Paulo era muito amigo do Luiz Fernando, é isso mesmo. Luiz Paulo era muito amigo. Não sei o que é ele fez, sei que ele foi e eu acho que o Emilio também foi .... deve ter falado muito duro, eu não sei o que foi, bater não bateu....

NA: Conseguiram recuperar o livro?

OM: Conseguiram recuperar o livro, ficamos com aquele monte de papéis assim ... e agora? Bom nós vamos arranjar quem ....

NA: Quem publique.

OM: Conseguimos no IBGE. Tiramos uma tiragem pequena, aí eu acho que foram mil exemplares e resolvemos fazer uma distribuição gratuita ...

BC: Nossa!

OM: Distribuição gratuita. Distribuimos pra bibliotecas, para professores que tivessem ... estivessem preposições para as quais o livro pudesse ter interesse... o Brasil inteiro.

BC: E era um livro pioneiro, né? Por conta do tema, não era?

OM: É, pois é. A eletroforese antigamente... a eletroforese livre que era usada .... em papel com suporte, não fomos os pioneiros, não fomos. Mas aqui não tinha ... e já tinha livros no exterior também conhecia o assunto, não fomos ... não foi o primeiro livro nesse assunto. Mas aqui foi o primeiro e nós fizemos uma compilação de ... levantamento, de aplicações em várias doenças, fizemos uma coisa assim bem ....

NA: A senhora fez isso ainda?

OM: Tenho. Fizemos uma introdução teórica.... depois, aí começou a chover cartas do Brasil inteiro pedindo o livro e nós não tínhamos. Eu tenho até pena, hoje .. hoje eu lamento, não sei se tem ... porque o material do Doutor Vilela ficou todo conosco, porque ele faleceu repentinamente e aí nós demos pra família e aí eu não sei o que foi ...mas eu vi uma carta de um professor de Minas... que Doutor Vilela que ele queria muito, precisava muito do exemplar do livro escrito pelos seus assistentes. A palavra é essa: seus assistentes. Junto com essa correspondência que chegou, chegaram também correspondência de editores estrangeiros. (... Press), Academic Press...querendo o direito

de publicar o livro em inglês, entende? Aí mandavam as propostas e o Luiz Paulo, eu não interferi nisso... o Luiz Paulo e o Emílio estudaram, escolheram a (...). A única imposição é que ela fazia questão que a tradução fosse feita para o inglês por pessoa natural de país de língua inglesa ...

NA: Certo...

OM: Entende? Então nós tínhamos o seguinte problema: pessoa natural de língua inglesa e que fosse ligada a área, pra poder entender as coisas ....

NA: Os termos técnicos ..

OM: Estava trabalhando na biofísica Charity Cole, que era americana. Fomos a ela ...

NA: Como é o nome dela? A senhora pode pronunciar que eu sei escrever ...

OM: Eu não sei a pronuncia clara, escreva aí: C-H-A-R-I-T-Y Cole, C-O-L-E ela trabalhava no Instituto de biofísica ....

NA: Sim.

OM: Falamos com ela, ela concordou, foi remunerado, não é ...

NA: Claro, claro.

OM: A editora que fez a remuneração e aí foi. Aí a direção perguntou se nós queríamos colocar o nome do Instituto (risos). Mas nós íamos botar, né? Quer dizer, não propriamente como sendo obra do Instituto, mas dizer que nós éramos do Instituto...

NA: Oswaldo Cruz, claro.

OM: E do IBGE também colocamos, porque tinha que ser feito em algum lugar, mas não era publicação do Instituto....

NA: Vocês já estavam trabalhando, com eletroforese já há muito tempo?

OM: Já desde, desde que .... eu entrei pra lá em 53 fazendo um curso, em 54 outro curso e aí fui convidada pra ficar né? Logo em seguida, em 55 começamos, em 55 já publicava fazendo isso ....

BC: Mas a senhora vem fazendo curso sobre eletroforese aqui, não?

OM: Não, fui fazer curso de bioquímica ...

NA: Do curso de aplicação?

OM: Fiz o curso de aplicação depois .....

BC: Mas na década do Olimpio eu fiz vários cursos sobre ....

NA: É, mas o Olimpio não estava mais aí...

BC: Anos 50, início dos anos 50 ....

NA: Não, ele morreu em 53. Ele estava aí ainda quando a senhora chegou?

OM: Ele estava ... agora não sei ....

NA: Ele era o diretor ainda?

OM: Não sei se ele era o diretor, mas eu acho que era.

NA: Não, depois que ele saiu foi horrível, a situação que ele saiu foi péssima, uma coisa. A senhora estava falando, lembra? Que a senhora estava falando, foi uma coisa pública teve cartas em jornal pra ele sair ....

OM: Eu sei, sei.

NA: É, foi uma coisa terrível. É verdade que acho ....

OM: Mas ele estava quando eu ...

BC: Com discursos assim que ...

NA: É, foi o que ele inventou isso, mas o curso de aplicação depois ....

OM: Retornou, é isso mesmo. Eu fiz em 1959 o curso de aplicação ....

BC: Retornou...

OM: Foi um curso de um ano inteiro, Ele chamava curso geral de Imunologia, se não me engano. Parece que tinha uma coisa de inumologia ...

NA: Mas a senhora ... quando entrou pra divisão de?

OM: Não, eu fui fazer esse curso e que era ....

NA: Bioquímica.

OM: Era, o curso era .... o primeiro que eu fiz era de bioquímica e .... o segundo foi bioquímica das vitaminas. Teve dois cursos ...

NA: E quem é que dava esse curso?

OM: O Doutor Vilela. E o assistente dele eu acho ....

NA: Proteínas ...

OM: Eu acho que o Doutor Luiz Augusto de Abreu. Eu acho que deu uma ou algumas aulas ....



NA: Esse bioquímica de vitaminas, é de proteínas?

OM: Não, não de vitaminas não. É de vitaminas mesmo. E o outro é bioquímica.

NA: Bioquímica geral.

OM: Bioquímica geral e depois bioquímica de vitaminas. Quando eu terminei o curso eu fui pra casa, não tinha pretensão nenhuma lá, e uma bela noite o Doutor Vilela no telefone: “Otília quem fala é o Gilberto Vilela”. Ah, ta tudo bem? Tudo bem, tudo bem. “Estou lhe telefonando pra convidá-la pra vir trabalhar comigo”, Pode imaginar o que é que isso? (risos) Que emoção, que emoção. Fiquei sem saber o que dizer, aquilo era demais pra mim ... era demais, era uma coisa que jamais sonharia, né? Ele disse. “Então venha amanhã conversar comigo no meu laboratório”. Era o dia quatro de outubro ...

NA: Ela não esqueceu.

OM: E por coincidência era aniversário do Luiz Paulo, que eu não conhecia ...

NA: De novecentos e ....

OM: Bom, aí também ....

NA: 54 ...

OM: 54. E aí eu não conhecia Luiz Paulo. Por coincidência, quando eu estava... a emoção que eu senti aquele dia, quando eu subi aquelas escadas, quando eu fui me inscrever, subindo aquelas escadas da ....

BC: Só pra fazer um curso né? Quando foi se inscrever pra fazer o curso?

NA: No castelo? No castelo mesmo.

OM: Você não pode imaginar a emoção, como se eu estivesse ali absorvendo toda a ciência do mundo. Mas eu não estou exagerando o que eu sentia ... meu coração batia aqui!

BC: Nervosa...

OM: Eu fiquei deslumbrada, não era nem nervoso, era emoção mesmo. Porque aquilo representava a ciência, representava... os fatos daqui, né? Os mestres, representava aquilo tudo! Mas foi uma emoção muito grande que mesmo eu descrevendo...eu conto isso a toda hora, mas não consigo dar as pessoas...

NA: A dimensão, né?

OM: A dimensão do que foi. Isso foi quando eu subi pra fazer minha inscrição. Agora, imagina depois, quando Doutor Vilela me convidando pra trabalhar ali? (risos) Aí quando eu fui ... já subi a escada e já fui contornando... quem é que vem lá do alto? Uma pessoa assim: “Otília”! Eu não conhecia, era o Luiz Paulo. Porque ele sabia que estavam me esperando e era eu....ou ele me viu quando eu estava fazendo o curso....

NA: O curso a senhora fez aonde?

OM: No Instituto ...

NA: Mas era onde? Já tinha pavilhão de curso?

OM: O de microbiologia ....o geral tinha.

NA: A bioquímica ...

BC: Mas isso foi depois, mas quando a senhora fez aqui ....

OM: Não. Em alguma sala por ali embaixo, no Castelo. Não localizo bem.

NA: De aplicação já é no curso ...

OM: Dentro do curso. Aí então eu fiquei, não é?

NA: Mas eu lhe perguntei sobre a ... quando a gente começou esse assunto de Instituto Oswaldo Cruz. Mas vamos voltar um pouquinho ?????

BC: Aí ...que essa foto saiu no livro ...

OM: Não, não saiu, mas eles pediram.

BC: Mas eles pediram. Seria uma foto pro livro?

OM: Então, o Luiz Paulo e o Emílio todos tem uma foto idêntica, desse tamanho, dessa época. Eu acho que era algum catálogo deles .....

NA: Pode ser.

OM: De propaganda com nome dos autores do livro, não sei. Eles pediram a foto...

NA: Deixa eu lhe fazer uma pergunta. A senhora terminou a faculdade... antes da gente ver as fotos, a senhora terminou a faculdade em 49. E aí, o que aconteceu?

BC: Mas eu queria saber um pouquinho antes, porque a gente tinha falado um pouco dos estágios e o último que a gente falou estava no Instituto de Química Agrícola. Depois a senhora fez estágio em algum outro lugar? A senhora teve em Manguinhos enquanto estudante?

OM: Não, nunca tinha estado.

BC: Ou seja, o contato com o estágio e pesquisa foi no Instituto de Química Agrícola.

OM: Foi no Instituto de Química Agrícola ....

BC: Depois, durante a faculdade, teve algum outro estágio?

OM: Não. Durante a faculdade não. Teve o da Casa da Moeda.

BC: Sim, Casa da Moeda e o Instituto ...

OM: Da Casa da Moeda que era ali na Praça da ....

NA: Praça da República.

OM: Praça da República.

NA: Aí a senhora terminou a faculdade e como é que é?

OM: Aí ...

NA: O que aconteceu?

OM: Aí aconteceu o seguinte: que não consta e nem faço constar isso no meu currículo. Realmente vocês estão tocando num ponto que fica meio escondido....

BC: Não está registrado.

OM: Não está registrado. Eu ainda não era formada e uma química, que tinha sido formada pela Escola de Química e trabalhava numa indústria farmacêutica, ia casar e queria deixar uma pessoa no lugar. Não queria sair sem arranjar um substituto e foi me chamar: “Otília...” Eu não sou formada! “Não, o trabalho lá é muito simples é só um acompanhamento e tal”. Aí eu aceitei mais pra ajudá-la, porque ela precisava sair do cargo e ela não queria deixar. Então eu fiquei lá ....

NA: Que indústria foi essa? O nome? (risos)

OM: É o Laboratório Gross ...

NA: Mas não existe mais hoje.

OM: Existe ...

NA: Laboratório Gross? Eu nunca ouvi falar ...

OM: Existe.

BC: É nacional ...

OM: É nacional.

BC: É indústria nacional é dos .... últimos resistentes. Isso é antigo ...

OM: Muito antigo. Fundado... olha, eu não sei. Isso é muito antigo. Porque quando eu me formei, quem estava a frente era o filho do fundador. E antes dele quem tinha estado era a irmã dela que é médica, Doutora Mercedes Gross. E ela foi casada com Leonel Miranda.

NA: Ah, é? Foi ministro.

OM: Foi ministro depois. Mas ela não foi a fundadora, foi o pai dela.

BC: O pai dela...

OM: Então, você vê o como é antigo o laboratório ...

BC: Era amigo do ... Luiz Fernando ....

OM: O Leonel Miranda? Ah, o Gross.

BC: Ele tinha uma revista científica ...

NA: O pai?

OM: Amigo do pai. Ele tinha uma revista científica, mas eu acho que é mais antigo do que pai do Luiz Fernando.

BC: Não, o Luiz Fernando entrou aqui 68, 67. O Doutor Oscar era do início do século, anos vinte estava na faculdade ...

OM: O Luiz Fernando é mais novo que a Doutora Mercedes. E o fundador foi o pai dela. Então você vê que é muito tempo...

BC: Foi o início da indústria farmacêutica.

NA: Mas é ... essa indústria farmacêutica era nacional?

BC: Era um hospital, o nome da revista ...

OM: O hospital ....

NA: O hospital era dele? Do pai?

BC: É, ele financiava ...

OM: Podia financiar mais.

NA: O hospital era do início do século vinte, se não estou enganada.

OM: É ...

BC: Século vinte?

OM: O hospital é.

NA: Era do início do século, não é? Não é, Dona Otília?

OM: Mas eu não lembro de ter visto o nome do Grossi ....

NA: No hospital ....

OM: Nos créditos do hospital. Porque no meu tempo de 55 ...

NA: Não podia financiar. Vê com o Luiz Fernando que o Luiz Fernando sabe ....

OM: Pode ser, pode ser.

NA: Porque essa é uma revista muito tradicional e muito importante no Brasil para a área médica.

OM: Muito, muito importante.

NA: Muita gente escreveu nessa revista, era uma das poucas que tinha pra escrever, não é? Na área de medicina ...

OM: Nós mesmo publicamos...

BC: Eu vou checar isso.

OM: É o Luiz Paulo...

NA: Porque, por exemplo, a área de química e bioquímica tinha revista própria nos anos 40, 50?

OM: Aqui não.

NA: No Brasil não tinha....

OM: Não, não. Agora tem (Brazilian Journal), que tem muita, muito ...

NA: Por que vocês publicavam onde?

OM: No exterior ou então nas memórias.

NA: Sim, do IOC.

OM: Mas nós evitávamos publicar nas memórias. Até me lembro que um dia, o Marcos Coogam ...acho que foi ele ....

NA: Como?

OM: Acho que foi Marcos Coogam.

NA: Coogam?

OM: É, que fez concurso conosco. Não sei se ele ainda está lá, não sei.

NA: É c-o-o?

OM: G-a-m. Eu acho que é isso, mas posso... isso eu tenho. Ele um dia chegou pra nós, ali no estacionamento: “Escuta aqui, porque é que vocês não publicam nas memórias?” Nós até publicávamos de vez em quando. Mas porque não tinha a divulgação, não atingia um público de uma revista estrangeira.

NA: Nessa época ela já era só em português, né?

OM: É...

NA: Não era bilíngue...

OM: Não sei se era só em português.

BC: Originalmente ela não foi bilíngue?

NA: Ela originalmente ela foi bilíngue, mas nessa época ela só estava era só português mesmo.

OM: Não sei, não posso afirmar não. Isso é fácil de ver na biblioteca, né? Eu sei que diz isso porque simplesmente a gente publica ali.

NA: E ninguém lê.

OM: Ninguém lê, ninguém lê. Lia muito, até hoje, a parte de entomologia...

NA: Sim...

OM: Essa é a parte muito .... mas hoje ....

BC: Química não era muito forte?

OM: Química não. Aqui?

BC: É....

OM: Mas no Instituto não.

NA: Mas, independente de tudo isso que a senhora falou agora das memórias, mas .. no Brasil qual era a revista pra área de química?

OM: Não tinha, não tinha.

NA: E bioquímica?

OM: Pois é, também.

NA: Bioquímica não tinha nada em São Paulo?

OM: Não, naquele tempo eu acho que não.

NA: A Sociedade de Bioquímica é de quando? Você que está envolvida nisso.

OM: Você está tocando num ponto, que eu acho que se eu pudesse eu pesquisava.

NA: Então faça isso.

OM: Eu não sei como. Eu vou te dizer uma coisa que... (interrupção)

OM: Mas aí eu não posso provar isso ....

NA: Mas não tem importância, a senhora ta dizendo “não posso provar”. Ela não pode provar...

OM: Eu posso até perguntar as pessoas que estavam... algumas eu sei, porque tem uma, a Regina Raposo de Abreu que foi do laboratório ...

NA: A Regina Abreu trabalhou com a senhora?

OM: Trabalhou, por quê?

NA: Porque eu já vi muitos projetos dela no CNPq, e não sabia quem era ...

OM: É, Regina Raposo de Abreu ...

NA: Ela trabalhava com o quê mesmo? Ela é química de formação também.

OM: Ela é química de formação, da Faculdade de Filosofia.

NA: Os projetos dela são muito aprovados durante muitos anos no CNPq. Eu tenho os nomes do projetos, o nome dela ....

OM: É... e Abreu porque... o marido dela, né?

NA: Trabalhavam juntos?

OM: Trabalhavam juntos, eles trabalhavam juntos....

NA: Os dois juntos.

OM: Ele é médico e ela química.

BC: Regina Abreu. E ele?

OM: Luiz Augusto de Abreu.

NA: Também era daqui.

OM: É, o Abreu chegou a ser chefe de departamento, quando o Doutor Vilela se aposentou, ele assumiu a chefia do departamento...

NA: Depois a gente vai voltar isso. A senhora ta dizendo que não pode provar, mas em algum momento...

OM: Foi fundada a Sociedade Brasileira de Bioquímica, no laboratório do Doutor Vilela. Eu sei que a Regina assinou a ata, eu também, os estagiários todos assinaram. A Regina também era bolsista, né? Ela assinou porque ela disse: “Otília até hoje eu mantenho no meu currículo essa informação: fundadora da Sociedade de Brasileira de Bioquímica”.

NA: E os paulistas não acham nada bom isso por quê?

OM: Não, eu não sei se acham. É isso que eu quero saber, se é a mesma sociedade. Eu queria ver o documento de fundação da Sociedade Brasileira de Bioquímica ....

NA: Mas a sociedade brasileira de bioquímica, essa que existe hoje, foi fundada quando?

OM: Mas é isso que eu quero saber.

BC: Ela não sabe se é a mesma ou .....

OM: Se foi a mesma ... e que consideram este momento daqui, mas eu acho que não, em nenhum momento ...

NA: Quem pode nos dizer isso? O Elói e o Morel, que são da Sociedade de Bioquímica....

OM: Eu também sou da Sociedade Brasileira de Bioquímica, mas...

NA: Mas a senhora lembra quem fundou?

OM: Pois é, é isso que eu quero ver se a Regina lembra. Abreu, Regina, Fontana, Luiz Paulo, Emílio, eu, o Doutor Vilela... Agora, nós éramos os pequenos.

NA: Sim a grande maioria

OM: Os pequenos, os pequenos. Eu acho que estava o Doutor Haity Moussatché ,entendeu? Eu acho que estava o Doutor Ubatuba ...

BC: Mas é comum essas sociedades, em alguns momentos, homenagearem os membros fundadores, não é? Nesses momentos esse nomes não aparecem? É isso que a senhora ta dizendo?

OM: Nunca vi.

NA: O Walter não fazia parte?

OM: O Walter Cruz?

NA: É.

OM: Não.



NA: Não fazia parte?

OM: Não, Walter Cruz era do departamento de patologia.

NA: Mas da Sociedade Brasileira de Bioquímica. O Walter acabou trabalhando com bioquímica, né? De sangue.

OM: O Leopoldo Miguez foi até estagiário dele. Ele trabalhou com sangue, claro.

NA: Não era a linha de pesquisa de vocês mas era ...

OM: Quando eu digo não, eu digo não me lembro da pessoa dele no nosso laboratório pessoalmente.

NA: Não, não no laboratório não, mas na Sociedade?

OM: Houve uma ata, eu não devia nem falar isso aqui com vocês.

NA: Por quê? Por favor!

OM: Porque eu queria antes pesquisar ...

BC: Mas é que antigamente nunca existiu uma homenagem na sociedade pros membros fundadores...

OM: Não, não aí eu me pergunto porque. Houve uma ata. Provavelmente não houve um registro oficial, um documento publicado no Diário Oficial. Provavelmente isso não foi feito. Agora, porque não foi feito?

NA: Só se criou a Sociedade a partir desse momento, para a senhora?

OM: É, bom ... só que eu .. eu sempre fui. Depois, mais tarde, continuei assinando lá. A Regina, ela disse “Otília, eu coloco no meu currículo fundadora da sociedade”. (risos) Ela não entende porque que de repente deixou de ser.

NA: A senhora começou a participar de congresso quando, na Sociedade Brasileira de Bioquímica?

OM: Indo mesmo, quando era aqui no Rio participava. Indo a Caxambu, que agora tem todos os anos...

NA: É, Caxambu.

OM: Foi em 78...

NA: Primeira vez que a senhora foi.

OM: Quando eu fui pro Inca, porque Doutor ... queria que eu ... ele estava... fortalecer uma pesquisa lá no Inca, porque só tinha um pesquisador ou outro, então nós fomos. Até

o Abreu e a Regina (...) o preço da viagem, não queriam ir... nós fizemos força e ele acabaram indo também. Fomos, levamos nossos filhos, em setenta e oito.

NA: Essa reunião é antes de Chagas, é no Hotel Glória.

OM: No Hotel Glória.

NA: Tem a Sociedade de Bioquímica que se reúne primeiro e uns dias depois começa a reunião de Chagas.

OM: É isso mesmo.

NA: Aqui já trabalhamos em uma pesquisa da doença de Chagas. Fiz trabalhos com pesquisadores da doença de Chagas. Mas vamos voltar. Indústria...

OM: Foi muito pouco....

NA: O seu trabalho era o que?

OM: Era controle de qualidade.

NA: O que eles faziam? Medicamentos de quê?

OM: Os mesmos de hoje. O Atroveran existe, o (Bariogel), que não é (Celobar) que existe hoje, aquele horror. Duvido que Gross fizessem uma coisa dessa, pelo menos naquele tempo. Eu acredito que a seriedade lá continue a mesma, gente muito séria, muito criteriosa. Não vejo possibilidade do Gross fazer o que esse (Celobar) fez, que foi juntar, querer economizar usando carbonato de bário.

NA: Foi horrível.

OM: Aquilo uma coisa horrível....

NA: Aquilo matou gente ...

OM: Pois é, podiam experimentar mas tinham que fazer um teste.

NA: Aquilo foi terrível.

OM: Tinha muitos. Tinha atroveram injetável... tinha o atroveram gotas, que até hoje eu vejo nas farmácias... É muito usado. Ainda recentemente uma pessoa disse “Toma atroveram e passa” (risos). Eu sou avessa a remédio, não é? Mas tinha muitos produtos e a maioria deles formulados pelo fundador.

NA: Sim ...

OM: E outros pela Doutora Mercedes.

NA: Sim, a filha.

OM: Que era uma pessoa muito dedicada ao laboratório.

NA: Funcionava onde?

OM: Na rua Barão de Itambi, em Botafogo.

NA: Quando a senhora parou de trabalhar. A senhora ficou quanto tempo lá?

OM: Ah, fiquei pouco tempo assim, né? Porque quando começavam os cursos de...

BC: A senhora estava formada?

OM: Não. Depois de formada... já tinha mais uma farmacêutica lá e eu fui ficando. Aí eu fui fazer os cursos no Instituto Oswaldo Cruz, não é? 1953...

BC: Então, a senhora ficou lá uns quatro anos ....

OM: Não, fiquei meses. Como não formada fiquei meses.

NA: E aí ?

OM: Pois é, aí eu continuei lá trabalhando.

NA: Foi contratada, com carteira assinada e tudo.

OM: É, foi.

NA: Tinha carteira assinada?

OM: Tinha.

NA: Mas aí a senhora foi fazer curso em 53, a senhora ficou lá uns três anos.

OM: Aí eu pedi demissão pra fazer o curso.

NA: É como é que isso aqui apareceu? Porque a senhora veio fazer o curso?

OM: Porque eu não me interessava mais.

NA: É um trabalho meio chato?

BC: Muito técnico, era muito técnico?

OM: Muito limitado.

NA: Uma coisa meio burocrático assim ...rotineira.

OM: Era de laboratório.

NA: Sim, o controle de qualidade que a senhora falou. Não tinha pesquisa, não tinha um grupo de pesquisa dentro do laboratório.

OM: Não, não tinha.

NA: A senhora sabe que essas indústrias grandes farmacêuticas tem equipes de pesquisa enormes, não é?

OM: Eu também não era da área de farmácia, eu também não tinha essa base para criar produto novo... Se bem que se eu tentasse qualquer coisa, teria que passar evidentemente pela aprovação da diretoria.

NA: Numa empresa tem que ser assim.

OM: Doutor Renato, era irmão dela Doutor Renato Gross, então eu pedi demissão porque eu queria fazer outras coisas eu queria aprender.

NA: Mas a senhora já tinha ouvido falar do Instituto Oswaldo Cruz?

OM: Já ...

NA: Mas a pesquisa biológica, como é que isso apareceu pra senhora?

OM: Meu Deus do céu (risos). Você tem filhos?

NA: Não, não tenho filhos.

OM: Mas tem sobrinhos?

NA: Tenho.

OM: Tem alunos pequeninos, tem primos, tem descendentes? Qualquer criança sabe do Instituto Oswaldo Cruz (risos), não é?

BC: Não sei, hoje eu não sei.

NA: Ótimo a senhora ter falado isso, porque vai ficar gravado. Porque era assim, né? Na época todo mundo sabia, não há quem não soubesse, não havia quem não soubesse.

NA: O que era? O que se dizia?

OM: Ah era isso, era um centro de pesquisa, aonde não só se fazia pesquisa assim, mas como se ... aliás pesquisa na parte saúde pública, não é? Vacinas, tentar combater as doenças...

NA: Mas o que uma química fazia aí dentro do Instituto Oswaldo Cruz? A senhora veio pelo curso também, né?

OM: Pois é. Eu vim pelo curso e não fiz, sinceramente falando, com a pretensão de ficar. Porque aquilo era coisa era inatingível pra mim, entendeu? Eu fui pra adquirir conhecimentos mesmo, o objetivo foi esse.

NA: Esse curso a senhora viu anunciado aonde?

OM: Ah, jornais... e pessoas que já tinham feito, colegas meus da faculdade da escola de química já tinham feito no ano anterior, entendeu? Uma colega de turma, minha colega de turma, que já tinha feito no setor de química orgânica e ... um estágio, alguma coisa, então ... eu sei que estava aberto pra cursos, pras pessoas de fora, então foi isso que me atraiu: o querer aprender, o querer conhecer alguma coisa. Eu gostei muito da cadeira, eu gostava muito de lá, da Escola de Química, mas eu gostei muito da cadeira de microbiologia ....A cadeira de microbiologia me tocou muito, sabe?

NA: Por aí que a senhora fez a ponte talvez.

OM: Pois é. Então aí eu pensei: “vou aprender alguma coisa a mais, foi por aí que eu vim”.

NA: E a senhora gostou do curso de bioquímica?

OM: Ah, gostei.

NA: Estudou química geral, né?

OM: Química geral, gostei.

NA: Quem era o Coordenador? Era o Vilela ...

OM: É, o Doutor Vilela, doutor Gilberto Vilela.

BC: Apresentava a faculdade em relação a...

OM: Ah, sim. Porque o que eu aprendi era em relação, vamos dizer, a indústria propriamente, né? A bioquímica que eu vi lá, foi praticamente de fermentações.

NA: Sim, microbiologia de fermentações...

OM: Açúcares, essa coisa.

NA: Quer dizer , é todo um conhecimento voltado para aplicação industrial.

OM: Industrial, exatamente.

BC: A Escola de Química tinha esse objetivo?

OM: É, o curso era de química industrial. Então o objetivo era esse. É claro que se houvesse necessidade de ...

BC: Tinha muita ligação com a indústria têxtil na época? Isso eles não puseram...

OM: Não, não tinha propriamente. Mas acredito que colegas da Escola, alunos da Escola de Química tenham ido em algum momento para a indústria têxtil.

BC: Na época que a senhora veio fazer o estágio aqui, (...)?

OM: Não, foi depois. Quando nós nos formamos, antes de nos formarmos, nós estávamos no segundo ano... A Petrobrás, se não me engano, acho que foi fundada em 53, né...

NA: Não ...

OM: 51?

NA: Acho que 51, 50 por aí ...

OM: 51 foi CNPq.

NA: É, mas foi junto com o CNPq. A campanha do “Petróleo é nosso” eu acho que começa em 49.

OM: 49, pois é, foi conosco.

NA: A senhora estava induzida na campanha do “Petróleo é nosso”?

OM: Ah, emocionalmente eu estava, um dia .... vou falar baixinho...

NA: Mas porque falar baixinho? Todo mundo participou ! (risos)

BC: Todo mundo gritava ....

OM: Mas o que eu vou falar agora é pra justificar o meu emocionalmente ....

## **Fita 2 – Lado B**

NA: Na secretaria com ... a Cláudia ou o Gelson ...

BC: Mas eu acho que tem na nossa sala...

NA: Tem na nossa sala? O petróleo é nosso, em 49 ....

OM: Ah, bom então deixa está ....

NA: A senhora estava falando do grupo ....

OM: Ah, não, não ... você falou: “você participaram?” Um dia eu vim, isso é que é ... ridícula... um dia eu estava vindo ... um dia eu estava vindo pra escola, de manhã cedo, e vi nos jornais: O Brasil está a bancarrota, bancarrota no Brasil”. Era só isso, não foi a Petrobrás nessa história, foi antes...foi em 47. Aquilo foi me dando uma agonia... meu Deus, (...). Gente, gente ... vem cá, olha só, temos que resolver, temos que fazer alguma

coisa! Juntou aquela turma, minha avó... O que é? Temos que fazer alguma coisa ... “O que foi que aconteceu, Otília?” O Brasil vai a bancarrota .. o que aconteceu? Foi uma gargalhada geral.

NA: A senhora nunca esteve envolvida com partido político, não?

OM: Não, nunca.

NA: Nunca.

OM: Nunca.

NA: Na faculdade não tinha movimento estudantil envolvido com partido político, não?

OM: Assim como existia depois não. Tinha alguns que eram representantes da UNE, da...

NA: Metropolitana...

OM: União Estudantil e o outro União Nacional. Tinha os representantes, a escola tinha que ter representantes. E o outro o DCE, Diretório Central Estudantil.

BC: Antigamente chamava Diretório Central de Estudantes.

OM: Central de estudantes.

BC: Tinha o DA, né?

OM: É, diretório acadêmico ...

NA: Mas a senhora nunca teve com partido político nenhum?

OM: Nunca, nunca.

NA: É bom mas aí em 49...

OM: Então em 49 ....

NA: A senhora queria resolver o problema do Brasil na bancarrota...

OM: De vez em quando: “Otília, você ainda quer salvar o Brasil? Quer tirar da bancarrota?” Pra você vê a emoção que havia em todos nós. O petróleo é nosso, né? Evidentemente.

NA: O seu pai apoiou o “Petróleo é nosso”?

OM: Claro que apoiou.

NA: O seu pai votava em quem?

OM: Olha, eu acho que se ele fosse votar atualmente... Eu até posso responder por ele, nunca perguntei em quem ele votava, mas tenho certeza de uma coisa: não seria no partido comunista.

NA: Mas ele votou no Getúlio, por exemplo?

OM: Eu não acredito, não acredito que tenha votado em Getúlio não.

BC: Mas a senhora diria que o seu pai era um liberal?

OM: É liberal. Mas politicamente ele não votaria num partido comunista não.

BC: Mas os liberais ... tinha uma diferença, que os comunistas (...)

OM: Mas em casa não discutíamos políticas.

NA: Em casa não?

OM: Não.

NA: Ele não falava de política em casa?

OM: Não. Eles até falavam, mas eu era assim ... diria assim... distante.

NA: Mas ele não era getulista, pelo o que eu estou vendo?

OM: Eu acho que não era Getúlio.

NA: Senão seria evidente, todos de política tinham em casa a foto do Getúlio ...

OM: Bom, isso era obrigado a ter, né? Nas repartições todo mundo tinha ...

BC: Nas repartições....

OM: Eu me lembro que eu tinha um estoquinho... no meu curso primário tinha um estoquinho de lápis, que a fotografia era do Getúlio. Agora, não sei quem comprou e quem me deu, né?

BC: Ah, foi a escola.

OM: Não, não sei.

NA: A sua mãe não?

OM: Olha só. Quando começou essa confusão aqui na Fiocruz, e que foi um momento horroroso, muita ameaça, muita coisa, nós nem falávamos. Eu me lembro, nem contávamos em casa, nem comentávamos, para não passar para a família a ansiedade, a agonia, a aflição que nós vivíamos. Só depois é que eles vieram a saber de alguma coisa...

NA: Bom, mas no “Petróleo é nosso” a senhora foi pra rua?



OM: Não.

NA: Na faculdade fizeram alguma manifestação?

OM: Fizeram certamente fizeram. Eu não estava lá naquela época.

NA: Eu me lembro que a senhora se formou em 49 ...

OM: Pois é ...

BC: Começou o movimento, a campanha ...

OM: É aquele movimento aquela coisa ...

NA: Essa coisa que a Bianca lhe perguntou sobre a Petrobrás... a Petrobrás acho que é de 50, 51, é por aí mesmo. É que eu não estava (...) direito.

OM: Tanto é que os alunos que se formaram pela escola de química, depois da minha turma, 50, 51, a maioria deles foi para a Petrobrás.

BC: Pois é, e a senhora não pensou nisso?

OM: Não, eu estava em outra área, né? Nem pensei. Até colegas de turma que foram...

BC: Mulheres?

OM: Mulheres, mulheres.

BC: Isso é controverso. A senhora conhece mulheres que foram contratadas e foram pra Petrobrás?

OM: Glória Oddone. Glória Oddone é com dois D. Ela e o marido. Acho que foram pra Inglaterra, fazer uma especialização, e voltaram contratados pela Petrobrás. Glória Oddone. Oddone com dois d.

NA: Logo no início?

OM: Pois é, logo no início eles foram pra fora e depois voltaram contratados ...

NA: Sabe por quê? Porque a professora Otília...

BC: Aida.

OM: Aida.

NA: Contou que era proibido, no início, mulheres não entravam na Petrobrás.

OM: Eu posso até procurar saber. No início quando?

NA: Logo no início: 51. 52 e tal. Ela falou: “ olha, eu nunca pensei ...” Ela também não queria fazer pesquisa, ela também nunca pensou em ir pra Petrobrás, não era o projeto dela mas ela tinha essa informação, que na Petrobrás no início não tinha homem não.

OM: Não tinha mulher.

NA: Não tinha mulher, desculpa. Não tinha mulher na área de pesquisa, a Petrobrás.

OM: Eu posso até procurar saber, porque essa minha amiga... a outra não foi pra pesquisa, não foi pra Petrobrás, essa a Jaci , a Jaci ... A Jaci foi para o Conselho Nacional de Petróleo...

NA: Sei ...

OM: Não era Petrobrás, mas ela foi e foi logo que se formou, em 51, ela já estava lá.

BC: E ela era da sua turma ...

OM: Ela era da minha turma. E depois, quando o Conselho de Petróleo acabou, ou foi transformado não sei, ela foi pra Petrobrás, foi para o CENPES. Mas aí já anos depois. Mas ela pode dizer, porque ela conhece as pessoas da Petrobrás, ela pode muito bem dizer. Eu nunca ouvi falar nisso.

NA: É. A senhora já estava lá ... na indústria farmacêutica, lá no laboratório ...

OM: Aí eu pedi demissão.

NA: Pediu demissão, vamos voltar então. A senhora pediu demissão, viu o curso...

OM: Agora esse pedido de demissão também tem história. Eu não gosto muito de falar nisso não, mas enfim... eles não me deixaram sair. Não me deixaram sair, não sei porque, porque eu não era uma pessoa imprescindível pra eles. Qualquer estudante formado ou recém-formada...

NA: Quer aguinha?

OM: Não, obrigada. Faria o que eu faria lá. Não deixava eu sair. Quem estava na frente na época era o Doutor Renato Gross.

NA: Renato?

OM: Doutor Renato Gross. A Doutora Mercedes não estava mais. Ele é que não deixava. Eu acho que era assim ... talvez pela dificuldade que ele achava que ia ser de arranjar alguém. Que não era dificuldade nenhuma, era só pegar o telefone, qualquer um e faria aquilo, eu não era nada demais. Mas não deixava. Aí o Doutor Renato... eu quero fazer um curso assim. “ Então a senhora tem o horário do curso, depois a senhora vem pra cá”. Terminou aquele curso, começou outro, não é? Aí, novamente, ele continuou não deixando e os anos passando. O primeiro curso foi em 54, né? Aí então eu ficava tão preocupada, porque afinal de contas eu tinha a responsabilidade, né? Então eu saía de Manguinhos e ia correndo pra Botafogo, pra chegar lá às 17 h, 17:30 h a ponto de ver como é que tinha fechado e tal. Assim fui ficando. Quando chego 56, insisti e nada.

Quando chegou... aí ele concordou em me dar as partes, acho que era a parte da tarde. Eu continuei insistindo e aí, anos depois, ele concordou em me dar três manhãs. (risos)

NA: Ele não queria de jeito nenhum ...

OM: Mas não tem nada de mais sinceramente ...

NA: Mas às vezes ele gostava da senhora ...

OM: Mas não na verdade ele não tinha vocação pra isso. (fala muito baixa)

BC: Qual é a formação dele a senhora sabe?

NA: Genético.

OM: (fala muito baixa). Mas os funcionários mais antigos diziam que (...) e que foi imposição da família. (...) Tanto é que qualquer coisa que precisasse fazer tinham que buscar a Doutora Mercedes. Então, eu acho que talvez ele pensasse que botar outra pessoa ali... porque, sinceramente, o que eu fazia qualquer pessoa podia fazer, com qualquer conhecimento mínimo. Mas aí eu consegui, em 1958.

BC: Mas a senhora tinha autonomia financeira trabalhando lá?

OM: Trabalhando lá como?

BC: A senhora ganhava, né?

OM: Eu ganhava.

NA: Aqui ganhava mais?

OM: Aqui eu tinha bolsa.

NA: Bolsa do CNPq a sua?

OM: Bolsa do CNPq. Depois, mais tarde ,eu tive bolsa do IOC também. Quando eu fiz concurso eu acho que eu tinha bolsa do IOC.

NA: Já não era CNPq ...

OM: Não, mas tinha do CNPq.

NA: Bolsa de produtividade?

OM: É, atualmente chama bolsa de produtividade.

NA: Não tinha essa modalidade de bolsa...

OM: Tinha vários nomes: pesquisador, associado...

NA: Assistente, acho que tinha também ...

OM: Pesquisador assistente... quando eu fiz o concurso ...

NA: Como é que a senhora fez o concurso no IOC?

OM: Nós nos escrevemos em 1958, foi quando abriram as inscrições, entendeu? E até ali nesse papel, eu deixei com você o papel? Você já pegou ...

BC: Está aqui.

OM: Eu só fiz o concurso, eu me escrevi... não porque eu me considerasse... aqui está. Me escrevi mais por imposição de consciência, não porque me considerasse merecedora de incluírem nos titulares da Instituição. Sinceramente. Mas aí acontece o seguinte: abriram as inscrições, as pessoas se inscrevendo e eu quieta, eu quieta. Até que chegou um pesquisador tal: “Otília você não vai se inscrever?” Eu disse: “Não, não estou pensando nisso”. Aquilo ficou na minha cabeça, eu digo: “Gente! Eu acho que eu tenho obrigação de me inscrever, porque se eu for reprovada eu saio e deixo a vaga pra alguém”. Não é mesmo? Porque eu vou ficar ocupando uma vaga de bolsista aqui, sem... se não mereço.

NA: Quantas vagas abriram? A senhora lembra?

OM: Não me lembro não, porque eram vagas para substituir, para preencher vagas de pesquisadores que tinham se aposentado. Era assim umas 10, 12...

NA: Havia muito pouca gente nesse momento no Instituto, não é?

OM: É, mas várias pessoas se inscreveram ...

NA: Eu tenho um dado, que é em 1960, 59, 60 por aí, esse tempo que a senhora ta falando. Eu tenho um relatório... 1960, Tito Cavalcante...

OM: Tito Cavalcante.

NA: E ele dizendo que estava fazendo um novo regimento pro Instituto e uma das coisas que ele fala muito é do número pequeno dos pesquisadores. Ele queria que abrisse concurso, pra ter vaga, pra ter mais gente, né? Porque as vagas só eram repostas para preencher, não é? Não abria pra mais é só..

OM: Era assim mesmo....

NA: Era só o que ...

OM: Já havia. Alguém morreu ou que se aposentou ...

BC: Mas até esse momento.... quem é esse pesquisador? Foi o Vilela?

OM: Não, quem me perguntou foi o Pedro Fontana, que era até um dos assistentes do Doutor Vilela. “ Otília você não vai se inscrever”? “Não estou pensando nisso”. Aquilo

ficou me incomodando: “gente, será que as pessoas, não foi só ele, né?” Outras pessoas estão pensando que eu tenho que me inscrever no concurso, né? Isso foi em 58, eu estava lá já havia ...

BC: Já tinha feito o curso ....

OM: Tinha feito.

BC: Em 54 ....

OM: 54 e já tinha... com bolsa desde 55. Não era tanto tempo assim, né? Eu estava só três anos com bolsa. Aí eu fiquei com essa dúvida.

BC: Uma curiosidade: o Emílio fez esse curso junto?

OM: Fez. Não fez junto não, ele fez antes de mim.

BC: Fez antes?

OM: Fez antes de mim.

BC: Ele tinha se inscrito pro concurso?

OM: Ele se inscreveu, ele se inscreveu.

NA: E nem assim a senhora...

OM: Não, eu não tinha nada a ver com ele. Era ele e eu, mesmo trabalhando no mesmo lugar.

BC: Ah, ainda não tinha (risos) .... ainda estava namorando sozinho!

NA: Como é que ele veio pra cá depois?

OM: Ele tinha feito concurso.

BC: Ele tinha feito o curso antes ....

OM: Ele fez o curso antes, assim que se formou ele fez o curso.

NA: Também ....

OM: Também ....

BC: Mas não era a mesma turma..

NA: Não, não foi antes.

OM: Quando ele se formou, ele conseguiu um emprego numa indústria farmacêutica também.

BC: A senhora estava na Gross ...

OM: Ele achou que aquilo não era ...

NA: Mesma coisa que a senhora achou ...

OM: É, aí pediu demissão sem ter nada previsto. Aí um colega o chamou para a Gillette, eu já tinha contado isso.

NA: É.

OM: Um cargo bom na Gillette , aí ele ficou ... já imaginou o que era: “ – Não é pra mim, se é pra lidar com operário também não é o meu jeito. Vamos fazer os cursos da Fiocruz”. E veio, fez até antes de mim, fez até junto com outros colegas.

NA: Mas na bioquímica com Gilberto Vilela ou foram outros cursos?

OM: Não, foram esses mesmo.

NA: Fez o de bioquímica?

OM: Fez o de bioquímica.

BC: E aí ele continuou como bolsista?

OM: Aí ele continuou já com bolsa, ele conseguiu uma bolsa do CNPq antes da ... de eu ir pra lá. Ele já estava com bolsa desde 53, 54 ...

BC: Aí chegou esse concurso, aí ele se inscreveu e tinha outros bolsistas ...

OM: Tinha outros bolsistas e os ...

BC: Tinha mulheres? Assim, outras mulheres bolsistas?

OM: Tinha. Tinha a Regina, que era uma bolsista ...

NA: Regina ...

OM: A Itália...

BC: Itália (Teves)?

OM: Itália (Teves), ela era bolsista, mas ela está no Instituto?

NA: Não ela está aposentada. A gente quer entrevistá-la, eu quero muito entrevistar ela, mas a gente tem que chegar nela, porque ela anda meio ressentida com a Fiocruz de um tempo pra cá. Essas coisas de confusão interna que dá, né? Essa coisas ....

OM: A gente não pode dá importância para isso.

NA: Trabalho enjoado ....

OM: Não pode ligar, essas coisas acontecem sempre.

NA: Outra nessa época, que trabalhava no andar dela, era a Dirce.

OM: A Dirce Lacombe é ótima. Ela é pessoa extrovertida... Ela é ótima, muito amiga do Luiz Paulo.

NA: Ela trabalhou nessa época com a senhora aqui ...

OM: É, era muito amiga do Luiz Paulo, eles estudaram na mesma faculdade, lá na filosofia.

NA: História natural, ela fez história natural lá?

BC: Foi.

OM: História natural o que? Passaram os anos e ela teve um tumor no cérebro. Operou e continuou ótima, do mesmo jeito.

NA: Ela não está mais aqui, né? Mas ela está viva, está bem. Ela ainda vem aqui, de vez em quando.

OM: Vocês sabem tudo, não precisam me perguntar nada, vocês sabem tudo.

BC: Mas vem cá, a Itália tinha se inscrito pro concurso? A senhora lembra?

OM: Se inscreveu, se inscreveu. Quem era interino tinha que se inscrever. Obrigatório, obrigatório para garantir o lugar. Ismélia, Ismélia também ...

NA: Ismélia?

OM: Ismélia Venâncio.

NA: Essa eu não conheço.

OM: Ela foi da seção de físico-química, junto com o Humberto Cardoso, que era cunhado dela.

NA: Ah, sim ...

OM: A Rita Cardoso, você já ouviu? A Rita Cardoso é irmã da Ismélia.

NA: A Rita Cardoso também .....

OM: É, da patologia...

NA: Exatamente ...

OM: Ela foi ...

NA: Junto com o Walter na patologia ...

OM: A Rita Cardoso tem um trabalho muito bom de (malária), na área dela. Um trabalho que foi reconhecido.

NA: É?

OM: Eu acho que sim, outro dia ouvi falar.

NA: É, mas não...

OM: E a Ismélia foi da nossa escola.

NA: Mas a Rita é irmã da Ismélia ?

OM: Irmã da Isnélia.

NA: Que é cunhada do ...

OM: Humberto Cardoso era casado com a Rita.

NA: Ah, casado com a Rita?

OM: É...

NA: É por isso, agora entendi. Mas que interessante isso, né? Tá ficando cada vez mais interessante essa entrevista!(risos) Os maridos casados com as mulheres!

OM: Pois é. O Humberto Cardoso era da físico-química e a Ismélia foi pra lá, talvez até atraída por ele. Porque ele era do quadro e sabia que tinha possibilidade de estágio e ...

NA: Claro, claro.

OM: E não sei, acho que ela era, ficou depois já arranjou ...

NA: Ela era mais velha? Que a Rita? Era mais velha ...

OM: Eu acho que a Rita era mais velha. A Rita ficava no outro prédio, de patologia.

NA: Era dividido também, né? Não esteve dividido em vários (...)? Patologia era aonde?

OM: Patologia era... antigamente havia um refeitório, ali perto do pavilhão de cursos. Seguindo em frente tinha um prédio grande, voltado pra Avenida Brasil e ali então tinha em baixo o refeitório.

BC: Medicina tropical hoje.

NA: Então é a medicina tropical. A senhora conheceu o (Coura)?



OM: Conheci, mas ele foi meu contemporâneo. Ainda está por lá?

NA: Ta, ta aqui. Mas lá é medicina tropical hoje, é ele que coordena lá. Ele é o chefe de laboratório, do departamento, é ... hoje é departamento. Mas o que eu ia lhe falar, perguntar ...

OM: Do concurso.

NA: Estamos no concurso. Aí esse um monte de gente se inscreveu.

OM: Se inscreveu. Se o Fontana me pergunta isso, provavelmente o Doutor Vilela também deve está pensando, as outras pessoas estão vendo. O que é que eu estou fazendo aqui? Eu tenho que me inscrever. Tenho que me inscrever, pra decidir se saio daqui. Mas, sinceramente, em nenhum momento eu tive a pretensão de galgar a posição de pesquisadora.

NA: Mas passou, né?

OM: Passei, passei muito bem.

NA: Como sempre a primeira aluna ...

OM: Não, eu não fui a primeira aluna não (risos).

NA: A primeira colocada? No concurso.

OM: Não, não fui a primeira colocada não ...

BC: Mas o concurso aconteceu alguns anos depois?

OM: Ah, mas pois é, isso foi em 58.

NA: Esse só foi a inscrição, aí ...

OM: Pois é, mas vamos ouvir (risos).

NA: Na faculdade ainda não, estou no (...). Depois a gente volta.

OM: Olha só, começaram muitos mandatos de segurança contra o concurso.

NA: É? Por quê?

OM: Pessoas que não queriam que acontecesse, pessoas... não sei.

NA: Por que não queria que acontecesse? Porque o Tito, eu já lhe falei, eu vi no relatório ele dizendo que precisava de mais pesquisador. Tinham 70 pesquisadores mais ou menos no Instituto.

OM: É.

NA: Ele achava esse número muito pequeno. Era assim, eram 100 ao total, a Instituição tinha ... o relatório dele é de 60. Quer dizer, ele está falando de 59, né? Então, em 1959 o Instituto tinha 100 funcionários, sendo que 70 eram pesquisadores e os outros 30 ...

OM: Eram técnicos.

NA: Variava.

BC: Administrativos.

NA: Tinha até costureira, costureira do hospital ...

OM: Tinha tudo, tinha costureira, tinha lavanderia...

NA: Biblioteca ...

OM: Biblioteca... fantástico! Tinha toda infraestrutura necessária. Tinha a cavalaria...

NA: O Instituto funcionava professora Otília?

OM: Tudo funcionava.

NA: Era uma Instituição que tinha essa infraestrutura boa.

OM: É, tinha, funcionava. Era um dos poucos provavelmente que dava pra funcionar.

NA: Sim, sim.

OM: Tinha charrete, a gente ficava aqui embaixo, pegava charrete o homem levava até lá em cima. Era uma delícia!

NA: Mas lhe perguntei isso, porque a senhora tá dizendo que tinha gente que não queria fazer o concurso, porque... mas precisava, né?

OM: Pode até procurar no Diário Oficial. Eu acho que eu tenho guardado, cada um que impediu .... eu acho que eu tenho.

NA: A senhora não lembra de quem, porque foi ....

OM: Uma, se não me engano, eu sei que foi a Gessi, Gessi. Ela entrou com mandato de segurança.

BC: Quem era a Gessi?

OM: Pois é, era uma pesquisadora. Não sei se do laboratório do Doutor Moutssaché.

NA: Da fisiologia?

OM: Da fisiologia, eu acho que era. Não sei o que ela alegou.

NA: Começou isso?

OM: E depois outro e depois ... (...) 58, não acontecia e ninguém ... não estava nem mais pensando em concurso, né?

BC: O que precisava pra fazer inscrição e pra fazer o concurso?

OM: Para fazer a inscrição precisava ... o que eles iam avaliar, não é? Iam avaliar títulos, trabalhos publicados ... Bom, o concurso foi de provas, defesa de tese, uma tese e trabalhos publicados.

BC: E a senhora a essa altura tinha muitos trabalhos publicados?

OM: Tinha, tinha muito.

BC: Fora do Brasil?

OM: Ah, tudo fora do Brasil.

BC: Tudo fora do Brasil.

OM: Tudo fora do Brasil. No hospital eu acho, nem sei... tinha um “Ciência e cultura” que nós participávamos dessas, dessas reuniões de congresso.

NA: Da SBPC, né?

OM: SBPC, tudo isso.

BC: Saía na “Ciência e Cultura”.

OM: O resumo saía na “Ciência e Cultura”.

NA: A gente vai encontrar lá. A gente tem que fazer um levantamento na “Ciência e Cultura” e a gente vai encontrar trabalhos ...

OM: Mas eu tenho, isso eu tenho. Não vai ser difícil encontrar, não era nenhuma maravilha não.

BC: O concurso precisava ...

OM: Então, mas ...

BC: Aí a senhora fez a inscrição e foi fazer a tese?

OM: Não.

BC: Já tinha a tese?

OM: Não, eu estava trabalhando normalmente. A gente trabalha, tem o resultado e publica, escreve, publica. Continuamos o ritmo normal porque o concurso estava emperrado, não saía. Se fossemos fazer um trabalho para o concurso, ficávamos de braços

cruzados. Então, continuamos trabalhando normalmente, tanto quanto possível. Tanto é que o livro, foi em 58, 59, nós escrevemos aqui foi em 61, né? Nós estávamos trabalhando normalmente, né?

NA: Sim ...

OM: A única coisa que aconteceu, que não estava prevista para o concurso, foi que eu resolvi casar, né? (risos)

NA: Antes de falar no seu casamento, eu só quero fazer uma pergunta que ficou lá pra trás pra mim, que é o seguinte: as suas colegas de turma, as treze que entraram se formaram?

OM: Todas treze.

NA: As treze se formaram?

OM: Todas as treze se formaram. E todas foram trabalhar na área ,todas.

NA: O fato, o fato de casar atrapalhou a sua vida? Profissional?

BC: Ou a senhora temia isso, como é?

OM: Bom, eu vou dizer o seguinte: eu acho que eu custei a aceitar a idéia do... porque eu acho que eu temia perder a minha liberdade.

NA: Não tem nada a ver com profissão, né?

OM: Eu desconfio, eu não via porque... eu acho que era isso, mas porque? Porque todo mundo sabia, o Emílio falou com os pais dele, os pais dele encontravam meus pais e falavam. Eu soube disso depois, era uma rede a minha volta e eu resistente, entendeu? Não via, não ouvia, não falava. Por que isso? Acho que eu tinha medo de perder minha liberdade, sabe? E vou dizer, foi a melhor coisa que eu fiz, porque tenho três filhos maravilhosos, a família da gente é uma coisa fantástica. E não há nada, não é? Pena que você não tem filhos ...(risos)

NA: Eu criei dois que não são meus, é como se fosse meus ...

OM: É a coisa mais fantástica da vida.

NA: É, são os filhos.

OM: É... então eu não posso me arrepender. O Emílio esse tempo maravilhoso marido, não posso me arrepender. Mas (sussurrando), acho que não tivesse casado eu teria me dedicado só ao meu trabalho. Eu fiquei dividida.

NA: Como todas as mulheres, não é? Ficam divididas primeiro com o marido, depois com os filhos

OM: Muito dividida.

BC: O momento da maternidade inicial era mais difícil conciliar, não é?

OM: Eu trabalhei sempre, até o último dia. Trabalhei e no dia seguinte tive o filho. Todos eles foram assim. Mas nós, funcionários públicos, temos quatro meses de licença, não é?

NA: É.

OM: Aqueles quatro meses eu ficava em casa cuidando do bebê, amamentando e tal ... ah é muito doloroso o primeiro dia que a gente sai de casa. Aí tinha que voltar a trabalhar, né? Então é .. tinha que deixar com alguém...

NA: A senhora ... desculpa interromper, a senhora tinha com quem deixar?

OM: Tinha, tinha com quem deixar. Eu tinha uma cozinheira e uma menina, uma babá, que era pra cuidar. E além disso tinha minha mãe que morava perto.

NA: Que é um suporte.

OM: Suporte, pode não fazer nada...

NA: Claro ..

OM: Mas impõe respeito. Tive uma condição um tanto especial, mas era uma correria. Assim que nós podíamos terminar, íamos correndo pra casa. Até uma ocasião o Doutor Nélio Guimarães ...

NA: Felipe, né?

OM: Felipe Nélio Guimarães. Eu já tinha os três ... sai cheguei em casa, botei a Fernanda no carrinho, o Paulo Emílio no velocípede e o Ricardo na bicicleta, atravessamos a São Clemente, (...). No dia seguinte o Doutor Nélio Guimarães : “Otília, tomei uma resolução muito importante”. O que foi Doutor Nélio? “Vou providenciar uma passarela para a São Clemente”. Uma passarela? (risos) Eu não estava sabendo de nada. Passarela aonde? Como? “Pra você passar com todos os filhos!” Ele passou de carro...

NA: E viu, e viu ...

OM: Carrinho de bebê, um velocípede e uma bicicleta.

NA: Eram todos assim ... encarreiradinhos?

OM: É, diferença de dois anos e meio cada um ...

BC: Dois meninos e uma menina, é isso?

OM: É dois meninos e uma menina.

BC: Quais são os nomes?

OM: Ricardo José, o mais velho, Paulo Emílio e Fernanda Maria, que fez bioquímica.

NA: O Felipe Nélio Guimarães ele foi chefe de departamento.

OM: Eu acho que foi.

NA: De bioquímica, mas isso nos anos setenta, né?

BC: Ele foi diretor, né?

NA: Ele foi diretor do Instituto Oswaldo Cruz? Não.

BC: Tem a foto dele na ...

NA: O Felipe Nélio Guimarães?

OM: Ou diretor, ou vice diretor ...

BC: Ta lá na sala do IOC. Diretores do IOC...

OM: Ele tem algum cargo na direção sim.

BC: A foto dele ta lá naquela coisa que o Coura fez, de ex-diretores todos.

NA: Felipe Nélio Guimarães. Então, foi um período que eu não sei, dos anos setenta então. Mas ele trabalhava na bioquímica ?

OM: Não. Não trabalhava na bioquímica não, era outro setor. Mas depois do Doutor Vilela, ali não praticamente não teve nenhum. Assumi a direção foi o primeiro o Helion Póvoa e depois foi o Luiz Augusto de Abreu. Doutor Vilela faleceu em 1974.

NA: Isso que eu ia lhe perguntar....

OM: Não, 1977, um ano antes de nós sairmos de lá. O clima já estava muito complicado. Ele se aposentou, compulsoriamente, em 1974. Que ele nasceu em 1904, então aposentou-se me em 1974. Quando ele se aposentou foi uma coisa que me deixou muito assim .. quase que entristecida. Ele chegar pra mim, muito sério, assim: “Ah, eu queria perguntar, perguntar a vocês se permitiam que eu continuasse trabalhando aqui”.

NA: Ah, coitado.

OM: Gente, aquele laboratório era dele! Aquilo me deixou em estado de choque! “Doutor Vilela, o laboratório é seu!” O que é essa tragédia de a pessoa ter que se aposentar compulsoriamente, em plena atividade, com estagiários, com projetos .... e pedir permissão a mim e ao Emílio, que tínhamos sido estagiários, alunos dele, autorização para continuar no laboratório?

BC: Ele tinha diferenças com a direção do Instituto?

OM: Bom, eu não posso dizer, mas eu acho... eu nunca percebi assim, mas analisando... eu acho que deve ter havido alguma coisa em algum momento (...)

NA: Antes do Vinícius da Fonseca quem foi o diretor?

BC: Oswaldo Cruz Filho.

OM: É Oswaldo Cruz Filho.

NA: A diferença é com Oswaldo Cruz Filho?

OM: Não, eles eram amigos. Waltinho ...

### **Fita 3 – Lado A**

OM: Quando .... quando o Oswaldo, o Oswaldo ... o Oswaldinho foi diretor, né?

NA: Foi .. foi em 61 ....

OM: É.....

NA: Logo depois do Rocha Lagoa ...

OM: Pois é. Quando ... um pouco antes ele foi convidado para ser diretor do Instituto, mas havia a previsão de ter que caçar aqueles pesquisadores. E ele se recusou, ele disse que não ...

NA: O Oswaldo Cruz?

OM: Oswaldo Cruz. Disse que não faria isso. Ele aceitaria o cargo mas não faria isso. Isso me contaram, não sei se é verdade... aí então .... fizeram com que o fato, o ato fosse feito pelo Rocha Lagoa.

NA: Que era ministro?

OM: Que era ministro e assumiu, né? E foi quem demitiu, quem (aposentou). Depois que isso aconteceu é que ele assumiu a direção do Instituto. O Doutor Vilela se dava muito bem com o Doutor Oswaldo Cruz.

NA: Mas a senhora estava dizendo que ele pediu pra ficar ...

OM: Pois é ...

NA: Ele ficou ...

OM: “Doutor Vilela o laboratório é seu, o senhor continua aqui como sempre”. E ele ficou conosco e foi assim muito bem, ele trabalhando... nós também, não havia ... é como se não tivesse havido aposentadoria. Mas aí eu comecei a ver que pessoas que estavam

vindo de fora, estranhos ao Instituto, e contratados. Porque não sei já tinha acontecido, mas estava por acontecer, a contratação por CLT. Não havia .. não havia o grande momento de ...

BC: Da decisão.

OM: Da decisão, de quem fica ou sai, mas já estavam contratando por CLT. E eu conhecia algumas pessoas que estavam na direção, conhecia assim por terem sido contemporâneos (...). Mas aí cheguei a um deles e disse, “Gilberto”, Gilberto Azevedo, né? “Gilberto, porque é que vocês não dão uma bolsa pro Doutor Vilela? Ele está trabalhando aqui do mesmo jeito, da mesma forma”. “ Não, Otília eu acho que não pode e tal”. Conclusão: não sei se foi por conta não querer ou não poder, o fato é que nunca deram após a aposentadoria uma bolsa ou um auxílio assim para Doutor Vilela.

BC: Ele foi primeiro titular na UFF não foi?

OM: UFF?

BC: Acho que ele chegou a fazer um concurso ....

OM: Ele fez concurso aqui para ... para UFRJ. Ele fez concurso para a bioquímica daqui. Quem passou foi Lacaz em primeiro lugar.

BC: Aí depois acho que ele foi pra UFF ...

OM: Ele ficou como...como docente, ele ficou com o título de docente.

NA: Na bioquímica ?

OM: É, ele fez concurso pra bioquímica, quando o Lacaz fez ....

NA: Lacaz, qual é o nome dele?

BC: Acho que é Carlos?

NA: Carlos ...

OM: Carlos Lacaz ...

BC: Porque tem mais um Lacaz ...

NA: Tem um Lacaz que trabalhava com história da medicina ..

OM: Não, não é esse não. Esse Lacaz já faleceu. Eu acho que é Paulo da Silva Lacaz, eu acho que é Paulo, não tenho certeza, mas eu acho que é Paulo da Silva Lacaz. Fez concurso ... eu ainda não estava no Instituto, foi em 1951, se não me engano. Teve concurso lá na medicina, no prédio da medicina, lá na Praia vermelha.

NA: Ainda na Praia Vermelha ..



OM: Ainda na Praia Vermelha, os dois fizeram o concurso. O Lacaz já era professor porque ele era .. era assistente, ou docente e então ... ele já tinha todo aquele apoio da Casa.

NA: Claro.

OM: E o Doutor Vilela era o estranho.

NA: Vamos voltar pra trás?

BC: 51...

NA: A gente vai chegar nos anos 70. A história do casamento e o concurso ...

BC: É, entre o casamento e o concurso..

NA: É....

OM: Pois é, aí eu casei ..

BC: Algum filho nasceu antes do concurso ou não?

OM: Não. Eu casei ... eu casei ...bom, aí é o seguinte ....

NA: Eu perguntei se tinha.... todas as suas colegas de turma, foi assim...

NA: Todas casaram?

OM: Todas casaram.

BC: Antes da senhora?

OM: É, eu sou a caçula.

BC: A senhora ficou cultuando a liberdade até o final ....

OM: Eu sou a caçula, os meus filhos são da idade dos netos delas (risos).

NA: Que ano a senhora casou?

OM: Em 1961, mas eu vou lhe dizer como é que foi.

NA: Mas como é que foi esse namoro afinal?

BC: Ele namorou sozinho por muito tempo ... (risos)

NA: Ah, imagina .... uma história muito interessante.

OM: Um belo dia, um belo dia ...

NA: Aqui já ...

OM: Aqui já ... já trabalhando e tal.. Um belo dia, ele direto... aí meu Deus se eu disser que não, vou ter que sair daqui (risos), não tinha como.

NA: Mas vocês passavam o dia todo juntos, almoçavam juntos ...

OM: É, tinha o Luiz Paulo também, todo mundo. Aí eu me distraí e disse que sim ...

BC: Mas pensando: “se eu disser não, saio do laboratório?” (risos)

OM: Parece piada, né? Aí eu disse sim, eu acho que foi brincando que eu disse, mas eu acho que ele levou a sério, levou a sério. Chegou em casa avisou ao pai, avisou a mãe, ligou lá pra casa ... isso era ... isso era quase fim de dezembro, no dia 31/12 apareceu lá em casa pai, mãe (risos) pra confirmar o noivado de anel e tudo e marcando a data de casamento pra vinte e sete de abril.....

BC: Gente!

NA: Estava tudo armado...

OM: Por isso que eu digo, não houve namoro, houve noivado. Que foram aqueles quatro meses: janeiro, fevereiro, março e abril. Por isso que eu digo, não houve namoro ninguém acredita.

NA: Curioso ...

OM: “Também não precisa, ele já conhecia você a quinze anos”! E ele veio dizer que marcou depressa, era o suficiente tempo para correr, com medo de eu desistir...(risos) Sem constrangimento, quer dizer, não devia ter isso ....(...) (interrupção). Faculdade de medicina chegava “- Oflíia, como é que é? Como é que é o que? Eu nem sabia ..(risos) Eu sabia que queriam perguntar, mas eu fingia que não entendia. Conclusão: casamos no 27/04/1961.

NA: Esse noivado durou quanto tempo?

OM: Quatro meses.

NA: Quatro meses de noivado, já era pra casar logo.

OM: Aí, a nossa lua de mel, porque nós tínhamos ...

BC: A senhora dirigia?

OM: Dirigia..

NA: A senhora morava com o seu pai e com a sua mãe ainda?

OM: Morava.

NA: Morava em Botafogo?

OM: Nessa época papai já tinha falecido.

NA: Já tinha falecido.

OM: Papai já tinha falecido, morava com mamãe. Aí tinha ... Brasília tinha sido inaugurada em 60, né? Então eu queria conhecer Brasília. Fomos a Brasília de fusquinha ...

NA: De fusquinha...

OM: De fusquinha, era itinerário todo planejado, era: Barbacena, aí tinha aquelas três .... ele sentava... desenhava aquilo tudo....

NA: Ele desenhava?

OM: Ele gostava de desenhar, gostava de desenhar. Depois fomos a São João Del Rei, Barbacena ... Belo Horizonte. Quando nós chegamos em Belo Horizonte, um telefonema pra nós voltarmos imediatamente, porque o concurso estava aberto (risos). Tínhamos que apresentar a tese em um mês ...

BC: Nossa!

OM: Voltamos daqui ou prosseguimos? Prosseguimos, estávamos a caminho de Brasília, íamos voltar. Quando nós íamos fazer aquela aventura naquela estrada que não tinha nada? A cada 250 Km é tinha um posto de gasolina. Nós tínhamos marcado num mapa aonde podíamos, até onde podíamos ir com o fusca, né? Aí fomos a Brasília, vimos o Jânio Quadros lá com aquele jaleco dele e tal, tiramos fotos é ...

NA: Brasília era bonita?

OM: Comparando com o que é hoje ... mas .. tinha a Catedral, tinha já alguns palácios...

NA: Esses prédios ....

OM: Ficamos no Hotel Nacional, que eu não sei se hoje é espelunca ou não. Naquele tempo era o que havia. E aí voltamos correndo, né? Voltamos correndo, porque tínhamos que entregar a tese.

BC: Se bem que com fusca não dá pra correr ...

OM: Não dá pra correr muito, tivemos que pernoitar, né? E aí eu fiquei em casa escrevendo, porque eu tinha o resultado das últimas pesquisas...

BC: Mas então era verdade?

OM: Era verdade mesmo.

BC: Quanto tempo para escrever o trabalho? Vinte dias....

OM: Ah, foi sentar e escrever. É por aí, sentar e escrever. Tínhamos uma máquina de escrever que ... no laboratório era Doutor Abreu que também ia fazer o concurso. Luiz Paulo, o Emílio e eu ... era uma máquina só, então ... o Abreu era o mais velho, já mais... quando nós chegamos ele já estava, então ... ele tinha prioridade, não é? E ele tinha uma secretária que podia bater a máquina pro Abreu. Emílio levou uma máquina (...) Luiz Paulo lá para o Instituto e eu pedi uma emprestada e fiquei em casa, né? Aí eu escrevendo e, quando eu precisava de uma referência ligava pra ele: “Emílio me traz tal ...” A biblioteca era uma coisa fantástica mas ... nós falávamos: pega lá essa revista.... dávamos o cartão assim .. assinado, cartão da biblioteca. Eles entravam lá e traziam a revista, nós podíamos trazer a revista. O Chico ... fazia microfotografia, fotocópia, ou então ficávamos com a revista durante algum tempo.

NA: Sim...

OM: Podia naquele tempo, né? Então, eu fiquei em casa e eles me abastecendo com o material que eu precisasse pra escrever. E eles trabalhando lá. Pegamos e fizemos o concurso.

NA: Essa .. esse concurso abriu pra todo Instituto ou foi pra ...

OM: Não, não, era pra fora inclusive ...

NA: Concurso público, geral ...

OM: Brasil inteiro, quem quisesse....

NA: Ah, geral...

OM: É...

NA: Mas tinha perfil de vagas? Pra ver se ...

OM: Agora como fazem praticamente só falta dizer o nome da pessoa ... só falta dizer o nome da pessoa, eu já vi isso.

NA: É verdade ..

OM: Aqui pra Fiocruz. Pra UFRJ eu não vi tudo, né? Aqui pra Fiocruz, só falta dizer o nome da pessoa. É uma coisa tão restrita, tão limitada que ninguém faz.

NA: Que é só pra aquela pessoa ...

OM: Só pra aquela pessoa.

NA: É uma pessoa específica.

OM: Aquele não....

NA: Naquele não, aquele era aberto, geral ...

BC: Mas a senhora se inscreveu pra que? Pra bioquímica?

OM: Para bioquímica, a pessoa optava, né? Ou bioquímica, farmacologia... Não sei quantas vagas tinham, mas na nossa área pelo menos quatro vagas tinham, porque nós quatro passamos.

NA: Ah , os quatro ...

OM: Abreu, Luiz Paulo, Emílio e eu, nós passamos. Então tinha pelo menos quatro vagas.

BC: Mas assim muitas pessoas ficaram de fora, né? Os próprios bolsistas da bioquímica. E não tinha competição assim não? O clima era de animosidade?

OM: Não, não era de animosidade. Primeiro porque eu não sou de animosidade, o Emílio também ... o Emílio se .... se provocarem, como agora a história do contrato que eu contei ainda agora do CNPq, se provocarem põe o preto no branco e fala, até fala ... então, ele era assim, né? Mas não de criar problema de animosidade. O Luiz Paulo é a pessoa mais doce que existe, né? Sem ser molenga, né? Ele é ... mas assim uma pessoa que tem um temperamento fantástico. O Abreu é um pouquinho mais ciumento, mais rigoroso, porque era mais velho. Não é porque era velho, não era velho, era só dois anos a mais do que nós ....

BC: Mas era postura dele ...

OM: Mas já estava no lugar quando nós chegamos, né? Foi chefe, tinha uma postura realmente diferente. Mas nunca houve e tinha vaga pra todos que pudessem passar.

NA: Sim, claro ...

OM: Não havia.... eu fiquei fazendo meu trabalho em casa, os outros fazendo lá cada um com a sua máquina e acabaram .... entendeu? Agora teve...

NA: A senhora disse que ... pode falar ...

OM: Nesse concurso teve, no nosso caso particular, uma cena muito curiosa que eu não sei se vale a pena ficar registrada, mas que é ....

NA: Ah, pra desligar .... (interrupção)

NA: Quantos casais tinham aqui trabalhando, junto nesse período?

OM: Bem, tinha a Arlete Ubatuba, a Regina e o Abreu casaram lá também... Ela era da físico-química, depois foi pra bioquímica conheceu o Abreu e casaram, né?

NA: Nós falamos antes da Rita?

OM: A Rita, se bem....

NA: Não é, era outra divisão ....era a Rita e o ....

OM: Humberto Cardoso.

NA: Humberto Cardoso.

OM: Humberto Cardoso.

NA: Nós falamos mais também, a Ismélia que era....

OM: A Ismélia... mas o marido dela ... era irmão da Rita, mais o marido dela trabalhava.

NA: Quem mais que a gente falou?

BC: Tinha mais alguém?

NA: Regina, Arlete ....

BC: Eu acho que tinha sim ...

NA: A Itália não?

OM: Não conheci o marido da Itália ...

NA: Não era daqui, acho que não era daqui ...

OM: Acho que não era daqui não. Deixa eu ver quem mais. Não sei mais vai surgindo, com a continuação das conversas, a gente vai lembrando.

NA: A Dirce?

OM: Dirce ... o marido dela não era daqui. Mas recentemente teve o Dr. Lobato Paraense.

NA: O Lobato .... mas o Lobato, já tinha estado aqui antes.

OM: Já, já ...

NA: Já marcamos três aqui, né?

OM: É.

NA: Então, deixa eu voltar um pouquinho pra seguinte coisa, é a senhora acha que ....

OM: Eu não terminei o assunto da tese do Emílio.

NA: Ah, então termina.

OM: Porque isso é importante. Ele não teve a nota que ele merecia.

NA: Não deram.

OM: Não deram a nota que ele merecia ...

NA: Porque na verdade ele desenvolveu um método, né? Desenvolveu um método de análise, é isso?

OM: Que atualmente é usado em qualquer laboratório que trabalha com cultura de células, que queira determinar a viabilidade das células.

NA: Para que serve o método? Método de análise...

OM: Determinação de atividades de (desidrogenases). Porque se a célula está viva, ela está com a mitocôndria, com a atividade.

NA: Atividade ..

OM: Funcionando, não é? Então, vê a viabilidade sob esse aspecto, a contagem de células por esse aspecto, usando esses métodos. O que acontece o seguinte: o ambiente ali era ... custou a resultado do concurso e ... e depois a questão da ... da nomeação e o tempo foi passando e tal... Quando ele escreveu, um americano publicou: o Rainer Fried. Publicou exatamente, entendeu?

NA: Fala pra gente ...

OM: R-A-I-N-E-R ...mas não publicou por causa do Emílio não, publicou porque... sabe como é a pesquisa, sempre tem um passado que está conduzido. Mas aquilo não brotou na cabeça dele de repente, né? Assim como brotou na cabeça dele, brotou na cabeça de outro, de outro, de outro... alguém ia fazer. Ele podia até ter publicado.

NA: Mas o primeiro nome que eu não entendi?

OM: R-A-I-N-E R,...

NA: Rainer.

OM: F-R-I-E -D.

BC: Mas ele era brasileiro?

OM: Não, não americano (...). Publicou o trabalho feito entregue, em 1962, se não me engano, e foi publicado em 1964. Eu acho que foi isso.

BC: E esse membro da banca estava vivo pra ler?

OM: Ah, não aquilo, aquilo foi ... ele era muito competente, muito sério, um professor ...ele não estava era atualizado com a questão. Mas o Emílio foi prejudicado, o Emílio não recebeu a nota que merecia. Mas passou, o importante ... e ele também não ligou não ... não ligou. Aí quando chegou a minha hora (...) eles perguntaram (...).

NA: (...). Método do Tubo Aberto, Método do tubo aberto, ele deixou registrado aqui.

OM: Eu não sei que o nome que ele deu na tese dele. É o método de dosar uma (desidrogenase) em presença de oxigênio. Aí eu expliquei não ia utilizar na minha tese, um método que não estava publicado e que era ...

BC: Original daquela pessoa.

OM: Material de tese dele.

NA: De tese ...

OM: De tese dele, que ainda não estava publicado.

NA: Claro.

OM: Mas aí eu respondi, simplesmente, naturalmente.

NA: Quem era a sua banca?

OM: Você está perguntando....

NA: Quem é?

BC: A sua banca importa ...

NA: É ....Concurso público ... tinha mulher na sua banca?

OM: Não, não tinha não. É que eu não consigo me lembrar se o Aloísio tinha ...não sei se o Aloísio...

NA: Não tinha ninguém de dentro?

OM: Só o Doutor Tito que era o presidente ...

NA: Da banca ...

OM: Tinha que representar o Instituto.

NA: Então já começou, Tito Cavalcanti era o presidente.

OM: Tito Cavalcanti era o presidente, mas eu tenho isso no diário oficial. Eu tenho lá isso eu posso trazer na próxima ...

NA: Depois a gente vê na próxima ...

OM: É

NA: Bom, então essa banca a senhora não tá devendo não, né?

OM: Não, não só me lembro do Doutor Tito e o outro que eu posso até dizer ...

NA: Quem é?



OM: Leal do Prado...

NA: Quem?

OM: Doutor Leal do Prado.

NA: Leal do Prado...

BC: Ele era bioquímico?

OM: É, excelente .... excelente, deixou ... deixou nome na história, excelente.

NA: Esse é o nome dele todo?

OM: José Leal do Prado.

NA: De onde ele era?

OM: Não me lembro direito.

BC: Minas ...

NA: UFMG.

OM: Acho que era, a Instituição não sei. Só sei que ele é mineiro. Mas excelente profissional, excelente pessoa, competente ... competente, muito bom, amicíssimo do Leopoldo, entende?

NA: Leopoldo o que? Demez ...

OM: Demez. Não faço nenhuma crítica não, foi um acidente, não é? Mas eu só comentei por causa da curiosidade do Emílio.

NA: A senhora namorou alguém esse período?

OM: Não, não.

NA: Antes de casar? Com ele ...

OM: Não, não.

NA: A senhora tinha algum namorado?

OM: Não, não.

NA: Nem se interessava por ninguém?

OM: Não.

NA: Mas se interessava por ele?

OM: Não, eu tive muito candidato ... muito candidato ... muito candidato, muito ... muito pretendente.

NA: Aqui?

OM: Não, aqui não .... aqui não, na Fiocruz não...

NA: Mas não tinha assim ... assédio aqui não?

OM: Aqui na Fiocruz não.

NA: Tinham poucas mulheres.

OM: Olha, se tinha eu nunca vi.

NA: A senhora nunca sofreu nenhum assédio, não é?

OM: Não, nem nunca soube.

NA: As mulheres não comentavam?

OM: Nunca, nunca.

NA: Uma piadinha, uma brincadeira...

OM: Nunca , nunca.

NA: “Como você é bonita” ou, sei lá, “ que roupa bonita você tá usando hoje”.

OM: Não.

NA: Não?

OM: Nunca, nunca ouvi, nem a respeito de terceiro. O Abreu era uma pessoa muito séria. O Fontana é um filósofo, faleceu ... era um filósofo ... era um filósofo. Jamais o Fontana faria alguma coisa dessa. O Luiz Paulo, que era o mais extrovertido, nunca, nunca. Pode ser até que Luiz Paulo, por ser brincalhão, tenha em algum momento tenha dito a alguém: “tem olhos bonitos”, alguma coisa assim. Mas nunca vi nem nunca soube.

NA: Por que hoje o assédio pode ser qualquer coisa, não é?

OM: Qualquer coisa.

NA: Mas assim...

OM: Nunca .. nunca vi.

NA: Vocês eram tão poucas, né?

OM: Nunca vi, nem nunca soube. Pode ser até que tenha havido, porque eu também não facilito certas aproximações, talvez seja por isso.

NA: Sim, sim ...

OM: Quer dizer em termos de ... de virem contar coisas, não é? Não é do meu temperamento. O fato é que na realidade, nunca ouvi e soube de nada. Agora, os casamentos aconteceram, não é? Mas o meu foi acidental, né? Foi um esquecimento (risos).

BC: Mas aí a senhora teve um monte de interessados, mas não deu muita bola?

NA: Tinha uns pretendentes?

OM: É, tinha uns pretendentes.

NA: É claro, claro.

OM: Toda moça tem pretendentes, né?

NA: Mas a senhora pensava, é ... nessa história da carreira nesse momento? Antes de casar com ele?

OM: Não.

NA: Tinha algum ideal de carreira a perseguir nesse momento? Nos anos cinquenta?

OM: Não, depois que eu comecei aqui sim, eu queria fazer o melhor possível, queria fazer o melhor possível.

NA: A senhora queria sair do país? Teve algum momento que se pensou em sair?

OM: Eu queria sair, cheguei a ir aos Estados Unidos, consegui entrar em contato com universidades que eu consegui ...entrei em contato. Mas já saí daqui com esse objetivo, para o Luiz Paulo. Encontrei também com o Doutor (Mc Donald), me apresentei e conversei com ele a respeito do Luiz Paulo ...

NA :Nos Estados Unidos?

OM: Lá nos Estados Unidos.

NA: Aonde? Pra onde a senhora foi?

OM: Foi em Boston.

BC: Mas o que a senhora foi fazer nos Estados Unidos?

OM: Não, eu fui visitar

NA: Passear...

OM: Passear. Já sai daqui com a intenção de ir a esse laboratório, levando um pedido do Luiz Paulo ....

BC: Sei...

OM: Que já tinha .. nós já tínhamos tido contato com o Doutor (Mc Donald) através de correspondência científica. Então levei o pedido do Luiz Paulo ao laboratório pra fazer pós-graduação, porque aqui não existia pós-graduação, não é? Não existia ...

NA: Em que ano foi isso?

OM: Isso foi em 1956.

BC: E a senhora foi sozinha?

OM: Fui sozinha.

NA: Mas foi passear ou foi para o laboratório?

OM: Não.. não, eu fui passear. Encontrei com uma amiga que estava fazendo mestrado...A família dela depois foi toda pra lá, alugamos um carro e ficamos ... rodando, mas eu fui especialmente lá falar com o (Mc Donald) e daí que surgiu o mestrado pro Luiz Paulo, que foi pra lá com a família e fez. Era a minha idéia ... depois, me candidatar também a uma vaga lá, era minha idéia.

BC: Isso em 56?

OM: Em 56.

NA: Agora, porque a senhora foi falar por ele e não pela senhora?

OM: Não, porque o Luiz Paulo já tinha feito os contatos com ele. Luiz Paulo era mais antigo no laboratório, já tinha tido mantido contatos com ele, tudo por conta da eletroforese, esses resultados e etc. Então, eu fiz. Quando eu estou em Nova Iorque, chegando a Nova Iorque, aí uma amiga minha que era casada com um oficial de marinha: "Otilia tem um recado do cônsul pra você". Eu liguei, era pra dizer que papai tinha falecido, no dia anterior. O mundo acabou pra mim ali. Durante a muito tempo eu custei a me refazer, papai era uma pessoa importantíssima.

BC: Ele morreu de repente?

OM: De infarte .. infarte. Foi papai que tratou toda a minha viagem, porque eu estava terminando os últimos passos do livro ainda da primeira versão, da versão do ....

BC: IBGE.

OM: IBGE, isso em 1956. Eu estava terminando, mas eu queria deixar tudo pronto nas mãos do Luis Paulo e do Emílio pra eles poderem encaminhar. Papai que tratou de passagem, de tudo, porque eu não podia, eu estava escrevendo. Quem arrumou minha mala foi minha irmã, porque nem tempo pra arrumar a mala eu tinha ...então, terminei no

aeroporto entreguei a eles: está aqui a parte final, a minha parte final do livro. Quando voltei, quando foi a morte de papai foi uma dor tremenda, o mundo desmoronou.

NA: Quanto tempo a senhora estava lá?

OM: Ah, estava a pouco tempo, não chegava a dois meses. Eu não ia ficar, eu ia voltar. Fiz um contato depois, futuramente, através do Luiz Paulo e aí eu ficaria, era minha idéia já que você perguntou.

NA: Era o que a senhora queria fazer, ir pro Estados Unidos fazer o mestrado?

OM: Pois é, era minha ideia, porque aqui não tinha.

NA: Não tinha mestrado. E seria nessa área de eletroforese?

OM: Bioquímica, eletroforese, porque era tudo lá. A eletroforese é um método usado para fazer as determinações de bioquímica, não é? Naquele tempo era em papel depois passou a ser em (amina), em gel, depois passou a ser em (acrilamida). E nós continuamos fazendo, né? O método de (...) de fazer o tubo aberto, nós usávamos, passamos a usar pra revelar o enzima no gel de (acrilamida) e fazíamos em tubo aberto! Porque mergulhávamos, racionávamos o material com enzima, aí colocava num tubo de ensaio com um tampão, os reagentes todos e a presença do oxigênio do ar, não é? E revelávamos perfeitamente a camada ... fracionava, a fração protéica onde estava a (... oxidado) ficava colorido e o restante meio rosado. Nós usávamos em tubo aberto, entendeu? Então foi... realmente foi uma pena, dupla pena. Primeiro, que ele se prejudicou a nota... mas foi nomeado do mesmo jeito, não é? E segundo porque não publicamos, não é?

NA: Essa foi a pena?

OM: Essa foi a pena. Essa foi a pena maior.

NA: É...

OM: Nós podíamos ter publicado, se tivéssemos parado e feito só isso. Mas era tanta coisa em cima ... do concurso, tanta coisa em cima da nomeação....e ... foram tantos problemas...

NA: A senhora nunca mais voltou aos Estados Unidos pra estudar?

OM: Não nunca mais. Aí acabou, acabou-se .... me casei, nasceram meus filhos, aí eu fiquei.

NA: Eu queria ser rápida que a gente tem que sair daqui, porque a gente não pode nem ficar muito tempo aqui ....

OM: É ...

NA: Tem tiroteio aqui atrás, nessa hora.

OM: Ah, pois é vocês também sofrem com isso.

NA: É, não é muito seguro.

OM: Então, vamos encerrar.

NA: Encerrar hoje eu vou fazer a última pergunta, que é a seguinte: na verdade a senhora acha que... eu estou voltando é que a senhora falou bem baixinho aquela hora. Se o casamento, os filhos não tivessem acontecido a sua carreira teria sido outra, né?

OM: É difícil a gente dizer isso porque... Mas certamente teria sido outra.

NA: Eu acho que é difícil mesmo, pra uma mãe fica complicado, né?

OM: Eu prefiro não dizer, é muito difícil.

NA: Eu acho que a senhora ... como a senhora mesmo disse nunca se arrependeu de nada, porque seus filhos são ....

OM: Não, não.

NA: Não é? A gente não trocar os filhos por nenhuma outra coisa no mundo, não é? Mas a situação das mulheres é muito complicada nessa hora ...

OM: É complicada.

NA: E como a senhora muitas milhares de outras mulheres, não é? A senhora faz uma opção, não é? A senhora fez.

OM: Foi. E desde o momento que eu tive os meus filhos me dediquei integralmente. Nós não fazíamos nenhuma viagem onde não pudéssemos levá-los. Congresso de bioquímica... mas eu acho tão bonito agora mesmo e vejo, lá em Caxambu, uma família que vai com os filhos ... (risos) .. bonitinhos, traz a babá...

NA: É claro.

OM: Eu acho lindo.

NA: Hoje é mais fácil, não é não?

OM: Hoje é mais fácil.

NA: As pessoas tem mais condições, não é?

OM: Naquele tempo não era muito comum deixar os filhos em creche, não era não.

NA: Não, não era ... é os anos 60 que a senhora ta falando, né?

OM: É dos anos 60.

BC: Não sei se é condições ou mentalidade também ...

NA: Existe isso também.

BC: Eles admitem que não podem levar ...

OM: É.

NA: Também tem isso, a senhora não concorda?

OM: É de certa forma, é isso mesmo.

NA: E o seu marido, ele não fez mestrado, não fez pós-graduação?

OM: Não. Acontece o seguinte: aí começou a pós-graduação aqui no Brasil, né? Que foi em ...

NA: 70, 79 por aí ...

OM: Pois é, não sei se consta nos papéis que você tem lido, consultado, porque eu já vi que você conhece mais a história do Instituto do que eu, porque eu ficava mais .. assim ... no meu mundo, não é? Ignorando muita coisa. Mas havia a proposta de ... estavam iniciando a pós-graduação, o Instituto Oswaldo Cruz, que já tinha um mandato universitário... quando eu fiz esse concurso ele já tinha mandato universitário... participar da pós-graduação. Isso era idéia do Doutor Moussatché, Doutor Vilela... enfim, esses que tinham a mente mais voltada pra isso...

### **Fita 3 – Lado B**

OM: ....Quer dizer o aluno, o candidato aluno não ficaria forçado a fazer este ou aquele crédito para cumprir o número ... fazendo o jus ao direto de defender uma tese, etc. Seria o seguinte: teria o orientador que era aquele que acompanhava no laboratório, e este orientador é que iria perceber o que ele precisaria fazer, aconselhá-lo a fazer um curso disto ou um curso daquilo.

NA: É o que se faz o hoje, né?

OM: É, o que se faz hoje de uma certa forma.

NA: Não é? Porque hoje o doutorado se faz com um tutor,( tutorial) que se chama, né? ...

OM: Exatamente

NA: Se vai fazer uma tese com uma pessoa, né? Diretamente ...

OM: Aí, acontece o seguinte: não está aceito ... está aceito, mas eu acho que no fundo nunca aceitaram. No Instituto aceitaram, acho que a universidade é que...

NA: Não aceitou.

OM: Não aceitou. Em vista disso o Emílio não teve dúvida: sentou-se e escreveu uma tese dele para a pós-graduação, entendeu? E entregou e entregou ao Senhor Durval, era o secretário, porque já tinha passado pelo Doutor Vilela. E entregou lá, no Instituto de química que ele entregou e ele foi aguardando.

NA: No Instituto de Química da UFRJ?

OM: Da UFRJ.

NA: Do Brasil então?

BC: Não.

OM: Não, já era aqui no fundão no bloco A.

NA: Já era UFRJ.

OM: É UFRJ. É UFRJ, mas não era lá da engenharia química não.

NA: Não, no Instituto Químico.

OM: Entregou ali.

NA: Doutorado... ele pediu doutorado?

OM: É, pediu doutorado. Gente! Isso aqui pra ficar registrado, eu nunca disse isso pra ninguém.

NA: Mas porque não pode contar isso?

OM: Não sei, é uma coisa que envolve tanta... por que de fato .. de fato nunca .. nunca indicaram a banca.

BC: Nunca indicaram?

NA: A banca.

OM: A banca, nunca nomearam uma banca, nunca marcaram uma data. O Doutor Vilela teve que ir viajar já com compromisso assumido anteriormente. Nunca, nunca. Aí, o Emílio começou a insistir e eu cheguei a escrever uma carta relatando essa história toda e pedi .. porque ele estava esperando ele decidir a dele pra eu fazer a minha, entendeu? Não queria atropelar, fazer as coisa ao mesmo tempo. E nisso, o que eu vim a saber foi que desapareceu a tese do Emílio.

BC: Ah!

NA: No Instituto de Química?

OM: Desapareceu a tese. Não sei se foi no Instituto de Química, se foi porque a universidade estava mudando de lá pra cá... eu cheguei até a falar com o Perrone, que era



da química: “Perrone, isso assim...” Mas o Instituto Oswaldo Cruz tem direito a ...ninguém sabia de nada, era como se eu estivesse falando uma língua de outro mundo.

BC: Gente!

NA: Em que ano foi isso?

OM: Eu devo ter a carta que eu escrevi, eu devo ter a carta.

NA: A senhora falou com esse Perrone que era da química?

OM: Era da química: “Perrone, você não ouvi falar isso assim, assim?” Não sabia, ninguém sabia de nada.

NA: Será que o Instituto Oswaldo Cruz, realmente enviou para ...

OM: O Emílio entregou pessoalmente.

NA: Pra quem?

OM: Lá pra esse secretário do Durval.

BC: E essa época não tinha cópia, né?

OM: Não, não. Agora você me pegou com essa pergunta, não vejo ...

BC: A gente lida com cópias tem muito mais facilidade, né?

OM: É, pois é. Aí ele deu de ombros disse: “ Não preciso disso”. E eu disse: “Emílio, eu vou fazer”. “Otilia, se você está participando de bancas pra analisar as teses que estão sendo feitas, pra que você vai fazer”? Então, pra não brigar com ele eu não fiz, mas me arrependo porque a Aída Hasson muitos anos depois fez.

BC: Mas porque que a senhora se arrepende? O que ...que ... prejudicou?

OM: Financeiramente prejudicou, porque houve uma reforma agora, o que dá 70% para quem tem... eu até podia entrar na justiça, pleiteando essa gratificação, mas eu não quis pelo seguinte: porque o Instituto Oswaldo Cruz tinha mandato universitário, eu defendi uma tese como se fosse banca de doutorado.

NA: No concurso.

OM: No concurso. O CNPq assim que soube do meu resultado me mandou uma renovação de bolsa com doutorado, entendeu? ...

BC: Ah, a senhora devia entrar na justiça.

OM: Nunca entrei. Lá no Inca, porque isso aconteceu no Inca, eu até falei com uma pessoa da comissão. “Não não não, só se tiver o papelzinho”. Mas achei que era coisa muito pequena pra aborrecimento desnecessário. Mas me prejudicou sob esse aspecto, e sob

outro aspecto também: “tem doutorado?” Não, não tenho. Não posso dizer que tenho. Em bancas eu dizia: “eu tenho uma equivalência, porque o Cnpq...”

BC: Mas a sua geração não são muitas pessoas que tem.

OM: A Aída Hasson trabalhou com equivalências ...

NA: O Dr. Chagas obrigou, ela contou pra gente.

OM: Porque ele sabia o que vinha depois.

NA: Aqui no Instituto, acho que ninguém fez doutorado e mestrado aqui, fizeram? Na sua época?

OM: Não, na minha época não. Na minha época não houve.

NA: Mas os outros colegas, as pessoas faziam nessa época, dos anos 60, fizeram pós-graduação?

OM: Não, não havia. Havia só no exterior. Luiz Paulo fez no exterior.

NA: Aí acabou indo?

OM: Foi .. foi, ele fez lá, fez mestrado lá e depois quando voltou que houve essa confusão na Fiocruz, não é? Nós saímos para o Inca e ele já tinha saído um pouco antes foi pra UFRJ como professor, porque ele tinha o título de mestre e era da bioquímica, amigo... nós também éramos amigo do grupo da bioquímica.

NA: Quem era o grupo lá?

OM: Tinha o (... Dumont), o Perrone, que já faleceu, Anita (Fanec)... mas Anita (Fanec), não teve envolvimento com essa história da nossa... interesse do Emílio pela ... no momento em que o Emílio entregou a tese.

NA: A senhora tá falando da bioquímica lá ou da química?

OM: Da bioquímica.

BC: Do Instituto de Química.

OM: Do Instituto de Química.

NA: Do Instituto de Química, mas não da bioquímica de lá?

OM: Não.

NA: O Luiz Paulo foi pro Instituto de Química.

OM: Foi pro instituto de Química.

NA: Não pra bioquímica.

OM: O que vocês chamam de bioquímica?

BC: Onde a senhora está!

OM: Mas aqui é .. aqui é no CCS. Não, isso que eu estou dizendo fica lá Instituto de química, lá no (Cepem).

BC: Isso fica lá Centro de Tecnologia.

NA: Sim ..sim, mas o Instituto de química da UFRJ...

OM: Da UFRJ, é tudo UFRJ e ele foi professor ali. Como também lá .. no Instituto de química também tem o setor de bioquímica.

NA: De bioquímica. Mas não é separado, não é?

OM: No instituto de química tem uma área .. uma linha de pesquisas em bioquímica.

NA: Bioquímica ...

OM: Que é da Anita (Fanec). Vocês tem que ir, né? Vamos indo senão ...

NA: A gente quer sair daqui, porque não é muito seguro a gente ficar aqui não, aqui é meio complicado.

OM: Eu só quero saber se eu tenho que trazer isso de volta ou não.

NA: A gente quer ver isso aqui antes da gente terminar.

OM: Isso aqui éramos nós dois.

NA: Que linda foto ....

OM: Esse, é nós dois no recanto.

NA: A gente quer fotografar isso.

OM: Num recanto.

NA: Só os dois, no recanto do laboratório.

OM: Isso aqui é aqui foi quando nós recebemos o prêmio.

NA: Quando é isso? Que ano?A senhora tá novinha aqui, hein?Cara de menina, de garota.

OM: Eu sai de lá novinha. O tempo passa, né?

BC: Saiu de lá?

OM: Novinha, eu sai da Fiocruz novinha.

BC: Ah, de lá ... de lá é daqui.

OM: Isso daqui deve ter sido antes de 60, não deve ter sido na década de 60. 61, 60...

NA: A senhora já estava casada com ele?

OM: Já. Aqui foi em 74, quando um trabalho nosso foi premiado, premio Oswaldo Cruz. Isso aqui são os pais dele, o pai dele, a mãe , aqui o nosso filho que estava com dez anos.

NA: Que lindo filho!

OM: Em 74.

NA: Que menino bonito!

OM: O diretor do Instituto estava...

NA: Esse aqui é quem?

OM: É o pai dele.

NA: Ah ...e aqui?

OM: Aqui Doutor Vilela, Doutor Gilberto Vilela.

BC: Ah, Doutor Vilela ...

NA: Nunca tinha visto nenhuma foto dele.

OM: Aqui sou eu .. que estou de cabeça baixa. Essa aqui é a Jaci. Olha a Jaci! Você conhece a Jaci?

BC: Não. Só a Ana e o Felipe.

OM: Isso .. é lá na biblioteca ...

NA: É, lá na biblioteca, eu to reconhecendo aqui.

BC: Vocês são muito amigas mesmo!

OM: Somos. Desde o primeiro ano da escola, não é?

NA: Esse prêmio Oswaldo Cruz era dado pelo próprio Instituto?

OM: É, o próprio Instituto. Ganhamos duas vezes o prêmio, esse aqui foi o primeiro prêmio e ... ele fez um discurso. E um outro tinha sido missão honrosa também ... também trabalho científico ...isso aqui vocês já viram.

NA: É a sua foto? As fotos pro livro...

OM: Este aqui é um recanto de laboratório que já era...

BC: Que já era o que?

OM: Que já era assim como chegamos. Lindo, não?

NA: Pra exposição “Passado Presente”. Vou botar isso lá, se a senhora me permitir...

OM: Claro, claro que eu permito.

NA: Olha .. olha que beleza ...isso é o Quinino.

OM: É o Quinino.

NA: Isso aqui da pra onde? Pra cavalaria?

OM: Pra cavalaria, aquela ali embaixo. Aquela janela dá para aquele lado.

NA: A senhora sabe? Porque isso aqui é ótimo Inclusive, a gente quer colocar na exposição alguns aparelhos. Então ela dizendo o que é...

OM: Eu tenho um aparelho que estava no nosso laboratório... que nós demos tudo pra família do Doutor Vilela, né? Livros nós mandamos, porque era muitos livros e eu não podia ficar com todos... inclusive os meus foram também... para o Paraná, onde fundaram uma biblioteca e puseram o nome de Gilberto Vilela.

BC: Não acredito nisso.

OM: Eu vou dizer por que que foi pra lá.

NA: Devia tá aqui, né?

OM: E sabe por que foi? Momentos antes do Doutor Vilela falecer, não permitiram que ele usasse a biblioteca.

NA: Que absurdo!

BC: Nossa!

OM: Não sei por que não podia usar a biblioteca, ele ficou em estado de choque. Ele ficou em estado de choque. E olha... um homem que trabalhou lá...

NA: É...

OM: A vida inteira, nunca fez outra coisa na vida a não ser pesquisa! Aí ele chegou pra família e contou. Disse: “Eu pretendia doar minha biblioteca pro Instituto. Não farei mais isso”. Faleceu pouco depois e a família disse: “Otília, não queremos que os livros do Vilela vá para a biblioteca”.

NA: Claro.

OM: Então foram pro Paraná.

NA: Inacreditável .

OM: Muita coisa ... muita coisa mesmo. Então puseram o nome Biblioteca Gilberto Vilela. Essa coisas, essas ingratidões, essas mágoas que só prejudicam, né?

NA: Isso aqui é o laboratório?

OM: Isso aqui é o laboratório, o gabinete ...

NA: Esse aqui é no laboratório.

OM: Essa aqui? É a senhora?

NA: Não.

OM: Eu estou aqui. Essa é da Fiocruz, Sônia Simas.

NA: Tá hoje .. ta aí ainda hoje?

OM: Ela estava, até ano passado ela estava. Porque elas eram estagiárias e quando nós saímos elas fizeram uma provinha e ficaram. Optaram por ficar como tecnólogas. Então, Sônia Simas, a Matilde que ficou algum tempo não sei se no laboratório do Morel, agora ela está aposentada... essa não ficou, a Sueli ... Lúcia .. Lúcia Jardim...aqui os nossos serventes todos. Este, este e este foram conosco pro Inca e depois se aposentaram. Nenhum deles quis ficar lá sem nós.

NA: Aqui tem uma outra menina.

OM: Ah!Ana Maria Calcanhoto.

NA: Ah, é? Eu já vi ... ela trabalhou com Morel, não trabalhou?

OM: Trabalhou com o Morel.

NA: Já vi o nome dela várias vezes no arquivo do Morel. O Morel doou o arquivo dele pra gente tá?

OM: Ah, é? Então, Ana Maria Calcanhoto. (...) fez a tese lá no nosso laboratório. Ela ainda não tinha defendido quando Doutor Vilela faleceu. Aí ela ficou em estado de choque e nós dissemos: “Não, Ana Maria, fica tranquila que tudo vai ser feito”. Nós ajudamos no que foi possível e aí o Luiz Paulo, que era professor da universidade, assumiu.

NA: Quem ficou no laboratório quando que vocês foram embora? O laboratório praticamente sumiu ....

OM: Acabou, não é? Acabou. Eu soube que uma pessoa disse que, quando foi pra lá, pra Fiocruz...

BC: Era laboratório de bioquímica?

OM: É. Ele foi com a incumbência de acabar com a bioquímica.

BC: Mas o Morel, na entrevista dele... Eu não lembro .....

OM: (... Zinger).

NA: (... Zinger). Não sei se foi ele não, a senhora sabe porquê? Deixa eu lhe explicar uma coisa...

OM: Mas o Morel ...

NA: O Morel herdou esse laboratório.

OM: Herdou lá em cima porque ele estavam indo lá pra baixo. Quando eu sai ele estava no térreo.

NA: No Quinino.

OM: No Quinino.

NA: Pois é, mas depois que vocês saíram ... vocês saíram quando?

OM: 78, julho de 78.

NA: O Morel chegou... o Morel já estava aqui .

OM: Já estava aqui, claro que estava.

NA: O Morel chegou em 77. O Morel é bioquímico, mas já fazia biologia molecular.

OM: Já

BC: Mas o departamento era de bioquímica!

NA: Departamento de bioquímica e biologia molecular ...

OM: Que é uma coisa moderna, é bioquímica e biologia molecular. É a nomenclatura moderna.

NA: Eu acho que o que restou daqui foi para o laboratório do Morel, que tinha uma confusão com um sujeito que estava lá ...

BC: Na entrevista que você fez tinha um alemão que estava na bioquímica.

NA: E acabou brigando ....

BC: É um alemão que estava na bioquímica ....Ele não era brasileiro ...

NA: O Morel brigou com ele e dividiam o laboratório com ele. .... Tinha uma confusão, né? Quando ele chegou o Morel já estava e acabou que ele foi embora e o Morel ficou. Aí o Morel fundou o Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular.

OM: E onde é que está esse fulano?

NA: Foi embora.

OM: E no Brasil onde é que ele está?

NA: Não sei, não sei. Mas o Morel é que fundou o Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular com o que sobrou daqui.

OM: Pois é. Isso mesmo, porque o objetivo era acabar com a bioquímica tradicional.

NA: Mas o Morel não acabou com a bioquímica mais tradicional ...

OM: Mas aparecia com novo nome, porque ele chegou com nome de biologia molecular. Atualmente a bioquímica é biologia molecular a maioria das... Agora não. Agora tem bioquímica lá no Fundão.

NA: Separado da biologia molecular...

OM: Tem, tem . A biologia molecular é uma arma de....

NA: Ferramenta técnica ....

OM: Ferramenta ...

NA: Que os bioquímicos usam ....

OM: Bioquímicos...

NA: Hoje, hoje é.

OM: Mas quando nós saímos, nós deixamos o laboratório... tudo o que era nosso, particular, nós fizemos ... aliás .. fizemos um levantamento de tudo: o que era particular, o que era do Cnpq e o que era da Instituição. Chamamos o patrimônio e fizemos com que conferissem tudo, pedimos autorização para retirar o que era nosso. Eles permitiram. Por escrito, pedimos uma autorização para retirar o que era do Cnpq, para levar pro Inca mas, ao mesmo tempo, escrevemos pro Cnpq pra pedir autorização também, pedindo autorização. O Cnpq deu a autorização e aí a Fiocruz deu autorização também. E o que era da Instituição nós deixamos arrumado, lacrado. Balança ... balança, nós poderíamos levar pra qualquer canto com segurança sentando e deixamos recomendação: não remover isso, não fazer aquilo... deixamos tudo, tudo assim.

NA: Aqui, ela ta ... mostrando aqui tem uma porção de fotos, não tem essas balanças aí?

OM: Tem, tem.



NA: Os vidros aqui ...

OM: Os tubos de (encudermes, ... hidrogenase). Eu gosto muito de uma estante assim, ela tem umas canaletas (...) para não encostar na mesa.

NA: A gente pode reproduzir essas fotos, né?

OM: Pode. Aqui o Zeiss, que foi comigo pro Inca.

NA: Zeiss?

OM: Zeiss, Z-E-I-S-S....

NA: É Aquela empresa alemã ....

OM: Alemã.

NA: Que é a melhor empresa de vidros, de lentes do mundo.

OM: É, isso veio do Cnpq pra nós.

NA: A gente vai voltar esse assunto hein... de laboratório na próxima, na próxima entrevista. Que bonita foto hein? Você sai muito bem em foto. Estão rindo, ótimos, estão ótimos.

OM: Isso aqui, já é .. que as meninas estagiárias, quando nós íamos sair, elas estavam fazendo um contato com o laboratório do Doutor Lobato.

NA: Lobato aquele ali?

OM: Lobato.

NA: Lobato novinho, nossa senhora!

OM: E aqui não era a mulher dele?

NA: Não, a Ligia não.

OM: A Ligia é esta ou esta?

NA: A Ligia não é aqui, não pode ser aquela lá, eu não estou vendo direito.

BC: Pode ser essa.

NA: A Ligia?

OM: Olha aqui, aqui não é ela?

BC: É ela, é a Ligia sim.

OM: É ela sim.

NA: É mesmo ...

OM: Nós ainda estávamos no laboratório, mas as estagiárias estavam é fazendo uma cooperação aqui. Nós pegávamos o caramujo, estávamos com o trabalho no meio, usando o caramujo...

NA: Uma porção de meninas, né?

OM: Não deu pra terminar e nós fomos embora. Eu podia ter voltado, ter pedido a eles que me dessem mais uns dez caramujos pra terminar com as meninas.

BC: Mas não conseguiu voltar aqui.

OM: Meus Deus, o trabalho não foi concluído.

NA: A senhora trabalhava com caramujos?

OM: Não, nós fazíamos dosagem (...) e as meninas estavam interessadas nos caramujos.

NA: (...)

OM: Elas iam ficar lá com eles. Então nós fizemos uma dosagem, criamos caramujos em meio de cultura com um inibidor da (xantina oxidável), entendeu? Foi muito bonito o resultado, mas não ficamos porque ficou faltando...e eu não tive coragem.

NA: Aqui é o Quinino também?

OM: É, aqui é na varanda do Quinino, a varanda interna e a Ana Maria Calcanhoto.

BC: Mas quando vocês saíram quem é ficou no laboratório?

OM: Foi fechado.

NA: Fechou tudo, isso foi em que não 78, né? Foi no final do ano?

OM: Julho... julho de 78.

NA: O Vinícius estava saindo já, né? Ele saiu logo em seguida, em 79.

OM: É, saiu logo em seguida.

NA: 79.

OM: É, saiu logo em seguida .... e nós não ficamos. Poderíamos ter ficado, porque nós fomos convidados pra ficar. Até o Doutor Lobato me chamou uma vez pra conversar com ele na ....

NA: Lobato era o vice-presidente de pesquisa, né?

OM: É...

NA: Por que vocês foram embora?

OM: Pois é, aí é que está uma situação muito ..

NA: Acho melhor a gente não iniciar nesse assunto agora não ...

OM: Então, tá bom.

NA: Porque a gente deixa pra outro dia.

OM: Claro, claro. Eu tenho assunto pra cinquenta fitas (risos)

Interrupção

Data: 08/12/2003

### **Fita 3 – Lado B (Continuação)**

NA: Vamos começar daqui a pouco a gente fica falando sem .... hoje é dia é?

BC: Hoje é oito.

NA: Hoje é 8 de dezembro de 2003, nós estamos aqui com a professora Otília, fazendo a 2ª entrevista com ela. Doutora Otília, estamos aqui conversando é ....sobre a reserva técnica do Museu, os equipamentos que estão lá, ela disse que se dispõe nos ajudar, a tentar identificar o que ela pode conhecer dos equipamentos e tal. Então a doutora Otília começou a e lembrar agora que quando eles saíram, 78 ela e o...

OM: O marido, Emílio Mittidieri. Nós éramos os únicos daquele grupo inicial, os remanescentes, nós e os estagiários; porque o Luiz Paulo Ribeiro já havia anos antes ido para a universidade.

NA: Pra UFRJ?

OM: UFRJ.

NA: Ele ta lá ainda?

OM: Não aposentou, aposentou-se e está morando em Friburgo ...

NA: Mora em Friburgo?

OM: Em Friburgo, mas quando começou aquele ambiente meio indefinido dentro da Fiocruz, ele já tinha optado pela UFRJ. E em 1966, quando foi nomeado o Rocha Lagoa como diretor, o Doutor Vilela perdeu a chefia da divisão de química e terapêutica experimental; ele era chefe do laboratório e também era o chefe da divisão, né? E aí quem assumiu como chefe da divisão foi Hélios Póvoa e...

NA: Quando foi isso? 64?

OM: 66 pelos meus ...não sei se antes, em que ano entrou o Rocha Lagoa eu não sei.

NA: 64.

OM: Mas em 66 o Abreu já era o chefe. Mas eu acredito que isso tenha acontecido em 64, porque Doutor Vilela não ficou... 64 até lá. Em que momento exatamente foi essa substituição de chefia, eu acredito que tenha sido em 64. E o Abreu ficou como chefe do laboratório....

NA: De?

OM: De bioquímica, esse de bioquímica onde nós estávamos.

NA: Chamava de bioquímica nessa época? Já chamava?

OM: Já chamava, sempre chamou. O Doutor Vilela perdeu então as chefias, né? Posteriormente ...

NA: Ele não era muito próximo do Rocha Lagoa ou o que aconteceu? Ele teve algum inquérito administrativo contra ele?

OM: Não.

NA: O Gilberto Vilela?

OM: Ele teve contra nós.

NA: Vocês? Mas não contra ele?

OM: Não, pelo que eu saiba não.

NA: Mas ele tinha algum problema com o Rocha Lagoa?

OM: Tanta gente tinha problema com o Rocha Lagoa, que eu não sei nem definir. O Doutor Vilela não era assim uma pessoa agressiva como são outros, ele não tinha uma atitude agressiva. Talvez isso até deixasse descontentes alguns que preferissem ... uma pessoa mais ativo, dinâmico em termos de ....

NA: De enfrentar a situação.

OM: De enfrentar a situação. Mas ele também não era um cordeiro, aceitava aquilo que fosse (...). Eu não sei porque ...

NA: Ele saiu de modo próprio ou tiraram o cargo dele?

OM: Não, tiraram.

NA: Tiraram?

OM: Tiraram, né? E então ficou Hélios Póvoa.

NA: Chefe de divisão.

OM: Na divisão e o Abreu ...

NA: Divisão de bioquímica.

OM: É, química e terapêutica experimental. E o Abreu como chefe do laboratório de bioquímica. Eu posso até está cometendo algum equívoco, porque eu sofria mais do que propriamente memorizava os fatos que depois viriam a ser história. Anos depois o Abreu já era o chefe da divisão de química e, portanto, o Póvoa teria saído, espontaneamente ou não, eu não sei.

NA: Ele foi pra Inglaterra? Ele voltou depois ...

OM: O Póvoa? Foi pra Inglaterra?

NA: Ele voltou depois da época do Vinícius, a senhora não lembra?

OM: Eu não me lembro, não me lembro. Não sou a pessoa mais indicada pra dizer essas coisas assim. Eu sei que por conta do meu arquivo, houve ofício meus encaminhados ao Abreu como chefe da divisão de química e terapêutica experimental. Nesse momento o Abreu, que era do nosso laboratório... nós todos ... tinha vários laboratórios dentro de um conjunto, que era laboratório de bioquímica. Tinha vários laboratórios com esse grupo todo, que era um grupo amigo, trabalhava e se formava em equipe produtiva e na mesma área: Como ficou vários espaços assim... que eu acho que era antigamente microbiologia, não sei se (...), bem em cima de nós, ficou vago... e o Abreu queria se expandir, ter um laboratório mais bem organizado, ele então se transferiu para o andar de cima. Quer dizer, saiu ele e saiu a Regina, que era a mulher dele e uns auxiliares. Então no nosso laboratório ficamos nós: Emilio, eu, Doutor Vilela, Fontana... eu acho que ele ficou ali embaixo também .. então, ficamos assim ...sabe? Que isso tudo pra explicar que em mil no ..

NA: Qual o nome do Fontana?

OM: Pedro Fontana Júnior. Ficou ali embaixo também. E os nossos estagiários, porque a Regina não tinha estagiários. Isso tudo pra explicar que em 1978, quando nós saímos naquele laboratório, era só nós e os estagiários que já tinham sido mais ou menos redistribuído.

NA: Que estão naquelas fotos que a senhora nos emprestou pra copiar.

OM: Estão, e tem mais uma aqui. Por quê? Elas estavam vendo ali na Fiocruz uma possibilidade de futuro, né?

NA: É.

OM: Tinham iniciado (...) para estudantes, feito um aprimoramento, tinham conseguido bolsas...eu tenho, não trouxe, mas tenho requisição. Nós fizemos, de bolsas do IOC pra elas, uma delas até tinha bolsa do CNPq.

NA: Tinham muitas moças, né?

OM: Só moças. No nosso só moças.

NA: Elas eram químicas ou vinham da bioquímica?

OM: Não, tinha bióloga, tinha química... a Mariete era química, está senão me engano no NCQS.

NA: Mariete?

OM: Mariete Ferreira Lemos.

NA: Tá aí ainda aí?

OM: Eu acho que está, ela não deve ter se aposentado.

NA: É, bom a gente entrevistar ela, da próxima vez a gente pode entrevistá-la.

OM: Mariete Ferreira Lemos, Sônia Maria Simas, essa também. Essa não era química, essa fez tinha feito o curso normal, professora, e depois quando ...

NA: Que interessante ...

OM: Foi assim, um belo dia alguém apresentou a mim dizendo que ela gostaria de arranjar um estágio, se podia fazer um estágio. Ah! Ela fez, sim ... antes disso ela ingressou para o curso de biologia da FAUPE, mas ela não tinha estudado química, não é? Porque no vestibular dela não precisava pra biologia e no curso normal também Não dava.

NA: Ela está onde hoje? A senhora sabe?

OM: Acho que está no INCQ também, Acho que está.

NA: Ótimo, ótima indicação professora, quem mais?

OM: Mariete Ferreira Lemos, Sônia Maria Simas... e a Ana Maria Calcanhoto, que terminou a tese, né? Exatamente quando o Doutor Vilela faleceu.

NA: Mestrado, né?

OM: Mestrado.

NA: Ela era bióloga?

OM: Essa era química do Instituto de Filosofia, lá da FNFI.

NA: Não era da escola de química.

OM: Não era da escola de química...

NA: Ela foi pra biologia molecular com o Morel ...

OM: Ana Maria foi. Tinha Maria Matilde Magalhães Albuquerque.... essa acho que foi também para a biologia molecular, se não me engano não diretamente ligada ao Morel, mas ao Ricardo, tinha algum Ricardo?

NA: Ricardo (...).

OM: Acho que foi com ele...

NA: Ele está aí.

OM: É, eu acho. Mas a Matilde já se aposentou.

NA: Ah, é?

OM: Já se aposentou

NA: Ela era bióloga também?

OM: A Matilde eu ...que ela estudou em Alfenas, não sei se ela fez algum curso aqui não. Eu tenho a impressão que era ... não sei se farmácia, não sei dizer o curso. Era um grupo assim heterogêneo absolutamente heterogêneo.

BC: A Pedrina não ...

OM: Não era conosco não, a Pedrina era da micologia, né?

NA: É, então são essas alunas todas, né?

OM: Então elas eram de iniciação científica. E tinha a Sueli Jansen que era bióloga e que....

BC: Era parente do Jansen, não era?

OM: Eu perguntei a ela, ela disse que se foi era distante, ela não conhecia esse parentesco.

NA: E a senhora conheceu o Geth Jansen?

OM: Conheci , conheci. Então, conclusão ...

BC: Ele era diretor da divisão de ensino....

OM: É, ficou era algum tempo. Eu era uma pessoa assim que eu não me intrometia muito, entendeu? Eu trabalhava....

NA: Não o que?

OM: Não me intrometia muito...

NA: Ah, sim.

OM: Era o meu canto, a biblioteca... as pessoas eu já conhecia mas era com muita cerimônia, não tinha assim muita intimidade maior. Tem pessoas que são extrovertidas, comunicativas, eu nem tanto.

NA: Mas a Sueli Jansen ...

#### **Fita 4 – Lado A**



OM: Aí, o que aconteceu: quando ficou claro que nós não poderíamos ficar ali ... nós queríamos ficar, eu tenho até um documento aí onde nós dizíamos que queríamos ficar.

BC: Vocês fariam a opção?

OM: Não, mas aí é que está, depois ...

BC: Ficar sem fazer a opção...

OM: Ficar no IOC, primeira perguntar foi essa: “querem ficar?” Claro que queremos ficar no Instituto Oswaldo Cruz, já Fiocruz naquela ocasião. Depois vem o segundo documento, em que perguntaram se nós faríamos ... que nós teríamos que responder se faríamos uma opção ou não opção pelo regime de CLT. Não era uma opção por não ficar, era pelo regime de CLT, e nós dissemos que não faríamos, não faríamos.

NA: Continuariam estatutários ...

OM: Estatutários. Nós fizemos um concurso... que foi um ganho.

NA: A senhora contou pra gente ..

OM: Pois é, então... eu até tenho aqui alguma coisa ...então, que não ficaríamos com regime de CLT e daí a coisa foi mudando até que ... pra não cortar o fio do pensamento, elas perceberam, e nós também, que nós não poderíamos ficar ali, entendeu? E aí elas ficaram com muita preocupação.

NA: Sim, estavam começando a carreira ...

OM: Pois é, já tinham feito alguma coisa, já tinham aprendido o alguma coisa. Então Doutor Lobato..., senão me engano ... era vice-diretor ...

NA: Presidente de pesquisa.

OM: Vice-presidente de pesquisa. Não sei se ele tinha alguma coisa em função a ensino e seleção, não sei. O fato é que elas entraram em contato com o Doutor Lobato ... mesmo porque nós tínhamos um trabalho em colaboração que estava começando.

NA: Sobre o que?

OM: Nós estávamos (...) enzimas xantinoxidade e os caramujos.

NA: A senhora acho que até comentou ...

BC: Do Lobato com a Ligia ..

NA: Com a Ligia tem até uma foto dele aqui...

OM: Foi uma pena, não termos terminado aquilo. Já estávamos com resultados interessantes e não pudemos terminar. E dois ou três anos depois eu vi numa revista americana ao trabalho.

NA: A senhora falou isso, contou ..

OM: Bom, enfim são coisas. Aí elas queriam ficar e algumas delas assim meio ... meio preocupadas, vieram perguntar o que poderiam fazer para poderem passar numa prova de seleção ou numa entrevista, em alguma coisa assim. Elas me perguntaram se eu podia dar alguns ensinamentos básicos, principalmente a Sônia que não tinha tido química... aí nós fazíamos uma rodinha e elas ... bom, conclusão: todas elas .... a Mariete, a Sônia e a Matilde e a Ana Maria, evidentemente, ia passar mesmo, não é? Todas elas foram aproveitadas. Ana Maria ... as outras não, porque não ... a Sueli Jansen disse: “não, sem vocês eu não fico, mesmo porque eu não concordo com o que está acontecendo aqui e tal”. Fez um discurso assim nesse sentido pra nós e se afastou. Então, quando nós saímos realmente as nossas descendentes estavam já encaminhadas, iam ficar. Nós fechamos o laboratório, Emílio e eu, assim como eu já disse pra vocês, não é? Separando o que era nosso, classificando, chamando ...

NA: A senhora fez uma lista, né?

OM: Fazendo patrimônio, o que era do Cnpq, tudo assim ... e o que era da Fundação, isso foi por conta do Museu, o que era da Fundação Oswaldo Cruz nós deixamos classificado, arrumado, organizado em caixas com nome, etiquetas, fizemos tudo assim. Tanto que anos depois nos encontramos, alguém (..) “ – Olha, quando vocês saíram fui no seu laboratório e peguei tudo o que podia. Estava tão organizado que eu não tive trabalho nenhum”.

NA: O pessoal lá é o que?

OM: É, porque não deixamos assim...

NA: Sim, abandonado assim pra trás ..

OM: Agora, tem muita coisa que eu tenho certeza que deve ter ido pra sucata, porque quando vieram fazer um levantamento conosco eles perguntavam: “ Esse equipamento quantos anos? Tem mais de quinze anos?” Eu dizia tem. “Então isso é obsoleto”. Inclusive o espectrofotômetro, que eu levei pro Inca que era do Cnpq, que eu levei pro Inca...

NA: Aquele que está na foto?

OM: Aquele que está na foto. Funcionou maravilhosamente e que trouxe pra Fiocruz agora. Para a Fiocruz não, para a UFRJ o tal obsoleto. Quer dizer, a pergunta era essa: “Tem mais de quinze anos?” Tem, então é obsoleto ...

NA: Que mentalidade ...

OM: Então, é por isso que eu digo, é provável que muita coisa ...

NA: Tenha se perdido.

OM: Tenha se perdido.

BC: Mas professora, eles mandaram vocês embora? Como é que foi essa coisa de perceber que não dava mais? Porque tem outras pessoas que não fizeram a opção e que continuaram na Fiocruz, não é isso? Na Escola de Saúde Pública ....

NA: É, teve gente que optou pela CLT e continua e até hoje ta aí.

OM: Eu não sei ...

BC: Como é que vocês sentiram essa coisa de não dá pra continuar? Alguém chegou e disse alguma coisa?

OM: Eu tenho aqui alguns documentos que podem ... pra mim foi muito doloroso. Para mim foi muito doloroso, mas eu tenho aqui documentos que talvez possam... eu não sei explicar, mas tem alguns documentos assim por exemplo, Doutor Vilela ainda ...

NA: Estava vivo.

OM: Ele se aposentou em 1974, e continuou conosco. Em 1976 .... se vocês quiserem eu até mostro aqui os documentos, não sei se querem isso...

NA: A senhora podia falar como é que... como é que a senhora achou que estava pressionada pra ir embora?

BC: O Emílio chegou e disse: “ – Oh, ta na hora da gente sair ....”

OM: Não, não fomos nós. Ao contrário, a direção convidou o Emílio... inclusive o Doutor Vinícius várias vezes chamou o Emílio querendo, que ....queria que nós optássemos, a questão era optar.

NA: Estava pressionando pela CLT ...

OM: Para optar CLT, nós recebemos um convite, não apenas nós, por escrito, com assinatura do Vinícius. Eu soube depois que foram 21 pessoas, que eles convidaram para permanecerem no Instituto, o Emílio e eu inclusive, optando, teria que ser optando pela CLT.

NA: Quer dizer, sem optar o convite estava desfeito. Era isso?

OM: Pode ter sido, não foi dito, mas pode ter sido isso. Aí chamava o Emílio conversava e tal e chamou no gabinete, chamou até numa ocasião em casa porque o Vinícius morava lá, não é? Tinha uma residência ...

NA: Aqui é no Campus .

OM: Morava. Chamou conversando e tal, ele o Emílio e mais uma outra pessoa que não me lembro quem. E o Emílio disse que não ia optar e ele tinha essa coisa por vários motivos, mas depois eu menciono. O Doutor Lobato fora isso, também nos chamou ainda e eu fui junto, o Doutor Lobato insistiu pra que eu ficasse, enfim ... aí surgiu uma conversa e tal. O Emílio firme e eu, por último, até queria ficar, entendeu? Mas se eu optasse o Emílio não ia ele já estava decidido aí ...

NA: Mas qual era a questão dele? Por que ele não quis optar? A senhora falou que tinha feito um concurso que tinha sido muito importante mas era isso só, ou ele achava que isso era um desmerecimento...

OM: O Emílio não concordava com certas coisas que estavam acontecendo, sabe? Ele falava diretamente com o Vinícius: “Não posso, não concordo, com isso assim, isso não pode ser assim.” Uma coisa que foi acho que definitiva, por pensar em não optar, muito desagradável mas eu vou falar: uma pessoa conhecida, competente, séria, dedicada ao trabalho, só pensava em trabalhar, produtiva, tinha já feito a pós-graduação que nós tínhamos porque foi depois... então, essa pessoa optou pelo regime CLT e não foi aceita, entendeu?

BC: Quem era essa pessoa?

OM: Ela até hoje não sabe, que isso foi ....

BC: O motivo ...

OM: O motivo que o Emílio voltou atrás. Ela até hoje não sabe, nunca soube, que nós ...

NA: Quem é?

OM: Não posso dizer.

NA: Não tem importância, o que que tem?

OM: Acho que ela vai ficar ... porque ela é muito sensível, acho que ela vai ficar chocada de saber que eu estou dizendo, porque ela não sabe.

NA: Mas ela está aqui hoje?

OM: Não, aqui não.

NA: Então?

OM: Depois eu penso se digo o nome...

NA: Ela foi admitida?

OM: Não aceitaram.

NA: A questão, não era opção, né? Por isso que o seu marido .... Também deve ter ficado ...

BC: A gota da água, porque que não aceitaram...

OM: Mas era mais pela injustiça, ele não tinha medo de ficar desempregado.

BC: A gente tá falando da injustiça .

OM: Pela injustiça ..

NA: Isso, isso.

OM: E ele foi até o Vinícius e falou isso, disse: “ Olha, desde o momento que eu vejo acontecer coisas como esta, eu não posso concordar. E por quê?”

NA: Mas olha só? Ela sabe que foi demitida, não é claro?

BC: Ela foi demitida.

NA: Mas porque a senhora não quer contar a história, se ela sabe que foi?

OM: Mas não sabe que o Emílio tomou essa atitude por conta. Quando o Emílio falou... e o Vinicius eu tenho certeza que não a conhecia ...

BC: Ele não era da área, não era daqui.

OM: Não conhecia. Talvez conhecesse de nome, porque o filho dele era colega de turma do meu filho no Andrews, talvez. Apesar, que eu já tinha ido a casa dele, festa de aniversário, sabe como é festa de aniversário? Criança fica, os pais saem. Aí, provavelmente, quando a Eva nos encontrou comigo aqui, ficou sabendo... mas foi só isso nunca paramos pra conversar, não partiu disso. O Vinícius não nos conhecia, mas pode ser que tivesse tido alguma referência. E não conhecia ninguém, né? Aí o Emílio foi e perguntou a ele, foi expor esse fato. “Por que isso assim, assim?” Ele deu a seguinte explicação: “ Ah, porque ela é uma pessoa difícil.” Se era uma pessoa difícil não sei, porque nunca vi. Como que ele disse isso e porque.. então, eu acho que foi indicação de alguém que não queria que ela ficasse.

BC: Pressão de alguém.

NA: Esse clima parece .... que a senhora está contando aqui, esse clima dos anos 70, já com o Vinícius, é muito parecido, muito eu ouvi ex-caçados, contando pra gente, a senhora lembra que eu lhe mostrei aquele catálogo. Eles falando do clima de delação em 64.

OM: Em 64, eu vivi isso.

BC: Mas aí agora, a gente tá falando de uma cassação branca..

OM: É isso que eu digo, eu sempre digo, nós sofremos uma cassação branca.

NA: A senhora acha isso? A sua interpretação é essa?

OM: Eu acho, porque os que foram caçados depois foram recompensados, foram recebidos com todas honrarias de volta a Fiocruz, não é?

NA: E os que não foram caçados assim, visivelmente, publicamente, tiveram essa cassação branca, nunca foram reconhecidos novamente.

OM: Não, isso nós verificamos. Isso aconteceu.

BC: O clima é similar, não é?

NA: A senhora está falando isso, se aconteceu com essa pessoa, a senhora não quer falar o nome não sei por que, não tem nenhum problema, o seu marido foi solidário com ela, não é?

OM: Foi, foi.

NA: E ela sabe que foi demitida por algum motivo...

OM: Ela não foi demitida, ela não foi demitida.

BC: Não aceitaram a opção dela.

OM: Ela não foi aceita.

NA: E daí?

OM: E daí, ela continuou como pesquisadora do Ministério da Saúde, foi transferida conosco.

BC: Mas ela saiu daqui.

OM: Saiu daqui, mas não foi demitida.

NA: Sim, ela sabe que alguma coisa aconteceu com ela, porque se o argumento da direção era a vocês tem que assinar pela CLT e vocês ficam ...

BC: E ela assinou e não foi.

NA: Ela assinou e não foi, ela sabe que ela não foi aceita, foi transferida, é evidente.

OM: Não, ela não conhece a razão, apenas ela se sentiu injustiçada.

NA: Ela sabe a razão.

OM: Que razão?

NA: Política.

OM: Pessoa que não fazia política nenhuma!

NA: Mas é isso que a senhora está dizendo, isso é uma suposição...

OM: É uma suposição.

NA: Que alguém deve ter feito pressão, algum tipo de fofoca, não sei o que contra ela ... e o Vinícius, que não conhecia ela absolutamente, nada de nada, acabou aceitando. Havia esse clima de delação, foi isso que me lembrei.

OM: Havia.

NA: Agora vamos aproveitar os inimigos para começar..., não é?

OM: No início de 64, a partir de 64 até 70 .. bom, a coisa continua até quando a gente saiu... então, por que eu estou contando isso tudo? Porque as meninas foram pro laboratório do Doutor Lobato, fiquei contente, as meninas as estagiárias.

BC: A gente estava falando da conversa do Emílio com o Vinícius, não é?

OM: Ah, pois é. Então falou e o Emílio... Vinícius estava querendo que o Emílio ficasse: “ Eu não posso ficar, porque eu não concordo com certas coisas. Se eu ficar eu sou conivente com certas situações que não posso aprovar”. Ele era assim, entendeu?

NA: Esse tipo de coisa que aconteceu com essa pessoa.

OM: Esse tipo de coisa, com essa pessoa. Então, assim foi. Isso foi em 74. Em 76.. eu não tinha isso, essa história na memória. Eu tenho na memória os fatos o mal-estar, as injustiças ...

NA: A conversa foi em 74? A conversa do Vinícius com o Doutor Emílio?

OM: Quando é que o Vinícius entrou?

NA: 75.

OM: 75 ... então foi em 75, foi quando ele entrou.

NA: Essa conversa? Foi quando vocês saíram em 78?

OM: Não, nós saímos em 78, não. Foi naquele momento da opção, eu não sei exatamente a data, posso até procurar.

NA: É, a partir de 75. Depois a gente no ... depois a gente vê lá ...

OM: Em 76... a data foi por conta do papel. Eu tenho aqui um ofício ou uma carta, um texto Doutor Vilela, Doutor Vilela já era aposentado, mas nós fazíamos questão que ele fosse respeitado pelo que ele era.

NA: Claro.

OM: Entendeu? Quando era um pedido oficial, eu é que assinava, porque ele não era nada. Inclusive eu pedi ao Gilberto Azevedo Teixeira, que era muito próximo ao Vinicius, pedi a ele...não encontrei nenhum documento, acho que cheguei a fazer isso por escrito, senão eu teria cópia e não achei. Pedi a ele que conseguisse uma contratação pro Doutor Vilela.

Doutor Vilela estava trabalhando, estava inclusive dando aula nos cursos de pós-graduação, entendeu?

NA: De onde?

OM: Lá, da Escola de Saúde Pública. Ele deu curso de bioquímica e até me chamou, e eu dei aula de matemática nesse curso mesmo. Não tenho nenhum papel comprovando, eu ponho isso e digo, mas não comprovo.

NA: Jose Teixeira era de que divisão? Era amigo do Vinícius né?

OM: Ele ... não digo que fosse amigo, eles não eram mas se conheciam, mas eu acho que ele era auxiliar, aqui também se vê, auxiliar ....

NA: Assessor ....

OM: Assessor, alguma coisa assim. E era... eu acho que inicialmente ele era da patologia, não sei.

NA: Acho que sim.

OM: Da patologia acho que ele era antes, né? Então, em 76, o Doutor Vilela recebeu uma carta em que éramos convidados a ir analisar, observar a área que antigamente havia sido do Doutor Moussatche, Doutor Ubatuba, e que nosso laboratório seria transferido para lá.

NA: Onde era essa área?

OM: Sabe o relógio? Seguindo aquele corredor, à direita tem um prédio ...

BC: Hoje é a malacologia, né?

NA: É não! O prédio do relógio está assim ... a senhora tá falando pra direita ou pra esquerda?

OM: Pra esquerda.

NA: Não é onde fica o Morel. A bioquímica, biologia, tudo funciona lá.

OM: Ah, eles foram pra lá então?

NA: Ali tudo funciona, a bioquímica e a biologia molecular.

OM: Ah, é?

BC: Patologia e em cima biologia ... E no final é a (...), que era o Lauro Travassos ...

OM: Pois é, era Lauro Travassos e antes tinha Haity Moutssaché, Ubatuba ...

NA: A fisiologia funcionava onde?



OM: Funcionava ali naquele lugar.

NA: No início?

OM: No início, é ... por ali. Eu não posso ....

NA: Mas a senhora tá falando do prédio atrás do relógio, né?

OM: É, em continuação ao relógio naquela alameda, porque atrás, atrás....

NA: Na continuação da alameda, a direita tem uma ladeirinha, tem um prédio. É ali?

OM: É ali.

NA: Tá, entendi..

OM: Então, nós íamos pra lá, estava previsto irmos pra lá. Tem um relatório inteiro, fomos acompanhados doutor... senhor fulano de tal, que eram engenheiros e pra verificar as condições do prédio. E foi feito um relatório do que precisaria, Doutor Vilela precisaria ver a parte elétrica porque tem equipamentos que requerem força e por aí vai.

BC: Isso foi em 76?

OM: Em 76. E aí que foi feito? Tinha equipamento do Doutor Ubatuba, Doutor Moussatche que estava lá, ficou ...

NA: Ainda estava lá?

OM: Ainda estava lá, então ....

NA: Não tinha ninguém ocupando esses laboratórios?

OM: Não, houve um tempo que estava também aguardando material. Era Junia Peixoto e Ivan Marins, que médicos, trabalhavam com o Doutor Moussatche, mas que ficaram marginalizados. Então eles ficaram simplesmente guardando o material no espaço, né?

NA: Batiam ponto ali, iam embora.

OM: É, nada mais. Nessa ocasião que foram ver o laboratório não ...

NA: Não tinha nada.

OM: Eu nem vi, eu nem fui.

NA: A senhora não foi?

OM: Não fui, não fui. Tem o relato aí dessas duas pessoas para o Doutor Vilela e a resposta do Doutor Vilela. Aí o que foi feito? Entregaram ao Doutor Vilela e ele entregou a mim a chave daquele ambiente, nós ficávamos responsáveis por aquele material que ficou relacionado, não é? Aí, pouco tempo depois, pela data quinze dias depois, me

disseram que uma ultra centrífuga, que tinha sido doação da “Ford”, porque nós fazíamos parte da pós-graduação naquela época, 62 por aí, que a “Ford” estava querendo estimular a pós-graduação no Instituto... ela fez uma doação de uma ultra centrífuga, pesada, boa, ótima. E vieram me dizer que tinha sido retirado aquela ultra centrífuga de lá .

NA: Do laboratório dele?

OM: Dele do laboratório dele. Aí eu falei com o Doutor Vilela, eu nem fui ver, eu não vou fazer investigação nenhuma, não me compete e nem a ninguém mais. “Doutor Vilela aconteceu isso, dizem ... eu acho que nós devemos fazer, se esse fato é verídico, o senhor fazer...” aliás quem escreveu fui eu, né? Fazer uma declaração dizendo que desapareceu esse equipamento assim e que em função disso nós não podemos continuar responsáveis pelo material que ... porque era longe, nós estávamos no quinino no terceiro andar e isso lá ...como é que se faz?

NA: Como é que a senhora podia cuidar disso, né?

OM: Como é que podíamos cuidar? Principalmente já tendo havido esse fato, não é? E eu procurei o senhor que faz a entrega das chaves do laboratório e aí salva a nossa responsabilidade. E o Doutor Vilela fez, escreveu tudo e entregou a chave do laboratório, ficou lá. Nunca mais nos chamaram pra lá. Ao contrário, tivemos o telefone cortado, porque estava previsto ia pro nosso espaço naquela ocasião uma firma de engenharia, que estavam fazendo projetos... aí que nós vimos ... e que ali naquele espaço não ia mais ser laboratório. Então era razoável que acelerassem mesmo a nossa saída, para poder fazer a reforma que eles queriam fazer. Mas por isso estavam arranjando um espaço para nós, não é? Ai o que aconteceu: então, cortaram o telefone, ficamos sem gás, e lá pelas tantas... isso fui eu que vivi, então posso contar. Porque são coisas desagradáveis que eu não queria aqui contar, mas só porque vocês perguntaram porque que saíram? Não sei, um belo dia tocou a campainha, eu abri a porta, era um senhor com uma marreta na mão, dizendo: ‘Recebi ordens para dar marretadas aqui e acabar’

BC: Gente!

OM: Foi assim. Felizmente o Emílio não viu, porque estava lá dentro do gabinete...

NA: Ele era explosivo?

OM: Não, não era explosivo, mas era de atitude, não aceito, não aceito. Explosivo não, de jeito nenhum. Aí eu disse pra ele: “olha meu senhor deve está havendo algum engano, porque nós estamos .. aqui é um laboratório que está funcionando”. Eu nem deixei que ele entrasse. “É um laboratório que está funcionando, tem várias pessoas aqui dentro trabalhando. O chefe seu, ou a pessoa que deu essa ordem, não sabe o que determinou. O senhor procura esclarecer isso para voltar depois ou ele vem que eu mostro o laboratório.” Sumiu, não meteu marreta, nunca mais voltou ninguém com marreta. Então era assim, esses sobressaltos entendeu? Era uma coisa de nos deixarmos intranquilos. Até que ... nós tínhamos que sair, estava mais do que evidente que tínhamos que sair, porque se não, se houvesse alguma possibilidade de ficar em algum canto, tinham providenciado. Ficou determinado que nós íamos ser postos a disposição do Ministério da Saúde. O funcionário fica a disposição e o Ministério faz o que quiser, né? Ai o diretor do câncer, que estava querendo crescer a pesquisa dentro Instituto, do hospital, porque pra ser Instituto tinha

que ter a pesquisa... e o chefe de lá era o Doutor Hugo Caire de Castro Faria, que tem um neto aí na Fiocruz, o Hugo. O Hugo Castro Faria era neto do Doutor Hugo, pesquisador e chefe da pesquisa básica lá no Inca. O Doutor Hugo, que conheceu o Fontana, era muito amigo do Pedro Fontana que era do nosso laboratório, falou com o Fontana. Disse: “Fontana, eu sei que vocês tem um oito pesquisadores de lá da bioquímica que vão ser que vão ser postos a disposição do Ministério da Saúde. Conversa com eles e vê se eles aceitam vir para cá, porque nós estamos precisando fazer crescer a pesquisa aqui no Instituto.” Então apareceu um canto pra nós, né? O Fontana falou com cada um de nós, todos aceitaram, tinha que aceitar, não é?

NA: A senhora não queria?

OM: Eu queria ficar ali, todos queriam ficar ali. Eu lhe digo, essa sensação não é só minha não. O Abreu, a Regina, o Emílio todos, nós queríamos ficar ali, ninguém ...

NA: A Regina e o Abreu já tinham ido?

OM: Não.

NA: Eles estavam aí, quando vocês saíram eles ficaram ainda?

OM: Não, eles apenas estavam num outro laboratório.

NA: Sim, sim mas eles ficaram no Instituto?

OM: Não, eles saíram junto conosco. O processo foi o mesmo com todos, entendeu?

NA: Quer dizer, que na verdade se desmontou a bioquímica. Ficou alguém?

OM: É, não. Aí veio o Morel, né?

NA: Mas desse grupo antigo sumiu desapareceu!

OM: Saiu todo, saiu todo.

NA: Todo esse grupo foi embora pro Inca.

OM: Éramos 8, as estagiárias ficaram graças a Deus.

NA: Sim, elas conseguiram lugar...

OM: Mas aí, nesse meio tempo... nós já tínhamos tido que íamos mas não fomos, porque tínhamos que regularizar a nossa situação, arrumar as coisas, né? Fazer a mudança propriamente. Nesse meio tempo telefona para nossa casa a noite o Leopoldo Demez, que era pesquisador da UFRJ.

NA: Que tinha sido aluno do Walter.

OM: Que tinha sido aluno do Walter, do primeiro grupinho. E aí: “Otilia, estou querendo vocês lá na UFRJ, venham pro meu departamento.” Nós dois, não é? Aí o Emílio disse:

“Olha Leopoldo, eu gostaria demais, mas nós já estamos comprometidos com o Inca”. Ficava uma situação muito difícil.

NA: Desagradável, né?

OM: Muito desagradável. O Inca nos convidando, fomos convidados... fomos recebidos festivamente, puseram tudo o que eles tinham, que era pouquíssimo, Doutor Hugo não sabia o que fazer para nos instalar bem, entendeu? Não podíamos agora, de repente dizer não, não quero.

NA: E como é que foi o adeus aqui?

OM: Bom ... o adeus aqui, acontece o seguinte: o Doutor Vilela já tinha falecido, nesse meio tempo o Doutor Vilela faleceu, tenho aqui a história. Recebemos uma correspondência, em 1977, nós saímos em 78. Em 77 recebemos uma correspondência que não foi só pra nós, foi pra todos os técnicos da Fiocruz; não sei se os da CLT receberam ou não, mas os estatutários certamente receberam. Com um aviso que ficávamos proibidos de retirar, usar os livros, periódicos, da biblioteca.

BC: Gente!

OM: Entendeu? Nós não sabíamos disso e de repente o Doutor Vilela veio com um choque horrível, porque ele antes de ler a carta, ele foi a biblioteca (risos) e foi proibido de manusear, de usar, tirar, de consultar, de trazer para o laboratório. Porque nós assinávamos... era tudo, tudo padronizado, a biblioteca sempre foi muito bem organizada, né? Eram cartões, papel timbrado, cartão de fichários aonde nós dizíamos o nome da revista ou do livro que nós iríamos retirar, pra levar pro laboratório, e datávamos e assinávamos. Aquilo ficava arquivado e tinha um prazo pra devolver. Se alguém precisasse antes nós devolveríamos no mesmo... vem um visitante de fora, vem de longe então devolvia. Se não aparecesse alguém, ia ficando renovada. Então eu tinha até a lista dos livros, dos periódicos que estavam comigo, devolvi tudo e tal. O Doutor Vilela... foi um choque, acho que foi a pior coisa para ele, acho que ele sofreu mais que quando ele perdeu a chefia da divisão, sabe? Foi um choque pra ele, uma coisa horrorosa, ele não se conformava com aquilo. Tanto é que quando chegou em casa comentou com a família, né? Ai, nós o que fizemos? Escrevemos uma carta pra vice-presidência explicando o fato, dizendo que o nosso trabalho dependia de consulta à biblioteca e que nós continuávamos com o nosso projeto, porque nos fazíamos relatórios constantes...

BC: Vice-presidência do Lobato?

OM: Nessa ocasião devia ser, né?

NA: Essa carta era de quem?

OM: De quem veio a carta?

BC: Eles fizeram uma carta pra vice-presidência.

OM: A carta foi da biblioteca. E, foi coisa séria, porque tinham sido e instruídos pra fazer isso.

NA: Claro, claro.

OM: E nós escrevemos um parecer justificando e tal e aquilo ocorreu, não é? Aí em outubro vem a autorização, reconhecimento da necessidade de usar a biblioteca. Doutor Vilela tinha falecido 15 dias antes. Eu não tenho dúvida de que foi o choque, porque ele começou a passar mal, passar mal, até morrer de infarte, né? As datas são muito ... eu ontem vendo isso, Meu Deus do céu aqui está uma história que justifica o mal-estar do Doutor Vilela, entendeu? Então, como ele havia comentado com a família e ele faleceu, a família logo foi ... o laboratório dele ficou sendo nosso, quer dizer todo o acervo dele nosso, a família foi lá, nós separamos objetos pessoais, caderneta correspondência e ficou a biblioteca dele lá.

NA: Foi essa biblioteca que foi pro Paraná, é isso?

OM: Pois é. Aí a Dona Regina disse: “ Otília, nada disso vai ficar aí porque foi o que ele explicitamente disse lá em casa, porque ele sofreu isso assim e assim”. Se ele tivesse vivido mais 15 dias aquilo tudo tinha passado, mas ele não suportou os 15 quinze dias, entende? Então foi um choque que ele não suportou. Também é exagero meu dizer que foi isso, talvez ele tivesse pré-disposto, evidentemente que estava, né? Mas ele morreu ...

BC: Uma situação difícil.

OM: Difícil...

NA: A senhora tá avaliando o que foi difícil pra ele, que provavelmente a senhora tem razão.

OM: Na carta nós dizemos isso, se vocês quiserem vê, eu até mostro.

BC: Mas a saída de vocês foi longa né?

OM: Foi, foi .

BC: Porque essa conversa começa em setenta e cinco, não é?

OM: É, na verdade eu acho que os antecedentes....

#### **Fita 4 – Lado B**

NA: Que sofreram essa mesma situação, essa cassação branca que a senhora tá falando.

OM: O grupo da bioquímica tenho certeza .

NA: Todo.

OM: Ah, e a Junia e os descendentes do Doutor Moussatche, esses ficaram marginalizados. Eu acho que eles ... e também com um agravante, que ele estava com

uma filha menina brilhante, morrendo de leucemia, aquela leucemia que se arrasta por anos a fio, então ele ficou mesmo tomando conta do laboratório e se preocupando com a filha e ela veio a falecer.

NA: Ivan, né?

OM: Ivan Marins. Então, eles sofreram. Deve ter havido outros também.

BC: Mas não tinha uma coisa de vocês conversarem entre vocês ... vocês da bioquímica e pesquisadores de outros laboratórios sobre aquela situação daquele momento.

OM: Não, nós conversávamos muito era com os caçados, Doutor Herman Lente... principalmente depois que saímos, porque em 78, ou talvez antes, em 77 o Emílio... na Santa Úrsula, tinha vários caçados, né? O Domingos, Sebastião... O Sebastião não. Acho que o Sebastião não entrou pra Santa Úrsula?

NA: Não, não.

OM: Não. O Domingos, o Hugo de Souza Lopes, o Doutor Herman Lente, não é? Não sei, se mais alguém. Eles convidaram o Emílio pra ir pra lá pra dar aula de bioquímica e o Emílio foi. Aí, se antes não havia uma afinidade que não era constante, que não era de encontro diário porque cada um tinha o seu laboratório, aí, essa amizade se intensificou.

BC: Mas dos que estavam aqui, pelo o que a senhora está contando pra gente, não tinha troca, encontro conversa. Cada um estava no seu laboratório recebendo as ordens da presidência.

OM: Gente! Era tanto sofrimento, era tanto sofrimento, que eu sentia, não sei se eles sentiam ou não, realmente... nós ficávamos no nosso laboratório, nós cuidávamos do nosso laboratório, resolvíamos os problemas assinando, escrevendo, despachando mas não fazíamos rodinha assim de conversinha não, não houve mesmo. Eu não sei o que os outros sofreram, eu não sei se sofreram. O grupo da bioquímica sim, nós trocávamos idéia. E para decidir se íamos para o Inca ou não, nós não tínhamos opção. E ali estávamos sendo... o diretor nos convidou, conversou conosco. Eu acho que foi uma continuação, foi um recomeço, nós praticamente começamos do zero. Não tínhamos condição de trabalhar, existia a pesquisa, existia o Doutor Hugo que era um dinâmico, enfrentando a situação, fazendo de tudo para salvar a pesquisa ali no Instituto entende? Mas ....

NA: Não tinha infraestrutura pra bancar isso??

OM: Não, não tinha.

NA: E vocês conseguiram ficar?

OM: A grande perda, uma grande perda que foi irreparável, foi ... nossa! Foi em relação a biblioteca. Não é aquela consultazinha não, porque aquilo em outubro ... já estávamos... foi o afastamento do uso da biblioteca, porque nós não íamos vir aqui e consultar a biblioteca. E depois a dor de entrar aqui, né? Aquela coisa horrorosa, aquela situação. A biblioteca era essencial na nossa vida, essencial.

NA: E o Inca não tinha isso?

OM: Não tinha. Tinha uma...

NA: Isso prejudicou o trabalho de vocês?

OM: Prejudicou, não tínhamos biblioteca, não tínhamos infraestrutura pra trabalhar.

NA: Os equipamentos vocês carregaram do CNPq?

OM: Só os do CNPq e não foi de imediato, porque tínhamos que aguardar uma resposta, ficavam conservados ali. Uma resposta do CNPq aprovando ou não, eles aprovaram e depois uma aprovação da direção, que também podia negar, podia não querer que os equipamentos saíssem.

NA: E a linha de pesquisa de vocês foi a mesma? Vocês levaram a mesma linha? Da xantina oxidase.

OM: É, aqui nós já tínhamos começado alguma coisa relacionado a câncer, e lá nós nos empenhávamos em fazer o trabalho relacionado a câncer, não é? Para justificar a nossa situação lá dentro. O Abreu já tinha aqui linha de pesquisa em relação a câncer...

NA: Essa linha de pesquisa de câncer no Brasil, começa nos anos 70 ou já tinha anterior?

OM: Já tinha.

NA: Quem é que fazia isso?

OM: A pesquisa mesmo, forte aqui, eu vejo... era na Fiocruz. Nos tempos idos, nos tempos da fundação, no tempo do Carlos Chagas havia pesquisa aqui, nas universidades não havia pesquisa.

NA: É, a senhora ta falando no geral, né? Mas eu quero falar em relação a câncer, a pesquisa de câncer no Brasil começa quando?

OM: Na verdade...

NA: Em São Paulo ou no Rio, que começa isso?

OM: Eu não posso dizer com toda certeza. Acho que começou aqui no Rio, mas a coisa se espalha, eu acho que começou, olha o....

NA: A senhora que o Instituto do câncer, não tinha pesquisa .... era uma situação muito precária.

OM: Tinha uma tentativa. Tinha até espaço, o mesmo espaço que perdeu até agora....

NA: Sim, mas não tinha uma tradição porque era muito precário ...

OM: Tinha porque já tinha sido fundado. Eu agora de repente, não me lembro o nome dos precursores.

NA: Mas e ai aqui no Instituto Oswaldo Cruz quem começou isso?

OM: Aqui....

NA: Isso foi nos anos 60?

OM: Eu acho que sim. Um dos caçados, o Moacir....

NA: Moacir de Andrade.

OM: O Moacir fazia, eu acho que fungos relacionados a tumores. Ele fazia, o Moacir fazia. O Abreu também fazia, no nosso departamento ....

NA: Pois é, no departamento de vocês é ele que faz, o Abreu, né?

OM: É o Abreu, ele fazia também, entendeu?

NA: Eu já vi referência bibliográfica dele.

OM: Tem tudo, você viu, né?

NA: Mas ele começou isso porque a senhora sabe?

OM: Não, era porque ele queria fazer, nós éramos livres de escolher o tema, não é? Éramos livres, então tem algumas coisas...

NA: A confusão com Vinícius foi exatamente por aí? Na verdade o Vinicius, pelo que eu sabia, ele tentou interferir na pesquisa mesmo, ele tentou fazer uma agenda de pesquisa para os pesquisadores, Não foi isso? A senhora acabou de dizer, a gente era livre pra decidir o nosso tema de pesquisa.

OM: Até então era.

NA: E ai o Vinicius vem: eu lembro, eu já vi documentos da época do Vinicius , em que ele fala: agora vamos estudar Chagas, esquistossomose... era doenças endêmicas, chamadas doenças endêmicas, não é? E não tinha na verdade doenças crônicas, por exemplo: câncer... degenerativas.

OM: Degenerativo, é.

NA: Porque ele achava que, o Instituto Oswaldo Cruz não estava vinculado a isso e sim a saúde Pública...

OM: É, porque a tradição do Instituto realmente não era isso.

NA: Documentos dele que eu vi.



OM: É...

NA: Aí eu sei que ele resolveu fazer uma agenda, uma pauta de pesquisa. Quer dizer, isso não criou também um problema pra vocês, que já tinham né? Vocês já tinham uma linha de pesquisa.

OM: Mas nós particularmente, Emilio e eu, nós nem tanto, porque nós estudávamos o metabolismo das purinas, isso ai em caramujos.

NA: Esquistossomose.

OM: Já tínhamos ali no laboratório feito também em barbeiro... então no nosso caso particular nos não estaríamos totalmente. Se fizéssemos só câncer aí sim. O que mais eu senti no tempo do Vinicius foi que ele tentou interferir, de certa forma interferiu, em relação ao CNPq....

NA: A senhora falou ...

OM: Dava apoio a determinados ...

NA: Diretamente.

OM: É, ele queria pra ele.

NA: O financiamento ficar na mão dele ....

OM: E ele distribuir as bolsas. Entende? Não conseguiu isso conosco, não conseguiu. Eu contei pra você, um auxílio nosso já concedido e tudo, ficou lá congelado e acabou... isso eu sei que foi feito, mas não sei se prejudicou alguém mais.

NA: Mas não houve um problema dele, em relação a vocês: “agora vocês vão trabalhar com não sei o quê”. Ele nunca chegou e falou isso?

OM: Não, não absolutamente. Nunca, nunca. Eu não posso dizer a você: esse foi o motivo...

NA: A sua pesquisa tinha caráter aplicado, a senhora imaginava isso, quer dizer, havia alguma aplicação imediata ou prevista?

OM: Era pesquisa básica. Acontece que, como pesquisa básica, essa pesquisa básica vai vir a ser aplicada.

NA: É verdade .

OM: Em qualquer momento. Depende do rumo em que as coisas tomem e que a ciência tome.

NA: Mas essa linha de metabolismo de purinas ela pode ter aplicação em que? Em que tipo de coisas?

OM: Pode ter várias coisas, até pra medicamentos. Outro dia eu vendo um resultado nosso, que eu fui rever....

NA: Trabalho de vocês antigo.

OM: Mas eu não trouxe, eu trouxe só burocracia. Então havia uma palestra do Doutor Vilela ... não dá pra nós continuarmos por aqui?

NA: Mas depois a gente vai voltar pra isso?

OM: Depois em qualquer momento a gente fala dos trabalhos. É pelo seguinte: porque falando do Doutor Vilela eu ia mencionar uma palestra do Doutor Vilela. E aí eu me lembrei que eu queria ressaltar, aproveitando a oportunidade, ressaltar a importância da presença do Doutor Vilela na pesquisa junto aos estagiários, porque isso ninguém faz, entendeu? Não se houve falar, ouve-se muito falar Doutor Walter Cruz os seus estagiários, a maneira como ele selecionava, a força que ele dava aos estagiários... ninguém fala do Doutor Vilela, entendeu? Quando outro dia vi, agora recentemente... o que o Doutor Vilela fazia, era exatamente o que o Walter Cruz fazia, não é? Só que eles eram pessoas de temperamentos diferentes, não é? E então eu acho que tenho obrigação de mencionar, o que era feito no laboratório do Doutor Vilela, entendeu?

NA: Eu vou anotar aqui sobre as purinas... metabolismo das purinas.

OM: Tem tanta coisa, Nossa Senhora!

NA: Ah, botei um ponto de interrogação aqui. Mas diga, o que é que ele fazia?

OM: O que você quer ver primeiro?

NA: Do Gilberto Vilela, fale! A senhora quer falar disso!

OM: Esse não era o objetivo da entrevista.

NA: Mas evidentemente que era, a gente quer que a senhora fale da senhora, do seu marido, e de todos que cercaram a senhora. O Gilberto Vilela era o chefe da sua divisão, a senhora entrou pra lá por convite dele.

BC: De alguma forma foi seu mestre, né?

OM: Foi, eu aprendi, eu fiz o curso de bioquímica (...). O que eu quero dizer é o seguinte ...

NA: Como é que eles faziam com os estagiários ?

OM: Ele fazia reuniões mensais no laboratório, entendeu?

NA: Desde de que a senhora entrou?

OM: Desde que eu entrei. As vezes falhava e tal e tal, mas havia essa programação. Nós, Emílio e eu, qualquer um de nós, Emílio, eu, Luiz Paulo e Abreu, que éramos já um

pouquinho mais antigos no laboratório, podíamos aceitar estagiários. Doutor Vilela nunca se opôs a isso. Quando o estagiário se apresentava, ou ficava com o Doutor Vilela ou vinha conosco. Ai fazíamos um projeto e era encaminhado à direção, tudo isso através de autorização da direção do Instituto.

NA: Isso antes de ser Fiocruz, né?

OM: Sempre e mesmo durante a Fiocruz. Todos os estagiários eram autorizados mediante a apresentação de projeto, resultados, avaliação do orientador e do chefe acima e encaminhados à direção; depois disso os aprovados permaneciam ... não era assim uma coisa ...

NA: Aleatória.

OM: Aleatória. O Doutor Vilela... foi quem? O Amílcar, portanto foi em 59, se não me engano...

NA: Amílcar Viana Martins.

OM: Amílcar Viana Martins.

NA: Era o diretor.

OM: Quando ele assumiu, ele convocou .... ele distribuiu uma circular, onde dizia que a partir daquele momento... eu ainda não falei da reuniões do laboratório do Doutor Vilela.

NA: Nós vamos pra trás...

OM: Mas que haveriam reuniões mensais, reuniões científicas mensais em que em cada uma delas, um conferencista convidado apresentaria os seus resultados, seu plano de trabalho, o resultado do seu grupo ou da sua equipe. Era uma reunião que começaria ao meio dia e 1 hora, portanto 1 hora da tarde haveria um espaço para discussão, até uma e meia ou duas horas.

NA: Isso pra todo mundo?

OM: Pra todo mundo. Então eu tenho aqui a primeira que...

BC: O centro de estudos era assim...

OM: Mas não era só do nosso laboratório.

NA: De todo mundo.

OM: Sim, todo mundo. Eu tenho do primeiro, não tenho o resumo da primeira, mas tenho o nome que foi Mário Sampaio, não sei se ele ainda está aí.

NA: Não.

OM: Mario Sampaio, que apresentou o tema: “Estudos da ultra estrutura celular”. Foi Mario Sampaio, no dia tal, tal, tal. No mês seguinte foi Gilberto Vilela. Dessa me mandaram o resumo, porque ...

NA: A senhora tem isso, né?

OM: Tem.

NA: Depois a gente pode copiar isso?

OM: Pode, aqui nada é segredo. Mesmo porque o Instituto deve ter isso, isso são papéis oficiais ...

NA: Não se sabe ...

OM: Oficiais. (...) Vinicius nos mandou...

NA: Deveria ter, deveria ter ...

OM: Na inauguração, não na inauguração não, para homenagear o (Merriè) laboratório francês , ele fez uma festa no terraço lá em cima, uma coisa deslumbrante. Vocês não ouviram falar nunca dessa festa não?

NA: Depois a senhora podia contar essa festa .

OM: Ah, posso! (risos)

NA: Foi quando ele fez o convênio com a Fundação Merriè para a vacina da meningite.

OM: Pois é. Ele nos convidou, Emílio e eu fomos convidados, foi uma festa de grande gala.

NA: Antes de vocês saírem, né?

OM: Claro, foi antes. Depois que nós saímos nos desaparecemos do mapa.

NA: Então, vamos voltar lá. Doutor Vilela com os alunos, né?

OM: Então, ele foi ... mas aí Doutor Vilela foi fazer essa a palestra. Nessa palestra ele começou dizendo que no laboratório dele havia uma equipe, trabalhávamos em equipe, havia vários pesquisadores e vários estagiários, foi a primeira coisa, se não me engano se não estou sendo criando. Aí, depois que ele fez essa declaração e disse que os resultados eram publicados em revistas internacionais e que eram trabalhos reconhecidos e tal. E apresentou as principais linhas de pesquisas do laboratório. Então dividindo em dois grupos, as duas linha mestras: uma que era tinha sido uma consequência do estudo dele de ácidos nucleicos...

NA: Ele estudava isso?

OM: Eu acho que a tese dele, se não me engano, a tese dele para a universidade, para o concurso da universidade, eu acho que era sobre ácidos nucleicos. Eu até posso procurar a tese dele lá.

NA: A senhora tem a tese dele?

OM: Devo ter. O Instituto também .....

NA: Mas isso ... ele estudou ácidos nucleicos desde quando? De quando é a tese?

OM: De 1951. No desenrolar disso, ácidos nucleicos entrou no... a degradação dos ácidos (...) das purinas e aí o interesse em estudar as enzimas envolvidas nesse ciclo de purinas de pirimidinas, enfim, ele mencionou isso e foi assim ...dando pinceladas nos principais resultados que já tínhamos tido, que já tínhamos publicado. O segundo grupo, a segunda linha mestra do laboratório era do Abreu, que estudava glicoproteínas conjugadas. Aí também especifica os vários pontos, os vários detalhes... mas o que eu quero dizer é o seguinte, que foi importante nessa palestra. Que ele fez questão de dizer que trabalhavam em equipe, não era um trabalho isolado, os resultados não eram de um trabalho individual. E além de publicar os resultados em revistas internacionais, havia também já uma monografia que já tinha sido publicada, era no caso, foi aquele nosso livro da 'Lição Brasileira', porque isso era em 1959, não é? E também uma publicação, boletim informativo, era (...) um boletim informativo publicado em inglês dos resultados de todas as pessoas do grupo. Era um boletim mensal que era feito pelos alunos e bolsistas, no caso eu era bolsistas, os bolsistas e alunos, estagiários que faziam tinham toda a responsabilidade de escrever em inglês, escrever, fazer os resumos, datilografar, imprimir e expedir.

BC: Fazia parte da rotina do laboratório.

OM: Da rotina do laboratório.

NA: A senhora tem esses boletins?

OM: Eu vou ver se tenho, era muito rudimentar.

NA: Sim, mas é um relato do trabalho de vocês.

OM: Era a mesma coisa que está no relatório, porque os nossos trabalhos está nos relatórios, no tempo do Amílcar nós fazíamos os relatórios de 3 em 3 meses, tem tudo aqui. Nem sempre o trabalho progride tanto pra três meses depois ter resultado.

NA: É verdade, mas era uma exigência do Amílcar.

OM: É, mas nós fazíamos de 3 em 3 meses e anteriormente era de 6 em 6 meses. Então o Instituto tem isso tudo, mas nós fazíamos isso e expedíamos para...

NA: Pra quem a senhora mandava?

OM: Pois é, nós expedíamos para centros de pesquisa que podiam ter interesse naquilo, entendeu? E disse o Doutor Vilela nessa palestra: a aceitação era de tal forma ... boa, em

certos aspectos que até era um estímulo para nós. E eu pus no meu relatório: era um estímulo tal, que nos fazia ... nos dava esperança de ver aquilo num futuro próximo transformado numa revista de pesquisa em bioquímica ou área... biologia. Isso era um sonho nosso, entende?

NA: A senhora fazia pos boletins?

OM: Nós fazíamos. Não eu, os alunos todos, Emílio, Luiz Paulo, eu... nós fazíamos.

BC: A senhora era a única estagiária? A senhora falou Luiz Paulo, Emilio ...

OM: Eles eram estagiários também, antes de fazermos o concurso ...

NA: A senhora era a única mulher?

OM: A Regina também.

NA: A senhora foi a primeira?

OM: Não, a Regina foi a primeira.

NA: Ela já falou isso, ela entrou depois, quando ela chegou já estava a Regina.

OM: A Regina era mais antiga. Apesar, que ela não é mais velha do que eu.

NA: Ela já estava anteriormente.

BC: De qualquer forma eram vocês duas....

OM: É, éramos nós duas.

BC: Os outros eram meninos ....

OM: É, nessa ocasião nós éramos os meninos.

BC: Essa formação menino com menina ....

OM: Nós éramos os mais jovens, os mais... não, tinha ninguém menos categorizados, nós éramos os estagiários.

BC: Duas meninas ....

OM: Duas meninas e os outros eram meninos. E eu pensei que você estava se referindo a (...)

NA: Na verdade a senhora falou que entrou em 56, não foi?

OM: Eu entrei ... em 53 eu fiz um curso, em 54 fiz um curso e em 55 eu recebi minha bolsa....

NA: Foi, a bolsa é de 55 ...

OM: 55.

NA: Eu queria lembrar, queria lembrar, a senhora já falou isso aqui ...

OM: A bolsa ...

BC: Sobre essa sua ... posso ...

NA: Pode, vamos começar por aí, ta? Vamos pegar o fio por aí ...

BC: Não, é porque a história do concurso...

OM: Não, mas deixa eu terminar essa ... história desta palestra do Doutor Vilela. É importante que é pra gente ver ...

BC: Ela vai desviar do assunto.

OM: Não, não vou desviar está aqui, está tudo aqui. O Doutor Vilela disse isso, falou das comunicações bioquímicas, o tal folhetim chamava “Comunicações bioquímicas”, e quando ele terminou, quem apartiou que foi fazer a frente foi o Doutor Genésio Pacheco, vocês já ouviram falar do Doutor Genésio? Pessoa importante. No meu entender de menina que chegava e que via aquilo, centro máximo da ciência, todos eles eram muito importantes. E Doutor Genésio Pacheco um deles. Então Doutor Genésio fez o comentário final. Primeiro: dava todo apoio estimulava, elogiava esse movimento tendente a formar equipes, a trabalhar em equipes, entendeu? Primeira coisa. Segunda coisa que ele também disse, em relação a isso, que achava que podia ser dado aos alunos, bolsistas, componentes da equipe, a oportunidade de apresentarem seus próprios resultados nessas conferências, para que eles pudessem crescer em relação a esse tipo de atividade. Aí o Doutor Vilela apartiou, ou respondeu dizendo que: Doutor Vilela, não tinha menor dúvida de em qualquer momento, em qualquer daquelas reuniões, passar, dar a qualquer um de nós – mas ele falou com sinceridade mesmo, ele não falou pra se defender, ele falou sinceramente – dar a qualquer um de nós a responsabilidade de um conferencista. Esse resumo quem fez foi alguém lá dos organizadores do Amílcar e mandou pra nós uma cópia, essa foi a resposta. Outra coisa que o Doutor Genésio também enalteceu, a preocupação em procurar publicar em língua que não seja uma língua morta como é o português, (risos) ele disse. Até exemplo do país da Escandinávia que apesar de serem muito patriotas, e gostarem muito de sua língua e não publicam naquela língua, publicam em inglês. Então que ele achava que isso tinha que ser feito mesmo, que era a oportunidade de dar ao mundo científico a oportunidade de ver o que era feito aqui, porque só desse forma poderia atingir esse... além do mais, era tão difícil vencer a barreira daquela população imensa que está nos países que está tentando publicar nas revistas... é difícil pra nós sul americanos vencer aquilo, se o trabalho vence aquela barreira não precisa mais nada, pra se considerado um trabalho de mérito, palavras do Doutor Genésio. E aí o Doutor Amílcar respondeu, não sei se a partir daquele momento ou não, que as memórias passarão a ter artigos publicados em inglês ou francês, não sei se ele mencionou alemão. E os que forem publicados em português terão forçosamente um resumo em inglês. Aí sim ele falou inglês, francês, alemão.

NA: Nesse período não era publicado em outra língua?

OM: Eu fiquei curiosa de ver.

NA: Porque no início elas eram publicadas em alemão e francês.

OM: Alemão e francês.

NA: Mas eu não sabia que elas tinham se perdido ...

OM: Pois é, eu fiquei curiosa em relação a isso.

NA: A senhora achou que o Doutor Amílcar .. é só pra um parêntese aqui. A senhora acha que o Doutor Amílcar foi um bom diretor?

OM: Olha, sob esse aspecto acho que foi bom.

NA: A senhora conhecia ele?

OM: Eu conhecia ...

NA: Quando ele chegou?

OM: Não.

NA: A senhora não ouvia falar dele?

OM: Não, quando ele chegou eu era ... sabe uma pessoa assim tímida, começando, estagiária?

NA: A senhora não conhecia de nome?

OM: De nome já conhecia, alguém já tinha tido que ele era... enfim, agora até revendo esse livro eu vi alguma coisa. Mas quando ele chegou pra mim ele era uma pessoa nova.

BC: Ele veio de Minas.

OM: Veio de Minas, pois é. Mas ele era uma pessoa reconhecida, o meio científico conhecia, eu é que era...

NA: Ele era uma pessoa muito conhecida e muito importante nessa época.

OM: Pois é, era muito reconhecido e muito importante, eu é que não conhecia Jose Amílcar. Aí me disseram não... eu acho que ele fez ... não sei até quando ele ficou na direção?

NA: Logo em seguida ele saiu.

OM: Pois é .....



NA: 59, a senhora tá falando... Em seguida ele saiu, em 59.

OM: Talvez até pra ser chamado para uma outra função...

NA: Foi, eu acho que ele foi pra trabalhar no Departamento Nacional de Energias Rurais, DENERU.

OM: Eu acho, pelo que eu tenho nos meus arquivos, não vi ninguém revoltado, brigando, insatisfeito. Também, o fato de eu não ver não quer dizer que não houvesse, porque como eu disse eu ficava muito no meu canto, eu não participava dessas discussões.

NA: A senhora acha que as mulheres nesse momento, como eram poucas no Instituto, eram poucas na eram? Em geral no Instituto ...

OM: É, dentro do Instituto, éramos relativamente poucas.

NA: Se eu não me engano, eu acho que haviam 70 pesquisadores no total, pesquisadores...

OM: É, eu não sei.

NA: É, e nesse grupo as mulheres eram bem poucas.

OM: É.

NA: A senhora lembra disso?

OM: Éramos poucas, éramos poucas.

NA: A senhora acha que as mulheres tinham dificuldade de falar, de se colocar publicamente ou politicamente nesse momento ou isso era uma coisa sua, pessoal?

OM: Não, isso era uma coisa minha.

NA: As outras que a senhora conheceu falavam?

OM: Claro, claro. Eu sou assim, eu sou ...

NA: Isso é uma coisa sua.

OM: Eu sou reservada. Não parece, falo pelos cotovelos...

NA: Havia reuniões assim dos pesquisadores... essa que a senhora estava narrando aqui, essa conversa do Gilberto Vilela com o Pacheco.

OM: Isso foi uma reunião pública .

NA: A senhora estava nessa reunião?

OM: Estava, estava.

NA: A senhora ouviu isso tudo.

OM: Claro, eram reuniões oficiais, eu participava, eu estava, eu estava presente.

NA: Pois é, mas nessas reuniões as mulheres levantavam e falavam?

OM: Reuniões científicas. Ah, tinha. Tinha quem falasse sim, não era aquela coisa de mulher não falar, mulher não ter chance. Não, absolutamente. Já era uma outra época, provavelmente não é a época que você está imaginando. Não, eu é que sou tímida.

NA: Sim, é uma coisa sua. Mas, as mulheres tinham ....

OM: Mas se fosse necessário... eu sou tímida até um certo ponto, não vou fazer abrir um debate desnecessariamente, mas se fosse uma coisa que eu visse que necessitava da minha opinião pra mudar o rumo ou corrigir alguma coisa, eu falava. Também não sou tímida ao ponto de ouvir uma injustiça e ficar quieta, absolutamente não sou, mas não sou de fazer guerra à toa. Mas continuando nessa reunião, veio a 3ª palestra, a 3ª conferência, foi o Doutor Walter Cruz. Então ... foi uma coincidência incrível ... meu Deus, isso é tão importante, porque eu vejo as vezes, muitas vezes, principalmente os alunos do Doutor Walter Cruz, que eu acho merecido, não estou dizendo que não seja, mas dão ênfase a essa característica dele, de selecionar os alunos, os estagiários, fazê-los crescer dar a eles oportunidades. E eu não vejo ninguém fazer isso pelo Doutor Vilela, que pode fazer agora sou eu! (risos)

NA: Exatamente, então faça.

OM: Você, entende? É por isso. E o Doutor Vilela, também naquela ocasião disse isso: que o processo de... vocês vão ver aí se estou captando exatamente as palavras dele. “O processo de escolha de seleção de uma pessoa para seguir a carreira de pesquisador na área científica, não pode se basear apenas no resultado de um curso, não pode. Nem sempre aquele que tem os melhores resultados num curso tem as condições intelectuais, de temperamento, enfim ... para seguir a carreira de pesquisa que exige determinação” ... a idéia dele foi isso, ele não se (...) por muito tempo, porque .... Foi mais ou menos o que o Doutor Vilela disse. Quando foi o Walter Cruz, no mês seguinte, disse coisas semelhantes, entendeu? Só que ele expandiu mais o tema, espalhou como é que ele fazia, mas era uma seleção de alunos também, em função da disponibilidade de tempo. Era muito interessante como é o que ele fazia, eu conheço isso de outros relatos, não dos relatos que está aqui da conferência, muito interessante. O aluno se candidatava, tem vagas para o laboratório de hematologia no Instituto Oswaldo Cruz, aparecia ...

### **Fita 5 – Lado A**

NA: Pode falar. O Valter ...a Bianca está perguntando se ele era mais carismático, o Valter do que o...

OM: Não sei, não posso afirmar isso.

NA: Do que o Vilela, não digo, mais carismático, assim ...

BC: Gostava de falar em público...

NA: Ele era expansivo, extrovertido, como é que era o Valter?

OM: Eu acho que era, eu acho que era. O Doutor Vilela era mais... mais quieto.

BC: Mais contido.

OM: Quer dizer, mais contido, o Valter acho que era mais expansivo mesmo, mas isso não diz muito né? Enfim, o fato é que o Dr. Valter tinha um, um processo muito, muito curioso de seleção.

NA: Como é que era?

OM: Eu tinha isso escrito. Ah! Será que eu trouxe? Mas é outra coisa, né? Tem isso escrito, não vale a pena. Ele selecionava, fazia um teste assim prévio de... vamos dizer... como se fosse um teste psicológico qualquer assim, os alunos iam respondendo, e ele ia selecionando e por aí vai. Por último ele acabava, desses 130 ele selecionava pouquíssimos, e ... sempre acertava, né? Porque sempre os que ele selecionou estão ali, todos eles, muito brilhantes, todos eles muito bem sucedidos na pesquisa etc. Então ele dizia isso também, ele até era mais categórico, dizendo que curso não a(Juber)va a selecionar o estagiário... se bem que não se pode prescindir dos cursos, os cursos são necessários, tem que fazer a lição. Mas que era muito importante a conhecer o aluno, a pessoa candidata ao estágio, no sentido de ver a sua mente, não é? A sua disponibilidade de tempo para o laboratório, de tempo produtivo, não é só de estar ali. Então, isso tudo ele observava, porque é natural, né? Qualquer um faria isso, né? E outra coisa também que o Dr. Vilela não mencionou, mas que ela mencionava, era a parte financeira: que o aluno tivesse um apoio financeiro para poder se dedicar a pesquisa. Nesse caso o Dr. Vilela não disse, mas era evidente que ele pensava assim. Nesse caso evidente eu penso, seria uma bolsa de instituto ou uma bolsa do CNPq ...

NA: De iniciação.

OM: De iniciação e por aí vai, não sei se seria .... mas aí seria já uma exceção, um apoio familiar, né? Que pudesse permitir que aquela pessoa se dedicasse a pesquisa, um desafio sem estar com um vínculo. Muito interessante que eu achei os, os dois...

BC: Pontos em comum entre os dois.

OM: De maneira diferente, mas é a mesma ideia. E falou da equipe, né? Que ele jamais, ele não seria ousado de dizer que os resultados eram só dele, quando eram de uma equipe. Aí descreveu toda a (hemostase), fez uma (difamação) ampla sobre a (hemostase), os métodos, aquela e tal. Tanto que foi tão ampla que não houve tempo para discussão (risos). Eram especialistas. É, por coincidência, ontem eu vi um, o segundo e o terceiro. Depois vieram outros pesquisadores que ... mencionados, mas que eu não recebi o resumo, o resumo da ata, eu só recebi só isso, eu acho isso, olha isso aqui... vale a pena.

BC: A senhora costumava ir esse .....

OM: Toda reunião científica.

BC: Alguma mulher falou nesse ....

OM: Não sei.

BC: No momento que a senhora esteve ali e tem assistido ...

OM: Nesse momento não.

NA: A senhora não se lembra? Depois dessas?

OM: Não, depois dessas eu .... não ..... acho que elas, acho que elas não conseguiram por muito tempo, deve ter sido porque o Amílcar...

BC: Saiu.

OM: Saiu, né? Deve ter sido por isso.

NA: Aí entrou quem? O Tito Cavalcante.

OM: O Tito Cavalcante que entrou, né? Aí ficou com o Amílcar... foi com Amílcar que .... acho que foi com o Amílcar que todas as pessoas, todos os bolsistas, deixaram de ser bolsistas até que fossem avaliados, acho que foi com ele. Fosse avaliados com relatório e currículo etc e tal para depois ser concedida uma renovação da bolsa. E aí com contrato assinado, que aí sim estabelecia estar a ... relatório de três em três meses, o que foi feito.

BC: Mas em 59 a senhora já tinha feito a inscrição pro concurso, não já?

OM: Já.

BC: Em 58 que abriram as inscrições.

OM: O concurso tinha sido em 58, mas eu ainda era estagiária. Fui estagiária até 62, em 62 é que eu fui...

BC: Entregar a prova, que a senhora contou que estava viajando com ...

OM: É em 61 é que teve a prova.

NA: Só uma pergunta.

OM: Eu esqueci de pegar o material.

NA: Essa bolsa que a senhora ganhava era do instituto, não era do CNPq?

OM: Não, eu tive primeiramente bolsa do CNPq e sempre, até o final dos tempos. Depois tive a bolsa do Instituto também, junto.

NA: Até o concurso a senhora viveu com bolsas do CNPq e do Instituto.

OM: Do Instituto. Eu não sei até que ponto a do Instituto ... quando consegui. Agora a do CNPq tinha.

NA: Acho que já lhe fiz essa pergunta, mas essa bolsa era uma bolsa que dava pra viver?

OM: Olha, eu quando..

NA: A senhora morava com sua família, né?

OM: Eu morava com a minha família. Casei, nós dois éramos bolsistas, mas bolsistas do CNPq. E tínhamos também do Instituto, né?

NA: Tinham duas bolsas simultâneas?

OM: É.

NA: Então, mais isso dava pra viver?

OM: Dava, nós vivemos. Nós não somos pessoas ricas, não somos, nenhum dos nossos hábitos eram de, de ...

NA: Mas assim, a senhora tinha, pagava aluguel, não sei o que ...

OM: Não, não, morava em casa própria, tinha um carrinho... dava pra viver, dava pra viver, viver bem... viver bem, sem luxo.

NA: E assim, quando fizeram o concurso, melhorou isso? O salário foi melhor, foi significativo, a diferença, foi melhor?

OM: É, o salário foi melhor, o salário foi melhor.

NA: Foi significativa?

OM: Relativamente. O que deu foi mais segurança, que nós achávamos que afinal de contas estávamos estabilizados, fazendo parte do quadro permanente... Isso era outra coisa, né? Não ficava naquela insegurança de a bolsa é renovada ou não é renovada, não é?

NA: Vocês ganhavam o mesmo salário?

OM: O mesmo salário. O mesmo salário, começamos igualzinhos (...).

NA: No concurso?

OM: No concurso.

NA: Mas e as bolsas? Eram as mesmas?

OM: Eram idênticas, eram idênticas.

NA: Idênticas.

OM: É, nós começamos como assistente de pesquisa, também isso tem no meu relatório. Depois, assim que eu fui aprovada no concurso, na primeira renovação do CNPq ... eu tenho isso. Dizendo que a bolsa passava a ser tal com, com doutorado. Engraçado, naquele tempo eles diziam com doutorado. Então, subiu o valor da bolsa.

BC: E como é que foi essa história do ... Emílio dizer que a senhora foi a primeira mulher a fazer o concurso?

OM: Ele dizia isso, eu não sei, nunca comprovei, mas ele gostava de dizer isso (risos). Ele gostava, falava pra mim “- ah, foi a primeira mulher entrar no instituto através do concurso”.

BC: Vocês lembravam quando tinha sido o concurso antes desse?

OM: Não.

NA: Quando teve o último concurso?

OM: Eu não sei, eu nem sei se eu era nascida. Antes, quando eu estava no Instituto, nunca houve.

BC: Nunca houve, né?

OM: Se houve concurso nesse estilo .....

BC: Será que foi o primeiro daqui, não né?

NA: Teve há alguns anos. Na época do Aragão teve concurso.

NA: Antes da senhora, é.

OM: Concurso didático? Assim?

NA: É concurso público. Foi em 44, 43...

OM: Ah, pois é. Pode ser, pode ser, porque eram 20 e tantos anos.

NA: É, eu acho que na verdade houve um longo período mesmo sem concurso nenhum porque, na verdade, o edital desse concurso saiu em 58 ...

OM: Pois é.

NA: Mas o concurso foi em 62, né?

OM: Pois é, porque houve os mandatos.

NA: É a senhora contou, exatamente.

OM: É houve os mandados de segurança ....O edital está aqui.

NA: É, não, a gente não entendeu muito bem, a senhora quer falar desse negócio? Pra eu poder voltar pro laboratório? Eu não entendi porque que houve esses mandados de segurança contra isso.

OM: Ah! Pois é, você perguntou. E eu não sabia dizer.

NA: É, por que houve isso? Quem contestou?

OM: Aqui está. Isso aí eu posso dizer porque é complicado, né? Não, vou ficar acanhada de dizer. Bom, aqui as normas do concurso. Então haveria a prova... a maneira de fazer a tese.

NA: Sei.

OM: É, então tinha um julgamento provisório e depois um julgamento definitivo. O julgamento provisório era correção de linguagem e por aí vai; e o julgamento definitivo ele .... aqui tem as notas, então o que ... de que constava, constava aqui, isso aqui é que é importante.

NA: Então a portaria era de 20 de julho de 59, da Presidência da República, do DASP, né?

OM: Do DASP.

NA: Departamento Administrativo do Serviço Público.

OM: É. Então, havia provas, as provas de concurso eram de seleção, entre parênteses, eliminatórias. Isso é que foi um dos “x” da questão, eu vi ontem, quando encontrei esses papéis. E de habilitação.

NA: Hum, hum...

OM: Então, tem uma prova de seleção, as provas de seleção são investigação social, trabalhos, que são os trabalhos com publicações, que tem resultados de pesquisa realizados pelo candidato só ou em colaboração. Trabalhos esses que deverão ser entregues no ato da inscrição. Serão aceitos também trabalhos ainda inéditos, porém já entregues para publicação. As notas conferidas e tal, tese ... aí dá um valor que vai ter a nota do trabalho: “o candidato vai ... uma tese e tal”. Aí diz como deve ser a tese: introdução, desenvolvimento do tema, etc.

BC: Tinha entrevista?

OM: Não, tinha defesa de tese, apresentação oral. A tese era julgada pelo, pelo teor, né? A apresentação oral e uma defesa da tese.

NA: Aqui os pontos finais, né?

OM: É.

NA: Os pesos.

OM: É.

NA: Na verdade os trabalhos valeriam de dois até três....

OM: Três ....

NA: Os títulos.

OM: E os títulos, né? A tese tinha isso tudo, tinha que ser é ... defendida. Bom então isso foi...

NA: Foi o edital, a portaria.

OM: O edital. Aí as pessoas ... o que é isso aqui? Ah! Mandado de segurança! Era o primeiro mandado de segurança.

NA: Gessi. Está escrito Gessi.

OM: Gessi, ela impetrou o mandado de segurança.

BC: De onde era Gessi?

OM: Era de perto do laboratório do Doutor Moussatche. Não sei se era do laboratório dele ou não. Mas era daquele, daquele ....

NA: É um jornal, do diário da justiça de 1960.

OM: 1960.

NA: Autora, Gessi Duarte Vieira. Advogada ...

OM: Advogada, tal, tal .....

NA: O réu é o diretor da divisão de seleção e processamento do DASP.

OM: Do DASP.

NA: E a Gessi, que impetrou o mandado de segurança. contra os atos deste Doutor, da divisão de seleção e processamento...

OM: É, porque foi esse Doutor que fez as regras.

NA: Que teria feito o que?

OM: Pois é.



NA: Instituído ilegalmente ...

OM: Ilegalmente, um concurso para o provimento em cargo de classe inicial da carreira de biologista do Ministério da Saúde, prova eliminatória.

BC: Era época dos excedentes em vários...

OM: A qual não seria prova, mas títulos.

NA: Segundo?

OM: (examinador) suspeito, relativamente a impetrante.

NA: Quem é o (examinador) suspeito?

OM: O Moussatche.

NA: Como assim? Ela tava impetrando o mandado de segurança contra ele...

OM: Ela não aceitava.

NA: Ela não, ela não aceitava o Moussatche.

OM: Aqui ta escrito, parece que era um desafeto pessoal.

NA: Depois a gente vai copiar isso.

OM: É.

NA: Ah, ta aqui, é o Moussatche: “o membro da banca do concurso, Doutor Moussatche, que é impetrante alega ser seu desafeto pessoal, cabe informar”... depois a gente pode copiar isso aqui, né?

OM: Pode, pode, isso aí é público. Então, aí o advogado ... isto teve resposta, né?

NA: Mas isso foi de quando? Isso foi já em 60.

OM: 60.

NA: Aquela portaria abrindo o concurso é de...

OM: 59, né?

NA: Julho de 59, né?

OM: É.

NA: Isso aqui é um ano e meio depois.

OM: É porque provavelmente ela impetrou o mandado de segurança e ficou em julgamento esse tempo todo, né?

NA: É, foi, foi, claro.

OM: Deve ter, ela deve ter a data de quando ela impetrou, não sei, então ficou lá parado.

NA: Depois a gente procura. É parado.

OM: Parado. Nós achávamos que não ia acontecer.

NA: E vocês esperando.

OM: É, não ia acontecer o concurso, eu achava que não ia acontecer. Então aqui ele responde, o advogado, dizendo o seguinte: que Doutor Moussatche, no momento em que ele foi convidado para participar da banca, ele respondeu, agradecendo a honraria, mas que por motivos pessoais ele não aceitaria o cargo. Então não havia esse motivo porque ele não era... Não faria parte da banca.

NA: E o outro ponto?

OM: E outro ponto, ele de certa forma, o advogado, de certa forma deu razão a ela, porque achou o seguinte: que se era prova, se era o trabalho que não podia ser eliminatório, ficava mas não como eliminatório.

NA: Não, o que ela tava contestando é não pode ser uma prova eliminatória?

OM: Eliminatória.

NA: Deveria ser apresentação de títulos e mais a tese, ela tava contestando a prova, né?

OM: Ela está, ela está...

BC: O erro era o caráter eliminatório, porque se você considera eliminatório, você não fica como excedente, com a possibilidade de .....

NA: É, provavelmente, é. Era isso.

OM: Eu não sei, então ela contestou exatamente o caráter eliminatório.

BC: Se, elimina perdeu o direito.

OM: É. Então ontem eu fui ver... realmente eu não sabia disso, você me perguntou eu não sabia.

NA: É.

BC: Mas aí outros mandados ...

OM: Só mais um só mais um.

BC: Ah! Só mais um.

OM: Bom, queria..... isso aqui é o resultado, ah! Do Itália, está aqui, tem (...)

NA: Itália (...).

BC: Ah! Tem a Itália?

OM: A Itália que foi ... então, não sei qual foi o motivo, aqui diz apenas que foi negado, mas não diz o motivo.

NA: Ah, sim. A senhora, mas a senhora tem ...

OM: Itália Guarani... Eu guardei tudo.

NA: Olha aqui é se ...

OM: 62. Maio de 62.

BC: Já tinha acontecido?

OM: Já tinha acontecido, porque....

BC: Não foi em sessenta e dois, não?

OM: Em 62 já estava, nós tomamos posse em abril de 62.

NA: Isso aqui é maio de 62?

OM: Maio de 62.

NA: Isso já é a resposta, né?

OM: É.

NA: No Diário Oficial de maio de 62, que a sentença dela é ....

OM: “Denego a segurança por não ter caracterizado qualquer ato ilegal da autoridade”. Ela estava alegando a ilegalidade.

NA: A gente pode até perguntar pra ela... a gente pode procurar no Diário Oficial também ... no diário da justiça ... que deve ter saído em algum que a senhora não tem, exatamente como saiu nesse aqui, né? Explicando tudo, não é isso?

OM: Não, esse aí só foi o resultado também, né?

NA: É, é. Aqui ta muito sucinto.

OM: É, é, pois é.

NA: Olha aí, no Diário Oficial.

OM: Isso aqui é outra coisa, isso aqui é outra coisa. Ah ..... eu não trouxe pra você duas, eu devia ter trazido, já que vocês estão interessadas ..... eu devia ter trazido tudo, não trouxe, selecionei. Eu podia mostrar pra vocês a lista de quem se inscreveu. Eu tenho isso, posso trazer. Os interinos eram escritos ex-ofício.

NA: Sim.

OM: Tinham que se inscrever ..... já estavam inscritos automaticamente.

NA: É claro, automaticamente.

OM: É, então fariam a prova ou não, se não quisessem eram considerados afastados, né? Aqui no caso eu conheço alguns que eram interinos, todos esses fizeram.

BC: Esses são os aprovados?

OM: Não, tem aqui dois que não foram aprovados.

NA: Esses aqui de novembro de 61 são os inscritos, né?

OM: É, não, esses aqui? Já foram concurso... é o seguinte: o resultado da prova de tese.

NA: Ah! A tese.

OM: Isso aqui é o resultado da prova de tese.

NA: É, resultado parcial, né? Porque ainda tinha outras.

OM: Então nesse resultado de prova de tese, então estão Luiz Paulo, a Otília, o Emílio, o Abreu... O Abreu era o interino e fez a prova, ele não temia não. Ele era do nosso laboratório, mas era uma pessoa muito séria. O Helion Póvoa...

NA: Nossa, mas a senhora tirou uma nota alta, heim?

OM: É, tirei. Aí é que eu digo que a minha foi prejudicada, olha só a nota dele.

NA: A nota dele foi 76, 5 e a dela foi 95.

OM: Não, mas é porque ele foi prejudicado.

NA: Ela contou essa história, lembra?

BC: Lembro, claro.

OM: Ele foi prejudicado.

NA: Ela e o Abreu tiraram noventa e cinco na prova.

BC: Nossa!

NA: Quase tirou dez.

OM: Foi.

NA: Foi uma das mais altas, aliás.

OM: Não, não tem o Firmino Torres de....

NA: A senhora conheceu o Firmino?

OM: Conheci, conheci. E foi durante um tempinho, quando eu entrei lá, durante um tempinho, ele era do nosso laboratório.

BC: Bem que o Darci disse que ele foi daqui, Nara, e a gente....

OM: Do nosso laboratório.

NA: E depois ele foi pra UFRJ.

OM: Foi. Quando ele veio do exterior, ele não esteve no exterior?

NA: Não, não sei.

OM: É, bom a fato é que as coisas dele estavam encaixotadas ali, ele num canto lá, ele não estava bem instalado.

NA: Estava no exterior quando a senhora chegou.

OM: Quando eu cheguei, ele já estava ali.

NA: E aí? Depois ele chegou dos Estados Unidos .....

OM: Eu acho que provavelmente ele veio, ficou e depois...

NA: Foi em seguida, foi embora.

OM: Seguiu. Agora, ele fez esse concurso.

NA: Fez, tirou 10.

OM: E passou, e passou. Eu acho, se não me engano, se não passou em primeiro lugar, que esse não é o resultado definitivo, não.

NA: Não, é a prova de tese. Mas olha só, as notas aqui são... o ranking é o seguinte: ele e Firmino na frente com 100, nota 100; tem um outro candidato que tem nota ... José Reinaldo Magalhães, 97.

OM: 97, é (...) da Matilde, a Matilde que era do nosso laboratório.

NA: Aí depois vem o pessoal da nota noventa e cinco, entre as quais está ela.

OM: É.

NA: Ela, o Abreu, né?

OM: O Abreu.

NA: O Abreu.

OM: É.

NA: Ela ... e quem mais aqui? Tem um outro 95 aqui.

OM: O Sebastião.

NA: Sebastião José de Oliveira.

BC: Esses, essas provas foram pra bioquímica.

NA: Não, esse é geral.

BC: Não tem outra mulher aí não?

OM: A Itália!

NA: Essa Itália (Balini)... esse nome dela é o que?

OM: Eu acho que é de solteiro, porque aqui está Balini, no mandado de segurança está...

NA: (Taquer.)

OM: (Taquer).

NA: É.

OM: Mas aqui é igual, Itália Guarani.....

NA: Na verdade nesse concurso tem ela e Itália.

BC: E a Itália não deve ter passado.

OM: A Itália não passou não.

BC: Senão, não tinha aquele mandado.

OM: Mas a Itália não passou não.

BC: Ou seja, efetivamente a senhora foi à única mulher a entrar.

OM: Aqui foi, mas isso não quer dizer que tenha sido a primeira.

BC: Sim, porque não é o resul.... Ah! Ta. A primeira na história da Fiocruz.

NA: Existiam outras mulheres?

OM: Tinha.

NA: A Itália e...

OM: Tinha outras que eram que eram interinas e que, portanto, eram inscritas ...

NA: Ta. Entendi.

OM: Mas que não fizeram, né?

BC: Não fizeram, desistiram.

NA: Desistiram.

OM: Não fizeram.

NA: Não fizeram, desistiram da prova. Na verdade só a senhora então?

OM: É.

BC: Concretamente se foi a primeira a vez no IOC ou não a gente não sabe, mas muito provavelmente, mas nesse concurso a senhora foi à única.

OM: Fui, fui à única.

NA: A única que se inscreveu e passou. Quer dizer, a única que se inscreveu não, a Itália se inscreveu.

BC: Pois é, a única que passou.

NA: Que entrou!

BC: É, é. Outras se inscreveram, mas não passaram.

NA: Não, desistiram, isso é que tem que ficar claro.

BC: É curiosíssima.

OM: O Gil .....

NA: Gilberto Teixeira .....

OM: Ele não ... esse aqui não é o resultado final, mas comparando com o resultado final desse que ele não passou.

NA: 67, a nota foi abaixo de 7, na, não passou.

OM: Mas a nota mínima pra, pra entrar era 60.

NA: Ah! Era 60.

OM: 60.

NA: Não era 70?

OM: Mas aqui, no final a gente vê nomeação dos inscritos, os que foram nomeados. Aqui está.

NA: Aqui quem passou de fato.

OM: Luiz Paulo, Otilia, José Reinaldo e o Emílio. Cadê o Emilio?

NA: Emílio.

OM: Emílio, aqui. Agora, Marcos Coogna, que outro dia eu falei com você ... Mastogan Jayade, Emílio, Bremildo...

NA: Esse Jayade, deixe eu ver o nome dele aqui, Jayade é com Y. Jayade Machado de Mendonça.

OM: De Mendonça. Emílio, Bremildo, Charles Esberard e Alexandre Alencar.

NA: Bremildo, Bremildo Tavares, né?

OM: É.

NA: Charles Esberard.

OM: É. E Alexandre Alberto de Alencar.

NA: Na verdade esse concurso é para exercer o cargo de biologista.

OM: É, depois mudou de nome.

NA: Isso, mas nessa época era cargo de biologista, né?

OM: De biologista. Então aqui ..... aí eu fiquei, “Meu Deus, e o Abreu?” Porque depois vem os que eram interinos, eu acho.

NA: Não, aí depois disso tem uma resolução do Presidente da República, logo em baixo, né?

OM: É.



NA: Quem assina é o João Goulart, já era o presidente, não é?

OM: É, é.

NA: Que diz o seguinte: “ os demais candidatos, o Sebastião de Oliveira, o Firmino Torres de Castro, o Luiz Augusto Abreu, o Vantuil ...Correia da Cunha, Helion Póvoa Filho... foram providos em caráter interino no cargo”... estavam já interinos, né?

OM: É.

NA: É... no quadro de biologista...

OM: Aí resolve nomear, foram nomeados para o cargo de biologistas.

NA: Ah, no quadro de pessoal faz parte do permanente... beneficiados pela lei n. 4054 de abril de 62 para exercerem o mesmo cargo na forma do artigo 12, do item 2 da Lei n. 1708...11, de 28 de outubro de 52. Em virtude de habilitação em concurso público. Na verdade eles foram habilitados no concurso, mas eu acho que não foram admitidos imediatamente não, foram depois de vocês, né?

OM: Não, não, acho que, acho que é junto.

NA: Ah, é junto?

OM: É, é tudo no mesmo ... É, porque não podiam fazer a listagem porque nós éramos um caso diferente, nós estávamos entrando, éramos nada e eles estavam já encaminhados.

NA: Já estavam na carreira.

OM: Então, o que eles tinham que fazer era transferir da situação de interino para situação de efetivo.

NA: Ótima essa documentação, que a gente pode até copiar isso depois também, né? Pra ficar guardado.

OM: Ah, eu tenho muito mais, se vocês quiserem eu posso trazer.

NA: Tem?

BC: Nara, infelizmente eu tenho que ir.

NA: Já é 16:30h, gente?

BC: É, porque eu tenho .....

NA: É mesmo?

BC: Que estar em Ipanema 17:30h.

NA: Nossa! Passou tão rápido. Já gente fica conversando, vai passando rápido.

BC: (Risos)

OM: Que interromper, podemos ir.

BC: Eu tenho que levar o Thomas.

NA: A gente vai mais uma meia horinha.

OM: (Risos) Está bom ou não. Por mim...

NA: Eu vou levar a senhora.

OM: Ta bom, ah! Meu Deus é esse castigo de novo pra você.

NA: Não, não tem nenhum problema comigo, não.

OM: Não tem dificuldade de trânsito?

NA: Não, de jeito nenhum, vamos, vamos continuar. O que mais tem aqui?

OM: Bom, então aí aconteceu uma coisa curiosa, aconteceu uma coisa curiosa.

NA: A senhora quer um pouco de água?

OM: Não, obrigada.

NA: Eu vou pegar um pouquinho, ta?

OM: Ta.

NA: Eu estou com vontade de tomar um pouquinho d'água, já venho aqui.

(interrupção)

OM: Veja bem, isso aqui, a nossa nomeação foi em abril de 63. Em outubro de 63, no mesmo ano, uns poucos meses depois, vem uma resolução especial ... a comissão de classificação de cargos resolve aprovar o enquadramento de pessoas que estavam no Instituto sem serem do quadro... essa história da situação, por exemplo, de estagiário, né? Na data de 15 de junho de 62. Foram efetivados. Então, aqui nós fomos efetivados em 63 pelo concurso e quem estava no Instituto, quem teria estado no Instituto no dia 15 de junho de 62 como estagiário, bolsista, passou a ser efetivado com data retroativa, antes ...

NA: Antes do concurso.

OM: Antes do concurso, e recebendo os atrasados desse tempo, entendeu? Recebendo os atrasados e aqui estamos. Todos os bolsistas que não se inscreveram ou os (reportados)...

NA: Entraram?

OM: Entraram, claro que entraram.

NA: Nossa! Mas olha que coisa, hein? E não se explica porque.

OM: Aqui, tem esses aqui não fizeram, né? O Peter, que era um excelente pesquisador.

NA: Carl Peter?

OM: É, esse. Excelente pesquisador.

NA: (Anacom).

OM: (Anacom).

NA: Olha! Alia, Alia Tubage, era daqui?

OM: Era, daqui.

NA: Almira (Casore) de Oliveira. Estou falando das mulheres, né? Altair é homem, né?

OM: É.

NA: Dirce Lacombe.

OM: É.

NA: Domingos.

OM: Domingos.

NA: O Domingos, ta aqui, oh. Ernesto Rofer. Estou falando dos que eu conheço.

OM: Eli (...) está aí ou não?

NA: Eli? Não sei, não me lembro.

OM: Já saiu.

NA: Não lembro. É (Herman ...) Maia, ele era estagiário.

OM: É, é nessa data era.

NA: Em 62 era.

OM: É. Irineu. O Ítalos.

NA: Ítalos, ah! Ítalos Cherlock, eu já fiz entrevista com ele.

OM: Eu não o conheço.

NA: Ele é lá da bacteriologia.

OM: Ele estava lá naquela ocasião, mas eu não o conheço.

NA: José (Juber), que eu também conheço, está aqui. A Júnia Machado Peixoto, olha aqui. Leopoldo Demez., Maria Carlota Pedroso, Maria da Conceição Santos Mota, a senhora conheceu essa? Maria do Carmo Pereira?

OM: Maria do Carmo conheci. Carlota também, conheci. Carlota, se não me engano, casou com Vantuil. Eu acho que sim, não tenho certeza.

NA: Ah.

OM: É, falar em casamento é meio complicado, né?

NA: Maria da Conceição Santos Mota, a senhora não sabe quem é?

OM: Não me lembro não.

NA: Maria Dora Leão de Carvalho...

OM: Essa foi lá pro norte.

NA: Foi pra onde?

OM: Norte.

NA: Maria Lúcia Taylor da Cunha e Mello.

OM: Essa aqui era atuante, falava, inclusive ela esteve que ir para o exterior.

NA: Ah, foi?

OM: É, Mariano (...), o pai dela era, era um militante, tinha uma influência ...

NA: Política.

OM: É, político, entendeu? Ela, ela não, era linda, a Maria Lúcia é linda.

NA: Maria Luiza Palmeira.

OM: É, Maria Luiza, que tem um sobrinho ... Guido, Escola de Saúde Pública, sanitarista.

NA: Ela é sobrinha dele?

OM: Não, não. Ele é que sobrinho dela.

NA: Guido Palmeira?

OM: É.

NA: Ah, é?

OM: Mas ela já faleceu.

NA: Maria Queiroz da Cruz.

OM: Maria Queiroz da Cruz.

NA: De, de onde era? A senhora lembra?

OM: Me lembro, era ali do lado do Moussatche, daquele canto, que tem ali.

NA: Maria Rosa (Castener)?

OM: (Castener.)

NA: De onde ela era?

OM: Ela trabalhava no prédio da patologia, depois foi conosco pro Inca também.

NA: Ah. Amécia Oliveira, que era aluna do Valter.

OM: É, aluna. Está na UFRJ.

NA: Na UFRJ, né?

OM: Nelson Monteiro Paz, é imunologista conceituado, está em Belo Horizonte. Orlando Guerra, a Mônica ainda estava lá ...

NA: Hortúlio... A Mônica Bastos está, a gente vai entrevistá-la novamente. Paulo Buhrnei. Pedrina...

OM: Pedro Judá, irmão do José (Juber).

NA: Pedro, irmão do José Judá.

OM: É. Regina Maria.

NA: Regina Abreu.

OM: Abreu.

NA: E Sílvio Celso que ta aí até hoje.

OM: Só não vejo o nome da Itália.

NA: Não ta aí.

OM: Não está.

NA: Ela não ta aí. Ela não entrou de jeito nenhum, porque ela não foi...

OM: Ela não está no Instituto? Não está na Fiocruz?

NA: A Itália, hoje? Acho que já se aposentou.

OM: Mas Itália ficou no Instituto.

NA: Sim, mas não por esse processo aqui, professora. Nem pelo concurso que a senhora fez e nem por essa resolução de 27 de setembro de 63 que incorporou esse grupo todo que a gente acabou ler e que já eram bolsistas, estagiários... aqui, aqui tem dois nomes que a gente não viu... laboratoristas: Maria do Socorro Paula Lobo e Dalma ou Delma ...

OM: Dalma de Oliveira ..

NA: De Oliveira Castro.

OM: É.

NA: É mulher do Oliveira Castro?

OM: Não sei ...

NA: Não sabe?

OM: Não conheço não.

NA: Aqui tem a série de classes biólogas, que foi o que a gente leu antes, que são 45 cargos ... 45 pessoas entraram por esse decreto aqui, por essa resolução especial. E quem assina é ... a Presidência da República, né?

OM: É, deve ser.

NA: Não, não, não. Brasília, 27 de setembro de 63, Ranou Talles Barbosa da Silva, presidente.... vice-presidente. do que? Da Comissão de classificação de cargos, esse pessoal entrou por aí.

OM: Foi.

NA: Não é?

OM: É. Mas olha, isso não quer dizer nada, nada muito... demérito não.

NA: Não, não de jeito nenhum. NA: Agora a gente não sabe porque que aconteceu isso, não é? Porque eles foram nomeados depois do concurso.

OM: Após o concurso começou um movimento muito... forte.

NA: A senhora falou.

OM: Eles tentando conseguir entrar, provavelmente pra (...) achando que precisava entrar mais gente... aí ele já era um (...), já eram um dali, já tinha experiência, né? Talvez e eles

...

NA: É. Pode ser.

OM: E eles fizeram um movimento muito grande, tanto é que nos pediram...

NA: Pra os apoiar?

OM: Não, nos pediram... porque é no dia 15... neste tal dia 15 nós éramos estagiários. Então pediram nosso material, nossos trabalhos, as separatas do que nós fizemos, nosso currículo, entendeu? E nós...

### **Fita 5 – Lado B**

NA: Como eles todos eles eram. Mas acontece que parte dessa gente aqui fez o concurso e não passou. Não foi isso que a senhora falou?

OM: Eu não me lembro.

NA: Alguns deles fizeram e não passaram.

OM: Não, não me lembro.

NA: Ou então, por exemplo, o Sebastião, por exemplo, ele fez o concurso, passou, mas não entrou, ele só entrou por aqui.

OM: Porque que ele só entrou por aqui? O Sebastião não.

NA: O Sebastião não está aqui na sua lista.

OM: Não, não está não.

NA: O Sebastião não está na sua lista. Essa lista aqui, é uma lista ... Hélio Campos da Silva Lima, a (Eni Lage)... essa lista são de pessoas que eram nessa época, em 62, de alguma forma tinham algum vínculo com a instituição.

OM: É. Era, era.

NA: Mas essas pessoas fizeram o concurso.

OM: Não fizeram.

NA: Não fizeram, ou não fizeram.

OM: Não fizeram, eu, eu tenho a lista dos que se dos que se inscreveram, eu tenho...

NA: É com essa lista que a gente pode bater essa com aquela.

OM: Eu tenho mais não trouxe, né? Agora em relação a essa que está aqui, os aprovados... esse aqui é...

NA: A prova de tese.

OM: A prova de tese.

NA: Essa não é a final, não é a final.

OM: Não, não é a final. Por aqui eu apenas vi dos que apresentaram a tese..... assinados eu não trouxe, ontem eu fiz um rasbiquinho, somente esses dois é que estavam aqui, e não estavam na final.

NA: É, antes, antes do diário oficial sair, a gente diz os interinos e os concursados que não eram interinos que eram bolsistas, né?

OM: É, é.

NA: Essa aqui, que é a prova de tese.

OM: Esse aqui é apenas chance.

NA: É, não é.

OM: Na prova de tese os que representaram tese e que aqui foram aprovados, mas que não estão na pauta da lista final, são só eu, o Gilberto e a Itália.

NA: Gilberto, de quem a senhora está falando? Gilberto Teixeira.

OM: Gilberto Teixeira.

NA: Gilberto Teixeira e a Itália (...).

OM: Agora eu não sei porque a Itália não está aqui.

NA: É, a Itália não está nessa lista dos que foram ..... uma, uma nomeação geral.

OM: Ah! Talvez por causa do mandado de segurança, ela não mandou, ela não impetrou um mandado de segurança em 63? Talvez estivesse em julgamento e entrou depois.

NA: É, pode ser. Ela, ela acabou entrando no instituto, né?

OM: É.

NA: Ela acabou entrando.

OM: Então deve ter sido isso, por causa do mandado de segurança. E o Gilberto também entrou e não está aqui.

NA: Gilberto Teixeira?



OM: Gilberto Teixeira. Que quando eu saí, ele era do instituto.

NA: Mas ele não ta nos interinos? Na lista dos interinos que foram ...

OM: Mas esse interinos foram aprovados.

NA: Esses aqui fizeram o concurso e foram aprovados?

OM: Aprovados. O nome dele está aí? Não está não. Esse aí foram os que fizeram o concurso e foram aprovados.

NA: Está o Sebastião, o Firmino, o Luiz Abreu, o Augusto Abreu, o Vantuil Correia da Cunha...

OM: É.

NA: E o Helion Póvoa.

OM: O Helion Póvoa.

NA: Esses são os interinos.

OM: Aprovados.

NA: No mesmo concurso que a senhora fez, né?

OM: É.

NA: Agora realmente é ... não ta aqui não, engraçado, né? É meio inexplicável, mas enfim...

OM: Eu tenho mais papéis, mas eu não trouxe porque não sabia se interessava para você ou não.

NA: Não, isso é interessante a gente saber. Porque eu acho que a gente tem que pesquisar isso, e acho que tem como a gente fazer isso. O último concurso acho que foi nos anos quarenta, esse aqui foi o concurso depois de quase vinte anos sem concurso...

OM: Pois é, exatamente isso que eu estou te dizendo...

NA: Esse concurso foi muito importante...

OM: Não tem concurso aqui.

NA: Não tem concurso, é impressionante.

OM: Não tem concurso.

NA: É, todo mundo pedia concurso. Os diretores todos ficavam reclamando que não abria concurso... eu sei porque já vi várias coisas dele. O próprio Tito, eu tenho um relatório de

1960 do Tito, o Tito está assinando, e lá ele fala, é – “ precisamos abrir vaga de concurso...”

OM: Pra renovar, né? Pra renovar.

NA: Exatamente, exatamente. Porque tinham pessoas com vínculos... esses da senhora, bolsistas. Vínculos precários, como se poderia chamar hoje, né?

OM: É. De repente surge uma oportunidade a pessoa vai embora e perdem aquele pesquisador.

NA: Que já está ali sendo formado.

OM: Treinado, que absorveu os ensinamentos dos mestres que ali estavam. Então é uma coisa que tinha que ser feito, né?

NA: Isso, isso.

OM: Agora aqui, isso aqui é outra coisa, que é de 64, de investigações ...

NA: Mas a gente vai chegar lá. Vamos chagar lá.

OM: É, mas tem isso aqui que eu acho interessante. “Desejamos que a cargo...” é aquela história do laboratório, do laboratório.

NA: Devolução de material e equipamento.

OM: É, em 60...

NA: 76.

OM: É, começando por aqui. Esse aqui é de julho e esse aqui é 27 de agosto. Então esse aqui é o primeiro: “em resposta a sua solicitação verbal, apresentamos aqui um esquema de (dissipar) o necessário para providenciar a instalação do laboratório de bioquímica 1”... que era o nosso. O 2 passou a ser o do Abreu, quando ele saiu, foi lá pra cima. “Atualmente ocupando o 3º andar do prédio do quinino, na área que lhe foi reservada no prédio da (...).

NA: A senhora está se referindo agora, o que a senhora já falou antes, que era a história da possibilidade de mudança para o prédio que hoje é ... esqueci o nome daquele prédio, aquele prédio tem um nome... aonde é a bioquímica e a biologia molecular.

OM: Pois é. “Julgamos conveniente esclarecer ...” aqui vem, “em companhia do Doutor Márcio de Azevedo Diniz e Doutor Jorge (...) Barbieri, o qual apresentou sugestões para solução de alguns dos problemas como sejam: uma infiltração, o calor exagerado...”

NA: Esse prédio que serviam....

OM: Nesse prédio ...

NA: Prédio de (museologia).

OM: Então esses ... não sei se são engenheiros, eles mesmos verificavam os problemas e apresentavam soluções.

NA: O prédio tinha calor, infiltração, né?

OM: É, essas coisas.

NA: Mais sérias, o resto diz aqui que seriam coisas de pouca monta e rotineiras.

OM: “O restante da obra, parece-nos, que seriam coisas de pouca monta e rotineira”. Aí dá o que poderia ser feito: instalação de água, limpeza... “Queremos aqui ressaltar”, isso foi assinado pelo Doutor Vilela. “Queremos aqui ressaltar que, conforme contato anteriormente a direito com a nossa vice-presidência, ficou estabelecido que todo material agora existente no laboratório de fisiologia permanecerá no local sendo transferido para nossa carga. Posteriormente entraremos em contato com a Doutora Alice (Bayman) para entrega do que não for de utilidade pra nós e para que, após seleção e classificação, seja encaminhado para possível aproveitamento por outros laboratórios”.

NA: Outros laboratórios. Essa carta, deixa eu dizer aqui, é do Doutor Vilela para o presidente da Fiocruz e data de janeiro... desculpa, julho de 76, 13 de julho de setenta e seis. O assunto é: mudança do laboratório de bioquímica I. Essa carta não deve existir em lugar nenhum, a senhora sabe porque? Por que não era da presidência.

OM: Ah!

NA: Ao contrário pode existir.

OM: Ah! Entendi.

NA: Há cartas que tem cópia da presidência... não sei se a gente poderia encontrar no fundo, que aqui tem um grande fundo do arquivo, chamado Fundo Presidência. Pode ser que tenha lá, né? Mas eu não to vendo nenhum timbre aqui de nada...

OM: Não, essa aqui foi do Doutor Vilela. Nós, nós pra eles. Então, isso foi uma coisa que partiu de nós.

NA: É. Aí veio a resposta não, ou é dele ainda?

OM: Não, agora aqui sim.

NA: É, do Vilela ainda.

OM: Do Vilela.

NA: 27 de agosto.

OM: E aqui ele protocolou, porque era uma coisa muito séria que nós estávamos devolvendo. “Desejamos que a carga do material e equipamento do laboratório de

fisiologia, cuja a responsabilidade bem como a chave estava a nosso cargo, seja de hoje em diante retirada”. Quer dizer, a retirada da responsabilidade. “Desde que o centrífugo gelado que fazia parte desse equipamento foi transferido sem nosso conhecimento” E, portanto, desrespeitando o que havia sendo combinado com o senhor presidente da Fundação. Queremos deixar aqui registrado que o centrífugo em questão foi doação da Fundação Ford, em consequência de nossa...”

NA: Em 62, 63...

OM: Isso. “Em consequência de nossas atividades relacionadas a Pós-graduação.”

NA: O quero falar isso com a senhora depois também.

OM: “Pediríamos também que fosse providenciada a transferência para nosso laboratório de um coletor de frações e uma lupa que se acha no laboratório de fisiologia. Fica então a nossa responsabilidade atualmente sem efeito no que se refere aos equipamentos daquele laboratório, assim como será feita a devolução das chaves a quem de direito”. Pra salvar a nossa responsabilidade.

NA: A história que a senhora tinha contado, né?

OM: Pois é.

NA: Mas eu quero deixar registrado aqui que a professora Emília...

OM: Otília.

NA: Otília. Não sei porque que eu chamei, to fazendo confusão com o marido dela. A professora Otília tem essa documentação absolutamente organizada, está tudo coladinho em folhas de papel ofício.... ela é meio historiadora (risos), ela sabe preservar a documentação.(risos) Está tudo em perfeita ordem e perfeito estado.

OM: Tem uma pasta, né? Aqui , comemorando inauguração...

NA: É um convite, né?

OM: Um convite do Vinícius.

NA: Ah! A festa.

OM: A festa.

NA: É, estou vendo, eu já tinha anotado isso aqui, a festa da Fundação (Merrié), né?

OM: É, comemorando inauguração da unidade piloto de vacinas bacterianas, em homenagem ao Doutor Charles (Merrié), presidente da Fundação (Merrié), “o presidente da Fundação Oswaldo Cruz e senhora Vinícius Fonseca convidam o senhor Emílio Mittidieri e senhora para recepção das 19:30 h as 22h do dia 14 de junho de 1976 no Pavilhão Mourisco, campus de Manguinhos, Avenida Brasil, Rio de Janeiro. Pessoal (intransferível) traje passeio completo”. Era chiquérrimo, chiquérrimo.

NA: Vocês vieram?

OM: Eu vim de longo. Estava muito bonito, o Vinícius era vaidoso, né? Não sei se ele é ainda, estava muito bonita a ornamentação. Foi no pátio lá em cima, coberto ...

NA: No Castelo, lá em cima.

OM: No Castelo. Coberto com ... Doutor Vilela veio também, ele foi convidado. Só nós três, do laboratório só nós três. Coberto pro um toldo de plástico azul. Tinha jardineiras ..... que aquilo lá não tem nada, né? Jardineiras a volta com as flores mais ... os arranjos mais... de bom gosto total e por dentro iluminação direta... Estava lindo, lindo, lindo, foi um serviço de alta classe, prataria, cristais e... muito garçom ... chique, que possa se imaginar chique.

NA: O Charles (Merrié) estava?

OM: Estava, estava.

NA: A senhora conheceu ele?

OM: Ah! Estava também a filha do Geisel, a...

NA: Luci Geisel.

OM: A Luci Geisel estava também. Eu tenho outros convites que ele fez, esse aqui foi o que estava ...

NA: Ele era cordial com a senhora?

OM: Era, quando nos via era. Ele convidou Emílio pra conversar assuntos ... da situação no gabinete dele e depois um dia na hora do almoço na casa dele.

NA: Vocês despediram dele? Pessoalmente?

OM: Não, não tinha porque despedir. Eu não me despedi de ninguém.

NA: Vocês pediram a demissão?

OM: Não, nós estávamos sendo transferidos.

NA: Pediram a transferência. Na verdade é um processo oficial ...

OM: Nós não pedimos ...

NA: Foi um processo de transferência.

OM: É um processo de transferência, nós recebemos a comunicação que estávamos sendo transferidos para o Instituto Nacional do Câncer, eu devo ter isso também, entendeu? Não houve, não houve assim uma quebra, um corte na situação funcional. Apenas o local de

trabalho que passou a ser outro.

NA: Quando é que vocês tiveram essa comunicação que estavam sendo transferidos?

OM: A data não me lembro não. Mas deve ter sido antes da saída... 1 ou 2 meses antes, porque nós tivemos um tempo para .... bom, a data definitiva de chegar talvez tenha sido, por exemplo, nos últimos dias. Mas que sabíamos que íamos ser transferidos, deu-nos tempo para arrumar o laboratório ....

NA: Vocês receberam essa carta assim sem serem avisados que iam receber?

OM: Não, já sabíamos que íamos . Porque o Inca, o Inca estava nos esperando, né? Já havia sido ...

NA: Não entendi. A senhora.... vocês pediram para serem transferidos? Ou eles transferiram?

OM: Não, não tinha outra solução. Então, nós ficamos naquela situação e íamos ser colocados a disposição do Ministério.

NA: Ah! Bom. Vocês pediram então a transferência.

OM: Aí, o, o diretor do Inca ..... pediu a nossa ida pra lá.

NA: Oficialmente.

OM: Oficialmente. Eles primeiramente consultou-nos, pra perguntar se nós concordaríamos em ir para lá.

NA: Mas na verdade houve uma requisição de uma outra Instituição Federal requisitando vocês.

OM: É, já que nós íamos ficar a disposição do Ministério...

NA: Sim, mas aí o que, que aconteceu? Ninguém chamou vocês aqui? O Vinícius ou o Lobato... “Vem cá, como é que é isso aqui, vocês querem ir mesmo”?

OM: Não, não já era fato consumado, era fato consumado.

NA: Não chamaram vocês pra conversar.

OM: Não, já era um fato consumado. O Emílio não queria dizer (...) que não queria optar por CLT. E íamos junto, né? E nenhum de nós ia optar por CLT. Não optando por CLT não podíamos ficar e íamos ficar a disposição do Ministério.

NA: Entendi, entendi. Ficar a disposição é péssimo.

OM: Pois é. Então o Inca, o Instituto Nacional do Câncer estava precisando de pesquisadores. Então foi uma maneira de encontrarmos um pouso, né? Foi isso. Eu sou grata ao Instituto do Câncer, não é? Não tinha na ocasião o que pudéssemos dar para a

continuidade ao nosso trabalho de imediato, mas foi que nos permitiu sobreviver.

NA: A senhora veio para a UFRJ quando?

OM: Ah, quando me aposentei. Que aí ..

NA: A senhora se aposentou quando?

OM: Em 1997, com 70 anos, né? Eu nasci em 27. Então ao me aposentar, antes, momentos antes... bom o Leopoldo nesta ocasião, em 78 convidou o pessoal do ...

NA: É, a senhora falou.

OM: E nos não podíamos assim ir, porque já tínhamos assumido um compromisso com o Inca. Na ocasião no lançamento de o livro, que não me lembro qual, me encontrei com Leopoldo, né? Otilia! Fez aquela festa como sempre, eu disse: “ah! Leopoldo e aí como é que vão as coisas?” Eu digo: “olha, estou a caminho de me aposentar, em março vou me aposentar”. Ele me disse: “- vai pra lá!” Com aquele jeitão dele ele disse: “- vai pra lá” Eu dei um sorriso...

NA: Pra bioquímica, né?

OM: É eu dei um sorriso e não levei em conta, né? Quando me aposentei me enchi de coragem e fui lá e perguntei: “Leopoldo aquele convite continua de pé?” Ele disse: “mas claro, o que você quer?” Nada, só quero o endereço, mas nada, né? Aí ele na mesma hora foi pro computador declarando que eu a partir daquele momento estava trabalhando, como convidada, pesquisadora convidada no Departamento de Bioquímica Médica da UFRJ e me deu aquele papel. Porque eu tinha que explicar no CNPq o meu posto, eu não podia dizer simplesmente... não é?

NA: A senhora tem uma bolsa, então do CNPq?

OM: Eu tinha bolsa, agora eu não tenho mais porque não pedi renovação. Tinha bolsa e tinha um projeto com 3 alunas de iniciação e 2 alunos de doutorado fazendo tese comigo lá no Inca.

NA: No Inca.

OM: No Inca.

NA: A senhora levou essa pessoal.

OM: Não, os alunos eram médicos, ficaram no Inca. O trabalho estava praticamente encerrado só bastava... precisava só escrever, tal e não tinha. E eles eram médicos já. As meninas é que ficaram no Inca, pedi autorização, a alguns eu pedi autorização dizendo que é... lá do projeto assim, assim, se permitissem que elas ficassem lá por um tempo até o encerramento do trabalho, que também já estava prestes. Quando elas terminaram, foi pouco tempo depois ... aí elas passaram a escrever e vinham ao Fundão. Então eu tinha isso. Como é que eu ia justificar ao CNPq a continuação da bolsa de alunos e minha bolsa também, se eu não tinha aonde trabalhar, não é? Então o Leopoldo... mas foi de imediato,

ele nem perguntou porque nem para que, nada.

NA: Sim. Mas quando a senhora foi para a UFRJ, à senhora ganhou uma bolsa.

OM: Não, eu já tinha bolsa, eu sempre tive bolsa.

NA: A senhora levou a bolsa.

OM: Foi comigo, foi comigo. Eu sempre tive bolsa do CNPq, desde 1955. Era um pouco mais alta.....

NA: A senhora estava já aposentada e com essa bolsa dava para senhora sobreviver.

OM: Não, mas depois eu não renovei.

NA: Não? E aí agora está sem salário?

OM: Agora estou, estou de graça, trabalhando de graça.

NA: Por que professora?

OM: Ah, eu quis, sabe porque? É muito diferente você...

NA: A senhora ta dando aula?

OM: Não, eu ajudo, não dou aula, aula eu não dou. Eu ajudo em relação aos trabalhos dos alunos, dou uma opinião, eles me pedem, então as vezes me pedem uma técnica aí eu explico, fazem ..... Aí eles puseram o meu nome no trabalho.... enfim é uma coisa assim...

NA: Por que a senhora não pediu?

OM: Olhe só, para pedir uma bolsa eu tenho que ter certeza de poder cumprir aquele compromisso de uma publicação rica e freqüente. Entende? Eu não... primeiro a falta de dinheiro na universidade. Não vou agora pedir para mim o que os outros não tem. Aí fiquei constrangida, né?

NA: Foi, foi isso?

OM: Não tive coragem, eu não tive coragem. Eu achei que eu não ia conseguir, manter o compromisso de publicação, porque a gente tem que publicar bastante quando tem uma bolsa dessa.

NA: Por que, que a senhora achou que não faria isso? A senhora não fez isso a vida toda?

OM: Mas eu não estava instalada com meu equipamento, entendeu? Eu teria que montar tudo de novo, para favorecer uma linha....um andamento... de pesquisa...

NA: Como tinha no Inca.

OM: Pois é.



NA: Que a situação no Inca melhorou depois.

OM: Ah melhorou, melhorou.

NA: Aí vocês conseguiram uma estabilização boa.

OM: Ah pouco tempo depois, pouco tempo depois, em Brasília tiveram a...

NA: A sensibilidade...

OM: A sensibilidade não, eles ouviram os apelos. Da Instituição, Doutor Hugo, Doutor Ari Frausino, enfim e começaram a dar um grande apoio pra lá. A campanha nacional do combate ao câncer, não sei quando foi criada, mas naquele momento ela manteve o Inca com o reforço muito grande, porque ele passou a contratar pesquisadores que aí ganhavam novamente muito mais do que nós, que nós éramos estatutários ganhando pouquinho, eles ganhavam muito mais, mas enfim sustentaram a instituição e a pesquisa cresceu. Contrataram a ... entre as pesquisadoras deram a chefia pesquisa básica pra Viviam Rumjanek. E ela é atualmente do laboratório onde eu estou, laboratório de bioquímica, bioquímica médica .

NA: Na UFRJ.

OM: É. Então ela tinha chegado da Inglaterra com apoio do Ministro da Saúde que ela conhecia e com o apoio do pastor (Hélio) também de Brasília que também estava muito empenhado em fazer, desenvolver a pesquisa. E ela realmente deu vida ao instituto com o dinheiro da campanha, com os pesquisadores contratados, com a verba que vinha chegando... ela reorganizou inclusive. Aí o Inca passou a funcionar em função da campanha de combate ao câncer, entendeu? E aí, agora ...

NA: O seu esposo faleceu quando?

OM: 92.

NA: Mas então, mas nesse período vocês dois estavam trabalhando a todo vapor lá.

OM: Estávamos trabalhando, estávamos trabalhando dentro do que nos era possível fazer, nós estávamos trabalhando. Quando ele faleceu... porque antes, já por várias vezes lá no Inca tinham... o Doutor Hugo tinha pedido a mim ou ao Emílio que assumíssemos uma chefia lá e nós não, nunca aceitamos alegando, motivo legal, impedimento legal, que não podíamos assumir chefia quando trabalhávamos juntos. A Lei não permite, né? E com isso nós fomos ficamos livres dessa chefia, né?

NA: Da administração.

OM: Administração. Quando Emílio faleceu, aí vieram pra mim: “agora não tem desculpas”. E eu tive que assumir a chefia da Seção de Bioquímica, só da Seção de Bioquímica. E tempos depois fiquei como substituta da chefia de Pesquisa Básica, da própria chefia Básica. A seção de Pesquisa Básica tinha outro chefe... é assim uma, uma substituta eventual, né? E, foi isso. Depois iniciaram lá a implantação de programa de

qualidade total...Com isso eu estava na chefia, isso me tomou muito tempo porque eram resumos, inúmeros, inúmeros de vários assuntos e como ninguém queria participar porque era pouco tempo de (...), gente de nossa função ainda ganhar pesquisa do que ficar ali naquela bancada trabalhando, então se via muito as pessoas ... recusavam, diziam que não... então eu ia assumia, eu ia pra manter alguém da pesquisa ali...

NA: Participando.

OM: Participando. E com isso um tempo que também .... que, que eu tava falando? Então a ,,,

NA: A produtividade de certo caiu. A não, quem ta em cargo assim, cai.

OM: Claro que cai, claro que caiu, eu não tinha tempo pra nada, às vezes. Tinha um pesquisador lá que a gente trocava... mas eu tinha... era de manhã não me achava, o dia inteiro não me achava, 6 h da tarde não me achava e nem sabia onde eu estava. Enfim, mas me deram a minha contribuição, não me recusei a isso.

NA: Até quando a senhora ficou nesse cargo?

OM: Até sair, até 97. Por que aí... foi compulsória e eu saí e pronto. Então isso é uma história. Aqui é a tal coisa que ...

NA: Estamos voltando. É porque eu queria pegar esse final assim da... quer dizer, saiu daqui e foi para o Instituto do Câncer.

OM: Foi pro câncer. Achei. Isso aqui foi do (...), em..

NA: Mas... é outubro de 67. Isso aqui ...

OM: É. Mas tem aqui o anterior, tem o anterior...

NA: Lucília....

OM: Lucília era chefe lá do ..... ah, tem outro convite do Vinícius, olha aqui. Presidente da Fundação Oswaldo Cruz tem a honra de convidar a .....

NA: Solicitação do Conselho Técnico Científico da Fiocruz, em 15 de setembro, as 16:30h, no Auditório Nacional da Escola de Saúde Pública.

OM: O ato contará com a presença do (...) do ministro da saúde Doutor Paulo de Almeida Machado.

NA: Doutor Paulo de Almeida Machado. É a instalação do Conselho Técnico Científico.

OM: É.

Aqui nesse período a presidência era composta de Vinícius, o presidente, o Guilardo Martins Alves que era vice-presidente da Fundação, o Vladimir Lobato Paraense que era vice-presidente da Fundação, era vice- presidente de pesquisa. O Aristides Pacheco Leão

.... tava aí, e era da UFRJ também, né? Augusto (Descanhole)... Carlos Chagas Filho, olha só. Francisco Paula Pinheiro, Frederico Simões Barbosa, Roberto de Araújo Costa que era do Instituto, né?

OM: Era da microbiologia.

NA: É. (Curt Politzer). Químico.

OM: Engenheiro químico.

NA: Mas ele era do Instituto?

OM: Não, não. Ele deve ser do UFRJ.

NA: É Conselho Técnico Científico foi.... gente formada de fora, gente vinda de fora. Luiz Torres Barbosa, Oswaldo Coratine, o (Atubier), Raimundo Muniz de Aragão e Zilton Andrade, que é da Bahia.

OM: É. Raimundo Muniz de Aragão foi meu professor microbiologia na escola de química.

NA: Bem que a senhora falou dele, né?

OM: É. Esse aqui, o (Curt Politzer) foi da escola de química, mas antes de mim.

NA: Esse é um outro convite, eu queria copiar depois esse convite aqui.

OM: Ah, eu tenho mais.

NA: Sobre o Conselho Técnico Científico.

OM: Tenho mais ali. Aqui foi pra mim, mas eu acho que todas as pessoas receberam. “Vimos prestar a nossa senhoria esclarecimento sobre o empréstimo e aplicações ao pessoal estatutário”... não é pra todos, essa regra não foi pra todos. Mas a CLT podia usar a biblioteca, estatutário é que não. Está vendo?

NA: É de 28 junho de 77.

OM: 77. Pessoal estatutário lotado no IOC. O item três na operacional diz: “somente poderão retirar livros e revistas da biblioteca os técnicos da Fiocruz que foram credenciados através de relação fornecida pela gerência de pessoal e aprovada pelo vice-presidente. Tendo verificado que na lista fornecida pela gerência de pessoal e autorizado pelo Doutor Lobato Paraense, vice-presidente de pesquisa, não constavam nome dos funcionários na situação acima”... estatutários... “foi feita uma consulta ao superintendente da (CAT), a quem a biblioteca está subordinada, sobre que posição tomar frente a eles. Recebemos em 1/6/77 a resposta que transcrevemos abaixo em letras maiúsculas: “somente servidores da relação fornecida podem retirar livros ou periódicos. Os demais casos estão em estudo na presidência, mas sem prazo para solução definitiva. Gilberto de Azevedo Teixeira.” Nos perseguiram, eu acho ele. Eu acho que foi ele, no caso daquela pessoa.

NA: Ah, que a senhora não quis falar o nome, né? Não quer falar? Que bobagem, imagina!

OM: Talvez, talvez pelo fato dele não ter sido aprovado no concurso, será que pode ser?

NA: Pode ser, né? A senhora não tinha boa relação com ele não?

OM: Eu tinha, tinha.

NA: E o seu marido também?

OM: Também, perfeito. Perfeito, tínhamos, tínhamos, eu não tinha mais nada.

NA: Por que, que a senhora levantou essa hipótese?

OM: Não, agora de repente. Agora, de repente. Eu nem me lembrava que tinha sido assinado por ele, nem me lembro.

NA: Essa carta na verdade é para a professora Otilia porque ela devia estar constando nessa lista de pessoas que não poderia ficar com é... livros da biblioteca etc.

OM: Exatamente, consultando os livros da biblioteca.

NA: A chefe da biblioteca, quer dizer, quem está encaminhando a carta mesmo é a Lucília Meyer Friedman, que tava até aqui há pouco tempo, chefe da biblioteca.

OM: Chefe da biblioteca.

NA: A Lucília.

OM: Mas quem recebeu a carta não foi só eu, né? Todos ...

NA: Sim, é claro, as pessoas estavam nessa situação como a senhora mesmo falou, né? A outra carta da Lucília.

OM: Aí, tinha... é uma pena que eu não trouxe tudo. Tinha uma carta nossa, eu posso trazer se você tiver interesse, uma carta que nós escrevemos para a vice-presidência ou presidência contestando isto e alertando para a necessidade do uso da biblioteca das pessoas que estavam em atividade ainda, inclusive os estatutários, né? E aí vem ... isso aqui foi em que mês? Foi em junho. Nós escrevemos, eu não trouxe, eu posso até trazer. Depois... aí vem em outubro, veja só, 6 de outubro.

NA: Quem assina é a ...

OM: Lucília. "A chefia da biblioteca entrou em entendimento com o vice-presidente de pesquisa da Fiocruz"...

NA: O Lobato.

OM: E obtive autorização para que os funcionários estatutários que permanecem no IOC,

estão em dia com a biblioteca, pudessem retirar publicações por empréstimo”.

NA: Quer dizer, na verdade o Lobato foi lá fazer intermediações.

OM: Intermediação, provavelmente. “Sendo assim comunico vossa senhoria está autorizada a tomar por empréstimo as publicações da biblioteca de seu interesse, desde o momento que cumpra com o disposto na norma regulamentada da vice-presidência, tal, tal. Lucília.” Mas isso foi pra mim e para os demais.

NA: Sim, é claro, claro. Antes disso...

OM: Isto veio em 6 de outubro, mas o Doutor Vilela já tinha falecido, no dia 12/07. Não, 17 de julho de 77.

NA: Quer dizer, ele não sabe disso. Quer dizer, ele morreu sem saber.

OM: Sem saber disso, né?

NA: Essa carta foi pra ele também. É a tal que a senhora falou antes, né?

OM: É, é.

NA: Que isso deve ter deixado ele indignado.

OM: Foi, foi, indignado. Foi um choque, você não pode imaginar. E na nossa carta eu acho que nós, que nós mencionarmos isso. Que ele, Doutor Vilela, teve 50 ou mais até, porque ele foi parar no Instituto, acho que em 1926.

NA: 25 ou 26, ele é por aí, muito antigo.

OM: Ele formou-se e foi. Entendeu? Depois chega no final da vida...

NA: 50 anos depois.

OM: Ficar proibido de, de ... Isso aqui eu encontrei ontem por acaso que eu nem me lembrava disso, nem sabia disso.

NA: Embaixada dos Estados Unidos.

OM: Nem me lembrava disso.

NA: O seu nome.... falando para a senhora, né? Foi sugerido por intermédio do Conselho Nacional de Pesquisa.... Conselho Nacional Científico e Tecnológico, já tinha mudado de nome – a carta de 25 de agosto de 77, da embaixada dos Estados Unidos da América - para fazer parte do livro! “Womens Book of the World Record and achievements”, editado pela editora Double Day, Nova York. Esse relatório tem a colaboração da (National Science Foundation) e será editado em 78; haverá vinte capítulos neste livro, um dos quais indicado às mulheres na ciência e tecnologia.

OM: Pois é. Eu nem me lembrava disso.

NA: A senhora não lembra disso?

OM: Não me lembrava de ter essa carta.

NA: Para que o seu nome seja incluído, entretanto, seja necessário que a senhora possa enviar o seu currículo. Ligue para o endereço abaixo para que possam constar no livro suas atividades profissionais. Informo ainda que seja interessante que você enviasse o mais rápido possível as informações necessárias para que se haja tempo de seu nome sair entre as mulheres e cientistas no Brasil.

OM: É.

NA: A senhora conhece essa publicação?

OM: Não!

NA: Não lhe mandaram?

OM: Nunca vi.

NA: Naquela época?

OM: Nunca vi, eu mandei. Recebi esta semana carta do senhor .... do qual me dá conhecido o meu nome foi sugerido pelo conselho.

NA: Women's Book of the World Record and achievements . É registros, né? Livros de registros das mulheres e ...

OM: Por esta razão pedem um currículo de ...

Data: 16/12/2003

### Fita 6 – Lado A

NA: Hoje é dia 16 de dezembro de 2003, é a terceira entrevista com a professora Otilia Mittidieri. Só não sei, estou em dúvida que número de entrevista é esta, depois eu vou ver. A gente gostaria de começar a entrevista perguntando pra senhora o seguinte: há uma versão sobre a história do Instituto Oswaldo Cruz que é muito conhecida, muito famosa, que é a respeito da decadência do Instituto Oswaldo Cruz a partir da morte do Carlos Chagas. Carlos Chagas pai, que morreu em 34. A partir daí se fala muito disso, que o Instituto teria entrado em decadência, começando com umas restrições de ordem administrativa, a partir da reforma da educação e da saúde no governo Vargas, mais precisamente em 37, quando começa o Estado Novo, e que o Instituto teria sofrido perdas nos seus quadros, a chamada desincompatibilização. Tem várias informações já sobre isso, não vou ficar aqui repetindo isso aqui, né? É a desincompatibilização, os pesquisadores terem optado pela universidade.. muitos deles, porque não poderia mais trabalhar dois lugares... e o Instituto também perdeu renda, foi proibido de vender a vacina da manqueira, que era o que sustentava. Muita parte, a parte da pesquisa e então, nesse período que aí se configura uma fase de decadência, isso é o que se conta. Eu entrevistei vários ex-caçados, como lhe falei. E eles, a maioria deles sempre me disse que não concordava muito com essa versão da história do Instituto Oswaldo Cruz. O que a senhora acha disso? A senhora trabalhou aqui nos anos 50 e nos anos 60. Foi exatamente o período que se chama de decadência.

OM: Certo. Não, eu não diria que é o período que se chama de decadência. Por quê? Você está dizendo aí que eles dizem que a decadência começou na década de 30, né? Por aí, né? Portanto, quando eu entrei para o Instituto, que eu entrei como aluna no curso, em 1953, absolutamente ignorante desse passado de decadência do Instituto, que comentam, que eu sempre ouvi falar também. Em seguida ...

NA: Quando a senhora entrou já estavam falando, falavam disso?

OM: Não, eu não ouvi falar nesse ...

NA: Quando a senhora entrou.

OM: Mais tarde um pouco ouvi, quando começavam aquelas disputas políticas e justificativas para determinadas decisões. Então falavam em decadência do Instituto. O que eu quero dizer é o seguinte: quando eu entrei, portanto, eu ignorava isso e não poderia nem opinar agora a respeito dessa decadência, deste passado, não é? Fiz em 53 o curso e em 54 outro curso, quer dizer, eu fiz e saí. Voltei em 54, fiz outro curso e saí. Depois, quando fui convidada, entrei no final de 54 para o Instituto como bolsista, como bolsista que não participou de coisa alguma da história do Instituto anteriormente. Eu como já contei pra você, entrei muito emocionada, achando que estava entrando e até hoje eu digo, no templo da ciência. Eu não via o Instituto, é bem verdade que eu não tenho esses documentos e nunca parei pra pensar nisso, porque nunca vi o Instituto como uma Instituição decadente, até aquele ponto. Até aquele momento não tinha ouvido falar. Em 55 recebi uma bolsa de pesquisa, mas já estava trabalhando antes disso, e se você vir a nossa lista de trabalhos de 54 e 55 em diante, você vai ver. Eu tenho a impressão que não

é uma lista de uma Instituição de laboratório que esteja decadente, eu acho que não. Agora, eu sempre ouvi falar nisso, não sei porque. Se as pessoas que são mais antigas do que eu, que já viveram a vida do Instituto anteriormente a esse momento, afirmaram alguma coisa em relação a movimentos políticos de decadência, eu acho que você ..... se não ouviu todos eles, deve ouvir, porque eu não sou a pessoa mais indicada pra dizer isso. Até aquele momento eu nunca tinha ouvido falar em decadência do Instituto, nunca. É bem verdade que eu era estudante, posso até, até dizer ingênua, entendeu? Não, não estava metida ...

NA: Na medida que a senhora foi conhecendo outras instituições em São Paulo, no Rio de Janeiro, quer dizer, sei lá, os laboratórios da universidade, os laboratórios de bioquímica da universidade, a senhora conhecia alguém em São Paulo, algum laboratório em São Paulo? Da universidade?

OM: Eu fui lá algumas vezes, o que eu posso dizer é o seguinte..

NA: Só fazer uma comparação com outra instituição.

OM: Em relação à universidade daquela época o Instituto estava muito superior em termos de pesquisa.

BC: Na área de bioquímica.

OM: Em qualquer área.

NA: Ah, é?

OM: Eu acho que em qualquer área, a universidade propriamente não tinha ainda o hábito, o estilo da pesquisa, isso aconteceu mais tarde. E provavelmente crescendo mais após o início da pós-graduação, né? Porque é indubitável que o trabalho dos alunos de pós-graduação dá muita força a pesquisa porque é um trabalho deles e eles tem prazo pra fazer suas monografias, suas teses, suas dissertações, tem interesse.. isso eu estou falando pelos dias de hoje, né? Que naquele meu tempo eu não estava envolvida com a universidade, só esporadicamente, pra participar de uma banca de defesa ou uma alguma outra atividade. Mas pesquisa mesmo eu acho que a pós-graduação fez crescer em todas, todas as instituições.

NA: Em todas as áreas, certo?

OM: Em todas as áreas também. O Instituto, em comparação com a universidade que eu conheci, tinha pesquisa muito superior do que a universidade, que a pesquisa é praticamente inexistente.

NA: Tinha a biofísica na época.

OM: Ainda não, a biofísica estava começando em 1947. Em 1947, estava começando.

NA: Vocês não tinham nenhuma parceria lá não? Na biofísica.



OM: Não, não. A biofísica estava na praia vermelha ainda, não é? E o Instituto aqui na, na .....

NA: Não, eu to falando nos anos 50, quando a senhora entrou.

OM: Quando eu entrei ...

BC: Na primeira década da biofísica, né?

OM: É.

NA: Nos anos cinquenta é à primeira década deles. Mas aí vocês nunca mantiveram nenhuma colaboração com eles.

OM: Mantínhamos contatos, mantínhamos. (Argreves), o (Couceiro), Frota Moreira, todos eles eram da biofísica, mas não tínhamos trabalho... aliás se procurar tem, o Doutor Vilela tinha trabalhos de colaboração com algumas pessoas da biofísica. Foi pena que não trouxe um livro do Doutor Vilela e um folheto. Ontem mesmo estive com ele na mão, pensei em ter trazido. Então, eu particularmente, que eu era estagiária ... Eu praticamente não, não tinha assim direto, mas eu ia, assim como eles vinham também de vez em quando no nosso laboratório. Trabalho em colaboração Doutor Vilela teve alguns.

NA: E em São Paulo tinha alguma colaboração? Na USP ou ...

OM: Naquela ocasião tinha, tinha o Isaias (Ror), o Leo Prado lá de Belo Horizonte, de Minas...

NA: Tinha colaboração em bioquímica.

OM: Tinha. Não eram trabalhos assim como atualmente fazem grandes projetos que são todos interligados. Mas era um ou outro trabalho de colaboradores. Amadeu Cury. Amadeu Cury era do Instituto de Microbiologia, se não me engano.

NA: De onde?

OM: Ele era daqui da Fiocruz ou era da universidade.

NA: Da universidade daqui.

OM: É, a UFRJ. Amadeu Cury trabalhou, fez um trabalho de microbiologia, com colaboração do Doutor Vilela, ele na parte de microbiologia, Doutor Vilela da bioquímica. Publicaram uns livros juntos. Livro de bioquímica, de bioquímica de vitaminas, microorganismos, várias coisas. Lamentável eu não ter trazido isso.

BC: Mas a senhora foi pra São Paulo?

OM: Não, não fui pra São Paulo, fiquei sempre na Fiocruz, sempre. Eu fui pra São Paulo quando o Doutor Vilela faleceu representando o Instituto Oswaldo Cruz num evento, num congresso que tinham organizado. Até muito interessante essas coincidências, eu tenho aqui. Isso aqui está mais ou menos de ordem cronológica se vocês quisessem conversar,

eu acho que valeria a pena, porque que eu coloquei mais ou menos em ordem cronológica, isso aqui, esses documentos. O Doutor Vilela entrou para o Instituto Oswaldo Cruz, eu acho que isso não é o que vocês querem saber, mas entrou para o Instituto Oswaldo Cruz... se você preferir eu te conto isso numa outra vez... entrou para o Instituto Oswaldo Cruz em 1926 por indicação do tio dele que era... não sei se diretor, mas era do hospital, hospital Evandro Chagas, hospital da Fiocruz, né? Aí o Doutor Vilela foi ficando, foi participando de outras atividades, acabou que em 1937, se não me engano, ele foi nomeado, ele fez concurso, o tal do concurso, ele fez concurso para o Instituto. Aí prosseguiu e quando chegou ..... houve uma reforma, eu vi no livrinho dele que infelizmente eu não trouxe, que foi ... um resumo de atividades e trabalhos complicados que ele organizou para quando, quando ele fez em 1951 o concurso para professor titular da bioquímica da UFRJ, né? Ele passou, evidentemente, mas não assumiu a cadeira. Ele já era livre docente, que já tinha feito anteriormente um concurso pra docência. Sempre bioquímica, bioquímica ou química fisiológica, sempre assim. Esse compêndiozinho acho muito importante trazer pra vocês ...

NA: Depois a gente vê isso.

OM: Porque dá esses dados todos. Aí eu vi que pouco antes, na década de... 47 por aí, houve realmente uma reforma no Instituto, eu vi relendo isso aí, uma reforma no Instituto, onde foram criadas oito divisões.

NA: Isso foi com Aragão.

OM: É, que antes ... então foi criada a divisão de química e terapêutica experimental e aí ao Doutor Vilela... foi dada a ele a chefia, a, a, o cargo de chefe dessa divisão, né?

NA: Da divisão, né?

OM: Isso foi um pouco antes, foi no final da década de 40. E parece que nesse meio tempo, não sei foi bem aí ou mais tarde um pouco, alguns pesquisadores tiveram que optar, realmente não podiam acumular no cargo de magistério e fonte de pesquisa. Se bem que posteriormente, anos mais tarde, isso era permitido. Eram as únicas carreiras que permitia acúmulos, né? Acumulação. Era magistério com pesquisa. Posteriormente, mas parece que houve isso em algum momento... eu sinceramente não ... eu sempre que me perguntam, que me falam em decadência... eu penso: com decadência a gente tem que ter um padrão. Com a decadência em relação a que padrão? Atinge que patamar? Eu não vi isso porque eu não vivi o passado, e nem tenho as publicações do passado para poder comparar. Mas eu sei que nós publicamos muito e ...

NA: Quais eram as outras áreas dentro do Instituto, depois que a senhora entrou, não logo que a senhora, mas depois que a senhora já estava aqui à algum tempo, o que lhe chamava a atenção pela excelência, pela qualidade, pelo número de publicações, que outras áreas junto com o laboratório a senhora destacaria nesse período de 60?

OM: Bom, eu destacaria o grupo do Doutor Herman Lente, Doutor Haity Moussatche, que era da fisiologia... Até mesmo na atuação, eles eram aquelas pessoas, aquelas figuras que se destacavam em termos de atividades de iniciativa na instituição. O Valter Cruz, acho que era ...

NA: Patologia.

OM: Na patologia.

NA: Mas ele fazia hematologia.

OM: Hematologia. Ele fazia hematologia, é. Eu, destaco esses.

NA: Quem mais?

OM: Bom, a microbiologia também. A microbiologia.

NA: Era quem?

OM: Era o Doutor Genésio Pacheco, era o mais idoso. Quando eu entrei pra fazer, fiz anos depois de estar lá, eu fiz o curso de bacteriologia, que era um antigo curso de aplicação, que naquele ano que eu fiz ele tinha se transformado em curso de microbiologia ou bacteriologia. E diziam em imunologia, mas em imunologia que nós vimos foi assim...

NA: Aliás, não tinha imunologia aqui, né?

OM: Não, imunologia não.

NA: Não se desenvolveu aqui?

OM: Ali não, naquela época e nem sei agora se tinha. Naquela época não se desenvolveu. Eu sei que houve um momento em que, logo que eu cheguei lá, poucos anos depois que... tinha um professor que eu não me lembro de onde, estava... pediu ao Doutor Vilela que indicasse uma pessoa para fazer imunoquímica. E o Doutor Vilela perguntou se eu queria ir.

NA: Entendi.

OM: Mas eu não quis. Então, alguém fora do Instituto estava interessado em iniciar em imunoquímica, provavelmente imunologia, mas existe imunologia, existe ..

NA: O Felipe Néri Guimarães não fazia imunologia?

OM: Pois é não sei, eu não posso dizer.

NA: Não sabe.

OM: Não sei dizer.

NA: E a virologia também não ..

OM: Virologia tinha, era o Lacorte? Era o Guilherme Lacorte.

NA: Trabalhava com vírus.

OM: É.

NA: Trabalho de vírus.

OM: É, tinha a parte de vacinas, isso existia.

NA: Era essa turma que fazia as vacinas, né?

OM: É.

NA: Trabalhava com vírus.

OM: A Arlete Ubatuba era a responsável por um setor.

NA: Ela trabalhava com ele, eu acho, né?

OM: É, não. Fernando Ubatuba trabalhava mais lá pros lados do departamento do Doutor Moussatche, fisiologia...

NA: É. E o que eu ia lhe perguntar? A senhora falou que imunologia não tinha...

OM: Veja, Nara, talvez venha alguém e diga: “isso que a Otília disse não é...”. Eu posso estar fazendo confusão realmente.

NA: Mas isso é o porquê a senhora acha, que eram coisas que se destacavam, que as pessoas que publicavam...

OM: Mas porque realmente eu acho, eu já disse isso pra vocês, ficava muito na minha busca, né?

NA: Vocês não tinham colaboração interna não? Entre esses laboratórios, divisões .....

OM: Não, bioquímica não. Nós tivemos em parte com a microbiologia.

NA: Genésio Pacheco.

OM: Genésio Pacheco. O Doutor... o Abreu que era do nosso laboratório, teve trabalhos publicados com o Genésio Pacheco. E o Doutor Vilela provavelmente também teria. Eu particularmente não tive não. Nós tínhamos assim: às vezes nós precisávamos de uma cepa, eles nos forneciam...

NA: Não, mas não tinham uma pesquisa comum, é isso que eu to falando de colaboração.

OM: Não, não. Assim grande, no nosso grupo que eu me lembre não tinha.

NA: E o Doutor Vilela tinha colaboração no exterior?

OM: Tinha. Ele viajou muito, representando o Instituto, representando o Brasil, foi indicado pelo governo do Brasil, o governo do Paraguai queria desenvolver a bioquímica, pesquisa na parte de saúde e qualidade em termos de controle mesmo e métodos de

dosagem e pediu ao Instituto Oswaldo Cruz, ou através do Ministério da Saúde que indicasse alguém. E o ministro indicou o Doutor Vilela pra ir lá fazer implantação desse... que o Doutor Vilela, ele tinha feito vários métodos de dosagem, inclusive alguns na parte de vitaminas, de microbiologia, dosagem de vitaminas e.. coisas que não haviam ainda sido implantadas e ele foi, esteve no Paraguai algum tempo, fez isso, exerceu essa função e no final foi até condecorado pelo governo do Paraguai com uma ordem do mérito, não sei das quantas e voltou. Foi também para os Estados Unidos, aí não só... chegou até a fazer colaboração, mas também para fazer um curso, e depois visitar vários laboratórios. Esteve no laboratório do (...) e outros, que ele não consegue mencionar, e que eu não me lembro. Foi também indicado pela Unesco pra ir, se não me engano para Birmânia, para ver o ensino de bioquímica lá, acompanhar. Esses dados eu preferia que você, ponha só uma chamadinha pra depois eu poder lhe dar a informação...

NA: Pra depois a gente reencontrar, né?

OM: Correta. Eu sei disso tudo, mas ...

NA: A senhora não tem nenhum currículo dele, né?

OM: Pois é, eu tenho, devo ter.

NA: A senhora vai procurar pra gente.

OM: Tenho que procurar. Esse livrinho que eu digo vai só até 1951, porque ...daí em diante, ele continuou produzindo e ...

NA: E vocês começaram, aí vou falar um pouquinho de você. Quando a senhora chegou o Emílio não tava ainda não, né?

OM: Não, ele chegou antes de mim, não é?

NA: Ah! Ele chegou antes.

OM: É, porque o primeiro curso de bioquímica no Instituto, foi em 1950. Eu vi escrito em algum lugar. O Emílio fez o curso de bioquímica assim... foi o Doutor Vilela quem fez, organizou o curso. Se não me engano o Emílio fez o curso talvez em 51, por aí. Eu fiz o de bioquímica em 53 e bioquímica das vitaminas em 54, sempre o Doutor Vilela responsável pelos cursos. Então quando eu entrei pro laboratório em 54, já estava lá o Emílio, o Luiz Paulo Ribeiro, que tinha vindo da química da faculdade de filosofia, ele não era da nossa área e que tinha estagiado lá no Departamento de Físico-química, com o doutor... eu, eu não estive lá ...

NA: É filosofia?

OM: Não, não ali na Fiocruz, no Instituto Oswaldo Cruz. Ele começou indo para o laboratório de físico-química e depois passou para o laboratório do Doutor Vilela. Logo em seguida, quando eu cheguei, ele já estava no laboratório do Doutor Vilela. Então estava o Abreu, a Regina, o Luiz Paulo e o Emílio. E aí, entrei eu.

NA: E aí a senhora entrou em que pesquisa? De quem?

OM: Bom, aí o Doutor Vilela me deu a seguinte tarefa: eles estavam trabalhando com... Emílio e Doutor Vilela estavam trabalhando com xantina oxidase e já tinham até publicado trabalhos de métodos de dosagem da enzima e me deu a tarefa de localizar a atividade da enzima na célula. Localização intracelular da xantina oxidase, foi a tarefa que ele me deu.

NA: Esse processo, a senhora não quer explicar pra gente de uma forma que a gente entenda, o que é esse processo, essa enzima xantina oxidase, o que ela faz?

OM: Posso, posso explicar. Posso explicar, mas poderia ter me preparado (risos)

NA: Não diga isso.

OM: Olha só, a xantina oxidase é uma enzima que catalisa, evidentemente, a transformação de hipoxantina... são purinas, hipoxantina, enxantina, através do processo de oxidação, ela oxidase, a xantina em ácido úrico. Ela atua nas duas etapas: na hipoxantina pra xantina e xantina pra ácido úrico.

NA: Quer dizer, na verdade essa é uma enzima que tem que tem ligações com problemas médicos, né?

OM: Tem, tem, claro que tem. O Doutor Vilela até fez um estudo em relação à intoxicação, usando fígado, usando (clariante) de carbono para um fígado gordo... nós todos trabalhamos com isso, um fígado intoxicado e vimos a atividade da enzima.

NA: Por que ela produz ácido úrico, é isso?

OM: Ela produz, ela age produzindo ácido úrico e o ácido úrico tem que ser eliminado.

NA: Não dá problemas ...

OM: Pois é. Quer dizer é eliminado.

NA: Diabólicos, né?

OM: No ser humano já é fase final desse metabolismo. Em outros animais as vezes tem outras enzimas que degradam o ácido úrico e é eliminado sob outra forma. Então, o Doutor Vilela me, me deu essa tarefa, localizar intracelular... aonde estava, em que partícula da ... em que compartimento da célula estaria a enzima. Aí eu fiz, é claro que o Emílio também estava trabalhando, porque nós éramos uma equipe, né? No caso todos. Só o Abreu é que no momento estava trabalhando com outra, outra linha de pesquisa. Bioquímica também, mas não era xantina oxidase.

NA: A senhora foi trabalhar com o Emílio?

OM: Doutor Vilela, com Doutor Vilela.

NA: Com Emílio, não?

OM: Não, mas o Emílio trabalhava com o Doutor Vilela.

NA: Pois então, a senhora trabalhava junto com ele, né?

OM: Junto com ele, evidente, né? Junto com ele.

NA: Ele também tinha a mesma atribuição? De tentar localizar a ação..

OM: É, não era só isso, era estudos sobre a xantina oxidase, mas no meu caso, particularmente...

NA: Ele foi dividindo trabalho, é isso?

OM: É, o Doutor Vilela não interferia muito não. A gente inventava, a gente queria fazer uma coisa diferente.

NA: Dava liberdade pra vocês.

OM: Dava, perfeito. Não era aquela coisa assim de ficar ...

NA: Mas a senhora não vindo, na verdade a senhora não tinha vindo de uma área médica, né?

OM: Não. Não tinha.

NA: Nem de bioquímica, mas tinha feito os cursos de bioquímica, né?

OM: Pois é, tinha feito. Mas eu fui aprendendo mesmo no decorrer dos anos, e digo que aprendo até hoje.

NA: Sei.

OM: Não considero que eu, que eu saiba bioquímica. Todo dia eu aprendo, aprendo até com os alunos... Isso é uma, é uma coisa fantástica, você continua aprendendo?

NA: Eu?

OM: É.

NA: Ontem disse isso aqui. O dia que eu achar que eu parei de aprender, eu morri.

OM: Pois é. Encerrou. Aprende-se todos os dias.

NA: A gente tem que ter a humildade de saber que não sabe nada (risos).

OM: É isso que eu digo, quando ...

NA: A gente só sabe pouco.

OM: É, é eu digo mesmo isso. Quanto mais a gente... quanto mais eu leio, mas eu vejo que não sei.

NA: Eu tenho a mesma sensação.

OM: Inicialmente eu fiquei sentada lendo a bibliografia, procurando lá no meu canto, não falava com ninguém...

NA: Mas a senhora nunca tinha ouvido falar dessa enzima também não, né?

OM: Não.

NA: Não tinha sido apresentada a ela não, né?

OM: Não, não. Bom, enzima já conhecia, tudo mais, mas o que era, como funcionava, como se dosava, não.

NA: O Doutor Vilela fazia seminários, assim de laboratórios?

OM: Fazia.

NA: A senhora acho, que chegou a falar da outra vez ...

OM: Falei, comentei.

NA: Ele juntava os alunos, e liam, discutiam.

OM: Nós tínhamos seminários e ele... até não sei se aqui, acho que não, eu trago depois. A ideia dele, que ele fazia é ... passear uma vez por mês, conforme fosse, mas de vez que quando tinha umas ausências, aí recomeçava. Houve um momento que ele quis recomeçar com três tipos de reuniões: uma é essa de mensal, as outras duas é que seriam alternadas, há uma diferença. Uma é, ou era de crítica bibliográfica, cada um pegava por si pegava um ponto, um assunto que tivesse surgido importante, lia, discutia, era uma. E o outro... que eram três, três tópicos diferentes. E ... e então essas duas eram alternadas, que portanto, acabava ficando de dois em dois meses. A outra não, a outra era assim. Falhava, às vezes falhava, né? Mas ele tinha esse ....

NA: Tinha uma discussão com os alunos, né?

OM: Tinha.

NA: Não deixava os alunos lá e ia fazer outra coisa.

OM: Não, aí os trabalhos eram discutidos com ele, porque tinham estagiários, que eram estagiários que trabalhavam diretamente com ele. Outros que foram entrando posteriormente, né? E aí trabalhávamos sobre a orientação dele, faziam lá no laboratório dele, depois discutiam os resultados e depois nós discutíamos o resultado em conjunto também.

NA: O seu primeiro paper ficou com ele?



OM: Foi, foi esse. O que nós fizemos? É claro que eu tinha lido, é claro que o Emílio leu, e aí fomos fazer. Então, o que nós fizemos? Nós fizemos o rompimento da célula, fígado! Primeira coisa.

NA: No fígado.

OM: Trabalhamos com fígado, nós fazemos o homogeneizado do fígado. Sempre estudávamos...

NA: Animal, né?

OM: Animal. Sempre animal.

NA: Que animal?

OM: Rato.

NA: Rato.

OM: É, nós trabalhávamos muito com rato.

NA: Rato.

OM: Muito. No meio (...) e aí nós tirávamos aquele debris, aquela, aquela... é como se fossem as cartilagens do tecido não triturado. Então passávamos por um pano, uma gaze, tirávamos aquele debris, e depois fazíamos uma centrifugação mais branda inicialmente, eram oitocentos (...) sentido gravitacional, né? Então, oitocentas vezes a gravidade, aí caía um material mais pesado. Com isso nós repetíamos e nessa primeira fração, grosseiramente eu posso dizer que nós tínhamos núcleos; depois fazíamos um, um material que ficava no sobrenadante, que não tinha sedimentado, nós submetíamos a uma centrifugação com maior força em torno de sete mil, dez mil vezes, aí caíam as mitocôndrias; lavávamos, quer dizer, tirávamos o sobrenadante, lavávamos a célula, depois pegávamos o sobrenadante, lavávamos...

NA: Aí vinha a mitocôndria.

OM: É. Aí o (...) sempre era lavado várias vezes, várias vezes para ser o mais puro possível, depois a mitocôndria, depois o último nós centrifugávamos muito. Conclusão: nós tínhamos três frações diferentes e o sobrenadante, que nós considerávamos que era a parte (...). Em cada uma delas nós dosávamos a atividade da enzima, e paralelamente dosávamos também o nitrogênio... o que caracterizava principalmente de alguma forma as proteínas de cada fração, né? E o que deu no primeiro, logo no primeiro experimento? Zero no núcleo, zero na mitocôndria e atividade toda no sobrenadante. Aí o Doutor Vilela ficou meio assim, meio surpreso, eu senti que ele ficou meio surpreso mas eu não tinha dúvida, era zero, zero. Podia ter havido algum equívoco e repetir porque toda experiência tem que ser repetida. Uma, duas, três vezes ou mais pra você poder confiar no resultado, né? E assim repetimos e todas às vezes aconteceu isso. E então naquelas nossas condições de trabalho nós não tínhamos dúvida: não estava nem núcleo, nem na mitocôndria, estava no sobrenadante, que era a parte solúvel, né? Citozol. Não tinha dúvida, os resultados

eram sempre muito bem, escrevemos o trabalho e mandamos pro Nature, uma revista que é muito difícil de publicar.

NA: Em inglês?

OM: Em inglês, claro, né? E aí publicamos, né? Um com resultados. Muito interessante que eu acho é que logo depois que recebemos uma carta do Lytiwack.

NA: Como é, como é que soletra isso?

OM: É, eu acho não sei se é Li ou Ly.... t w a c k. Mas eu vou, depois eu vou dar isso direitinho pra você. Achando muito interessante os resultados, tanto que já tinha adotado, que era uma coisa simples de fazer, já tinha adotado aquilo em sua sala de aula como tarefa, como experimento para os alunos dele, lá nos Estados Unidos. Aquilo nos deixou todos orgulhosos, né? E até eu recentemente, porque agora as técnicas são muito mais sensíveis, tem muito mais recursos sobre todos os aspectos. Então eu as vezes fico me perguntando se a enzima estaria realmente solta no sobrenadante, ou se estaria aderida a uma membrana da mitocôndria mesmo ou do núcleo e, com o tratamento, ela se soltou e ficou no sobrenadante, né?

NA: Com a centrifugação?

OM: É, e o próprio rompimento, com o nosso meio de trabalho, né? Naquelas condições não havia a menor dúvida. Era aquilo mesmo. E muito interessante que agora semana passada, duas semanas atrás, eu encontrei um...

## **Fita 6 – Lado B**

OM: A maioria das referências, tem uma ou outra, muito antiga, mas de ..... 80 pra cá. Então os nossos trabalhos não estão citados. Nessa parte de ..... tem umas coisas que eu até conforme for se eu me animar escrevo pra ele, que ele diz: “que fulano de tal foi o primeiro a identificar xantina oxidase em microorganismo”. Nós fomos os primeiros, nós fomos antes disso, entendeu?

NA: Ela não conhece este artigo da “Nature” então?

BC: É.

OM: Não, mas esse artigo da “Nature” não é microorganismo, esse artigo da “Nature” é em rato. Ele disse em bactéria.

NA: Mas vocês fizeram depois em bactéria?

OM: Não, já tínhamos feito antes.

NA: Ah! Já tinham feito.

OM: Já, já tínhamos feito, foi o primeiro foi em lactobacilos casei.

NA: Esse aqui é rato, né?

OM: Lactobacilos casei, nós já ..... depois desse nós fizemos muitas coisas, inclusive em bactéria, lactobacilos casei.

NA: A senhora devia escrever pra ele e dizer isso.

OM: Pois eu estou convidada, mas eu quero primeiro ler, o trabalho é grosso. Eu quero pegar toda aquela bibliografia e ver, porque inclusive tem um, um que ele faz ..... é uma revisão muito bem feita, muito abrangente. Tem uma parte em que ele discute a localização intracelular da enzima e ele não cita o nosso trabalho. Nosso trabalho é de 1955 se não em engano, ele só está citando trabalhos de 80 pra cá. Se citou um muito antigo, foi um ou dois só, mas eu estou ... e ele então, essa, essa discussão de intracelular ele citava vários, um que ...

NA: Discussão de que?

OM: Da localização intracelular da enzima, né? Uns que encontramos sobrenadante, outros que dizem que está ligado a membrana, coisa que eu já tinha pensado, que poderia ter acontecido, quer dizer, depois, né? E que o outro discordou, então no final eles discordam entre si. E eu estou com vontade de pegar todas essas e reler pra ver se em algum deles cita um nosso.

NA: Até hoje isso é uma controvérsia, quer dizer, está aberto?

OM: Nesse aspecto, uns afirmam que e os outros.... não, porque com os recursos mais rigorosos que a tecnologia agora oferece é muito fácil.... até com anticorpo você pode localizar a enzima, né? De uma forma (...) até com microscopia.

NA: Pois é, hoje se localiza, hoje se sabe onde ..... a localização dela.

OM: Esse artigo é de agora, não sei, é de 2002. E nesse tópico ele ainda mostra que quem diz diferente fica ... cada um que diz que não é ... no sobrenadante, que não me surpreenderia se viesse alguém dizer que não ela está no sobrenadante quando está ....

NA: Agora me diga uma coisa aqui: no momento em que se obtivesse um consenso sobre onde ela está localizada, no núcleo, na mitocôndria ou na parte líquida, né? Isso significaria o que para a produção de ácido úrico? Isso interfere ....

OM: Não, não interfere. Pode trazer informações quanto ao mecanismo de ação. Se está numa membrana, como é que ela é, entre atividades, como é que ela é liberada, .como é que ela age em função de outros, de sinalização que agora... inúmeras reações químicas são ... reações em cadeia e que partem de um determinado ponto, as vezes, por um radical, e que vão agir...

NA: Em outras. Produzindo outras séries de reações.

OM: Eu tenho isso tudo, tudo interessa para o conhecimento teórico. Agora, não quer dizer que vai mudar a maneira de ser produzido o ácido úrico. Não, de jeito nenhum. Eu

é que fiquei curiosa porque gostaria de ver e vou ver, não tive tempo agora esses dias, mas vou ver esse levantamento e ver até que ponto eles viam...

NA: Naquela época, nos anos 50 e 60 no Brasil, tinha mais alguém trabalhando com essa linha de pesquisa?

OM: De antioxidase? Eu acho que éramos só nós. Agora, interessante é que nós dosávamos a enzima e quando eu cheguei aí eu dosava a enzima como eu falei com você, usando tubos de (tumbergue) que via a atividade dela em anaerobiose, não é? Ausência de ar. Mas havia um, além disso, que a, eu dosava em tela desidrogenase, além disso Doutor Vilela e Emílio tinham dosado em presença de oxigênio, medindo o consumo de oxigênio no meio de reação, né? Isso era feito assim. Então, nós fazíamos sempre que possível as duas dosagens: xantina oxidase por método manométrico e a desidrogenase em anaerobiose. A tarefa seguinte...nós fomos avançando porque um assunto chama o outro. N outro momento passamos, Doutor Vilela recebeu um novo equipamento de manômetro de warburg ....

NA: Como é que é?

OM: Manômetros.

NA: Manômetro?

OM: Manômetro é que mede a pressão do oxigênio, oxigênio consumido.

NA: Sim. E de que ele é? Manômetro.

OM: De Warburg, é w a r b u r g, era um pesquisador alemão, que criou esse manômetro.

NA: Pra medir.

OM: É, esse equipamento constava do seguinte: um banho-maria.

NA: Ele ganhou como assim? Vamos falar antes da senhora contar.

OM: Pelo CNPq. O CNPq que nos manteve o tempo todo.

NA: Inclusive pagando equipamento.

OM: Inclusive pagando equipamentos. Nós ... houve um momento que foi a Rockefeller também.

NA: Financiou vocês?

OM: Isso já foi num momento mais tarde.

NA: Depois eu queria que a senhora... vou anotar aqui pra senhora contar isso depois. Então conte agora essa estória do equipamento.

OM: É que esse aí, eu também não posso afirmar, eu acho que foi da Fiocruz mesmo, porque eu deixei lá. Se tivesse do CNPq eu teria levado comigo. Esse foi da Fiocruz mesmo, do Instituto Oswaldo Cruz. Eu deixei lá, com todos os manômetros (...), o trabalho que me deu pra calibrar aqueles manômetros, porque é um tubo capilar.

NA: A gente tem que depois encontrar, levar ela lá pra ver se ela acha esses equipamentos lá ainda.

OM: Ah! Deixei tudo lá.

NA: Vamos ver se a gente acha. Tomara que acha. Mas então, aí a senhora com esse equipamento .....

OM: É aí nós dosávamos a atividade oxidase da enzima. O caso é o seguinte: é um frasquinho...

NA: Não, esse equipamento serviu pra que?

OM: Pra dosar a atividade da enzima com medida de consumo de oxigênio. O manômetro mede o consumo de oxigênio. Porque são duas colunas capilar, uma delas em contato com atmosfera e a outra em contato direto com o ambiente do frasco onde está acontecendo a reação. Isso tudo mergulhado num banho-maria com precisão de dez centésimos de grau. Se houver qualquer oscilação, aquilo sendo capilar qualquer um vai alterar e influenciar no resultado. Então, na proporção que a reação se processa, que nós botamos a reação, o substrato, a enzima... e o substrato, a xantina, à proporção que a reação vai acontecendo, vai havendo consumo de oxigênio pra produzir o ácido úrico, a coluna vai subindo. Nós fizemos a leitura do .... que era calibrado, né? O número que estava no tempo zero, no momento que iniciamos o experimento e depois de algum momento, de um tempo determinado, faço a leitura e vê-se a diferença da coluna. Então essa diferença que é em milímetros, como é que você vai transformar isso em microlitros de oxigênio, né? Então precisava que cada manômetro tivesse sido previamente calibrado, pra que nós pudéssemos saber que cada milímetro correspondia ...

NA: São medidas muito precisas, né?

OM: Aí quem é que ficou fazendo essa calibração? (risos)

NA: Por quê?

OM: Por que eu tinha chegado, não é? (risos)

NA: Ah tarefa pior era pros novinhos (risos)

OM: Não, não, eu também tenho paciência. Não quero dizer que outros não tem, não tivessem, mas eu, eu tinha paciência. É que os outros já estavam com seus trabalhos em andamento e eu ...

NA: Às vezes não era porque os estagiários tinham que carregar o piano?

OM: Não, lá não. Lá no laboratório ...

NA: Não tinha isso? Essas diferenças de “ah !!!!!, chegou aqui agora vai carregar o piano”.

OM: Não, não tinha mesmo. Pelo menos não comigo, não comigo, não teve mesmo. Agora, acontece que ...

BC: Calibrar isso já foi carregando o piano, né?

OM: Mas olha, eu fiz com muito prazer. Mas me tomou muito tempo.

NA: Ou então por alguma habilidade dela.

OM: Não sei. Eu, eu fiz isso ...

NA: Paciência, isso que a senhora tava falando.

OM: Eram 12...

NA: Quem lhe deu a tarefa? Foi o Doutor Vilela?

OM: Não, tinha que usar, não é? Alguém tinha que calibrar, né?

NA: Não tinha técnico não, pra fazer isso?

OM: Ah não, técnico não faz isso. Os nosso técnicos não sabiam que fazer. Primeiro tinha que lavar por dentro aqueles capilares. Lavar como? Primeiro com solução sufocrômica, pra desengordurar, né? Depois que está bem lavado com sufocrômica tinha que lavar.

NA: Sufo o que?

OM: Sufocrômica, é um mistura de ácido sulfúrico com niconato de potássio e ela desengordura, ela limpa. É ácido. Depois de bem desengordurado aí tinha que lavar, lavar com que? Com água bidestilada, né? Porque senão ia deixar (...) lavava. Depois tinha que secar, não é? Aí usava um álcool pra análise, então depois que tinha certeza que estava bem sequinho, aí entrava o processo de calibração. Tinha que ter mercúrio, mercúrio metálico limpo, e enchia aquele capilar. São duas hastes, é assim. Então enchia o frasquinho que está conectado a esse capilar... o frasquinho, quando a gente enfia assim capilar o mercúrio sobe e vai e ocupa determinada medida do capilar. Aí a gente marcava em que medida tinha ficado, tirava novamente e aí ia pesar, quer dizer, eu já tinha pesado o frasquinho vazio e pesava o frasquinho... e eu sabia que aquilo, conhecendo a densidade do mercúrio sabia exatamente a que volume se correspondia e sendo que podia controlar isso aí. Bom, aí eu tinha um volume, mas tinha que transformar isso em oxigênio, né? Então aí é de uma forma que vai constante dissolubilidade do oxigênio no meio e temperatura...

NA: Isso é fórmula matemática.

OM: É, já estabelecida pelo Warburg e outros que já tinham estabelecido, não fui eu quem inventei.

NA: Claro.

OM: As constantes químicas e físicas nós conhecemos, mas eles já tinham estudado isso, aí eu calculei, mas... pra calibrar um manômetro pra mim um resultado não me satisfazia. Eu poderia afirmar que aquele era o resultado certo? Não, o que eu disse ainda pouco. Cada experimento tem que ser repetido, eu repetia duas, três vezes...

NA: Aí tinha que fazer de novo.

OM: Tudo de novo.

NA: Calibrar de novo.

OM: Tudo de novo pra cada um manômetro. Está lá meu caderno. Depois calculei todas as constantes pra cada um deles, aí via se tinha discrepância ou não tinha, tirava a média... então, cada manômetro daqueles tinha a sua constante determinada, e eu deixei isso tudo no Instituto. Depois nós saímos uma pessoa disse: “olha peguei aquele material todo seu”.

NA: Mas os pesquisadores normalmente costumavam fazer isso? Eles mesmos calibrarem quando fossem usar?

OM: Olha o Doutor Vilela fazia. Que o Doutor Vilela era muito, muito metucioso. O trabalho dele era de uma precisão, de um cuidado.....

NA: A senhora acredita... vou fazer uma pergunta que isso é uma coisa muito discutida hoje nessa área de mulheres e ciência, que é o seguinte: a senhora acredita que existam algumas áreas do conhecimento que sejam mais apropriadas...

BC: Requistem certas habilidades...

NA: Femininas do que masculinas? Ou pelo menos que os homens tem, a senhora acredita nisso?

OM: Pode, pode até.... mas eu acho que depende muito da pessoa. Por exemplo, Doutor Vilela, uma pessoa assim cuidadoso, caprichoso, criterioso, metucioso e tal. Acredito que outros não fossem, né? Lá no nosso laboratório mesmo tinham pessoas que não seriam capazes de repetir o trabalho que o Doutor Vilela repetia; eu tenho paciência e faço isso, e fiz. Outras pessoas não teriam essa paciência, depende do temperamento de cada um.

NA: Mas isso não tem nada a ver se é homem ou mulher.

OM: Eu acho que não. Pode ser que você fizer, tem uma população, você analisa um grupo e analisa outro, um grupo masculino e um grupo feminino, pode ser que você vai encontrar um percentual maior ou menor pra determinada, de um grupo ao outro. Mas eu acho ...

NA: Na bioquímica tinha mais homens ou mulheres?

OM: Lá no nosso laboratório tinha mais homens.

NA: E na Sociedade Brasileira..., a senhora frequentou os congressos da Sociedade Brasileira de Bioquímica, né?

OM: Frequentei, frequentei.

NA: Como é que era essa proporção?

OM: Antigamente era mais homem. E agora tem muita mulher, muita estudante, muita menina.

NA: Aliás, uma coisa que me chamou atenção nas fotos que a senhora tirou, que a gente quer depois copiar, é que nesse período aí de .... essas fotos são aqui de 70? Tem muitas meninas já.

OM: Já.

NA: As estudantes.

OM: As estudantes ...

NA: Do laboratório de vocês, né?

OM: Tem.

NA: Já tinha muita menina. A senhora lembra de quando é que isso mudou?

OM: Eu tenho impressão que isso é uma coisa gradativa, não houve um marco, não é? Mas eu tenho a impressão que com a pós-graduação tudo mudou muito, eu acho.

NA: Eu também acho. (risos) Fico feliz de a senhora achar isso também.

OM: Obrigada. Eu acho que sim. Lá, lá no nosso laboratório agora onde eu estou ...

NA: Na bioquímica da UFRJ.

OM: Na bioquímica da UFRJ, o meu laboratório é no Departamento de Bioquímica Médica, mas o laboratório de imunologia tumoral, né? Que eu já falei .... a maioria é de meninas. Agora, não quer dizer que os meninos não sejam bons, eles vão pra outros, talvez eles mesmos procurem outras linhas, não é? Não posso dizer que... o que eu quero dizer é que tem existido muita menina, muita estudante. E o grupo, quer seja menino ou menina, são excelentes, mais são excelentes, dá gosto de ver, dá gosto.

NA: Mas eu to lhe fazendo essa pergunta sobre se na bioquímica nos anos 50 tinha ..... na sociedade brasileira nos anos 60, na sociedade brasileira de bioquímica nos congressos tinha mais homem, a senhora diz, tem mais homem e tal, mas naquele momento quase todas as áreas da ciência tinha mais homens do que mulheres.

OM: Do que mulheres. É.



NA: Não é?

OM: A certo, né? Na bioquímica, isso na bioquímica.

NA: Na química também, né?

OM: Também, também.

NA: De onde a senhora veio.

OM: É.

NA: Não é isso?

OM: Na minha turma nós éramos 60 e só éramos 13 meninas. E éramos muitas! Porque houve turmas de serem menos.

NA: Com menos mulheres.

OM: Com menos mulheres. Realmente agora é maior o número de mulheres. Então eu acho que agora talvez não haja grande diferença. Não posso afirmar.

NA: Então vamos voltar lá. Vamos falar uma coisa que eu anotei aqui, que eu não quero perder, que é essa coisa da .... vamos aproveitar que eu já marquei aqui Rockefeller, vocês tinham financiamento então do CNPq, do próprio Instituto, né? Que tinha recurso próprio ...

OM: O caso da Rockefeller foi diferente, ela já tinha estado lá no Instituto muito .....

NA: Sim. Muito tempo. No pavilhão(...)em 58.

OM: É. Antes, quando eu cheguei ela era assim, uma tradição, era um mito, era uma coisa do passado, né?

NA: Mas ele fazia a vacina, né?

OM: Pois é, tudo, tudo.

NA: Não era ela?

OM: Tudo.

NA: Mas a senhora conheceu? O Henrique Pena?

OM: Não.

NA: Mas era o responsável pela vacina.

OM: Era, era. Não, não conheci não. Conheci de nome.

NA: Acho que ele era da virologia.

OM: É. Não conheci não, mas ele, ele ainda estava lá quando eu entrei.

NA: Acho que é Henrique Pena que chama mesmo, né? É, se eu não estou enganada.

OM: É. Não, não conheci não. Chato esse (...) (abaixa o tom) ficava muito escondidinho.

NA: É acho que ele trabalhava aqui embaixo no pavilhão Rockefeller.

OM: É.

NA: Onde era Rockefeller.

OM: Aconteceu o seguinte: eu gostaria até de contar isso aqui, porque isso vai justificando algumas coisas do presente. Mas em relação a Rockefeller e porque que nós tivemos auxílio da Rockefeller. Houve um momento, quando ia começar uma pós-graduação na universidade e estava já isso em discussão, lá no Instituto também, também havia esse interesse... e então os pesquisadores do Instituto se interessaram em fazer uma pós-graduação paralela ou ligada a essa da UFRJ em moldes um pouco diferentes, não é? E que seria como eu já disse: o aluno seria de certa forma selecionado, que agora mesmo está acontecendo prova de seleção para os alunos entrarem na pós-graduação, não é todo aluno que consegue entrar. Tem provas muito rigorosas pra selecionar o aluno pra mestrado, doutorado enfim. Na idéia deles, era Doutor Moussatche, Doutor Vilela e eu acredito que Ubatuba, talvez o Herman Leite também, não posso afirmar...

NA: Era o pessoal da fisiologia.

OM: É. Eles tinham essa idéia de fazer essa pós-graduação nos seguintes termos: o estagiários freqüentavam o laboratório; o chefe do laboratório, orientador, observava, conhecia o estagiário, vias condições, se o aluno tinha condições de seguir uma pós-graduação...

NA: Estagiários formados já.

OM: Formados. Estagiários formados.

NA: Não era aluno de graduação.

OM: Não, não, não. Seria uma pós-graduação.

BC: Já em 50?

OM: É, não, já era mais, já era agora. Em 60, por aí. Então o aluno que estivesse em condições de ir pra pós-graduação teria sido já previamente selecionado, o orientador indicado, "sabe eu acho aconselhável que você vá fazer este ou aquele curso, pra, pra cobrir uma certa necessidade"...

NA: Fazer na UFRJ.

OM: Em qualquer lugar. Em qualquer lugar, era fazer um curso. Não, não estava estabelecido, isso era ideia deles, eu não vi isso por escrito, mas era ideia deles. E aí o aluno ficava fazendo seu trabalho de tese, paralelamente de vez em quando cobrindo, melhorando, completando seus conhecimentos através de um curso que o orientador considerasse necessário e fazia o trabalho de tese. Era essa a ideia deles, né? E aí eles entraram em contato com a Rockefeller, que resolveu dar apoio a esse grupo, complementando de alguma forma o que fosse necessário para os laboratórios dessa pós-graduação. Aí nós recebemos equipamentos. Interessante, recebemos ultracentrífuga, que foi pro laboratório do Doutor Moussatche, recebemos centrífuga de mesa pra nós, recebemos espectrofotômetros e perguntaram: “o que mais vocês querem?” E nós pedimos livros. Eles acharam muito estranho porque nós com essa biblioteca, pedir livro, né? Mas que nós estávamos pedindo uma série de publicações, era métodos em (ismologie), que estava sendo lançado .....

NA: Métodos ...

OM: Métodos de ismologia. Então estavam sendo lançados e que reunia logo todos os métodos usados, mais avançados naquela época e interessava-nos porque a biblioteca num tinha. Eles acharam estranho mas não fizeram objeção, compraram. Compraram cinco volumes, os quatro ou cinco primeiros volumes nós tínhamos. Então por isso que eu digo ...

NA: Vocês iriam participar dessa pós-graduação também.

OM: Nós éramos, os pós-graduantes seríamos nós. O Emílio, eu, quem quisesse ali do laboratório.

NA: Ah! Vocês seriam.

OM: É.

NA: Quer dizer, na verdade é, o movimento era da fisiologia ...

OM: Não era da fisiologia, Doutor Vilela estava junto com eles, Doutor Vilela discutia com o Moussatche.

NA: Pra montar essa pós-graduação.

OM: É.

NA: E vocês seriam os indicados.

OM: É, entendeu? Inicialmente tanto é que ele escreveu a tese dele e entregou na UFRJ.

NA: Quer dizer, tinha algum mandato universitário o IOC?

OM: Tinha.

BC: Mas isso é final dos anos... a senhora fez o curso de aplicação, não fez?

OM: Eu fiz em 59.

BC: O curso de aplicação.... ele tinha parado, né?

OM: Tinha.

BC: Eles reiniciaram o curso justo nesse momento que a senhora entrou.

OM: É, eu acho que foi nesse momento, foi isso mesmo. Eu não sei se foi o primeiro foi o meu ou se já tinha havido um anterior.

BC: Sei, sei.

OM: O meu foi em 59.

BC: Foi no final dos anos 50 que eles reorganizaram o curso de aplicação.

OM: Sim.

BC: E ele não era considerado um curso de pós?

OM: É que não havia pós-graduação naquela ocasião, né? Então, e ficou muito discutido isso aqui, na verdade, isso ficou estabelecido, acho que a universidade, não sei, não posso dizer porque razão no final não deu um apoio a isso. (...) desapareceu.

BC: Quem desapareceu?

OM: A tese.

BC: A tese, sim, sim.

OM: Desapareceu naquele ano.

BC: Não, mas é porque a senhora estava descrevendo esse movimento, né?

OM: Sim, pois é.

BC: Que estavam envolvido o professor Vilela, o Haity Moussatche para a criação dessa pós.

OM: Dessa pós, é.

BC: Mas não era a partir do curso de aplicação.

OM: Se era eu não sei. Que eu não vi um documento nem participei das discussões. Isso era discussão entre eles, entendeu? O Doutor Vilela veio “olha a pós-graduação aqui vai ser diferente, vai ser nesses moldes” que era como era em determinados centros de pesquisas na Europa, não é? Não sei se nos Estados Unidos também.

BC: Uma experiência mais tutorial. Identificava o orientador, o seu aluno...

OM: Exato. O orientador diz: “olha você precisa fazer impulso ... que dê base pra essa técnica nova”, vamos assim supor, né? “Que está fazendo falta pro seu trabalho”. Aí indicava um laboratório ou um curso qualquer onde ele pudesse aprender aquilo.

BC: Agora, por que foi que a senhora foi fazer o curso de aplicação?

OM: Porque eu já estava no Instituto, né? Que é o INQ. Eu achei que era uma coisa importante ter o conhecimento mais amplo. Eu tinha tido microbiologia na faculdade, mas era uma microbiologia voltada pra indústria, né? Era microbiologia industrial. Eu achei que eu estando no Instituto Oswaldo Cruz, com todo passado da, instituição, não é? Eu tinha que saber mais, não é?

BC: Mas foi uma iniciativa sua, não foi uma indicação, uma orientação.

OM: Minha. Nesse tempo ainda não havia essa idéia da pós-graduação, porque eu fiz em 59 e essa idéia já era em 62 por aí, né? Então foi, foi iniciativa minha e o Doutor Vilela não fez objeção nenhuma, ele apoiou sempre.

BC: O curso que a senhora fez teve a duração de um ano?

OM: 1 ano.

BC: E ao final tinha que apresentar algum trabalho?

OM: Não. Eu acho que cada, eu acho que em cada, em cada etapa .....

BC: Ao final de cada disciplina, não tinha que apresentar tipo uma monografia ao final do curso?

OM: Não, nós discutíamos... a coisa era muito assim, me lembro muito bem do Doutor Genésio Pacheco nesse curso, que ele estava lá de vez em quando. Ele não dava aula prática, mas ele estava lá sim eu me lembro, ele disse que Doutor Roberto o que eu disse hoje. Estavam lá discutindo, porque eles eram muito simpáticos, muito acessíveis, apesar de terem fama de durão não eram não, nós conversamos com eles, discutíamos, não é? Discordávamos, era uma coisa muito boa mesmo. Eu me lembro de uma ocasião, estávamos assim discordando, e o Doutor Genésio disse assim: “Essa gente agora sabe muito mais do que nós”. Não é verdade, não é verdade, mas é o que eu digo hoje pros alunos: “vocês sabem muito, vocês não sabem o quanto vocês sabem (risos). Eu aprendo com vocês”. Eu digo isso todo dia lá, eu aprendo todo dia com vocês, então era um ambiente muito, muito agradável.

BC: Quando a senhora fez o curso, a senhora continuava com a rotina do seu laboratório?

OM: Ah! Continuava, continuava.

BC: O curso não era horário integral?

OM: Não. Mas aí naquele momento que eu estava dispensada...

BC: Ah! Sim, foi dispensada pro curso.

OM: É, mas se eu tinha alguma hora vaga, eu ia lá, era o meu pouso, né? Eu ia lá e voltava, saía do curso e ia voltando, voltava direto pro laboratório. O curso terminava tarde, no final do dia, não, não, não afastei por completo não. E eu só me afastei por completo num outro curso, foi na época de um outro curso, que foi quando eu fui fazer... isso já em 1963, fui fazer o curso aqui na biofísica, mas não era aqui, era na Praia Vermelha ... um curso de metodologia de radiosótopos. Foi um mês e meio e eu realmente me afastei porque era lá na Praia Vermelha o curso terminava tarde e não dava pra eu voltar correndo aqui pra ...

BC: Quem dava esse curso?

OM: Foram os professores da biofísica, mas na ocasião era o Pena Franca que dava. Eduardo Pena Franca.

BC: Mas foi um curso que a senhora também identificou e foi fazer.

OM: Aí apareceu o curso... vai manchar a mesa ...

NA: Eduardo Pena Franca.

OM: É. Curso de metodologia de radiosótopos.

NA: Da última vez a senhora tinha falado ... isso era uma técnica moderna que tinha ...

OM: Não, radiosótopos ...

NA: Desde de os anos 40 estava se usando isso.

OM: É, radiosótopos, desde o tempo da madame (Curry), né?

NA: Mas aqui nos laboratórios do IOC alguém usava?

OM: Usar, usava, né? Porque usavam muito lá embaixo perto do Doutor Moussatche, tinha o Fontana que tinha... agora usam muito mais radiosótopos para detectar reações de... é uma técnica muito mais precisa. Revelar é... eletroforese, um fracionamento... naquele tempo usava muito isso.

NA: Mas no IOC vocês usavam radiosótopos?

OM: Usava, usava sim, se fosse necessário, usava, né?

NA: Mas na bioquímica não.

OM: Usava, nós .....

NA: E a senhora foi fazer o curso porque então?

OM: Bom, eu estava dizendo, no Instituto Oswaldo Cruz, tinha aquela idéia de fazer a pós-graduação. Não lembra que eu falei que os alunos ficariam... o professor orientador determinava, aconselhava o aluno a fazer este ou aquele curso...

BC: Eu tava perguntado pra ela se essa pós tem alguma derivação do curso de aplicação.

OM: Mas eu acho que não foi. Eu acho que não foi, porque o curso de aplicação já existia.

NA: Nessa época não existia mais curso de aplicação, nos anos 60 existia?

OM: Eu fiz esse curso.

BC: Ele reativado em 58 e 59.

OM: Eu fiz em 59.

BC: Ela está falando dessa descrição, é 62.

OM: 62, por aí, mais ou menos 62, porque aí a idéia deles de fazer a pós-graduação a Rockefeller apoiou. E é claro que eles pediam, né? Fizeram alguma requisição, eu não sei porque eu não participava nesse planejamento da pós-graduação. Era o Doutor Vilela, o Doutor Moussatche, os chefes que entraram em contato com a Rockefeller e eles apoiaram para comprar equipamento que vocês sabem, para a pós-graduação do IOC. E com isso nós ganhamos uma ultra centrífuga, que ficou no laboratório do Doutor Moussatche ..... ganhamos a centrífuga de mesa, ganhamos espectrofotômetro .....

NA: É, a senhora falou isso, mas porque que o radioisótopo tem a ver com isso.

OM: E aí as pessoas faziam cursos, conforme achassem conveniente fazer. Apareceu esse curso de radioisótopo, que já era tradicional, não foi a primeira vez, ele acontecia todos os anos. E eu me interessei em fazer.

NA: A senhora aplicaria no seu trabalho.

OM: No nosso trabalho, no nosso trabalho. Aí o Doutor Vilela me encaminhou, pediu ao diretor a autorização para o meu afastamento, porque a essa altura eu já era bolsista do... em 62 eu já era bolsista...

### **Fita 7 – Lado A**

OM: Mas, então, eu tomei posse em 62.

BC: Em 62, foi.

NA: Em abril, né? A gente viu aquele dia no recorte de jornal.

OM: É, foi em abril, pois é.

NA: E o curso foi em seguida.

OM: Esse curso foi em 63. Portanto, a gente tava efetivada. E o Doutor Vilela escreveu, tenho esse documento, eu vi um dia desses.

NA: O curso durou ...foi um ano?

OM: Não, o curso de radiosótopos não foi um ano, um mês e meio. É, um mês e meio exatamente, meados de junho ao final julho.

NA: E a senhora foi usar essa técnica no seu trabalho.

OM: É. Não cheguei a usar diretamente porque havia quem fizesse isso lá no laboratório, depois precisava do material e nós não tínhamos como usar. O radiosótopos tem que...

NA: Era importado?

OM: Ah, que nem aqui, fornece agora muito controlado.

NA: Era controlado isso. Um material não é assim que qualquer um anda debaixo do braço, né? Será que era importado, não tinha no Brasil? Ou isso já a Petrobrás já fazia?

OM: Não tinha... não.

BC: A energia nuclear?

OM: Já tinha.

NA: Já tinha.

OM: Foi quando o Herbásio, né? Com Paulo Emílio...

NA: Aí é que começa a ter a matéria-prima e isso é distribuído para os laboratórios.

OM: É.

NA: Mas isso tinha algum controle do Ministério da Saúde?

OM: Ah, deve ter. É, controle deles mesmos lá. Até agora tem, é muito controlado, as pessoas tem que apresentar um projeto, dizendo o que vão precisar, em que, onde vão aplicar, quais as pessoas que vão usar, então a .... lá na, na universidade é assim, tem pessoas determinadas pessoas que encaminharam o projeto e, essas pessoas é que podem receber. Um fica encarregado de receber e depois de distribuir. Até que a Fiocruz vai buscar lá. Atualmente acho que é, estão só recebendo lá. Provavelmente amanhã ou depois será um pesquisador daqui que vai receber e que vai distribuir. É controlado, tem que ser controlado. Mesmo por causa dos riscos, né? Porque não é qualquer um que sabe manusear.

NA: Vem cá, a senhora tinha falado, eu tava olhando aqui no meu caderninho, a senhora tinha me falado que o Gilberto Vilela trabalhava desde de 51 se não me engano, ou pelo menos foi 51 quando a senhora conheceu ele, né? Ele trabalhava com ácidos nucléicos, não é?

OM: Ah! Pois é, eu, eu isso eu não posso te dizer porque, é isso que eu disse pra, pra Bianca. Eu não me considerava estar hoje apta a vir porque não consegui me organizar,



não consegui pegar material que eu queria. Um deles era esse, era o currículo dele, o meu currículo, que eu também até agora não trouxe ... a tese dele...

NA: Ácido nucléico.

OM: Ácido nucléico, mas isso eu não posso ...

NA: Nessa época, aqui nos anos 50, 60, vocês já ouviram falar, ou tinha alguma notícia, sobre a descoberta lá da dupla hélice, do ácido nucléico.

OM: Em 1953, eu estava aí, foi um clamor!

NA: Ah é?

OM: Eu estava no laboratório.

NA: Ah, como é que a senhora soube?

OM: Nós recebíamos as revistas científicas da biblioteca, a gente via aquilo, nós estávamos atualizados diariamente, porque a biblioteca era, acredito que ainda seja... uma coisa extraordinária, né? Recebia, a biblioteca recebia todos aqueles periódicos importantes... a proporção que eram editados e que chegavam ao Brasil, a biblioteca recebia. As quartas-feiras... toda quarta-feira na biblioteca tinha uma mesa comprida, ela colocava ali arrumadinhos assim, todas as revistas que tinham chegado naquela semana, todas. E nós tínhamos o hábito de... quase todas as pessoas do Instituto as... quarta-feira ia a biblioteca pra ver o que chegou de novo, e ler, e anotar, enquanto a bi ... a revista estava na mesa naquela semana ninguém podia levar a revista, ninguém podia pedir emprestado, mais na semana seguinte já, saía aquela e pro seus, sua estantes, seus armários e entrava as novas, aí nós podíamos pedir, requisitar aquelas revistas, né? Então, nós sabíamos o que estava chegando, podemos não ter sabido no dia que foi publicado lá, mas logo em seguida a revista chegou aqui, foi em 1953.

NA: Aqui não tinha nenhuma linha.

OM: Foi em 1955.

NA: Tinha linha de pesquisas dele, dos ácidos nucléicos, mas mais ninguém trabalhava com isso, né?

OM: Não, a ponto de poder acompanhar a dupla hélice, fazer chegar perto do ..

NA: Ah. Isso nunca se desenvolveu depois... aliás no laboratório dele, a senhora tava falando, a equipe era formada, a senhora já falou, a senhora, o Emílio, a Regina .....

OM: O Abreu , o Doutor Vilela.

NA: Eram vocês que eram os alunos e depois foram contratados, né? Fizeram o concurso.

OM: É, nós éramos o staff, nós éramos o staff. Ficou até o final. Só que em 64, com o golpe, quer dizer, eu não eu posso dizer que seja com o golpe, em 64 o Doutor Vilela perdeu a chefia da divisão de química.

NA: É, a senhora falou.

OM: Aí quem assumiu foi o Póvoa.

NA: Héllion Póvoa. Mas o Héllion Póvoa já fazia parte?

OM: Quando eu fui pra lá ele estava no laboratório. Nesse momento que ele assumiu ele não estava no laboratório, ele não...

NA: Estava em outro lugar.

OM: É, estava em outro lugar, eu tenho uma ideia vaga disso, tenho ideia vaga, mas ele sempre manteve contato conosco, sempre foi amigo, nós sempre tínhamos contato.

NA: Não era na intervenção do Rocha Lagoa isso não, né? É, numa certa maneira era.

OM: Do Doutor Vilela foi, certamente.

NA: Sim, mas veio pro lugar uma pessoa que era ...

OM: Dali, né?

NA: Um cientista, e que era dali.

OM: É, era dali.

NA: Existia um contato, né?

OM: Ele na verdade, o Póvoa, não estava ali naquele momento, mas ele já tinha estado. Mas tinha contato conosco... depois eu vejo, pelo, pelas requisições aqui de nos nossos documentos. Tempos mais tarde quem foi o chefe da divisão foi o Abreu, da divisão de química e terapêutica experimental. O Póvoa tinha saído, né? E aí ficou o Abreu, que nós..

NA: Tinha que, tinha mais alguém fazendo bioquímica dentro do Instituto?

OM: Não.

NA: Foi vocês só.

OM: Só, éramos só nós.

NA: Só uma pergunta, a senhora continuou nessa linha de pesquisa até sair daqui?

OM: Continuei, até que...

NA: Com a xantina oxidase.

OM: Ah, o tempo todo, até hoje.

NA: Depois do Instituto do Câncer, foi junto.

OM: É, fui junto. Só que tem derivações, não é? Tem derivações, trabalhando com a xantina oxidase, até muito interessante isso, que pouco tempo depois nós fazíamos muito a eletroforese. Né? Que nós fizemos o tal livro e usávamos a eletroforese no nosso dia a dia. Então inicialmente era em papel, posteriormente fazíamos a eletroforese em gel de acrilamida, que era um aparelhinho que... acrilamida era uma colunazinha ali em cima daquela, da acrilamida colocava-se como tampão, a reação colocávamos a substância seca, fracionada, ligava na corrente elétrica passava por ali e arrastava as proteínas; e as proteínas, conforme seu peso molecular, se separava em frações, né? E aí nós tirávamos aquele gel de dentro do vidrinho, que era um vidrinho, um tubinho de vidro, tirávamos o gel dali de dentro, colocávamos num meio de reação pra fazer a reação química pra identificar a posição da enzima, da xantina oxidase, entendeu?

NA: Certo.

OM: Aí é que nós usávamos o método que o Emílio tinha proposto e que não publicou porque ... mas que...

NA: Não, a senhora sabe que a senhora não deixou gravado o método dele. senhora não quer falar?

OM: É, eu posso até falar, agora não, deixa eu, acabar isso aqui. É, mas inclusive nem consta na literatura que seja dele, né?

NA: Ué, mas a senhora não viu ele desenvolvendo?

OM: Não, nós usávamos, né? Ele pôs na tese também. Bom, mas então aí nós revelávamos a xantina oxidase, ficava na nossa coluna uma fração, um anelzinho vermelho. Era onde... que identificava a localização da xantina oxidase. Quando nós usávamos, às vezes precisávamos usar a enzima purificada, como o dinheiro às vezes não era muito, nós mesmos purificávamos a enzima; para o que nós precisávamos, a purificação que nós fazíamos era o suficiente. Então nós usávamos um material qualquer que fosse, fígado, nós trabalhávamos muito com fígado, homogeneizávamos, centrifugávamos, já sabíamos que ela estava no sobrenadante, né? Então já com essas várias centrifugações já ia havendo uma purificação, eliminávamos todas as outras proteínas e ficava o sobrenadante, que era onde ela estava, e outras proteínas evidentemente, que ela não era única. Aí nós fazíamos ali um processo de precipitação fracionada com sulfato de amônia, porque aumentando gradativamente a concentração de sulfato de amônia vão caindo determinadas proteínas. A gente centrifuga e elimina, centrifuga e elimina. E ficávamos então com uma fração enriquecida de xantina oxidase, porque ela só precipitava com 60% da saturação. Então, aí centrifugávamos, depois tínhamos aquele precipitado que era da própria xantina oxidase e aí é ... punhamos em diálise, quer dizer, num saquinho assim semi-impermeável, uma membrana semi-impermeável o material ali dentro envolto, envolvido, mergulhado num recipiente com tampão e aí o sulfato de amônia vai embora, vai embora e fica o material enriquecido com xantina oxidase. Então essa enzima purificada, nós depois testávamos todas as condições pra verificar a unidade de pureza, essa enzima purificada muitas vezes nós usávamos para os nossos, nossos experimentos. Então, quando nós fazíamos essa eletroforese, às vezes, acontecia de aparecer por baixo,

abaixo da nossa fração ... colorida, uma fração.... porque era assim um meio, todo o gel ficava todo róseo, palidozinho, a fração da xantina oxidase ficava bem vermelho. Um pouco abaixo uma fração sem cor, não era nem vermelho e nem o rosa. O que era isso? Insistia, insistia.... isso era nada mais nada menos do que a enzima superóxido de juntase, que acompanhava a xantina oxidase.

NA: Era uma outra?

OM: Uma outra enzima que acompanhava a xantina oxidase na nossa purificação. E que um estudante lá nos Estados Unidos, estudante de pós-graduação, identificou lutando bravamente porque os resultados dele, dentro do que o orientador tinha dado, determinado fazer, não dava certo, não combinava, não combinava, não combinava. Ele desesperado, um dia perguntou ao orientador: “mas escuta, isso assim, assim tem que acontecer assim?” O orientador disse: “tem”. Aí ele: “é certo isso”. E não estava dentro daquilo, então tinha alguma coisa a mais. Isso foi escrito num livro, né? Mas eu acho linda essa história (risos), eu acho tão bonita (risos).

NA: Essa história está escrita num livro? Que livro?

OM: Livro de bioquímica. Eu posso trazer. É aliás publicado no trabalho em que o McCORD descobriu a xantina oxidase.

NA: Mas isso foi em contemporâneo ao trabalho de vocês?

OM: É, contemporâneo. Mas ele que descobriu. Nós víamos uma máscara, mas não chegamos a identificar, né? É muito bonito.

NA: Isso chamava atenção da senhora?

OM: Chamava, chamava atenção. Porque que essa banda acromática acompanha assim. Nós estávamos naquilo, né? E eles estavam na frente, né? Muito bonito isso. Então conclusão, McCORD ficou, naquela noite não conseguia dormir pensando, porque ele desistiu de querer que os resultados fechassem de acordo com que o orientador esperava, porque naquilo não dava certo. Ele pensando, pensando ... aí teve uma idéia de que era alguma coisa interferindo no resultado dele. Aí planejou um experimento, não falou nada com orientador, foi no laboratório e fez. E tinha uma coisa interferindo, que era uma enzima naquele material dele, exatamente uma coisa assim: a superóxido dismutase.

NA: Como é que é?

OM: Superóxido dismutase.

NA: E o que descobre é?

OM: McCORD, m c depois letra maiúscula C O R D tudo juntinho. Ele foi aluno do Fridovich, que trabalhava em xantina oxidase com quem nós volta e meia pedíamos separata, etc, etc e tal. Então ele fez o experimento e com isso ele conseguiu entender a história, sabe? E muito interessante que eles tinham complicado um resultado no trabalho, de acordo com aquela idéia inicial do Fridovich. Quando ele descobriu, aí tem um trabalho publicado e eles mandaram para publicação, o trabalho ainda estava em

publicação, eles mandaram uma observação nova que acrescentava o resultado. Aí conclusão, nós o.. o que acontece? Que a xantina oxidase agindo sobre a xantina, ou sobre a hipoxantina pra formar o ácido úrico, ela não forma só o ácido úrico, mas isso nós já sabíamos, ela forma também a água oxigenada. E nessa reação forma também um radical livre que é o radical superóxido. E esse radical superóxido, a enzima superóxido dismutase ela faz a dismutação, não é? E dismutando influenciava o nosso, aquele nosso sistema de reação e o rosinho não aparecia porque o rato .... entendeu? Não é bonito isso (risos).

BC: É. (risos)

NA: Ela conta toda entusiasmada.

OM: É lindo! Vocês não ficam entusiasmados com os resultados de vocês?

NA: Claro, claro, evidente. Quando a gente descobre uma coisa é muito interessante, muito animador, né?

OM: A gente vibra, eu vibro diariamente.

NA: Como é que a senhora encontrou? A senhora, a senhora vinha lá da química, como é que a senhora se interessou pela biologia?

OM: Bom, eu disse a você, eu, eu gostei muito da cadeira de microbiologia lá na escola de química.

NA: Foi isso que lhe despertou pra biologia, né?

OM: É, é a microbiologia. É tudo igual porque a bioquímica... a biologia age como? É, é o que? Como é que as coisas acontecem? Não é com a bioquímica é com química, tudo é química. É muito, não existe uma coisa distante é tudo, tudo ligado, mas é muito bonito.

BC: Eu não sei se Nara já perguntou, a senhora sempre trabalhou com a xantina oxidase?

NA: É isso? Essa era a pergunta.

OM: Sempre, sempre, sempre. A minha linha de pesquisa sempre foi essa. No CNPq entrei com xantina oxidase. É claro que tem bifurcações, depois enzimas.. o título geral é “enzimas do metabolismo das purinas”, porque aí entrava a xantina oxidase, né? Entrava também... nessa época eu estava estudando (guanase), mas também é do...engloba isso tudo. Agora especificamente, particularmente xantina oxidase e depois superóxido dismutase em neoplasia, quando eu fui pro câncer, em neoplasia experimentais porque aí .....

BC: E no laboratório era a senhora e o Doutor Emílio.

OM: Emílio e o Doutor Vilela também.

BC: É, e sempre vocês publicaram juntos.

OM: Só os trabalhos de tese é que foram isolados, né? Separados. E antes dali o Emílio já fazia ...

NA: Nessas experiências vocês faziam juntos?

OM: Fazíamos juntos.

NA: Mesmo antes de casar?

OM: Fazíamos, fazíamos.

NA: Já faziam, né?

OM: Fazíamos, éramos do mesmo laboratório! Todo mundo trabalhando junto.

NA: Ah, esse tema de pesquisa é por quê? Quem deu o tema de pesquisa foi .....

OM: Doutor Vilela. O Emílio começou nesse assunto com Doutor Vilela. Depois eu, eu fui chegando, fazendo.

BC: Mas vocês diferenciaram alguma coisa?

OM: Como diferenciar, como?

BC: O trabalho seu com o Emílio, era conjunto ou vocês buscavam coisas diferentes?

OM: Não, não, era conjunto. Mais em geral nós fazíamos etapas diferentes, não ficávamos fazendo, perdendo tempo fazendo a mesma coisa, né? Ele fazia .... vamos assim supor, se tínhamos que injetar intra-ocular ou operar um animal, coisa assim, ele fazia isso me dava o material eu já ia manipulando. Depois, se tínhamos que dosar as duas enzimas, a xantina oxidase e a xantina desidrogenase, eu ficava com uma e ele com outra, entendeu? Quando...na época, logo depois que eu fiz a calibração dos manômetros, durante algum tempo eu fiquei dosando a oxidase, né? Até me lembro que um dia... estou me expandindo. Porque usando aquela fórmula, aquelas fórmulas que permitiam dar uma constante de calibração para cada manômetro, usando aqueles cálculos eu podia perfeitamente calcular o consumo de oxigênio e produção de CO<sub>2</sub> se fosse o caso. Poderia ter o balanço das duas coisas, usando fórmulas que teoricamente, tenho até um livro assim, teoricamente, tinham sido estabelecidas. Mas eu não conseguia, eu conseguia calcular o oxigênio, mas o CO<sub>2</sub>, o cálculo do CO<sub>2</sub> não me satisfazia. E eu me lembro que chegou um dia, um visitante o (Ball), o inglês, eu não me lembro o primeiro nome dele, né? Visitando o laboratório e estava lá, passou lá alguns dias e encostou, eu estava fazendo essa dosagem e chegou perto de mim e conversamos. Aí perguntou o que eu estava fazendo e eu disse, aí eu disse pra ele: que eu tentava fazer a medida do CO<sub>2</sub> juntamente com o do oxigênio, mas acho que eu não consegui, eu estava muito desapontada com esses... “eles também não conseguem” (risos), ele disse. Eu não sei se foi com gentileza ou não, mas eu acho que às vezes é uma coisa, uma consideração teórica que requer algum requinte pra dar certo no... o fato é que pra nós aqui não era de primeira necessidade no nosso planejamento. Eu queria fazer porque.... teimosia, né? Já que tinha tanto trabalho, não é? Então eu queria mostrar que tinha feito.

BC: Mas como é que era trabalhar com Emílio? Vocês divergiam?

OM: Não.

BC: Tinha alguma competição?

OM: Não, competição não. Nunca, nunca, competição não. Bom, trocávamos idéias às vezes, a gente concordava numa coisa ou outra, os trabalhos quando eram escritos nós ... não era assim escrever e ... até pro Doutor Vilela, Doutor Vilela também, nós mostrávamos pro Doutor Vilela, chamávamos o Doutor Vilela e discutíamos, um opinava, o outro corrigia... a parte gráfica, de desenhos, era sempre com Emílio, isso ninguém interferia, era sempre ele, até nas publicações do Doutor Vilela. Doutor Vilela pedia, o Emílio fazia com a maior boa vontade. Agora é pôster, é a coisa mais fácil, né? Agora computador, fazem na véspera, naquele tempo era com normógrafo, era a mão e tudo, era o Emílio que fazia pra todo mundo. Quer dizer, pra todo mundo do nosso grupinho, né? Não essa parte era ninguém tentava tirar porque era perder tempo, né? Mas então, então foi isso. E aí o trabalho foi se desenrolando, depois eu dou detalhes dos trabalhos.

NA: Mas eu gostaria, Fridovich, como é, como é que soletra?

OM: F r i d o v i c h.

NA: E o método do Emílio?

OM: Bom ..... o que ele fez, foi na tese dele, né? Ele fez o, ele fez o, uma discussão ampla dos métodos de dosagem da xantina oxidase. Primeiro as considerações sobre a xantina oxidase, identificou o que era e colocou, introduziu bem a questão, né? As propriedades da enzima, a purificação, fez uma coisa ampla. Depois discussão dos métodos de dosagem da enzima, cada um... e aí apresentou o método dele, que ele chamava, não sei como ele pôs na tese, que eu não me lembro, mas no nosso linguajar diário, nós, nós dizemos o método do tubo aberto, dosagem em tubo aberto, entendeu? E descreveu que era um método em que usava tetrozol, que nós usávamos na nossa rotina..... a nossa rotina nós já dosávamos a xantina desidrogenase usando um trifetil tetrozol, que é um corante incolor que quando é reduzido ele dá uma cor que se transforma numa cor vermelha, que aí pode ser extraída por um solvente e a gente leva no espectrofotômetro e faz a leitura da quantidade de cor, né? Em função da quantidade de cor, indiretamente nós temos a quantidade da enzima.

NA: Da enzima.

OM: Que a gente faz uma curva padrão e etc, etc. Então isso já era feito. A literatura nos fornecia informações de que quando o tetrozol tinha substitutos radicais substituindo os vários anéis e..... mais eletronegativos, ele adquiria propriedades em relação de redução em relação ao outro, de maior facilidade, ele se reduzia com maior... ele competia melhor com o oxigênio. Então os tetrozóis que tinham esses radicais substituindo eram bons para permitir uma medida de desidrogenase, porque ele vencia a competição que era (nitrogênio). Em vez do oxigênio o reduzido era ele que seria reduzido. Então a literatura já nos fornecia de alguma forma desde antes ..... passados, algumas informações a esse respeito. Então Emílio experimentou um desses tetrozóis e viu, em tubo aberto, em

presença do oxigênio, que a desidrogenase podia ser medida. Sem precisar usar o tubo de (tumberg), o (vácuo), aquela coisa, o que facilitava muito. E ele então descreveu isso no trabalho dele e foi criticado, não aceitaram, né?

NA: Na defesa de tese dele.

OM: Na defesa de tese do concurso. Do concurso, foi por isso que eu disse que ele ficou prejudicado, né?

NA: A senhora acha que se a senhora tivesse feito pós-graduação, isso teria lhe dado um impulso na sua carreira? Ou a senhora acha que a pós-graduação, quer dizer, na verdade o trabalho que a senhora fazia, um ambiente de trabalho, por já estar num ambiente de pesquisa, a pós-graduação teria contribuído pouco, porque na verdade a senhora já estava no ambiente, né?

OM: Naquele momento, naquele momento não teria adiantado muito naquele momento não. Tanto é que quando eu quis fazer, eu quis interromper minha vida e ia fazer pós-graduação, já que não conseguimos fazer ali no Instituto a...

NA: Aliás a gente tem que terminar, essa história não deu certo, né?

OM: Não, não deu certo. Para nós não deu certo, o Emílio é que fez a tese e entregou.

NA: Entregou, e foi a que, a que a senhora contou.

OM: Desapareceu.

NA: Desapareceu a tese dele na UFRJ, não é?

OM: Desapareceu.

NA: Mas na verdade esse era o esquema montado entre o Instituto e a UFRJ pra pós-graduação do Instituto.

OM: Do Instituto.

NA: Que não estava reconhecida, mas tinha um mandata universitária da UFRJ, era isso?

OM: Eu não sei exatamente, eu não lhe posso afirmar quais eram os termos estabelecidos, porque isso foi coisa entre os chefes de Departamento e talvez a comissão que estava estabelecendo a pós-graduação. Existia uma comissão ali, eu não posso estabelecer, dizer pra você quais foram ... os termos. Eu sei que o que chegava até nós era isso. Que seria daquela forma tal ... e aí fizeram. Não posso dizer o que foi que houve. Então eu cheguei a pensar depois em fazer, e me disseram: “Otilia ia, mas como que você vai fazer, se você está sendo chamada pra participar de teses, de banca...”

NA: A senhora já era contratada.

OM: Pra que, que você está ...? O CNPq nos deu a mim, eu tenho o meu e o Emílio também o reconhecimento de doutorado. A nossa bolsa eles na hora que renovaram eles como pesquisador com doutorado. Então pra que você vai fazer isso se você já está ..



persuadiram. Eu me arrependo, me arrependo, porque eu fui a vida inteira, sempre ... quando praticamente estava já me aposentando e tudo, atualmente, me perguntam: “Tem pós-graduação?” Eu não tenho coragem de dizer: tenho pós-graduação, porque eu não tenho, não é? Alguém me disse “a sua defesa de tese ali na Fiocruz pode ser considerada uma docência, porque ali tinha mandato universitário”. Mas eu não tenho coragem de..

NA: O seu concurso público.

OM: Pois é, meu concurso público, né? Aí, quando houve agora, recentemente a mudança o nome de carreira lá no Inca, que isso é que muda, essa coisa está sempre mudando e eles passavam a dar 70%, aumentavam em 70% o salário do pesquisador que tivesse doutorado, entendeu? E uma comissão lá não me deu, não me reconheceu. Eu também não fui lutar, porque sinceramente eu achava que era até humilhação (risos) eu ficar pleiteando, implorando uma coisa dessa. Não é que não tenha reconhecido o concurso não, não reconheceu a equivalência para o doutorado. Entendeu? O concurso reconheceram evidentemente, né? Com isso eu perdi 70%. É isso que eu digo, sobre esse aspecto estou prejudicada, né? E se alguém me perguntava, como aconteceu recentemente, me indicando para banca, eu digo: “Ah, não tenho, não tenho.”

NA: Nos anos 80 a senhora não pensou em fazer, não?

OM: Eu pensei sim , mas nos anos 80 eu já estava lá com tanta coisa na... eu tinha que largar tudo e começar do zero, eu poderia ter feito naquela ocasião que eu quis, anos 60 e alguma coisa, que quando aconteceu de desaparecer a tese do Emílio, eu quis fazer. Então aconteceu, eu me arrependo de não ter feito.

BC: Como resolveu o desaparecimento?

NA: Não resolveu.

BC: Não apareceu, não resolveu.

NA: Não resolveu, nunca.

OM: Nunca, nunca. Aí o Emílio também disse: “- não me faça, não faço mais nada”, né? Eu pensei. Mas olha só gente, eu acho o seguinte: eu não sei se interessa pra vocês, mas há umas certas coisas que eu acho que importa. Isto é de 58, 55, vocês estão com tempo não, né?

NA: Não, olha só, deixa eu fazer uma pausa aqui .....

(INTERRUPÇÃO)

OM: Circular, datada de 10 de novembro de 1957, os diversos bioquímicos consultados por iniciantes favoravelmente a criação da Sociedade Brasileira de Bioquímica . Deste modo ficou constituída de acordo com a mesma carta circular a comissão para a elaboração dos estatutos, bem como eleição da primeira diretoria. A comissão ficou constituída pelos seguintes membros: professor, professores Paulo da Silva Lacaz, era bioquímico da universidade; Márcio Nilo Lins, que era de São Paulo, era muito amigo do Doutor Vilela e estavam sempre .... é que eu não me lembro na hora dos nomes, Márcio Nilo Lins; José Moura Gonçalves, também....

NA: Da biofísica.

OM: De São Paulo, da biofísica. Bom, Manuel Mateus Ventura que era do Ceará ..

NA: É, só um pouquinho, o Moura Gonçalves a essa altura já devia ta em Ribeirão .....

OM: É, pois é, Ribeirão Preto. E, Eduardo Pena Franca, que era da biofísica, e Pedro Fontana Júnior que era do Instituto Oswaldo Cruz.

NA: Oswaldo Cruz. O Pedro Fontana Júnior era de onde? A senhora já falou dele, trabalhava na radiosótoto.

OM: Era perto do Moussatche, trabalhava com Moussatche, mas depois ele foi pro nosso laboratório. Nessa altura ele já estava, acho que no nosso laboratório.

NA: Ah, ta bom.

OM: A eleição se deverá processar pelo sistema de correspondência postal, sistema este usado por associações com gêneros, por melhor preencher as atuais condições da sociedade. A comissão aproveita o ensejo para apresentar a seguinte chapa concorrente a eleição da primeira diretoria, cabendo a cada sócio propor qualquer outro candidato se sua preferência. Aí tem o que eles propõem: Presidente Gilberto G. Vilela. Vice-presidente S. Baeta Henriques, Sebastião Baeta Henriques de São Paulo, Secretário Geral: Alberto Barbosa Argrives, que era da biofísica; primeiro secretário J. Ferreira Fernandes, que eu não conheço ...

NA: José Ferreira Fernandes.

### **Fita 7 – Lado B**

OM: “Tesoureiro Emílio Mittidieri”. Decorrido o prazo de trinta dias após a expedição dessa circular serão computados o votos recebidos, seção a ser realizadas no laboratório da divisão de biologia, de bioquímica, digo, bioquímica do Instituto Oswaldo Cruz”, foi no nosso laboratório. “Será então decidida à posse definitiva da Diretoria Lei”. Houve uma reunião no nosso laboratório, nós assinamos uma ata etc e tal. Agora esta outra, encaminhado pra mim, assim tudo... e tinha uma outra encaminhada pro Emílio, outra encaminhada pro Doutor Vilela, pra cada um do laboratório. “Temos o prazer de comunicar, essa já é 20 de março, que no dia 7 de julho de 1958...” dia 7 de março de 59. No dia 7 de julho de 58, na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, por ocasião da reunião conjunta da SBPC tomou posse a primeira diretoria da Sociedade Brasileira de Bioquímica, que ficou assim constituída”: aqueles, não vou ler de novo pra não perder tempo. “Ao mesmo tempo foi confirmada a comissão anteriormente sugerida para a elaboração dos estatutos etc. Foram considerados sócios fundadores, além dos membros da diretoria e da comissão todos os bioquímicos que, consultados, responderam favoravelmente a nossa circular, são os seguintes: aí tem o nome de todos eles, Argrives, Aída hasson, Aloísio Pimenta, Amadeu Cury ....

BC: Que na chapa não tinha nenhuma mulher, né?

OM: Não, não, não tinha nenhuma mulher. Ani Danom, que era do laboratório do Moussatche, então todos eles, não vou perder tempo se não vocês ...

NA: Ani Danom ...

OM: Ani Danom, é. Depois ela foi pra, pra França.

NA: Ela está viva?

OM: Não, faleceu, faleceu. Aí vem todos eles aqui: “serão ainda considerados sócio fundadores todas as pessoas consultadas e cuja correspondência tenha sido extraviada, desde que sua reclamação posterior venha a ser recebida até a data da publicação dos estatutos. Aproveito o ensejo da ... Alberto Argrives, Instituto de Biofísica”. Agora, copiei, isso foi do passado, né? Agora copiei aqui no estatuto duma reunião da SBPC, da SBBQ, recente, né? “A Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular, abreviada SBBQ, com sede e fórum na cidade de São Paulo, tem como objetivo promover o ensino e a pesquisa de bioquímica e de biologia molecular. A SBBQ foi fundada em 1967 sob a denominação da Sociedade Brasileira de Bioquímica e teve seu nome alterado para Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular em 1988”.

BC: Olha!

OM: Eu, eu não entendi esse 67 aqui.

BC: Olha!! Não dá nem pra dizer que trocou por 57, porque .....

OM: Pois é, eu pensei nisso.

BC: A história original é de 58.

OM: Só se eles estão considerando 57 aqui, talvez seja isso, hein?

BC: Mas talvez valesse a pena enviar uma cópia.

OM: Pois é.

BC: Pra atualizar e vim fazer essa correção.

OM: Eu acho importante isso.

BC: Identificaria quem é o atual presidente e encaminhava uma cópia, não é? Porque mesmo que tenha sido erro de digitação vale a pena corrigir.

OM: Agora que eu estava lendo é que eu pensei, quem sabe eles consideram ... na verdade a data não seria 57, teria que ser essa outra, né?

BC: Será que podem ter considerado a data da reunião?

OM: Pois é. Mas eu acho que é uma questão que vale a pena se levantada, se não acha?

BC: Eu acho que sim, certamente. Eu tenho a documentação...

OM: Não é oficial, não é oficial porque não tem timbre, mas era uma ....

BC: É, mas tem um valor histórico.

OM: Pra vocês verem o que vocês acham de tudo isso.

BC: Ah, eu encaminharia pra sociedade, certamente, né?

OM: Eu acho isso curioso, quer dizer, eu nem tinha pensado nisso, mas quando eu me encontrei com uma amiga, disse: “olha até hoje eu ponho no meu currículo que eu fui... como fundadora da sociedade”. Eu não ponho” Até vou passar a pôr. Quando eu vi isso nesse estatuto, disse: “Será que eles acabaram com aquela e fizeram nova?”

BC: Não, não pode.

OM: Eu não tenho outros documentos, isso, isso deve constar em Diário Oficial ...

BC: De qualquer forma a sociedade deve ter um conjunto de documentos, é assim que funciona, não é?

OM: Como é que foi a reunião em conjunto com a SBPC, que é uma coisa grande, né?

BC: A própria SBPC deve ter o registro.

OM: É, eu achei isso muito curioso.

BC: Sim, e esses documentos?

OM: Ah, isso aqui está desligado não está? Não vale a pena gastar fita. Isso aqui é o seguinte: é de 58, é quando o Amilcar estabeleceu, fim do ano, ele estabeleceu que os estagiários deixariam, por enquanto, provisoriamente, deixariam de ser considerados estagiários, porque havia de ser feito uma avaliação total sobre atividade, a produção, tal, tal ...ia ser solicitado e a partir daí então alguns seriam confirmados ou todos, enfim, em função dessa análise, Mas que ficava autorizada a permanência voluntária dos bolsistas e seus locais de trabalho até o término da revisão, né?

BC: Mas eles seriam confirmados como estagiários.

OM: Como estagiários.

BC: Bolsistas.

OM: Não, como estagiários, estagiários. E outra coisa também que ele pediu, ele pedia também ... depois nós respondemos a isso e fomos confirmados. Ele aí mandou um contrato e nós tínhamos que fazer relatórios trimestrais, isso tudo foi feito, né? Isso aqui já é abril, aqui é quando nós estávamos pedindo autorização para colocar o nome do

Instituto no nosso (livro) de inglês, que ia ser editado. Sempre com o aval do Doutor Vilela, aqui é do concurso. Isso aqui eu vou só contar rapidinho, sem precisar ler. É como se fosse a criação da SBBQ, 58 e depois aqui no estatuto... agora de dois mil e dois que deve estar...

BC: Está escrito que a Fundação é 67. Estou sugerindo que ela encaminhe uma cópia pra presidência, porque pode ser um erro de digitação.

NA: Claro, claro, pode ser. E não sabem também, tem gente que não sabe, porque que a senhora não manda um e-mail pra eles?

OM: Pois é, eu estou pensando em escrever porque ...

NA: É um erro isso, a própria sociedade não tem a memória.

BC: Ou foi um erro de digitação, né?

NA: Ou não tem a memória da própria história dela, que é um absurdo.

OM: É, eu vou ter que escrever com cuidado uma carta.

BC: Mas não precisa nem de muito cuidado, registra (risos)

OM: Não quero que se sintam ofendidos, né? É, eu vou, isso. Olha vocês estão me dando tanto trabalho.(risos)

NA: (Risos) Mexendo nessas coisas, né?

OM: É muito gostoso, né? É, de certa forma, às vezes né? De outras vezes não.

NA: A senhora frequentava a SBPC?

OM: Frequentava.

NA: As reuniões da Sociedade Brasileira de Bioquímica a partir daí foram dentro da SBPC?

OM: Olha eu não posso afirmar isso a você, não. Comentei com ela, achei até importante que tivesse sido a Fundação oficial junto à SBPC, porque ficou oficializada com um evento que era reconhecido, né?

NA: A senhora ia a SBPC?

OM: Eu ia a essas grandes reuniões, sim, ia a esses congressos.

BC: Mas a Sociedade de Bioquímica não se reunia paralelo ao...

OM: Não me lembro disso, não me lembro. Há aí um vazio que não justifica, talvez eles possam até explicar. Talvez não tenha havido uma ...

BC: Um desdobramento.

OM: Não, talvez não tenha uma publicação no Diário Oficial .....

NA: A sociedade, por falar nisso, tinha publicação dela? Revista?

OM: Qual delas, a de bioquímica?

NA: É, a de bioquímica.

OM: Não, nesse tempo não tinha. Nós tínhamos uma publicaçãozinha interna que nós sonhávamos que um dia poderia vir a ser uma revista. Mas é uma coisa interna, muito limitada, com nossos resultados, alguma crítica de alguma coisa que nós encaminhávamos.

NA: Até por falar nisso, a senhora acho, a senhora já falou mais eu tenho até direito de perguntar novamente, a senhora falou que no Brasil vocês publicavam, tinham poucas revistas para publicar, né?

OM: Não, não é que tivessem poucas, não.

NA: Em bioquímica.

OM: Só de bioquímica não tinha.

NA: E onde é que vocês publicavam?

OM: No exterior.

NA: Não, no Brasil?

OM: Ah! No Brasil quando publicávamos era nas, nas memórias, nos “Anais da Academia” e na “Revista Brasileira de Biologia”.

NA: A do Herman Lente.

OM: Do Herman Lente.

NA: “Ciência e Cultura”, não?

OM: A “Ciência e cultura” também. Mas nessa era principalmente os resumos das reuniões científicas, principalmente eu te digo do nosso caso. Porque outras pessoas publicavam. Nós, se publicamos uma vez ou duas foi, foi no máximo. Doutor Vilela nesse, nesse livrinho que eu tenho, dele de... com a página até 51, tem muita publicação de revista nacional, muita 51, de 26, de 1926 até 51 eu vi, tem muitas revistas de... clínicas, de hospital, nem sei se ainda tenho, das memórias .. O que aconteceu é que depois um certo tempo, as “Memórias” tinha muito mais trabalho de zoologia, vamos assim dizer, em termos gerais, porque propriamente de biologia.

Então aos pouquinhos nós ... foram pro exterior.

BC: Entomologia, protozoologia..

OM: É.

NA: A senhora conheceu o Lauro? Por falar nisso.

OM: Lauro? Conheci sem intimidade, conheci assim de ver, né?

NA: Mas o laboratório dele, era um laboratório grande, né?

OM: Grande! Bom, produtivo, não é?

NA: É, é que a senhora não citou ele aqui, naquela hora que tava citando.

OM: É, mas pode acrescentar. É porque eu estou realmente...

BC: Era uma área mais distante também da sua, né?

OM: Não! Mas não é por isso que eu não citei não, não me veio a memória mesmo, que era um trabalho muito, era um grupo muito grande.

NA: Mas é um, é um nome internacional, né?

OM: É, claro.

NA: Bom, vamos indo aqui.

OM: Bom aqui é aquela história que você outro dia disse que .... interessante quando veio a sub-comissão de investigação.

NA: Olha só, eu anotei aqui, botei um ponto de interrogação, 64 e 68, antes da gente entrar aqui, vamos fazer uma pergunta: como é que foi, a senhora tava lá na (...) 62, né? Tava falando em 62, do curso tal, tal e aí a senhora já comentou também que o Doutor Gilberto Vilela foi substituído quando teve o golpe de 64, foi substituído pelo Helion Póvoa.

OM: É.

NA: Ele perdeu o cargo de chefe da divisão e assumiu o Helion Povoá que, como a senhora já mesmo disse, era uma pessoa próxima de vocês e não criou problemas para o trabalho.

OM: É.

NA: Mas e o Rocha Lagoa, que assumiu a direção do Instituto Oswaldo Cruz. Criou problemas? Sim, ele perdeu a chefia mais ficou no laboratório. Como é que foi, como é que foi esse momento?

OM: Eu não posso dizer a você exatamente que tipo de problema, mas eu acho que houve ocasiões de mal estar, eu acho que houve.

NA: Em relação a quem?

OM: Não, você não estava falando em relação ao Rocha Lagoa.

NA: Rocha Lagoa.

OM: Em relação ao Rocha Lagoa eu acho que, de um modo geral mesmo, né? Eu acho que... era o que eu sentia, as pessoas com má vontade, as pessoas criticando, as pessoas insatisfeitas, isso é era sensível. Agora, Doutor Vilela nunca se queixou diretamente, a respeito de algum não.

NA: E os inquéritos? A senhora teve em algum inquérito?

OM: Não, eu não fui não, eu estava, em 64, de licença de maternidade, não lembra?

NA: O Emílio também não foi, chamado?

OM: Foi, o Emílio foi. “Sub-comissão de investigação, circular número um, aos biólogos e médicos, solicito a gentileza de no prazo máximo de cinco dias, a contar do recebimento desta, responder ao seguinte questionário: quais os títulos universitários acadêmicos e científicos que possui conferidos porque entidades em que datas, completou ou recebeu diploma ou certificado de quaisquer outros cursos oficiais no IOC, quais os trabalhos científicos méritos de pesquisa, não conferências, aulas, cursos ou aulas didáticas ou polêmica, que publicou, indique com precisão onde e quando foram publicados, junte, liste e anexe se julgar necessário. Houve apreciações a respeito dessas publicações publicadas pela imprensa médica ou científica mundial? Citar em periódicos ou livros foram publicados essas apreciações não omitindo as desfavoráveis. Dos seus trabalhos acima referidos quais foram os de sua autoria exclusiva, sem a colaboração do co-autores? Qual ou quais os seus orientadores na formação científica? Está ainda sob essa orientação? Executa oficialmente algum trabalho de rotina? Tem a ser cargo algum uma ..... parcela da produção industrial do IOC? Qual ou quais e que tempo exige para sua execução? Ocupa ou ocupou acumulativamente com cargo ou função no IOC? Outro que o cargo, função, emprego ou ocupação remunerada federal, estadual, municipal, autárquica ou particular? Comercial, industrial ou em fundações? Em que período ou períodos houve essa acumulação? Quais o regime de, de horários etc e tal?”

NA: De trabalho.

OM: De trabalho.

NA: Mas, mas isso tudo era isso tudo era na verdade um questionário que foi distribuído para os funcionários responderem. Esse inquérito foi conduzido... o presidente da sub-comissão de investigação do Instituto Oswaldo Cruz....

OM: Doutor Olívio Oliveira Ribeiro da Fonseca.

NA: Ele mandou esse questionário para os pesquisadores técnicos ou só pesquisadores?

OM: Não, circular número um. Aos biólogos e médicos.

NA: Tem data esse documento?



OM: Não, não tem. Tem a resposta, né?

NA: A resposta é de 26 de maio de 64, não é não? Quem assina é o Emílio Mittidieri, seu marido.

OM: É, vinte e seis de maio. “Senhor chefe da divisão da divisão de química de Instituto, do Instituto Oswaldo Cruz. Emílio Mittidieri, biólogo, 17 (anos), matrícula número tal, lotado no ministério, no laboratório de bioquímica da divisão de química do Instituto Oswaldo Cruz do Ministério da Saúde, venho por meio desta declarar para os devidos fins que não exerce qualquer outra função ou cargo de natureza pública ou privada”. Mas a resposta àquele questionário, isso encaminhado ao Doutor, ao chefe, que era o Doutor Vilela, né? Agora aqui, 10 de junho de 64. Do biólogo Emílio Mittidieri, eu também tenho coisa idêntica na minha pasta, ao professor Doutor Olímpio Oliveira Ribeiro da Fonseca, presidente da sub comissão de investigação do Instituto Oswaldo Cruz.

NA: É a resposta.

OM: Assunto: resposta circular número um.

NA: É, mas a senhora, mas então a senhora respondeu ao questionário.

OM: Respondi também. Mas isso aqui eu respondi, dia 10 de junho eu ainda estava nisso aí, eu saí no dia 18 de junho, eu não respondi foi ao inquérito militar.

NA: A pessoa tinha que responder ao documento, a senhora tem o seu?

OM: Eu não trouxe, só copiei o do Emílio, porque eu estava com a pasta dele.

NA: Depois a gente quer o seu.

OM: Engenheiro, estagiário, auxiliar de pesquisa, bolsista, pesquisador assistente, pesquisador associado, pesquisador, prêmio nacional de alimentação, biólogo, curso de genética básica, que nós fizemos, curso do Instituto Oswaldo Cruz, que ele pede para destacar: curso de bioquímica, bioquímica das vitaminas, curso geral de bacteriologia, foi de maio de 59 até março de 60. Trabalhos publicados, aí vem a lista dos trabalhos publicados. Depois, aí vai, algumas das apreciações de nossas publicações podem ser encontradas nos seguintes periódicos ou livros da literatura médica ou científica mundial.

NA: A senhora fez a mesma coisa que ele.

OM: Fiz, a mesma coisa .....o livro está idêntico. Mas aí eu posso trazer a minha cópia, que deve ser idêntica. Veja bem, tudo isso, tudo no exterior... Esse aqui é um simpósio que houve sobre purinas em ...

NA: Vocês nunca foram convidados a trabalhar em indústria farmacêutica, não?

OM: Fomos, fomos.

NA: Em que período?

OM: Não, eu antes. O Emílio, quando estava começando aqui.

NA: Por quem?

OM: Não, não, não me lembro não..... não me lembro.

NA: E fora do Brasil, nunca ninguém chamou por vocês não?

OM: Não de jeito nenhum. Aqui ....

NA: São as revistas citadas, né?

OM: Só, só, só estrangeiro, americano ..... inglês, por aí afora ..... por aí, alemã, trabalho em alemão, francês.. italiana. “(Coletan de la Societè de Biologic”, na França. Quando o Doutor Rodrigo recebeu isso, na primeira oportunidade ele falou pra mim que ficou admirado com a nossa produção e principalmente com as apreciações do exterior.

NA: O Olímpio estava nesta época aqui ou tava na universidade?

OM: Não sei.

NA: Acho que estava na universidade.

OM: Mas ele estava aqui no Instituto.

NA: Não, ele foi diretor, depois ele foi embora, acho que ele não voltou mais, quer dizer, ele sempre pertenceu, né? Mas ele tinha uma coisa lá, ele era da universidade também.....

OM: Mas nesse momento que ele estava aqui nessa sub comissão de investigação, ele frequentava, ele estava ali.

NA: A senhora nem sabe como é que ele foi chamado para os inqueritos?

OM: Ele é presidente da sub comissão

BC: Provavelmente é a sub comissão pra dar conta dos biólogos, né?

OM: Vocês leram “O massacre de Manguinhos”? Doutor Herman Lente deve descrever isso tudo no “Massacre”.

BC: É verdade.

OM: Aqui: “de ordem do senhor presidente da subcomissão de investigações designada pela portaria da comissão de investigações do Ministério da Saúde, número dois de 64, por delegação de atribuições aprovada pelo titular da pasta é um..... fala por uma, uma apuração sumária de atos contra a segurança do país por regime democrático e a probidade administrativa de que tratam o artigo 1º do artigo 7º do ato institucional de 9 de abril de 1964, fica...” isso aqui dirigida ao Emílio, “fica vossa senhoria citado para dentro de três dias apresentar defesa escrita para o que lhe será dada, vista os respectivos

autos, na sala número 204 do Pavilhão de Biologia do Instituto Oswaldo Cruz, nos dias úteis das 11 às 17 horas, 30 de junho de 1964.

NA: Quem assina?

OM: Secretário da subcomissão, Maria das Dores .....

NA: É uma secretária.

OM: É, não conheço. Deixa eu ver esse aqui, que o Emílio respondeu e que data. Isso aqui foi dias depois poucos dias depois ....

NA: A senhora prestou, a senhora prestou depoimento?

OM: Não, a essa altura eu estava de licença. Aqui, 30 de junho, eu saí no dia 18 de junho.

NA: Ele prestou.

OM: Ele prestou.

NA: O que ele lhe contou? Do depoimento, quem tava no depoimento?

OM: Bom, as pessoas que estavam eu não sei, eu não presenciei, eu não lembro. Então eu acho que eram uma Lilia...

NA: O Olímpio devia estar, evidentemente.

OM: Eu não sei, eu não sei. Quem apontou o Emílio foi Doutor Guilherme Lacôrte, né? Que constava lá como bem...

NA: Quem tinha que o culpar ..... ele era ..... acusado de que?

OM: Eu não sei, eu não sei exatamente. Só sei aqui a resposta do Emílio. Ele escreveu, aliás, queriam que ele escrevesse na hora, e ele disse: “não, eu vou pensar porque ... não vou simplesmente colocar ciente, eu faço questão de trazer uma resposta”.

NA: Mas era acusação de que, afinal? Não, não entendo isso.

OM: Isso que eu nunca soube, nunca soube.

NA: Acusavam ele de comunista?

OM: É, subversivo, talvez fosse, era moda naquele tempo, né? Subversão, né? Talvez fosse, eu não sei, exatamente não sei.

BC: Ele era amigo dos cassados?

OM: É, sempre foi.

NA: É. Sempre foi. Agora veja aqui, essa carta que a senhora acabou de ler é um documento, diz assim: “apuração sumária dos atos contra a segurança do país”... só estou

repetindo, né? “O regime democrático e a probidade administrativa”. Quer dizer, na verdade a acusação é em torno disso.

OM: Em torno disso, é verdade.

NA: Ele nunca lhe contou?

OM: Ele ficou muito indignado. E disse que era uma leviandade muito grande. Ele respondeu, isso aqui é o que consta, eu não sei o que ele escreveu lá. “Excelentíssimo senhor presidente da sub comissão de investigações”..

NA: Ele tava se referindo ao Olímpio?

OM: É. Ah, então devia estar lá o Olímpio, com certeza. “Em resposta a citação da datada de 30 de junho de 64, venho dizer a vossa excelência que não é verídico o que a meu respeito disse o depoente de folhas quarenta e três”.

NA: Guilherme Lacôrte.

OM: É. “Assim sendo a acusação ali referida não há de passar de uma opinião de depoente, errada e leviana, que procura fazer transparecer como opinião de funcionários do Instituto Oswaldo Cruz o que é uma outra inverdade e que acredito ninguém lhe deu procuração para proclamar”. Provavelmente ele dizia que o pessoal todo no Instituto dizia...

NA: Era comunista. Essas coisas que eles falavam.

OM: “Tanto é inverídica e leviana a acusação do referido depoente, que foi esta a única referência a minha pessoa nos muitos depoimentos ouvidos pela subcomissão por vossa excelência presidida, ou em qualquer outra comissão de investigação que porventura no momento funcione ou tenha funcionado no Instituto Oswaldo Cruz. Deste modo, para refutar aquela acusação considero suficiente o que foi dito no depoimento de folhas dos índices 45 ao qual eu me reporto reafirmando que nele se contém”.

NA: O que, que aconteceu depois disso? Nada. Não houve nada, quer dizer, qual foi consequência do inquérito?

OM: Bom, o clima era o pior possível. Porque não era só em relação a nós, era em relação a muitos e aquela insegurança, as pessoas ficavam sem saber até que ponto um dia seriam chamados, que tinha outras comissões também, né? Até que ponto seriam chamados, foi um momento terrível, terrível, de muito mal estar, muito mal estar.

NA: Quando a senhora retornou, em 65, continuava essa mal estar?

OM: Ah! Continua, até culminar em 69, não é? Com o ... bom, teve em 13 de dezembro o AI-5 e aí não era só no Instituto, era no Brasil todo, aquele, aquela insegurança total. Eu não teria coragem naquela época de estar falando com você isso, como eu estou falando agora.

NA: Claro, evidente.

OM: De jeito nenhum.

NA: Muita gente comenta que nessa época, isso foi em 67 que fecharam o laboratório, né? Do Valter Cruz. A senhora lembra disso?

OM: Não.

NA: Fecharam mesmo?

OM: Fecharam. O Leopoldo que era o estagiário do Valter Cruz diz isso sempre, não é?

NA: A senhora lembra do Valter?

OM: Eu me lembro da figura dele, me lembro dele, me lembro da figura dele, mas eu não tinha um contato próximo com ele.

NA: Mas vocês souberam na época, que tinha sido fechado?

OM: Soubemos, soubemos. Pois é, essas coisas repercutiram, imagina como é que nós recebíamos uma notícia dessas, não é?

NA: Parece que o laboratório foi lacrado, que o Rocha Lagoa mandou...

OM: É? Eu acho que nem sequer a Dona Sílvia teve a possibilidade de entrar para pegar os pertences pessoais. Ou quando foi ela ia pegar a caderneta... disseram, não sei se é verdade, a caderneta de endereço estava lá, não deixavam, que ela não podia levar.

NA: Ela, não foi permitido que ela entrasse.

OM: O que disseram foi isso, que foi difícil e que até caderneta de endereço ela não pôde pegar. Eu não sei se é verdade, que eu não estava pra assistir. Mas nessas horas os comentários crescem e se espalham, eu sei que foi um momento muito, muito pesado, muito, uma época de muito mal estar, muita insegurança.

NA: E o que, que isso refletiu no trabalho?

OM: Ah para trabalhar tem que ter sossego, poder se concentrar, ler, escrever.

NA: E em termos de recursos? Dinheiro?

OM: Em termos de recursos, o que nós tivemos sempre nos apoiando foi o CNPq.

NA: Mas o Rocha Lagoa... do orçamento do Instituto houve algum corte?

OM: Não sei porque isso atingia diretamente as chefias, não é? Refletia a nós, mas o que havia sido solicitado e tinha sido negado, eu não ... deve ter ..

## Fita 8 - Lado A

NA: A senhora teve alguém próximo da senhora que foi preso?

OM: Teve, teve, teve um amigo meu. Um amigo, ali do Instituto. Teve a Ismélia Cardoso, ela tinha dois filhos, um deles estudante de medicina e ou outro eu não sei em que área que estudava.

NA: Ela era, fazia o que?

OM: Ela trabalhava no laboratório do Doutor Humberto Cardoso. Ismélia Cardoso não, é Ismélia Venâncio era irmã da Rita Cardoso.

NA: Que era mulher do Humberto Cardoso.

OM: Humberto Cardoso.

NA: Acho que a senhora, senhora falou dela. Ela foi presa é?

OM: Não, não, os filhos dela. Os filhos dela foram presos e ela ia visitá-los, ela me contava essa estória.

NA: Ela era bióloga, né?

OM: Ela era química, da escola de química, uma turma mais velha do que a minha, mais adiantada.

NA: E os filhos dela foram presos.

OM: Foram presos, estavam lá na Ilha Grande. Ela foi visitá-los, era uma dificuldade, né? Uma viagem. Mas ela ia lá visitá-los...

NA: Pouco tempo, né?

OM: Pouco tempo, né? E outro caso foi o Nilton, olha só... bom os professores todos que foram cassados, não é? Evidentemente que a gente.... não só os dos Instituto mas outros, que tinham sido professores que eu conhecia. E o Nilton Eça Bastos, meu colega de turma... era primo da Ligia Lessa Bastos, deputada pela UDN até, né? Ele foi, não foi preso por um triz, eu contei ontem outro dia no carro. Ele estava na lista dos cassados ainda mediu o ... eu vou, eu vou saber essa estória com detalhes, que eu vou pedir a mulher dele, a Giselda, que ainda é viva, pra me contar, e trazer isso se for o caso. O sogro dele era general e avisou a ele: "saia o quanto antes porque você vai ser preso".

NA: Isso a senhora me contou no carro. Foi pra mim que a senhora contou.

OM: Foi pra você que eu contei, é, que contei. Então não foi preso, foi cassado. Preso, ah tem o filho de uma outra amiga, conhecida minha, o César Benjamim, o Cesinha. Eu conheço a mãe dele.

NA: Eu trabalhei com ele.

OM: É, que tal ele?

NA: Era ótimo, quando eu fui trabalhar com ..... na, na Fundação Getúlio Vargas eu trabalhava, em 77. E ele chegou lá, ele era jovem ainda, porque ele foi preso muito jovem, né?

OM: Com 14 anos.

NA: E aí a diretora da época do CPDOC, onde eu trabalhava, arrumou emprego pra ele, tinha saído da prisão. Ele devia ter uns vinte anos. Dezenove anos, uma coisa assim, ele tinha acabado de sair da prisão. E arrumou emprego lá.

OM: Que a anistia foi em 79... a mãe dele foi uma batalhadora.

NA: Mas isso foi antes da anistia.

OM: Foi, isso foi antes, anistia, setenta e sete.

NA: Porque ele foi solto antes da anistia.

OM: É. Isso foi em 77, foi antes. A mãe dele foi uma batalhadora em prol da anistia, ela lutou, batalhou.

NA: Qual o nome dela?

BC: Não é química não, né?

OM: Não, ela é química sim, mas não é da nossa escola. Ela trabalhou com uma amiga minha que era da escola de química.

NA: Depois a gente lembra isso...

OM: Ela é química .....

NA: Bom, e aqui foi indo esse clima aqui dentro, até que veio 68 e a senhora lembrou do AI-5... aliás esse domingo foi, fez vinte anos, fez trinta anos. Trinta anos? Não, trinta e três anos.

OM: É ...

NA: Quarenta anos o AI-5! Jesus!

OM: Eu tenho .... meu cunhado é advogado, quer dizer, agora já não é mais cunhado, porque ele se separou, né? Quando naquele dia eu disse “e aí, César?”. Ele disse: “Otilia, acabou por completo, isso significa não há liberdade, a justiça é outra, não ...”

NA: A senhora lembra do anúncio do AI-5?

OM: Eu acho que eu me lembro.

NA: Na televisão. A senhora não está lembrando.

OM: Não, na televisão não me lembro não. Me lembro do rádio e no dia seguinte nos jornais, jornais em branco, jornal público censurado, uma parte em branco ...

NA: Ela tinha oito anos.

OM: É.

NA: Eu lembro, eu tinha quinze anos. Eu lembro que em 64... os tanques na rua, eu me lembro disso, eu era mais nova, mais eu lembro muito dos tanques. Invadiram a cidade.

OM: Maltrataram estudantes ...

NA: É. Mais aí e aqui?

OM: É. De vez em quando até 69, de vez em quando ou até mesmo depois, vinha uma pessoa, veio até o Luís Paulo uma vez: “Otilia, Otilia acabei de saber um nome, o Emílio está numa lista lá nos Estados Unidos”!, entendeu? Era assim esses boatos.

NA: Mas assim, no ponto de vista na verdade não teve uma interrupção, né?

OM: Olha, mas foi muito prejudicado, certamente foi prejudicado.

NA: A senhora deixou e publicar nesse período?

OM: Claro que deixamos, que reduziu, claro que reduziu. Como você disse, não houve assim, assim acintosamente, mas não tínhamos ... nós tínhamos dificuldade, tínhamos o que o CNPq já tinha nos dado e mantinha, foi mantendo a nossa bolsa até o final. Mas houve num momento, aí foi quando entrou o Vinícius, houve um momento que tivemos dificuldade com as bolsas, quer dizer, tivemos ...

NA: Mas nesse período agora, dos anos 60, do Rocha Lagoa, não teve descontinuidade do trabalho.

OM: Não, não. Teve, teve prejuízo, porque você não pode imaginar o que é trabalhar com esse clima, quando você tem que se concentrar no trabalho, tem que ter tranquilidade. Era aquele sobressalto constante, mas o trabalho continuou, ninguém parou de trabalhar, o trabalho continua.

NA: E quando os cassados foram cassados?

OM: Ah, foi muito, foi muito, foi um choque, foi um choque.

NA: Eles estavam esperando isso?

OM: Eu não estava.



NA: Eles.

OM: Eu não sei se eles estavam esperando, eu acho que não, eu acho que não. Mas eles estavam, continuavam, não sei aqui consta, continuavam .....é ..... eu li em algum lugar, continuavam mandando correspondência pra presidente, pedindo interferência nisso ou chamando atenção pra esta fase... não pararam de lutar pelo o que eles achavam .... é a impressão que eu tenho, entendeu? Mas que esperassem ser cassados, eu acho que não esperavam não. E digo mais, no térreo do nosso prédio, do Quinino, tinha um laboratório que era do Perissé. É, ali, você entrando era a esquerda, bem ali no térreo. No dia seguinte à cassação, nós entrando e o Perissé de jaleco, ali e: “Perissé! Perissé você sabe que seu nome está na lista assim ...” “Sei e daí? Tudo continua na mesma”.

NA: Ah! Ele achava isso.

OM: Que não ia acontecer nada, entendeu? Isso foi o Perissé, eu acho que os outros não, não tiveram essa ingenuidade, devem ter compreendido de imediato a situação imediata, né? Eu acho que vocês têm se lembrar que daqui a pouco estão fechando a porta (risos).

NA: Bom, e aí o que, que aconteceu? Nesse período... nós já estamos terminando, mas olha só, a senhora teve quando eles foram cassados, que eles já souberem e tal, a senhora teve algum contato com eles nesse período, eles falaram alguma coisa com a senhora.

OM: Não, isso diretamente não. Olha só, a situação foi muito constrangedora, muito constrangedora, pois eu me lembro que dias depois... eu acho que eu até nem os via, nem os vi, eu propriamente não os vi, não sei se o Emílio foi falar com o Doutor Moussatche... Eu não os vi. Me lembro que pouco tempo depois, dias depois eu me encontrei na praia de Botafogo, eu vi, distante assim, o Doutor Ubatuba. E eu acelerei o passo pra ir falar com ele. Ele parou assim, admirado, eu quis abraçá-lo e abracei, eu senti que ele ficou admirado. Entendeu? Não sei, mas eu não fui diretamente falar... sabe o que é não saber o que dizer, não saber o que fazer? Naquele momento foi .... falei com Perissé e nos encontramos com ele, Perissé e tal, e, e tendo idéia de ter falado com Ubatuba é que me encontrei com ele, pouco dias depois, dois dias depois na Praia de Botafogo. Não procurei ninguém não, não procurei. Olha vocês não podem imaginar o quanto nós sofremos com aquilo ..... talvez eles nem saibam, nunca souberam, tempos depois, nós nos encontramos, né? O Emílio depois... o Doutor Herman Lente foi trabalhar na Santa Úrsula, não é? E o Emílio quando nós fomos para o Inca, o Emílio foi convidado a dar aulas na Santa Úrsula, o Emílio foi e aí se encontraram lá.

NA: O Gilberto Vilela dizia o que disso? A senhora lembra? Ele não sofreu nenhum inquérito administrativo, não né?

OM: Não sei. Não sei se ele estava lá. Não sei. Eu só sei do Emílio.

NA: E nem o policial militar, bom, então a senhora não sabe.

OM: Não. Luiz Paulo, acho que o Luiz Paulo não foi chamado não. Eu acho que não, não sei. O Abreu foi chamado pra dar informações .....

NA: Do militar?

OM: Não sei em qual deles não. A Regina me disse que ela tinha sido chamada pra dar informações, mas que ela disse que não ia, que estava de licença maternidade, porque ela teve um filho que nasceu em janeiro seguinte. Que não ia e que o Abreu ia no lugar dela. E o Abreu foi.

NA: Ela está viva?

OM: Está, está viva.

NA: A senhora tem como nos dar o contato dela?

OM: Tenho, tenho.

NA: Será que ela nos daria uma entrevista?

OM: Não sei, pode ser até que dê. A Regina, essa se vier, ela tem o que falar, porque ela sabia tudo, conhecia todo mundo...

NA: Ela mora onde, ela mora no Rio?

OM: Ela mora no Rio, mora ali no, no Humaitá.

NA: Ah é? É minha vizinha.

OM: Ela é do tipo da pessoa que sabia tudo, quer dizer, assim no sentido de conhecer as pessoas, o que as pessoas fazem, aonde estão ... eu fui sempre diferente, sabe?

NA: Ela está aposentada?

OM: Está aposentada. Se ela se dispuser a dar informações, ela tem o que dizer, se quiser, né? Ela, talvez não queira, não sei.

NA: É, mas não custa á gente telefonar pra ela, né?

OM: Elas tem, eles têm muita mágoa da saída aí da Fiocruz lá pro Inca, os marcou muito. O Abreu, como eu, acho que nunca se refez, eu nunca me refiz com a saída daí e o Abreu acho que foi outro, sofreu até o fim, né?

NA: Ele morreu?

OM: Não, sofreu até o fim da atividade profissional, porque ele agora não está mais trabalhando não. E ficamos todos muito chocados, indignados mesmo. Porque eu acho, sinceramente falando, eu acho que não foi justo. Eu não queria dizer isso aí, mas eu acho que não foi justo, nós pretendíamos ficar aí, respondemos que queríamos ficar. Não escondemos que éramos estatutários, porque isso todo mundo sabia. Na hora que fomos consultados, optávamos por CLT, nós dissemos que não. Houve tentativas, houve um fato, um detalhe que fez com que o Emílio dissesse: “ – com esses critérios eu não assino”. Eu já contei pra vocês que houve um caso de injustiça que ele achou que não podia deixar passar. E em vista disso, todos nós da bioquímica tínhamos que sair, não sei se era em vista disso ou em vista de outras razões, porque na verdade, na verdade, neste momento,

dando um pulo, quando entrou ..... também já estamos entrando na década de 70, né? Daí virou Fundação e aí foram contratados funcionários por CLT.

NA: É, Rocha Lagoa foi embora, né?

OM: É, foi embora entrou o Oswaldinho, né? O Oswaldo Cruz.

NA: Foi um bom diretor?

OM: Eu acho que ele foi, ele era boa pessoa, né? Ele era uma pessoa boa, muito distinto. Não posso dizer que não tenha sido bom diretor, também com aquele clima que imperava era muito difícil fazer uma coisa que destacasse, né? O que eu soube é que Oswaldinho se recusou a aceitar a direção do Instituto anteriormente, porque tinha sido dito que era para assinar a cassação ou indicar a cassação, qualquer coisa nesse sentido, e que ele se recusou a isso. Não sei se é verdade foi o que eu ouvi falar.

NA: Quem era o diretor quando o Rocha Lagoa foi pro Ministério da Saúde? Porque na verdade, quando eles foram cassados, quem cassou eles foi o Rocha Lagoa no Ministério da Saúde, né?

OM: Eu, eu até outro dia vendo papéis, eu vi aqui um ....

NA: A cassação foi em 70, né?

OM: Amilcar, Tito Cavalcante, Joaquim Travassos da Rosa, foi em 62, Antônio Eugênio Ari Leão foi em 62... não isso aqui era em função dos nossos requerimentos, à proporção que eu fui encontrando eu fui anotando. Olímpio da Fonseca ...não sei, o, o Rocha Lagoa em 64, Oswaldo Cruz Filho em 72, Oswaldo Lopes da Costa em 74.

BC: Está faltando um aqui. Foi diretor da ENSP.

OM: Não sei quando é que ele entrou.

BC: Oswaldo Lopes da Costa.

NA: Mas não é ENSP não é Fiocruz isso aí.

BC: Sim, mas aqui acumulou.

OM: É o que?

NA: Acumulou então.

BC: Ele era diretor da Escola de Saúde Pública.

OM: Saúde Pública, exatamente, era diretor de lá. Não, eu não sei se ele entrou em 74 ou deve ter entrado. Em 74 Emílio recebeu um prêmio, aquele prêmio que nós recebemos o nosso trabalho, o Emílio recebeu, quem estava na direção, na biblioteca era ..... isso tudo eu anotei aqui em função dos nossos requerimentos de ...eu fui de ... mas então não sei dizer exatamente não. Mas aí o que eu ia falar? Ah! Bom, pois é, quando entrou a

Fundação, quando começou a Fundação, começaram a ser contratados CLT e tal. Passado um pouco, aí não sei se vocês já ouviram falar em (Valo Loyzinger) um pesquisador que foi contratado pra ..... não sei bem que função, ele ia ter um laboratório ou teve.

BC: Na bioquímica.

OM: Eu não sei aonde. Ele logo que entrou, que nós sabíamos que ele estava ... por lá, ele se encontrou com uma estagiária nossa, a Lúcia Jardim Santos que não ficou. Uma estagiária recém chegada, ainda iniciante, e aí ele pediu, perguntou a ela qual era o projeto de pesquisa do Emílio. E ela disse que não sabia, porque aliás era muito compreensível, porque ela tinha aquela tarefinha de aprendizagem e tudo, não sabia dizer qual era o projeto. E ela ingênua, chegou pra ele e disse: “a Doutor Emílio, o Doutor (Valo) me perguntou qual é o seu projeto de pesquisa”. E a resposta do Emílio, não como recado: “se ele quiser saber, que venha falar comigo”. Quando ela se encontrou com ele, ela disse: “o Doutor Emílio disse que se o senhor quiser saber...” (risos) deu o recado ao pé da letra. Mas o Emílio não deu certamente com essa intenção, mas ele disse a verdade se quiser saber vem falar comigo, não é como a estagiária recém chegada que desconhece o laboratório. E ele foi. Foi, apresentou-se dizendo o que desejava, tinha falado com uma estagiária que não sabia dizer, que desejava saber qual era o nosso projeto de pesquisa. Não tenha dúvida, fez com que ele sentasse e mostrou, desde do A ao Z, tudo o que podia mostrar ali naquela ocasião. Inclusive livros publicados por nós e tal. E ele disse o seguinte: “eu não esperava que fosse tanto, eu não esperava isso”. Nunca mais ele nos incomodou.

NA: Mas quem era? Um espião? Quem era esse sujeito ..... (risos) Ele era um pesquisador, o que ele era?

OM: Não, ele foi contratado pra fazer pesquisa, sei lá o que, não sei qual era a função dele.

NA: Ou era do SMI?

OM: Agora quero desligar.(risos)

NA: Ele era do SMI?

OM: Não, não, não acredito que seja, não acredito possa ser.

(INTERRUPÇÃO)

NA: Que é o seguinte: O (Valo), de quem estávamos dizendo, ele era um pesquisador, que era da área de bioquímica, mas a professora Otília não sabe exatamente onde é que se localizava o laboratório dele, que no Quinino não era certamente, porque era aonde ela trabalhava. Então a gente tem que pesquisar aí depois pra ver onde é que fica esse laboratório dele, provavelmente ... A gente na entrevista do Morel pode ser que ele conte mais sobre ele, acho que sim, né?

OM: Bom, então a respeito, a respeito do Doutor Vilela que eu falei que ia discutir pra saber se ...

NA: Em 74, né? Que a senhora fale, que ele faleceu.

OM: Em 74 ele se aposentou.

NA: Ah, se aposentou. Ele faleceu depois.

OM: É, 77, você vai ver aqui “em resposta a sua solicitação verbal”, isso do Doutor Vilela para o presidente da Fiocruz, que tinha solicitado ao Doutor Vilela ....

NA: Isso aí da mudança do laboratório de bioquímica.

OM: Mudança do laboratório, então aqui ele responde, então sinal de que tinha havido um contato do presidente com o Doutor Vilela tratando da mudança do laboratório. Bom, aí aqui diz o que precisa fazer.

NA: Que era pra sair do Quinino pra aquele prédio que hoje .....

OM: Prédio, área que lhe foi reservada no prédio da fisiologia.

NA: Pois é, mas o prédio da fisiologia a gente já chegou a conclusão que é atrás .....

OM: Que era um antigo laboratório do Doutor Moussatche, Ubatuba.

NA: Sim, mas é atrás, era atrás, esse laboratório da fisiologia do que é o prédio do relógio. Subindo a ladeirinha.

BC: Vinte e seis.

NA: Mas onde era aquele, é aquele prédio ali atrás cinza à direita.

OM: É, eu não digo atrás, porque aqui está o relógio ...

BC: Helminologia.

OM: Anacon ainda está por lá?

BC: Não sei se aposentou.

OM: O laboratório dela era por ali, não era não?

BC: Delir...

OM: Delir ainda está lá?

NA: A senhora lembra dela?

OM: Lembro, claro que lembro da Delir.

BC: Então, a fisiologia do Moussatche era ali no Quinino.

OM: É, quando você fala assim .... aqui está o prédio do relógio, você fala atrás, eu penso que é aqui atrás ...aqui atrás não, é aqui.

NA: Estamos falando do mesmo lugar. Exatamente.

OM: É isso mesmo. Então isso aqui mostra a mudança, aqui são os convites que ...

NA: A mudança que não houve pra fisiologia.

OM: Não houve.

NA: Isso aqui é 76.

OM: 76. Aqui também o Vinícius nos convidando pra instalação do Conselho Técnico Científico da Fundação Oswaldo Cruz.

BC: Foi que teve a festa, lá no castelo?

NA: Isso.

OM: É .... eu trouxe outro dia, ela viu, né?

NA: É o convite pra festa.

OM: É, o convite pra festa, e temos outros convites aqui. Aqui é a, a questão, foi pra todas as pessoas, os estatutários. “Vimos prestar a vossa senhoria o esclarecimento sobre o empréstimo de publicações ao pessoal estatutário lotado no IOC. O item 3 na norma operacional diz: somente poderão retirar livros e revistas da biblioteca os técnicos da Fiocruz que forem credenciados através de relação fornecida pela gerência de pessoal e aprovada pelo vice-presidente. Tendo verificado que na lista fornecida pela gerência do pessoal e autorizado por Doutor Lobato Paraense, vice-presidente de pesquisa, não constavam os nomes dos funcionários na situação acima, foi feita uma consulta ao superintendente do (Cate) a quem a biblioteca está subordinada sobre que posição tomar frente a elas”. Quer dizer, a Lucília viu aquela ordem ...

NA: Lucília Fridman, a chefe da biblioteca.

OM: É. “Recebemos em 1/6/77 a resposta que transcrevemos abaixo: somente os servidores da relação fornecida podem retirar livros ou periódicos; os demais casos estão em estudo na presidência, mas sem prazo para a solução definitiva”. Assinado Gilberto de Azevedo Teixeira. Atenciosamente ..... aí isso foi a Lucília que mandou, a chefe da biblioteca reproduzindo a resposta da .... Conclusão, quem é que estava ausente na lista dos credenciados? Os estatutários. A Lucília percebeu isso e foi consultar e a resposta dele, é: “somente para os que estão...” e ela então nos avisou, mandou pra todos esta, estatutários.

NA: Todos os estatutários receberam. Ou seja, não poderiam mais pegar ...

OM: Livros na biblioteca. O pior é que o Doutor Vilela, que era estatutário, aposentado é verdade, mas estava lá quando ...

NA: Não, ele não era nem funcionário.

OM: Nem, nem funcionário. Foi à biblioteca como o nome dele não constava na lista não deixavam que ele usasse a biblioteca. Você pode imaginar como o Doutor Vilela ficou e como ele voltou pro laboratório depois disso? Foi uma coisa indescritível, vocês não podem imaginar.

NA: Ela tava o que? Furioso ou ele estava ..

OM: Ele, o Doutor Vilela não era um homem de ficar furioso. Ele não, ele ficou ferido, ficou profundamente magoado, só não chorou na nossa frente, fez força pra isso, né? E chegando em casa ele demonstrou isso, e disse, e a família ficou sabendo, né? Nós imediatamente recebemos, eu tenho, escrevemos uma carta qualquer, pedindo reconsideração, explicando e etc e tal.

NA: Mas não adiantou nada.

OM: Adiantou de certa forma, nesse meio tempo, vamos interromper isso aqui um pouquinho, porque tudo tem uma relação alta, isso aqui foi em junho de 77. Em julho de setenta e sete, nós recebemos de São Paulo, do Simpósio Internacional de Bioquímica pura e aplicada, que aconteceu em São Paulo, a notícia de que o Doutor Vilela seria homenageado nesse congresso que teria, inclusive, o nome dele. Então o Emílio que fez, escreveu, o Emílio e todos nós do laboratório assinamos, né? Do nosso laboratório daquele grupinho ali, as estagiárias, uma carta do dia 15 de julho, endereçada ao vice-presidente de ações científicas, que era o Doutor Vladimir Lobato Paraense, né? “Prezado Doutor Lobato, temos a grande satisfação de fazer chegar ao conhecimento de vossa senhoria, dos organizadores do Simpósio Internacional de Bioquímica Pura e Aplicada de Leveduras, e do curso sobre bioquímica e genética de leveduras, decidiram realizar tais encontros em homenagem ao nosso ilustre mestre Doutor Gilberto de Vilela. Desnecessário se torna dizer de como tal acontecimento nos honra, nos enche a todos de alegria e orgulho, por sabermos o quanto tal homenagem é justa, embora realmente desejássemos que ela tivesse partido do Instituto Oswaldo Cruz”. O Emílio não deixava de dar uma alfinetadazinha quando era necessário. “Sentido que esta instituição não se deve omitir as homenagens que serão prestadas ao Doutor Vilela, já que é aqui que ele há tantos anos vem dando sua preciosíssima contribuição à ciência do Brasil, vimos por meio desta solicitar a vossa senhoria de dentro da Fundação a necessária divulgação ao fato que julgamos da maior importância. Atenciosamente, Emílio, Otília, Sônia, Mariete, Lúcio, Sueli, Sueli Janssem Ferreira, Sueli Janssem Ferreira e Maria Matilde Magalhães de Albuquerque.”

NA: O que, que aconteceu?

OM: O Doutor Vilela faleceu dois dias depois, em 17 de julho de 1977.

BC: Ele não chegou a ser homenageado.

NA: Não chegou.

BC: Não chegou a ir ao congresso.

NA: Não chegou a ir, mas foi homenageado.

OM: Foi homenageado. Aí o Emílio então ... já em agosto, isso é pra mudar um pouco... escreveu a seguinte carta, em inglês, né? “(...)” depois se lê, né? Contando a morte do Doutor Gilberto Vilela que .... ele, nós dois sentimos muito, mas não só nós, mas todos os seus colegas, né? Porque ele era um verdadeiro amigo e um homem admirável, sinceramente, Emílio, e mandou essa carta para estes pesquisadores fora do Brasil.

NA: Esses estrangeiros eram que conheciam ele.

OM: É, mantinha correspondência constante, diária. E muitos outros que nós não ...que eu aqui não tenho. Aqui eu não tenho toda a correspondência que eu queria dizer. Então nós escrevemos, fizemos um pedido ao Doutor Lobato aqui, isso que .... e a Fundação deu passagem, passagens ou diárias não sei, para as pessoas do laboratório que quisessem ir à homenagem, e nós representando o Instituto. E também pedimos a Academia Brasileira de Ciências um apoio em termos de passagem ou ajuda financeira qualquer e então ...

NA: Não estou me lembrando se ela falou da Academia Brasileira de Ciências, ela foi indicada, ela não falou da Academia não, né ?

OM: Não falei, ainda não, não falei.

NA: A senhora entrou na academia quando?

OM: Em 1969.

NA: Vamos terminar isso aqui. Eu acho que último assunto aqui é essa coisa da biblioteca.

OM: É, não, nós temos que interromper porque a da biblioteca realmente... Então o Emílio escreveu ... aqui estão faltando peças nesse romance. O Emílio transcreveu o obituário na Nature, em dezembro de 77. E o que eu queria dizer é que em outubro veio uma autorização da biblioteca para voltar a poder usar. Aí o Doutor Vilela não chegou nem a ... foi poucos dias depois.

## **Fita 8 - Lado B**

NA: Novembro de 77.

OM: “Pedindo então como eventual responsável da direção do laboratório em que trabalhou tão ilustre mestre, nesta Fundação venho solicitar vossa senhoria providência no sentido de ser concedida licença e ajuda financeira para os auxiliares de pesquisa”.

NA: Pra ele irem?

OM: Pra eles irem. “Após cumprir a designação especial número um, editada em 1º de dezembro desta presidência, venho agradecer aquela indicação com a qual vossa senhoria autorizou e permitiu a minha presença e dos demais colaboradores, alunos e distinto professor Gilberto Vilela ao Simpósio tal e tal. Tendo em conta que são gestos como este



que engrandecem uma administração, desejo que vossa senhoria considere esta como meu reconhecimento a este seu ato, como agradecimento a tua atual e eventual responsável pelo laboratório de bioquímica I, do Instituto Oswaldo Cruz e finalmente com a gratidão da família Vilela que ora”...

NA: Eu me lembrei, o laboratório de bioquímica II, é do (Valo).

OM: Não, eu pensei que fosse .....

NA: Por que o laboratório de bioquímica I .....

OM: Porque o Abreu tinha se mudado pro quarto andar.

NA: O laboratório de bioquímica II é do Abreu?

OM: É, eu interpreto assim.

NA: O Abreu teve algum problema com vocês, não né?

OM: Não, não.

NA: Ele se mudou porque quis.

OM: Porque ele estava numa salinha pequena.

NA: Mas chamava bioquímica II?

OM: Não, era bioquímica, era tudo bioquímica. Desde do momento que ele conseguiu, porque ele esvaziou o espaço de cima, né? Aí ficou uma área enorme e eles num laboratório pequenininho. Aí eles se mudaram e levaram equipamentos, compraram, receberam equipamentos. Então eu acho que o nosso laboratório ficou de bioquímica I, que já era o existente, e o dele ficou de bioquímica II. Com certeza foi isso, com certeza foi isso. E aí também um agradecimento que nós fizemos à Academia. Agora nós estávamos organizando uma reunião normal na Academia em homenagem ao Doutor Vilela. Então pedimos a vários pesquisadores, de São Paulo e Minas enfim, que colaborassem com algum trabalho...

NA: A senhora não, a senhora não cogitou ficar não?

OM: Aonde? Aqui? Eu queria ficar, eu cogitei ficar.

NA: A senhora foi porque seu marido quis, né?

OM: É, porque nós tínhamos uma linha de trabalho .....comum, entende? Ele tinha uns argumentos dele que eram perfeitamente compreensíveis e justos, justo porque eu sei realmente foi uma injustiça enorme que fizeram.

NA: Com ele?

OM: Não! Com aquela pessoa que quis, assinou o termo pra passar pra CLT e não aceitaram, não aceitaram, uma coisa.

NA: Ele achou que isso ia acontecer com vocês?

OM: Não, não imaginou isso não, ele achou que aquilo foi injusto, ele levou o caso ao Doutor Vinícius. “Não posso aceitar ficar que me dêem, que me aceitem, quando não aceitaram essa pessoa que pleiteou, quis”. Não concordava, entendeu? Ele foi claro, ele não escondeu isso, ele falou isso, eu estava presente.

NA: No caso de vocês o Vinícius aceitaria, né?

OM: Aceitaria, pois ele, estava até convidando ... até ofereceu um cargo de direção pra mim. Doutor Lobato também, com toda aquela bondade dele, a gentileza dele também, tenho certeza que aceitaria.

NA: Isso sem vocês assinar a passagem pra CLT, né?

OM: Não, eu acho que assinando.

BC: Na Escola de Saúde Pública tem pessoas que não assinaram.

OM: Pois é, isso é que outro dia, agora ainda mais me surpreendeu, porque pra nós ...

BC: Também tinham sido pressionadas, não é? E ficaram.

OM: É o que nós deveríamos ter feito. E ficaram com todos os direitos? De, de material...

BC: Perderam salarialmente, porque entrou na carreira tá fora da .....

NA: Sabe por quê? Porque quem tava na CLT, quem passou ... ficou pela CLT fez um plano de carreira.

OM: Ah não, esse eu sei, a diferença foi em enorme. Tanto é que os nossos estagiários, que entraram no início de carreira tecnologista, já entraram recebendo umas 7 ou 10 vezes mais do que nós.

NA: Quem ficou no estatutário perdeu. Perdeu dinheiro.

OM: Pois é, isso eu sei que perdeu, mas por exemplo, tiveram direito a ficar. Eu só queria o direito de ficar.

BC: Ah. vocês teriam ficado, né?

OM: E porque que disseram que nós íamos ficar à disponibilidade do ministério? Ah, não sei, não adianta agora ficar ...

BC: Agora a decisão final foi do Emílio, né?

OM: Não, não foi bem assim não, a decisão foi o seguinte: havia esse clima, essa pressão, essa coisa desagradável e isso chegou até a UFRJ. E chegou ao Inca. E o chefe da pesquisa básica lá do Inca entrou em contato com o Fontana e deu a entender que sabia da situação do grupo da bioquímica e que ele tinha interesse em receber esse grupo lá no Instituto. O Fontana entrou em contato com o grupo: “ ah bom, já que nós não podemos ficar aqui então vamos”.

NA: Vocês discutiram isso?

OM: Não. O que ficou claro é que nós não tínhamos pra onde ir, isso ficou claro.

NA: Mas vocês sentaram e conversaram sobre isso?

OM: Conversamos.

NA: E só a senhora levantou a possibilidade de ficar?

OM: Eu, eu nem falei com os outros, eu falei com Emílio, falei com algumas pessoas assim que eu queria ficar, mas não é que eu queria, que eu gostaria de ficar, não é? Eu gostaria de ficar, mas não iria ficar, não tinha decidido ficar. Nessa mesma ocasião depois que nós já tínhamos dado nosso consentimento, aceitamos o convite que estava sendo feito lá no Inca, aí a bioquímica médica, aqui da universidade... o Leopoldo Demez, telefonou pra nós, nos convidando pra virmos pra cá. Emílio e eu, e nós já estávamos comprometidos lá. Porque todo mundo acho que sabia da situação nossa, uma situação muito difícil, complicada, tanto é que aqui o Leopoldo soube, Doutor Hugo soube .....

NA: O Emílio não fez outros contatos não?

OM: Não, não fizemos contato nenhum, nosso contato era com a Fiocruz, com o Inca, com o Instituto, Instituto Oswaldo Cruz.

BC: Quem era o diretor do Instituto?

OM: Nem sei te dizer, não. Diretor? Vice-diretor não era o Lobato?

NA: Não tinha, nesse período, logo que o Vinícius entrou, acho que não tinha diretor, tinha o vice-presidente de pesquisa... que era o diretor do Instituto Oswaldo Cruz nesse período .....

OM: Quem era o vice-presidente de pesquisa? Era o Doutor Lobato.

NA: Lobato.

OM: Era o Doutor Lobato, por isso que ele conversava conosco. Acho que o Doutor Lobato tentou fazer com que ficássemos, mas ele não podia ..... não sei porque não podia vem, podia chegar e claro dizer. Eu acho que se havia possibilidade de ficar podia ter sido claro, né? Não você chegou como estatutários e pronto. Ah! tem um aqui .... foi em 76, ao Doutor Vilela pro Doutor Luiz Fernando Ferreira, isso foi em 76, “atendendo ao seu convite pra organização do curso de adaptação à bioquímica, ligado aos recém-criados cursos de mestrado e parasitologia médica e virologia médica desta Fundação, dou ciência

a vossa senhoria em anexo a relação dos professores e respectivas cargas horárias, bem como programa do referido curso que iniciar-se-á no próximo dia 25 nas dependências do Instituto (...).”

BC: Foi aí que começou a pós-graduação.

OM: Aí, pois é. E aí meu nome está aqui, que ver? Eu dei aula lá. Doutor Vilela, eu ...

NA: Deu aula de que lá?

OM: De matemática, por causa da bioquímica e físico-química por causa da bioquímica. E a Ana Maria Calcanhoto deu de química dos aminoácidos e das proteínas.

NA: É maio de 76, né?

OM: É, maio de 76.

NA: Essa carta é para o Luiz Fernando, do Doutor Vilela.

OM: O Doutor Vilela respondeu “ eu aceito”. O Doutor Vilela respondeu e como constava o meu nome eu tenho aqui. Então é isso. Houve um momento, em 76, que toda correspondência que nós mandássemos tinha que passar por um por um departamento, serviço de comunicação.

NA: Ms não se sabe se é realmente comunicação, pode ser, ouse isso é informação, que é o DSI do SME do Ministério da Saúde.

OM: Nunca tivemos problemas, nós aqui está a lista....

NA: Mas era como, deixa eu dar uma lida nisso aqui, dá licença um pouquinho. Isso aqui é “solicito” do Doutor Luiz Abreu ..

OM: Não, é do Emílio dirigido ao Doutor Luiz Abreu do departamento, que ele era o chefe e mandou pra ele. Depois o Emílio começou a mandar..

NA: Aí é, quem assumiu depois que o Doutor Vilela morreu? Não, não, aqui o Doutor Vilela não tinha morrido ainda não, mas já tinha aposentado. A chefia do Departamento de Química e Terapêutica Experimental era do Luiz Abreu e depois que o Doutor Vilela se aposentou, né?

OM: É.

NA: E aí essa correspondência, solicitou mandar providência, né? Mandar providenciar a remessa da correspondência anexa referente á separata de trabalho científico de nosso interesse.

OM: É, nós dizemos que era separatas, e acredito que a maioria fosse separata mesmo, né? Então tudo, tudo tinha que ser ...depois o Emílio passou a ...

NA: A se reportar ...

OM: Diretamente.

NA: Pedindo correspondência ...

BC: Era serviço de expedição de correspondência.

NA: É, é expedição de correspondência, acho que isso aqui não era coisa do DSE não.

OM: Não, não, não deve ser não.

NA: É, eles estão requisitando separatas dos trabalhos científicos de todas as pessoas, né? Americanos, da Índia, Japão, Inglaterra, França, né? Israel. Israel também, né?

OM: Ah, e aqui é aquela coisa que eu lhe mostrei, né? Do... Conselho. “Prezado cientista desejo informar aqui que seu nome foi sugerido na embaixada dos Estados Unidos”...

NA: Em 77.

OM: “Seu nome foi sugerido por intermédio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, para fazer parte do “Women’s Book of the World Record Achievements” editado pela Double Day, em Nova Iorque. Esse relatório tem a colaboração da National Science Foundation e será editado em 78. Haverá vinte capítulos neste livro, um dos quais dedicado às mulheres na ciência e tecnologia. Para que seu nome seja incluído, entretanto, seria necessário que vossa senhoria enviasse seu currículo vitae, para o endereço abaixo, para que possam constar no livro suas atividades profissionais. Informo ainda que seria interessante se enviasse o mais rápido possível as informações necessárias para que haja tempo de seu nome sair entre o das mulheres cientistas do Brasil.”

BC: A senhora enviou?

OM: Enviei, aqui está a resposta. Ele assina Robert (...). Mas para enviar para Elaine Romanele, então eu mandei direto para Elaine Romanele. “Recebi esta carta do senhor Robert (...), conselheiro para assuntos científicos e tecnológicos da embaixada americana em Brasília, na qual me deu a conhecer que meu nome foi sugerido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico para fazer parte do Women’s Book of the World Record Achievements, editado pela editora Double Day em Nova Iorque. Por esta razão pede um currículo vitae e é o que em anexo estou enviando. Aproveito a oportunidade para enviar ali os meus protestos de alta consideração, ao mesmo tempo que me coloco ao seu inteiro dispor para qualquer esclarecimento que se torne necessário, atentamente Otília”.

BC: A senhora tem esse livro?

OM: Não, nem nunca vi, nem se saiu ou não saiu. Eu tinha esquecido disso, outro dia por causa de vocês é que eu encontrei de novo.

NA: A senhora foi a segunda mulher da área de biologia ou de química, em que área da academia a senhora foi indicada, pra que área?

OM: Pois é, eu acho que tinha sido para... essa história de segunda mulher (risos) eu não sei disso não, eu acho que tinha sido para área de biologia.

NA: Foi pra biologia, né?

OM: É biologia, mas agora eu acho que estou na área química.

NA: Agora como?

OM: Eu vi outro dia, acho que meu nome estava ciências químicas, eu acho que sim. Mas não sei nada disso de primeira ou segunda, não sei nada disso, nem quantas são.

NA: Como é que foi essa sua indicação pra, pra academia?

OM: Olha, eu não sei....

NA: Mas como é que a senhora não sabe (risos).

OM: Não tive, não tive. Eu estava lá em plena atividade e aí no Instituto, não é? O Emílio já era da Academia, Doutor Vilela já era há muitos anos, né? E aí não sei se partiu do Doutor Vilela ou do Emílio ou dos dois juntos, a indicação do meu nome, mas era, era por eleição não era ...

NA: Não, que alguns era por indicação.

OM: Não, naquele momento já eram todos por eleição, eu acho.

NA: Já era eleição. Aí anteriormente como é que era o processo, apresentava o seu nome lá, o seu currículo...

OM: Como eles fazem agora, eu imagino que tenha sido dessa forma também. Eles então dão o nome das pessoas aos acadêmicos titulares, que naquele tempo eram titulares e associados, eu era associada e continuo sendo associada..... manda pros titulares que vão fazer uma eleição. Aí o nome que for mais votado é o que entra, em função do número de vagas, que não é assim, ou é só uma vaga ou são duas, conforme o número de vagas os que receberam maior número de votos entra.

BC: A senhora teve muitos concorrentes?

OM: Não sei (risos). Só sei que no dia, depois dessa eleição, eu entrando no refeitório (tosse) lá no Inca pra almoçar... antigamente almoçávamos todos juntos, num grande salão lá, eu entrando com Emílio e mais o Luiz Paulo, aí se levanta o Doutor... o Araújo, Hugo de Souza Lopes...

NA: A senhora falou ... refeitório no Inca?

OM: É, não no Inca não, me desculpe, é aqui no Instituto Oswaldo Cruz.

NA: A senhora ta falando de que, da casa de chá?

OM: Não, não era na casa de chá. Sabe aonde era a patologia, antiga, que não sei se ainda é.

NA: Onde é a ASFOC. Prédio, aquele prédio novo.

OM: Então ali tinha um, um salão enorme.

NA: Tinha uma rampa assim, pra chegar até lá.

OM: É a rampa, isso mesmo. Várias mesas, mesas assim, de quatro, seis pessoas, uma cozinha enorme ao lado, que nós víamos através do balcão, tudo, aço inoxidável era muito, muito ...

NA: Era um restaurante.

OM: Era um restaurante.

NA: Foi lá que a senhora encontrou Doutor Hugo .....

OM: Quando nós estávamos entrando só o Doutor Hugo levantou-se, Hugo de Souza Lopes, levantou-se e disse: “ Otília, parabéns você foi eleita” e meu deu um abraço. Eu sinceramente não ... foi surpresa pra mim naquele momento, não sabia que tinha sido no dia anterior, ninguém sabia se lá no laboratório...

BC: O Emílio era da academia?

OM: Ele já era antes, já era antes, então aquela simpatia do Doutor Hugo .....

NA: Souza Lopes, nós estávamos comentando esses dias, né?

OM: Foi, foi que me deu a notícia com abraço carinhoso...

NA: E o que um membro associado da academia faz? Foi em que ano mesmo?

OM: Em 69. Naquela ocasião, bom, nós participávamos das reuniões, nós participávamos, naquela ocasião é... era dito não sei se ainda hoje, publicar na revista também, entende? Alguns participavam da diretoria, Doutor Vilela foi da diretoria da academia ...inúmeras vezes.

NA: A senhora nunca quis ser membro titular, não?

OM: Eu gostaria sim, mas isso requer uma eleição, requer indicação, requer ... e agora eles fizeram o seguinte: agora eles não vai mais ter membro associado. Então, estão esperando que eu morra (risos).

NA: Estão esperando o que? (risos) Que a senhora morra?

OM: Que eu morra (risos).

NA: (Risos) Como assim?

OM: Porque agora só tem eleição pra titular.

NA: Então, mas os membros associados não podem passar a titular?

OM: Não houve nenhuma ...

NA: A senhora frequenta as reuniões? Hoje?

OM: Frequento, quando há é oportuno, quando acontece alguma. Ainda recentemente fui até lá na academia, não era uma reunião científica mas era uma exposição dos trabalhos de arte, né? De..

NA: É um bom lugar pra gente fazer nossa exposição, né? Já pensei isso.

OM: Exposição de que?

NA: Vamos fazer uma exposição sobre essas mulheres hoje, cientistas, a senhora vai ta lá.

OM: (Risos) Olha, acho que já está na hora, são seis e vinte.

NA: Eu queria encerrar esta entrevista. A senhora quer falar mais alguma coisa?

OM: Não, não.

NA: Primeiro, eu queria agradecer demais a sua presença aqui, a senhora conceder essa entrevista foi ótima, foi muito bom, e a gente vai voltar a se encontrar, porque a senhora é a nossa guia. O (livro de Oswaldo Cruz), eu vou lhe depois trazer pra senhora nos mostrar alguma coisas, porque já tinha falado, do Museu... e mesmo essa do Quinino, eu que gostaria muito que a senhora me apontasse, aqui, hoje eu me dei conta disso. “Perissé estava aqui...” Pra dar o mapa, do Quinino que ela conhece bem, né? E a gente vai se encontrar em fevereiro.

OM: Eu farei com o máximo prazer. Agora, eu tenho certeza que eu não fui tão bem como você diz, porque ..... eu não vivia a coisa com a intenção de gravar, de registrar...

NA: Não, mas ninguém vive assim, né?

OM: Não, tem muitas pessoas que vivem politicamente, né? Tem pessoas que vivem, né? Vai do temperamento de cada um.

NA: O Herman Lente viveu politicamente e não falou nada, não quer falar nada.

OM: (Risos). Ele já deu depoimento através do livro dele, que está .....

NA: Já comentamos isso também, que uma coisa é escrever um livro e outra coisa é a senhora, como está fazendo, falando, né? Se a senhora for escrever tudo isso que a gente falou aqui, vai sair outra coisa.

OM: Ah é? Completamente diferente.



NA: Mas de qualquer maneira eu queria agradecer muito a sua presença .....

OM: Interessa pra vocês isso aqui?

NA: Claro. E olha, a gente não vai se encontrar em fevereiro?

OM: Vamos, vamos. Então, eu trago isto e outras coisas ou já deixo isso com você?

BC: Pode deixar.

NA: Pode deixar se a senhora quiser. Sabe o que eu preciso fazer, a seção de direito...

OM: Só que isso se, se ficar, se ficar, o que acontece é que eu ...